



# CAPÍTULO XI

1991-92 | 1992-93

---

## ESCOLA PARTICULAR E COOPERATIVA

Anos de viragem

**O ANO LETIVO DE 1991/92 FOI UM ANO  
DIFERENTE PARA A EPER.**

**É DIFERENTE PORQUE, FINALMENTE,  
SE CONSEGUIU OBTER A LEGALIZAÇÃO  
DA ESCOLA E O SEU RECONHECIMENTO  
COMO "ESCOLA PARTICULAR E COOPE-  
RATIVA" PELAS AUTORIDADES PORTU-  
GUESAS – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO.**

**...EM 16 DE MARÇO DE 1992 RECEBEMOS  
A CONFIRMAÇÃO DE QUE A EPER TINHA  
SIDO RECONHECIDA!**

## 1991/92

Sessão cultural sobre Portugal	Conta-corrente
Concurso cultura	Em frente, para apanhar o que ficou para trás
Sacramentos da confirmação e comunhão	Magusto
Assembleia-geral de professores 1991-92	Cursos de Português extracurricular
Planificação do novo ano	Outros contributos para compreensão e enquadramento de 1991-92
Alunos nos anos letivos de 1991-92 1992-93	Um "testemunho" diferente...
Exames realizados na EPER EM 1992	Análise do sociólogo angolano
Alunos que completaram cursos	Faleceu o poeta angolano Almeida Santos
Apoiar a EPER	Moçambique: alívio e crispação
Informação sobre o regresso definitivo de nacionais	Petição a favor do voto para as presidenciais aos emigrantes
Monumento à família emigrante	República de Angola
Parabéns, Prof. José Carlos	Cabo Verde: Nova Bandeira
Professores que vão, professores que ficam – Testemunhos	

## 1992/93

A EPER no <i>Corriere della Sera</i>	Normalidade
Corpo Docente	Escola em transformação
Coordenadores	500 anos depois...
Delegados de Turma	Carnaval
Horários	Novo cônsul português em Roma
Inauguração do novo ano letivo	Encontro com Embaixador de Cabo Verde
Direção: apresentação	Encontro com embaixador junto da Santa Sé
Organização – Instalações	Domingo de Ramos na Escola
Cursos extracurriculares para alunos EPER	11 Novos diáconos jesuítas
3º Ciclo por Unidades capitalizáveis	25 de abril: Passeio anual
Finanças e administração	Prémio TAP-Air Portugal
Reunião-geral de Professores	Assembleia-geral de professores
Encadernar é preciso	Cursos de português: balanços
Contactos com Lisboa – Viagem	Primeiro ciclo – crianças e adultos
Ações de formação	Relatório Anual do 2.º Ciclo (ERecorrente)
Homenagem à Prof.ª Stegagno Picchio	Ensino por Unidades Capitalizáveis: papel e função do professor
<i>Corsi di lingua portoghese</i>	Sensibilização
Calendário	Algumas observações críticas
Centros de acolhimento e de encontro	Outro balanço
Instituto das Cooperadoras da Família	Viragem histórica: património a preservar
Grupos e associações cabo-verdianos	Contabilidade
Situação da comunidade emigrante portuguesa no Canadá.	Sumários de aulas
Um episódio... "increscioso"	Imigrantes – refugiados...
Testemunhos   Uma vida que sabe bem!	<i>Avviso di garanzia</i> a Mons. Di Liegro
<i>Il mio ritorno alla vita...</i>	Timor-Leste
«Uma nova terra e uma nova missão a desempenhar»	De Portugal a Roma, para recordar Timor
Tempo di Natale, tempo di speranza	Acetatos
Angola, eleições com três exércitos	
DOSSIER CARITAS DI ROMA	

## Primeira parte

### 1991-92

---

O ano que se seguiu à comemoração do XX aniversário da Escola decorreu com a normalidade das rotinas de uma escola entretanto reconhecida oficialmente, sem eventos dignos de registo, na *tranquilidade* da nova sede disponibilizada pela Caritas Diocesana de Roma, sob a tutela das Irmãs proprietárias do imóvel, partilhando alguns espaços com outras duas comunidades (de imigrantes filipinos e a cooperativa *Partire dagli Ultimi*), mas pouco tendo a ver com elas.

Uma normalidade... *efémera*, por diversos motivos: por um lado, o reconhecimento formal não significou garantia de cobertura (pelo Estado português) das despesas, entre as quais não eram despidiendas as inerentes à manutenção da sede, mas sobretudo as *gratificações* previstas para os professores, alguns dos quais, mesmo sem a garantia dessa cobertura, passaram a dedicar-se a tempo inteiro à Escola.

Por outro lado, a sua sede, situada num bairro popular não muito periférico, mas não central (Pineta Sachetti), passou a ficar "fora de mão", distante dos bairros onde trabalhavam os(as) alunos(as) que tradicionalmente encontravam na EPER um *apelo* e uma resposta acessível, em todos os sentidos, à própria valorização pessoal e profissional (condição para a desejada *promoção pessoal e social*) através da formação escolar.

Os serviços de transporte público em Roma em nada facilitavam a pontualidade dos alunos, os quais só podiam sair dos próprios lugares de trabalho (famílias) depois de terminado o serviço do almoço... Devendo deslocar-se de longe, dos bairros *ricos* da cidade para um bairro *popular*, tendo à disposição poucos e mal organizados meios de transporte (linha 49 da ATAC), a falta de pontualidade (atrasos) e o abandono escolar serão um problema particularmente «grave» também em 1992-93, como se verá nos relatórios dos coordenadores, elaborados no final do ano.

Em terceiro lugar, decorridos mais de 15 anos após o progressivo aumento da escolarização, em Portugal e Cabo Verde, era cada vez menor a necessidade de responder ao fenómeno do analfabetismo, preponderante nos primórdios da Escola: ia diminuindo por isso notavelmente (e felizmente) o número de alunos nos dois primeiros níveis de ensino, pois os que frequentavam o ensino primário normal diurno eram uma exceção, correspondendo a necessidades pontuais, com termo à vista e carácter precário: a presença, em Roma, de funcionários (FAO/Embaixada de Angola) que haviam requerido os serviços da EPER. Por fim, e conseqüentemente, diminuíram as receitas provenientes das propinas e, não bastando as receitas para as "gratificações" esperadas por professoras que legitimamente tinham acreditado poder estabelecer-se em Roma e encontrar na EPER não só uma forma de realização profissional mas também uma garantia de cobertura económica, colocava-se *novamente* o grande problema de angariar fundos para todas essas despesas: nesse contexto (como aliás, já acontecera anos antes, mas em medida muito menor), a nova direção optou por exigir aos alunos a cobertura dessas despesas, através de um aumento das propinas, *proporcional* às necessidades...

Apesar destes condicionamentos e dos mais que previsíveis desenvolvimentos, no final de 1992, o Conselho Diretivo acreditava que o facto de os alunos não terem de se submeter a exames nacionais como condição para transitar de ano constituía *certamente um incentivo para incrementar quer as inscrições, quer o aproveitamento escolar*. Era obviamente uma boa notícia – a avaliação contínua e o êxito nos testes internos seriam os critérios de sucesso escolar – mas esse novo paradigma, a novidade do estudo por *unidades capitalizáveis*, por módulos independentes de todo um programa anual, iria corresponder a um estilo de escola e de *rigor* a que os alunos não estavam habituados: em prática, era como se estivessem num incessante processo de exames, para além de outros inconvenientes, nomeadamente a redução dos tempos dedicados à leccionação e ao estudo, "substituídos" por constantes e repetidos testes de avaliação das unidades "capitalizáveis"!

Em outubro de 1992, no início do primeiro ano letivo sob uma nova direção, o boletim informativo apresentava um breve relatório da última assembleia-geral de professores do ano letivo de 1990-91, realizada quatro meses antes, em junho.

Nesse primeiro<sup>1</sup> boletim informativo do ano de 1992-93 podemos «repescar» algumas informações preciosas relativas não só a esse ano, mas também a uma parte do ano anterior. Acabado de editar às 21 horas de domingo, 6 de setembro de 1992, tem o número 20 e a referência *Outubro de 1992*.

24maio92

### Sessão cultural sobre Portugal (Incontro culturale)

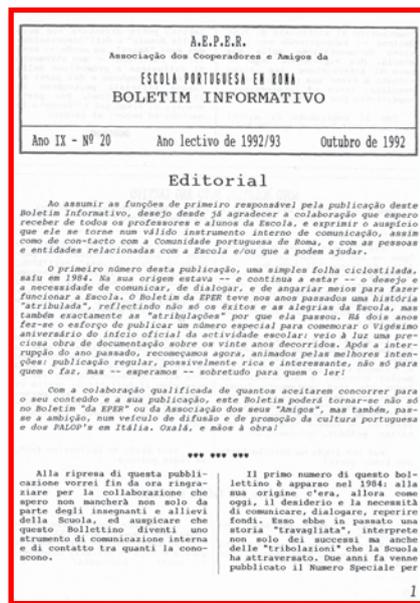
Domingo, 24 de maio, 17.30 horas: sob a presidência do Sr. Embaixador de Portugal junto do Quirinal, Dr. Luís Gaspar da Silva, decorreu no Salão do Instituto uma Sessão Cultural sobre *A História de Portugal, desde a sua formação até ao séc. XIX*, com especial referência aos aspetos culturais. Estiveram presentes o Encarregado da Secção Consular, Dr. Henrique Dinis da Gama, os senhores Embaixadores das Repúblicas de Angola, Cabo Verde e Moçambique em Itália, professores e alunos da Escola, além dos alunos italianos do curso de Português. De salientar também a presença da pintora Bertina Lopes e da Prof.<sup>a</sup> Lusatti, do Departamento de Português da Universidade de Nápoles.

Ao fim do encontro cultural, que contou, além de outras coisas, com a recitação de poesias de Antero de Quental e Jorge de Sena, teve lugar um convívio em simultâneo com um *cocktail à portuguesa*, em que não faltaram rissóis, pastéis de bacalhau e croquetes preparados por alunos e professores da Escola, queijadas de Sintra e pastéis de Belém oferecidos pela TAP-Air Portugal – pelo que fica demonstrado quanta falta faz em Roma um restaurantezinho português, possivelmente típico!

21jun92

### Sacramentos da confirmação e comunhão

À semelhança de quanto ocorreria em 13 de maio de 1990, a capela do Instituto encheu-se, estando presentes sobretudo alunos, professores, parentes e amigos do grupo de alunos que estavam para receber pela primeira vez os sacramentos da confirmação e da primeira Comunhão: dois alunos angolanos do C. Geral, Adélia Marcelino Silva e Israel Matias, receberam a 1ª comunhão; as alunas angolanas Vangoi Idika C. Feliciano, Sandra Cristina L. Silva e Sílvia Cristina F. Ferreira, e as cabo-verdianas Maria dos Anjos Gomes Brito e Maria Auxiliadora dos Santos receberam a confirmação. Presidiu à celebração destes sacramentos o bispo brasileiro D. Agnelo Geraldo Majella, Secretário da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. Concelebrou juntamente com alguns sacerdotes que são professores na Escola, o P. Mário Maffioletti, a cujo cargo esteve a preparação dos alunos. Conserva-se uma cópia da lista dos 5 alunos crismados e dos 2 que fizeram a primeira comunhão, com os respetivos dados, nomes dos padrinhos, etc. [[CrismaComunhaoRelacao21jun92-DadosAlunosPadrinhos](#)]



1 – Número 20. O nº 19 do boletim da AEPER não deve ter existido, pois na *Saudação da Diretora da Escola, Prof.<sup>a</sup> Isabel Correia Minervini*, que aparece na edição publicada em outubro de 1992 depois do editorial do "novo"-velho responsável (quem aqui escreve), com o título "NOVO BOLETIM, NOVO ANO LETIVO", lê-se: «Eis de novo o nosso Boletim! Após um ano de ausência, devido à falta de disponibilidade dos "jornalistas" da EPER, o Boletim, esperamos com periodicidade trimestral, volta a dar-nos notícias da Escola, dos alunos, dos professores, dos amigos, das atividades realizadas... O atual redator-chefe, Dr. Fernando de Pinho, que todos conhecemos bem, dá-nos a garantia da eficiência e da qualidade da informação! Contudo, a colaboração de todos nós será certamente fundamental para manter vivo o Boletim. Por isso, aqui vos deixo a sugestão de fazerem chegar às mãos do Dr. Fernando os vossos trabalhos, notícias, pedidos, opiniões, etc. Vai ser lindo um Boletim feito por tanta gente!». Passou-se, portanto, do nº 18 para o 20, sem que se encontre porém qualquer referência ao nº 19, o que é... intrigante. Ter-se-á considerado o «Especial XX Aniversário» como número duplo, sem necessidade de formalizar expressamente esse valor?

## **Concurso cultural**

Os alunos da EPER **Élia Maria Vieira Ribeiro**, do Curso Geral Noturno, e **Mawete Baptista Júnior**, do 1º ano do 2º Ciclo do Ensino Básico Diurno, ganharam o concurso cultural promovido pela Comissão organizadora das Comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Europeias [Portuguesas?], sobre o tema: *A Europa nos Descobrimentos Portugueses*. O prémio consistiu numa viagem de ida e volta a Lisboa e estadia na capital portuguesa, de 5 a 13 de junho, com visitas guiadas e participação nas Comemorações do dia 10 de Junho.

28jun92

## **Festa final do ano**

Domingo, 28 de junho, foi mais uma vez dia de *festa grande* na Escola – o tradicional encontro dos alunos para comemorar o fim da faina do estudo, antes de a maioria deles partir para as merecidas férias, longe de Roma, acompanhando as famílias junto das quais trabalhavam, e fugindo do calor, que este ano assolou grande parte da Europa de maneira verdadeiramente insuportável! Fizeram parte do programa da festa, como nos anos anteriores, jogos e os saborosos petiscos que favorecem o convívio e a camaradagem!

20jun92

## **Assembleia-geral de professores 1991-92**

*Ambiente desanuviado, na Sala N. 4 onde decorreu a reunião final do ano de 1992. Assim inicia a referida peça informativa, informando que era sábado, dia 20 de junho, e decorreria da seguinte forma: O primeiro ponto da ordem dos trabalhos foi o balanço das atividades desenvolvidas, a começar pelos êxitos e dificuldades encontrados nos diferentes níveis de ensino: os coordenadores pedagógicos ofereceram à Assembleia um quadro positivo, com algumas sombras, inevitáveis, do trabalho realizado.*

*Foram também apresentados os resultados do curso de português frequentado por italianos e referidas as dificuldades encontradas: horário e lugar do curso inadequados (longe do centro de Roma), exigência de os alunos aprenderem depressa e muito, heterogeneidade dos alunos, falta de divulgação da existência do curso.*

*Ficou sublinhado que a isenção dos exames finais a partir do próximo ano constitui certamente um incentivo para incrementar quer as inscrições, quer o aproveitamento escolar.*

*A nova fase histórica que se abre para a Escola – alguém acrescentou – constitui também um grande desafio a manter alto o nível geral de ensino-aprendizagem que tem sido prosseguido, e a desfrutar ao máximo das possibilidades que o novo estatuto reconhecido de "Escola Particular", por um lado, proporciona, mas, por outro, exige. Interveio depois a Prof.<sup>a</sup> Manuela Borges que apresentou um breve balanço da contabilidade: as saídas foram sensivelmente equilibradas pelas entradas, para as quais os alunos contribuíram muito.*

*Entretanto, o saldo final é negativo: daí a necessidade de procurar fontes de financiamento e recorrer a pessoas e entidades que possam garantir os meios para a continuação da obra realizada pela Escola. Assim, a Assembleia decidiu atualizar as taxas de inscrição e as propinas trimestrais dos alunos, elevando a 75.000 liras as primeiras e as segundas a 120.000, mantendo-se inalterada a gratificação simbólica de 10.000 liras/hora de lecionação recebida pelos professores.<sup>2</sup>*

2 – É difícil traduzir em valores atuais o montante pedido em 1992 aos alunos da EPER como taxa de matrícula e propinas trimestrais: utilizando os valores propostos pelos organismos que se ocupam da conversão do valor da moeda italiana no século passado para o seu equivalente nos dias de hoje – [Cf. [http://www.oppo.it/tabelle/rivalutazione\\_mon\\_coef\\_annuali.html](http://www.oppo.it/tabelle/rivalutazione_mon_coef_annuali.html)] – teríamos, para o ano em questão, um montante de mais de 375 euros, o que se pode considerar um valor francamente exagerado. Deve-se ter em conta que uma das principais preocupações dos emigrantes, em geral, e os portugueses não são exceção, é economizar ao máximo nos países de acolhimento, chegando mesmo a *viver aí pobremente*, para poder *fare bella figura* no país de partida, perante a sociedade a que verdadeiramente pertencem. Infelizmente, não constam na documentação aqui utilizada orçamentos e balanços pormenorizados destes anos, para se poder analisar os capítulos de maior despesa. O valor da gratificação/hora atribuída aos professores em 1992 corresponderia hoje (fevereiro de 2018) a 25,87€; em 1984, equivaleria a 11,11€.

## LISTA DE PROFESSORES – Ano letivo de 1991/92

-----

<b>1º CICLO DO ENSINO BÁSICO-INFANTIL</b>		<b>NAC.</b>	<b>TELEFONE</b>
COORDENADORA:	Isabel de Carvalho Correia Minervini	Port/Ita	6628833
PORTUGUÊS:	Leonor Dias Nunes	P	5416354
MATEMÁTICA:	Ugo Carlo Olivieri	Port/Ita	4814820
MEIO FÍSICO:	Manuel Oliveira Carreira	P	---
ED.FÍSICA/ED.MUSICAL:	Manuel Oliveira Carreira	P	---
TRABALHOS MANUAIS:	Leonor Dias Nunes	P	5416354

<b>2º CICLO DO ENSINO BÁSICO DIURNO</b>			
COORDENADORA:	Isabel de Carvalho Correia Minervini	Port/Ita	6628833
PORTUGUÊS:	Maria Cândida Alves Costa Valdenassi	Port	6280291
INGLÊS:	Maria Cândida Alves Costa Valdenassi	Port	6280291
EST. SOCIAIS / HISTÓRIA:	Manuel Oliveira Carreira	Port	---
MATEMÁTICA:	Maria Manuela O. T. Borges Pierdomenico	Port/Ita	6541778
C. DA NATUREZA:	Maria Manuela O. T. Borges Pierdomenico	Port/Ita	6541778
ED. VISUAL / T.MANUAIS:	Maria Carlota Proença de Almeida	Port	6872811
ED. FÍSICA / ED. MUSICAL:	Manuel Oliveira Carreira	Port	---
MORAL E RELIGIÃO:	Manuel Oliveira Carreira	Port	---

<b>ENSINO BÁSICO DE ADULTOS</b>			
COORDENADORA:	Maria Cândida Alves Costa Valdenassi	Port	6280291
PORTUGUÊS:	Leonor Dias Nunes	Port	5416354
MATEMÁTICA:	Rufina Marques da Fonseca	Port	7884580
CULTURA:			

<b>2º CICLO DO ENSINO BÁSICO NOTURNO</b>			
COORDENADORES:	Giorgio Olivieri	Port/Ita	4814820
	Manuel Oliveira Carreira	Port	---
PORTUGUÊS:	Maria Cândida Alves Costa Valdenassi	Port	6280291
INGLÊS:	Maria Cândida Alves Costa Valdenassi	Port	6280291
MATEMÁTICA:	Giorgio Olivieri	Port/Ita	4814820
O HOMEM E O AMBIENTE:	Manuel Oliveira Carreira	Port	---
FORMAÇÃO COMPLEMENTAR:	Manuel Oliveira Carreira	Port	---

<b>CURSO GERAL NOTURNO</b>			
COORDENADORES:	Maria Manuela O. T. Borges Pierdomenico	Port/Ita	6541778
	Nuno Brás da Silva Martins	Port	6381257
PORTUGUÊS I:	José Carlos de Miranda	Port	67015744
PORTUGUÊS II:	José Anastácio de Gouveia Alves	Port	6381257
FRANCÊS I/II:	Oreste Incinatata	Ruanda	6381257
HISTÓRIA I:	Rui Manuel Antunes Lourenço	Port	6381257
HISTÓRIA II:	Nuno Brás da Silva Martins	Port	6381257
INTROD. À ECONOMIA:	Ugo Carlo Olivieri	Port/Ita	4814820
FÍSICO-QUÍMICA:	Maria Manuela O. T. Borges Pierdomenico	Port/Ita	6541778
MATEMÁTICA I:	Giorgio Olivieri	Port/Ita	4814820
MATEMÁTICA II/III:	Maria Manuela O. T. Borges Pierdomenico	Port/Ita	6541778
INGLÊS I/II:	António Inácio Bico	Port/EUA	6869441

<b>CURSO COMPLEMENTAR NOTURNO</b>			
COORDENADORA:	Isabel de Carvalho Correia Minervini	Port/Ita	6628833
HISTÓRIA DE PORTUGAL:	Isabel de Carvalho Correia Minervini	Port/Ita	6628833
PORTUGUÊS:	Henrique de Almeida Chaves	Port	6867061
FRANCÊS:	Maria Odete Martins	Port	6620641
ITALIANO:	Giuliano Montelatici	Italiano	3011351
INTROD. À POLÍTICA (Apoio) <sup>1</sup>	Sérgio Diz Nunes (Fernando B. Pinho)	Port	67015715

<b>PORTUGUÊS EXTRACURRICULAR</b>	Fernando Bernardo de Pinho	Port/Ita	6963125
<b>Coordenador Atividades extracurriculares:</b>	Gianmario Mafioletti	Italiano	5809764

<sup>1</sup> – Oficialmente, a disciplina não foi lecionada mas, ao longo do ano, os professores Sérgio Nunes e Fernando Pinho prestaram ajuda aos alunos e «deram aulas». Conservam-se alguns acetatos utilizados para o efeito.

## PLANIFICAÇÃO DO NOVO ANO

A mudança de direção da EPER ocorrida no ano anterior foi motivada pela impossibilidade de o antigo responsável prosseguir a tradicional dedicação que reservava à Escola, não só devido aos compromissos de trabalho,<sup>3</sup> mas também por cansaço e pela progressiva tendência, ou necessidade, que se tornava visível, de *configurar* a Escola de modo a satisfazer aspirações e necessidades de alguns elementos do corpo docente, cuja legitimidade não estava, nem está, em questão, que haviam deixado o ensino em Portugal para trabalhar na Escola de Roma. Tornava-se cada vez mais difícil, ou impossível, trilhar o sulco traçado nos longos anos em que a Escola tinha menos *estabilidade*, menos meios, mas mais esperança e, porventura, mas vitalidade interna e, certamente, mais sentido de *família*.

Passara-se de uma instituição assente no voluntariado, adaptando-se à condição de perene incerteza mas sempre confiante no futuro, para uma situação de aparente certeza, mas com bases incertas: os alunos iriam escassear e o sonho de uma escola *particular e cooperativa* a funcionar na Cidade Eterna, sem bases económicas garantidas, não seria sustentável. A EPER não soube, ou era impossível, prever um futuro para si própria, com audácia, a partir das novas condições de trabalho e de funcionamento, excogitando e defendendo até mesmo uma função diferente, um outro futuro – naquele centro ou voltando... às catacumbas.

Mais quatro anos, e tudo se desvaneceria. Assim, nesse mês de junho de 1992, o novo conselho diretivo que já um ano antes apenas integrara, na secundária função de vogal, um representante daquele "clero" que outrora fora garantia de ambição, respiro e fidelidade às origens, passou a ser constituído por leigos, total ou parcialmente *dependentes* da Escola. Legitimamente, o trabalho nela realizado deveria poder representar também uma fonte de rendimento suficiente para se viver em Roma. Infelizmente, nada estava garantido e as circunstâncias foram adversas e não foi possível corresponder a tais aspirações. Não era fácil, mas talvez se devesse ter aberto um capítulo novo na EPER, procurando soluções para estancar a progressiva redução do número de alunos, porventura renunciando ao novo estatuto da Escola (sem que antes tivesse garantida a necessária cobertura financeira) e/ou descobrindo outras fontes de financiamento (recorrendo a instituições – políticas, económicas, sociais – italianas e europeias: sindicatos, organismos culturais...). Evidentemente, *sto farneticando*. Isso não era possível!

Antes da eleição, o relato publicado no boletim de outubro de 1992, começa por elogiar o novo relacionamento estabelecido com as autoridades: *Uma menção especial mereceu o capítulo das relações que a Escola mantém com as Autoridades do Ministério da Educação em Portugal (Direções Gerais do Ensino Básico e do Secundário), com o Centro em que funciona a Escola (precariedade das instalações e algumas dificuldades para um perfeito relacionamento com algumas pessoas), com as autoridades consulares: são relações felizmente muito boas, não só com as de Portugal, mas também de Cabo Verde, Angola e Moçambique*. E acrescentava, referindo uma esperança arrojada: *Alguns professores do próximo ano letivo, como já aconteceu no passado, provêm do meio diplomático*. O relato prosseguia agradecendo o apoio dado à Escola pela *Companhia aérea portuguesa TAP-Air Portugal*, auspiciando nomeadamente a continuação da sua *preciosa contribuição...*, *proporcionando três viagens-prémio Roma-Lisboa-Roma*.

*Chegou depois o momento da eleição do novo Conselho Diretivo, a renovar em 4 dos atuais 6 membros – tendo sido eleita por dois anos no precedente ano letivo a atual Diretora, Isabel Minervini, e considerando-se oportuno manter igualmente no cargo a professora Manuela Borges, por ambas constarem na documentação apresentada em Lisboa, respetivamente como responsável pedagógica e "proprietária" (pró-forma) da Escola no seu novo estatuto: foram eleitos e integram o atual CD da Escola os professores Cândido Alves Mateus, cabo-verdiano, e os irmãos Ugo e Carlo Olivieri*.

*Finalmente, foi proposta a Fernando de Pinho a responsabilidade por este Boletim Informativo,*

3 – Como coordenador (diretor) dos Serviços de Documentação da Rádio Vaticano, que o *obrigavam* a passar longos períodos de tempo fora de Roma, organizando e acompanhando as viagens de João Paulo II.

que – com a colaboração de todos, como se disse no editorial – esperamos possa ser um válido instrumento de comunicação e de apoio à Escola.

Esgotados os pontos na agenda, já perto das 9 da noite, os professores presentes deslocaram-se para a Pizzeria "Al Consolato Sardo", perto da Escola, ali se dando por felizmente concluídas as tarefas principais do ano letivo: apenas as tarefas principais – sublinhava-se –, porque para o "zoccolo duro" da Direção e alguns professores restava ainda terminar o processo de exames.

\*\*\* \*\*\* \*\*\*

Na ausência de outra documentação, para o Autor desta narrativa, o espírito que se respirava no início do novo curso da história da EPER ficou bem descrito no seguinte "relatório", escrito em Lisboa, durante umas férias a saber bem, pensando em setembro, pela nova diretora, e publicado nas páginas 6 e 7 desse primeiro boletim informativo de 1992-93.

O texto intitulava-se *Breve Balanço do Ano letivo de 1991-92*. Tendo em vista os leitores italianos – os três últimos boletins da AEPER voltaram a ser bilingues –, o artigo começava com este preâmbulo:

*In questo breve resoconto dell'attività dello scorso anno scolastico, la prima responsabile della Scuola presenta le principali novità che ci sono già per tutti, dopo il riconoscimento dello statuto di "Scuola privata cooperativa" alla Scuola e del conseguente parallelismo pedagogico. Si tratta in gran parte di cambiare pro-*

*grammi e metodi di lavoro... La soluzione per l'annoso problema [del riconoscimento] c'è stata dopo una lunga settimana di lavoro presso il Ministero della Pubblica Istruzione. Vengono elencate le principali conseguenze della riforma per i singoli livelli di insegnamento.*

\*\*\* \*\*\* \*\*\*

*O ano letivo de 1991/92 foi um ano diferente para a EPER. E diferente porque, finalmente, se conseguiu obter a legalização da Escola e o seu reconhecimento como "Escola Particular e Cooperativa" pelas Autoridades portuguesas – Ministério da Educação.*

*Dito assim, parece que foi tudo fácil. Mas não! Foi necessária muita paciência e persistência. Era um desejo antigo dos vários responsáveis que passaram pela Escola... tantas vezes prometido e nunca conseguido!*

*Foi necessário ir a Lisboa uma semana, em dezembro de 1991, e passar essa semana no Ministério! Finalmente, a entrevista com a Sr.ª Diretora-geral da D.G. do Ensino Básico e Se-*

*cundário do Ministério da Educação – Dr.ª Maria de Lurdes Paixão –, e foi então a competência, a compreensão e a disponibilidade para nos ouvir e para resolver um problema que se arrastava há vinte anos! E em 16 de março de 1992 recebemos a confirmação de que a EPER tinha sido reconhecida! A seguir foi todo o trabalho burocrático de informação, ofícios, documentação sobre esta Escola de cuja existência bem poucos em Lisboa sabiam!*

*E tudo isto paralelamente à atividade letiva que decorreu sem interrupções... aos exames que se realizaram já este ano de harmonia com as disposições legais a que somos obrigados como Escola Particular e Cooperativa!*

### **Consequências**

*Com a legalização, foi-nos também concedido o paralelismo pedagógico: isto significa que somos cada vez mais responsáveis pelo nosso trabalho e que respondemos por ele diretamente perante o Ministério da Educação. E esta etapa foi ganha!*

*Para o próximo ano letivo vamos iniciar o novo 3º CICLO POR UNIDADES CAPITALIZÁVEIS, e já tivemos em abril uma SEMANA DE SENSIBILIZAÇÃO, organizada por um professor vindo diretamente da D. G. de Extensão Educativa, responsável pelo lançamento deste novo curso,*

*o Dr. José Alberto Leitão.*

*O 1º CICLO DO ENSINO RECORRENTE PARA ADULTOS – Alfabetização vai ser também todo reestruturado de acordo com a nova filosofia e os novos programas do ensino para adultos. Os professores deste nível de ensino também já tiveram um curso de aperfeiçoamento, organizado pela prof.ª Maria Manuela Almeida, vinda da D. G. de Extensão Educativa, e várias reuniões com uma nova professora coordenadora, e irão iniciar em outubro um trabalho novo e aliciante com os alunos deste nível de ensino.*

O 2º CICLO DO ENSINO BÁSICO PARA ADULTOS continuará a funcionar este ano com a mesma equipa do ano passado, seguindo como de há dois anos a esta parte os novos programas para este nível de ensino.

O CURSO COMPLEMENTAR funcionará também, como no ano passado, de forma intensiva (10º/11º anos) e seguindo a legislação correspondente a estes cursos especiais.

No 12º ANO DE ESCOLARIDADE funcionarão os 3º e 4º cursos e, para os alunos com aproveitamento, a avaliação será contínua sem necessidade de haver exames ao fim do ano!

De manhã continuarão a funcionar, se houver alunos suficientes, o 1º Ciclo do Ensino Básico para crianças.

\*\*\* \*\*\* \*\*\*

Temos, portanto, para 1992/93 tantos projetos e também tanta boa vontade para os realizar!

Para além dos aspetos pedagógico-didáticos daremos ainda uma particular atenção aos de carácter cultural, recreativo e religioso. Para todas as importantíssimas atividades ligadas a este setor da vida da Escola, esperamos continuar a contar com a ajuda fundamental do P. Mário Mafioletti, nosso colaborador de sempre!

O relatório terminava revelando, não sem alguma candura, uma grande confiança no futuro escrevendo, com o subtítulo **Grandes mudanças se avizinham...**

*Pelo que já soubemos aqui em Lisboa, avizinhem-se grandes mudanças no Ministério da Educação, sobretudo na sua organização interna. E isso irá certamente ter repercussões na nossa Escola. O "Instituto Camões", recentemente criado, vai ser, segundo parece, o responsável máximo por todas as Escolas Portuguesas no estrangeiro, e, evidentemente, também pela nossa. No entanto, tudo está ainda por definir! Aguardemos!*

*As dificuldades financeiras da escola foram*

*também de novo recentemente referidas junto das Direções Gerais do Ministério da Educação. Temos esperança de que também este problema seja resolvido para o próximo ano letivo...*

*Portanto, ao iniciarmos este novo ano letivo queria deixar-vos esta mensagem de esperança, de força e de coragem, e também a certeza de que, pela nossa parte, tudo se fará para continuar a manter vivo este projeto – grande e audacioso, mas extremamente aliciante – da Escola Portuguesa de Roma.*

Como já referido, o texto, pelo menos nas suas linhas gerais, tinha "nascido" como um exercício de página de Diário, que iniciava com as seguintes três linhas:

*escrito nos Jardins da Gulbenkian, em Lisboa, numa bonita tarde de verão, de férias... a saber bem, pensando em setembro!*

Mais à frente apresentaremos o «Plano de Atuação a médio prazo» do Instituto Camões, a que aludia Isabel Minervini no breve relato programático, integralmente transcrito acima.

\*\*\* \*\*\* \*\*\*

## Alunos nos anos letivos de 1991-92 | 1992-93

NACIONALIDADES → NÍVEIS DE ENSINO ↓	PORTUGUESES	CABO-VERDIANOS	ANGOLANOS	RESTANTES <sup>2)</sup>	INSCRIÇÕES <sup>3)</sup>	INSCRIÇÕES <sup>4)</sup>	TOTAL GERAL
Ensino Diurno	–	3	17	1	21	10	31
Alfabetização Adultos	–	29	–	–	29	3	32
2º Ciclo Ensino Básico	2	12	–	2	16	4	20
Curso Geral Noturno	10	22	9	2	43	43	45
Curso Complementar Noturno	12	7	8	1	28	3	31
12º Ano de Escolaridade	5	2	–	1	8	–	8
<b>TOTAL</b>	<b>29</b>	<b>75</b>	<b>34</b>	<b>7</b>	<b>145</b>	<b>22</b>	<b>167</b>
% SOBRE O TOTAL PARCIAL <sup>1)</sup>	20%	52%	23%	5%	100%	–	–
% SOBRE O TOTAL GERAL	17,7%	45%	20,3%	4,2%	–	13,1%	100%

<sup>1)</sup>—A primeira percentagem refere-se ao total das inscrições efetuadas até 30 de outubro de 1991 (145); a segunda, às inscrições efetuadas ou regularizadas seguidamente. Do total geral das inscrições, onze alunos estiveram matriculados, condicionalmente, em dois cursos. Os alunos inscritos nos cursos regulares do ensino português foram, portanto 156. — <sup>2)</sup> 2 brasileiros; — 5 moçambicanos. — <sup>3)</sup> Até 30.10.1991. — <sup>4)</sup> Após 30.10.1991.

Em 1991-92, eram onze os alunos que frequentavam cada um dos dois cursos extracurriculares oferecidos pela Escola: o de **Italiano** funcionava aos domingos, durante duas horas, e era frequentado por dois paquistaneses, dois brasileiros, um somaliano, um polaco, um filipino e quatro portugueses; no de **Português**, que funcionava às terças e quintas-feiras, das 18.00 às 20.30 horas, estavam inscritos 9 italianos, um somaliano e um espanhol. Globalmente, os alunos foram nesse ano 187.

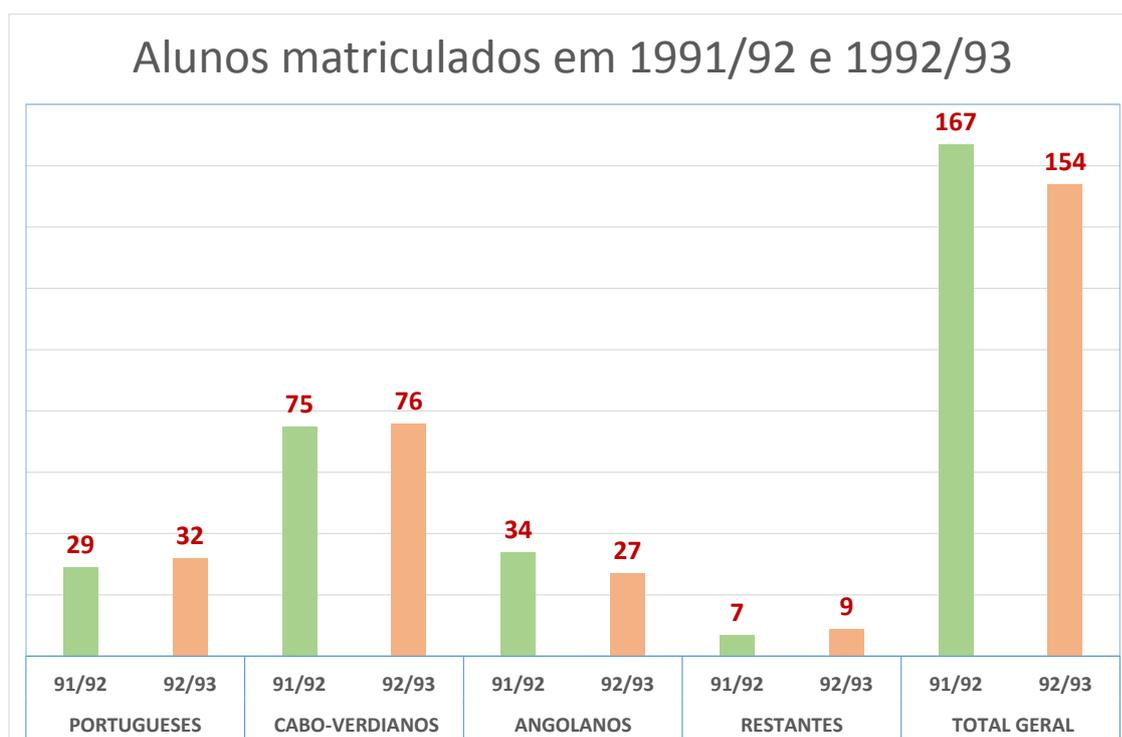
As estatísticas de 1992-93 indicavam um número significativamente inferior (menos 23 unidades), mantendo-se substancialmente inalterada a procura do curso de Português, mas tendo deixado de funcionar o curso de Italiano. Estes, os dados de 1992-93:

NÍVEIS DE ENSINO ↓	NACIONALIDADES →				TOTAL GERAL
	PORTUGUESES	CABO-VERDIANOS	ANGOLANOS	RESTANTES <sup>1)</sup>	
1º E 2º NÍVEIS ENS. BÁS. DIURNO			13		13
1º CICLO ENSINO RECORRENTE	3	24		2	29
2º CICLO ENSINO BÁS. NOTURNO	2	11			13
3º CICLO ENSINO BÁS. UNID. CAPITALIZÁVEIS	6	22	1	3	32
CURSO GERAL NOTURNO INTENSIVO	2	8	4	1	15
CURSO COMPLEMENTAR NOTURNO INTENSIVO	13	9	5	2	29
12º ANO ESCOLARIDADE	6	2	4	1	13
<b>TOTAL</b>	<b>32</b>	<b>76</b>	<b>27</b>	<b>9</b>	<b>144</b>
% SOBRE O TOTAL GERAL	23%	52%	18%	7%	100%

<sup>1)</sup> 3 Brasileiros; 6 moçambicanos.

*Frequentam os cursos extracurriculares de Português para Estrangeiros, às terças e sextas, das 18.00 às 20.30 horas, nove italianos e um francês: Assim, os alunos inscritos e a frequentar são 154.*

*Atualizando os dados, incluindo estes alunos, temos:*



## **Exames realizados na Escola Portuguesa no ano de 1992**

Retomando as informações relativas ao ano de 1991-92, são interessantes as estatísticas relativas aos exames, apresentadas no seguinte gráfico.

<b>NÍVEIS DE ENSINO</b>	<b>DISCIPLINAS</b>	<b>INSCRIÇÕES</b>	<b>DESISTÊNCIAS (%)</b>	<b>Nº DE EXAMES</b>	<b>APROVAÇÕES (%)</b>	<b>REPROVAÇÕES (%)</b>
2º CICLO ENSINO BÁSICO	Português	11	2	9	7	2
	Matemática	14	2	12	9	3
	Francês	1	-	1	1	-
	Inglês	10	3	7	6	1
	Formação Compl. Homem/Ambiente	12	2	10	10	-
		11	2	9	9	-
<b>SUBTOTAL: 2º CICLO</b>		<b>59</b>	<b>11 (18,6%)</b>	<b>48</b>	<b>4 (87,5%)</b>	<b>6 (12,5%)</b>
CURSO GERAL LICEAL NOTURNO	Português	14	-	14	12	2
	Francês	10	-	10	9	1
	Inglês	9	2	7	-	7
	História	13	1	12	4	8
	Int. à Economia	28	3	25	16	9
	C. do Ambiente	4	-	4	4	-
	Matemática	12	1	11	6	5
	Física/Química	15	1	14	8	6
	Educação Visual/Desenho	7	-	7	5	2
	7	-	7	2	5	
<b>SUBTOTAL: CURSO GERAL</b>		<b>119</b>	<b>8 (6,7%)</b>	<b>111</b>	<b>73 (65,7%)</b>	<b>38 (34,3%)</b>
CURSO COMPLEMENTAR DOS LICEUS	Português lit.	22	2	20	20	-
	Francês	10	1	9	9	-
	Inglês	8	-	8	4	4
	Italiano	19	1	18	15	3
	História	22	2	20	15	5
	Intr. à Política	11	-	11	11	-
	Filosofia	17	1	16	13	3
		<b>109</b>	<b>7 (6,4%)</b>	<b>102</b>	<b>87 (85,3%)</b>	<b>15 (14,7%)</b>
12º ANO DE ESCOLARIDADE	Liter. Portuguesa	6	-	6	4	2
	Liter. Italiana	6	-	6	6	-
	Liter. Francesa	5	-	5	5	-
	Liter. Inglesa	1	-	1	-	1
	História – 3º curso	2	-	2	2	-
	Filosofia – 3º curso	2	1	1	1	-
<b>SUBTOTAL: 12º ANO</b>		<b>22</b>	<b>1 (4,5%)</b>	<b>21</b>	<b>18 (85,7%)</b>	<b>3 (14,2%)</b>
<b>TOTAL GERAL</b>		<b>309</b>	<b>27 (8,5%)</b>	<b>282</b>	<b>220 (78%)</b>	<b>62 (22%)</b>

### **As estatísticas são acompanhadas por esta nota complementar:**

Aos exames dos cursos acima indicados há a acrescentar os do ensino normal diurno infantil, 31 alunos, desde o 1º ao 6º anos de escolaridade, e os do Ensino Recorrente para Adultos, às quintas e domingos, de tarde: dos 32 alunos inscritos, 20 obtiveram bom aproveitamento, passando de nível!

Globalmente, houve mais de 360 inscrições para exames no ano letivo de 1991-92!

De muitos dos exames acima referidos realizou-se, além da prova escrita, uma prova oral de exame, ou porque obrigatória segundo a legislação em vigor, ou porque os alunos não atingiram na escrita a classificação necessária para dispensar da oral.

### **Alunos que completaram os respetivos cursos**

A informação relativa aos alunos que, em 1991-92, concluíram os seus cursos nos diferentes níveis de ensino é igualmente importante: foram os seguintes.

CURSOS	ALUNOS	CLASSIFICAÇÃO
<b>ENSINO BÁSICO</b> <b>2º CICLO</b> <i>(antigo Ciclo Preparatório)</i>  Scuola Media Inferiore (5º-6º anni)	1. Benvinda dos Santos Pires	Apta
	2. Filomena Gomes Ramos	"
	3. Lélia Albertina Duarte Cruz	"
	4. Lurena Marízia C. Elias	"
	5. Margarida Pinto Nobre	"
	6. Maria de Fátima Soares	"
	7. Maria de Jesus do Rosário	"
	8. Paulina Ilda Ramos	"
	9. Sandra M. dos Santos Soares	"
<b>CURSO GERAL</b> <b>LICEAL NOTURNO</b>  Scuola Media Superiore (7º-8º-9º anni)	1. Doroteia R. Pascoal	12/20 valores
	2. Élia Maria Vieira Ribeiro	13/20 valores
	3. Fernanda G. Pereira	11/20 valores
	4. Franklim Tavares S. Silva	12/20 valores
	5. João Ferreira	12/20 valores
	6. Maria Amélia Gomes Pinto	15/20 valores
	7. Sílvia C. F. Ferreira	14/20 valores
<b>CURSO COMPLEMENTAR</b> <b>DOS LICEUS</b> <b>NOTURNO INTENSIVO</b>  Liceo classico (10º-11º anni)	1. Ana Maria José Manuel Rodrigues	12/20 valores
	2. Isabel Maria Tomás da Silva	12/20 valores
	3. Laurinda Nambongo	13/20 valores
	4. Maria Betânia de Mato	14/20 valores
	5. Maria da Luz Duarte Côsmo	13/20 valores
	6. Maria do Rosário Tourais da Cruz	11/20 valores
	7. Olinda Pereira Rodrigues	14/20 valores
	8. Rita Castellani Vaz Pato	13/20 valores
	9. Sandra Cristina Lopes da Silva	13/20 valores
	10. Venâncio Soares Gomes	11/20 valores
	<b>3º Curso</b>	1. Ana Maria José Manuel Rodrigues
<b>12º ANO ESCOLARIDADE</b> Maturità Classica	<b>4º Curso</b>	
	1. Bernardo Reis B. Claro da Fonseca	14/20 valores
	2. Isabel Maria Tomás da Silva	14/20 valores
	3. Maria Apresentação dos Reis	11/20 valores
	4. Maria Teresa Benigno Constante	11/20 valores

**TOTAL DE ALUNOS QUE COMPLETARAM OS RESPECTIVOS CURSOS: 31**  
**11 cabo-verdianos, 11 portugueses, 6 angolanos, 2 moçambicanos e 1 brasileiro**

## Í N D I C E

1	Editoriale Fernando de Pinho	Editoriale Fernando de Pinho	1
2	Novo Boletim, novo Ano lectivo — Saudação da Directora da Escola, Isabel Minervini	Nuovo Bollettino nuovo anno Saluto della Direttrice della Scuola Isabel Minervini	2
4	Assembleia-final do ano lectivo 91-92 Fernando Pinho	Assemblea finale dell'anno scolastico Fernando Pinho	4
6	Balanço do ano lectivo de 1991-92, Isabel Minervini	Rapporto dell'anno scolastico 91/92 Isabel Minervini	6
8	Dados estatísticos: Inscrições	Statistiche: Iscrizioni	8
9	Dados estatísticos: Exames	Statistiche: Esami	9
10	Alunos que terminaram cursos em 1992	Hanno concluso i corsi nel 1992	10
11-12	Apoiar a Escola: dois apelos Fernando Pinho	Appoggio alla Scuola: due appelli, Fernando Pinho	13-14
15	IAECP — Guia do Regresso — informação sobre o regresso	IAECP, "Guida al Ritorno" in Patria dei portoghesi	15
16	Monumento à Família Emigrante Camara Municipal de Mirandela	Monumento alla Famiglia Migrante Municipio di Mirandela	16
17-18	Dia Mundial do Migrante 1992: Mensagem do Papa	Giornata Mondiale del Migrante 1992: Messaggio del Papa	17-18
18-19	José C. de Miranda, ordenado padre Fernando Pinho	José C. de Miranda, ordinato prete Fernando Pinho	18-19
19	Professores que vão, professores...	Insegnanti che partono, insegnanti...	19
20	Testemunhos: Rui Lourenço	Testimonianze: Rui Lourenço	20
21	Giuliano Montelatici	Giuliano Montelatici	21
22-23	Colaborar, participar... Mário Maffioletti	Un bel bagaglio... da rinnovare Mario Maffioletti	22-23
23-24	Confesso: gosto mesmo de Roma José Maria Pacheco Gonçalves	Debbo dire che Roma mi piace proprio J. M. Pacheco Gonçalves	23-25
25	Serviços da TAP-Air Portugal	TAP-Air Portugal pensa a voi...	25
26-27	ANGOLA: eleições, paz, democracia Moisés Malumbu	ANGOLA: elezioni, pace, democrazia Moisés Malumbu	26-27
28-29	Moçambique: "alívio e crispação" António V. Pinheiro	Mozambico: sollievo e apprensione António V. Pinheiro	28-29
30-32	NOTICIÁRIO BREVE	NOTIZIE IN BREVE	30-32

## APOIAR A EPER: DOIS APELOS

Com a assinatura do responsável pelo Boletim da EPER, assumindo, pois, em primeira pessoa a responsabilidade pela mensagem transmitida aos destinatários, o antigo diretor da Escola lançava não um, mas dois apelos no sentido de manter viva a Escola e garantir a sua continuidade, alargando a sua ação a um leque maior de potenciais "utentes". A seguir, o texto publicado nas páginas 11 e 12.

Como já se disse, esse boletim foi publicado após um ano de interrupção: o esforço das comemorações do XX aniversário da Escola, em 1990/91, não tinha esgotado certamente as suas forças, mas o ano letivo anterior exigira uma concentração de energias nas tarefas ligadas ao reconhecimento formal do estatuto de "Escola Particular Cooperativa" e à reorganização das atividades em função desta sua nova fisionomia jurídica.

Mesmo sem a atenção que a Escola deveria ter dedicado aos seus Colaboradores e Amigos, alguns não esperaram que ela fosse ao seu encontro e não se esqueceram de a contactar, de participar nos encontros culturais e nas iniciativas que ela promoveu e, além disso, deram também a sua contribuição, pagando a respetiva quota de Sócios da Associação.

No entanto, registámos apenas sete entradas de 50.000 liras, uma de 30.000 e a contribuição de dois Sócios beneméritos da Alemanha (Düren), que renovaram a própria adesão à AEPER oferecendo à Escola 300 marcos (cerca de 225.000 liras). São 605.000 liras, preciosas, que muito agradecemos e que muito jeito fazem.

Entre os Sócios que renovaram a sua adesão à AEPER e lhe deram também apoio material encontram-se algumas personalidades res-

ponsáveis por entidades portuguesas (TAP-Air Portugal, Embaixadas, Banco Totta & Açores), que têm dado à EPER mais do que o contributo monetário registado, um grande apoio moral e "de influência", decisivo para a sua afirmação e a concretização de alguns dos seus objetivos primários: bem hajam, e oxalá que esse apoio nunca venha a cessar!

Sentimos de facto o dever de recordar as necessidades financeiras da Escola e renovar a cada um dos seus Amigos o apelo à colaboração com ela, garantindo-lhe os meios de que precisa para continuar a desempenhar a sua atividade em benefício de emigrantes, sobretudo de Países africanos que se encontram a atravessar uma grave situação politico-económica,<sup>4</sup> que todos conhecem bem.

4 – Referência ao longo período de estiagem (seca), que se prolongou por mais de dez anos na zona do Sahe!

### **A CONTRIBUIÇÃO DE TODOS**

Gostaríamos de dirigir este apelo de uma forma muito especial e concreta, em Itália, aos Portugueses que aqui vivem e trabalham, às Congregações religiosas com sensibilidade missionária, aos responsáveis pelos "Centros" frequentados pela Comunidade Portuguesa, a começar pelo Instituto de Santo António dos Portugueses, do Instituto das Cooperadoras da Família, do Centro "Tra Noi", do "Centro" frequentado também pelos emigrantes no Vaticano.

Dirigimo-lo naturalmente aos italianos, pessoas e instituições, que de alguma forma têm ou tiveram relações com a Escola, com Portugal ou com os Países africanos de proveniência dos nossos alunos: se cada destinatário deste apelo se tornar Sócio da AEPER, mesmo apenas com a quota mínima de adesão

(50.000 liras), a Escola poderá contar com uma verba significativa para cobrir o orçamento, e desenvolver ulteriormente a sua atividade, em benefício de todos.<sup>5</sup>

O mesmo apelo é dirigido às Entidades e/ou pessoas que em Portugal partilham a responsabilidade pelo futuro da única Instituição portuguesa de Ensino em Itália, que é também, desde há 21 anos, a única Instituição cultural portuguesa a desenvolver uma atividade continuada e permanente neste País.

5 – Teria sido a «alternativa»: arranjar patrocinadores (sponsors), convencer/motivar organismos, empresas com ligações a Portugal, sindicatos, outras entidades, não só italianas, a apadrinhar a EPER de modo a garantir-lhe condições, mesmo mínimas, de viabilidade. Não houve forças (engenho e arte), para percorrer esse caminho... extremamente audacioso!

### **COLABORAÇÃO ENTRE PORTUGUESES**

Parece-nos oportuno este espaço e esta ocasião para endereçar uma outra espécie de apelo aos "Centros" acima referidos: a Escola sempre procurou colaborar com todos, dando a sua contribuição específico para a promoção da Comunidade e aderindo ou dando o seu apoio às manifestações organizadas pelos diferentes Centros frequentados por portugueses ou cabo-verdianos.

Gostaríamos que se retomasse o diálogo e houvesse mais intercâmbio de ideias e uma programação de iniciativas concordadas entre as diferentes instâncias que já são polos de agregação da Comunidade. Gostaríamos que as várias dezenas de portugueses que, até agora, só encontraram um "seu" espaço ao ar livre na Praça do *Risorgimento* e nos cafés ao redor, confluíssem para esses diferentes centros, ou tivessem ainda a alternativa de um

Centro Português por eles próprios organizado e gerido.

Aqui fica, sem mais considerações, este con-

vite a reencontrarmo-nos para, na medida do possível e da melhor maneira, "organizar a esperança e as expectativas" da Comunidade Portuguesa residente em Roma.

A terminar, em tabela, os apelos indicavam modos concretos de ajudar a Escola. Podia-se:

① ENVIAR AJUDAS em dinheiro diretamente à Escola, ou depositando-as na conta corrente Nº 8292/1 que a Escola tinha no Banco "CREDITO ARTIGIANO" – V. San Pio X, 6-10 – 00193 ROMA, sob o nome de "Scuola Portoghese di Roma" – Telefone: 06-68.30.82.61.

② INSCREVER-SE como Sócio da AEPER – Associação dos Cooperadores e Amigos da Escola Portuguesa de Roma, pagando a quota mínima de adesão: 50.000 liras/ano, indicando o nome, morada, telefone, idade, profissão, a modalidade de pagamento, nacionalidade.

Depois desse fervoroso apelo, declarava-se que eram bem-vindas sugestões e críticas construtivas dirigidas à Escola e ao Boletim, que deviam ser enviadas para a ESCOLA PORTUGUESA DE ROMA – V. Innocenzo IV, 18 – 00167 ROMA, que tinha o telefone: 06-30.70.620

\*\*\* \*\*\* \*\*\*

### **Apelo à coragem**

Não em contraponto, mas útil para um enquadramento completo do perfil da Escola no novo ano letivo de 1992-93, vale a pena ler a mensagem dirigida à Escola por Isabel Minervini, publicada nas páginas 2 e 3 do mesmo Boletim.

*A todos, bem-vindos e coragem!*

*Vamos iniciar um novo ano letivo, o de 1992/93.*

*A todos os que dão vida a esta Escola – Alunos, Professores, Amigos: BEM-VINDOS!*

*Aos alunos que vão começar: CORAGEM! A estrada é longa, às vezes difícil, mas o caminho chegará ao fim e trará a todos os que lutarem a satisfação do dever cumprido e de terem melhorado, crescido, aprendido tantas coisas novas!*

*Aos que já iniciaram e vão continuar: CORAGEM! O apoio dos professores e dos colegas dará o incentivo... O resto é trabalho vosso e... vamos para a frente!*

*Aos professores, "novos" e "velhos": CORAGEM! O trabalho espera-nos e enquanto estes jovens vierem à nossa Escola para aprender, vindos de*

*tantas partes onde se fala a nossa bela língua portuguesa, nós teremos que lhes dar aquilo que soubermos e pudermos com alegria e solidariedade, superando-nos, aprendendo também nós com eles, aperfeiçoando cada vez mais os nossos métodos de trabalho!*

*Aos que ainda não quiseram vir este ano: CORAGEM! Trabalhar e estudar é duro, mas verão que é apenas uma questão de organizar a vida de outro modo! Haverá tempo para tudo, se nos soubermos organizar – para estudar e também para sair com os amigos, para ler e para dançar! Ficamos à vossa espera!*

*Aos nossos amigos e colaboradores que há tantos anos apoiam a Associação que dá vida à nossa Escola: OBRIGADA PELA CONFIANÇA tantas vezes demonstrada!*

\*\*\* \*\*\* \*\*\*

Por sua vez, a abrir esse primeiro número do boletim da AEPER do ano letivo de 1992-93, o seu *vecchio-nuovo* responsável escrevia:

### **Editorial**

*Ao assumir as funções de primeiro responsável pela publicação deste Boletim Informativo, desejo desde já agradecer a colaboração que espero receber de todos os professores e alunos da Escola, e exprimir o auspício de que ele se torne num válido instrumento interno de comunicação, assim como de contacto com a Comunidade portuguesa de Roma e com as pessoas e entidades relacionadas com a Escola e/ou que a podem ajudar.*

*O primeiro número desta publicação, uma simples folha ciclostilada, saiu em 1984. Na sua origem estava – e continua a estar – o desejo e a necessidade de comunicar, de dialogar, e de angariar meios para fazer funcionar a Escola. O Boletim da EPER teve nos anos passados uma história "atribulada", refletindo não só os êxitos e as alegrias da Escola, mas também exatamente as "atribulações" por que ela passou. Há dois anos, fez-se o esforço de publicar um número*

*especial para comemorar o Vigésimo aniversário do início oficial da atividade escolar: veio à luz uma preciosa obra de documentação sobre os vinte anos decorridos. Após a interrupção do ano passado, recomeçamos agora, animados pelas melhores intenções: publicação regular, possivelmente rica e interessante, não só para quem o faz, mas – esperamos – sobretudo para quem o ler!*

*Com a colaboração qualificada de quantos aceitarem concorrer para o seu conteúdo e a sua publicação, este Boletim poderá tornar-se não só no Boletim "da EPER" ou da Associação dos seus "Amigos", mas também, passe a ambição, num veículo de difusão e de promoção da cultura portuguesa e dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa [PALOP] em Itália. Oxalá, e mãos à obra!*

### **Informação sobre o regresso definitivo de nacionais**

Tinha uma parte dos alunos passado pelo aperto dos exames e andava a outra metade atarefada com a sua preparação, quando à Escola chegou a 2ª edição do «GUIA DO REGRESSO», uma preciosa publicação informativa do IAEC (Instituto de Apoio à Emigração e Comunidades Portuguesas): "informativa", porque com ela não se tencionava *incentivar o regresso a Portugal dos nacionais residentes no estrangeiro, (...)* mas *responder às múltiplas questões que se põem a quem deseja regressar.*

Elaborada sob forma de fichas, ou dicionário, com respostas e esclarecimentos para os mais diferentes problemas que um emigrante que deixava de o ser não poderia deixar de enfrentar, a obra dividia-se nos seguintes dez grandes capítulos:

1. Apoio à formação de emprego e formação profissional;
2. Arrendamentos;
3. Contas;
4. Importação de bens;
5. Incentivos ao investimento;
6. Ingresso no ensino em Portugal;
7. Segurança social;
8. Vários;
9. Anexos;
10. Moradas úteis.

O IAEC considerava a informação como um instrumento privilegiado na política que vinha desenvolvendo em relação aos portugueses residentes no estrangeiro. A Escola Portuguesa colocou na Biblioteca um exemplar desse «GUIA DO REGRESSO» à disposição de quem o quisesse consultar, dirigindo-se primeiro à Secretaria.

### **Monumento à Família emigrante**

Também já quase findo o ano letivo, chegou à Escola um longo ofício da Câmara Municipal de Mirandela, assinado pelo seu Presidente, Dr. José A. Gama, comunicando a decisão unânime daquela Autarquia de construir na rotunda da Av.ª 25 de Abril um «grande Monumento dedicado à Família Emigrante». A proposta tinha sido aprovada em janeiro e o seu custo previa-se, em fins de maio, na ordem dos doze mil contos – uns 120 milhões de liras.

"Considerando que Portugal é um País de emigração, (...) que os emigrantes têm sido os grandes embaixadores da língua, da cultura e das tradições portuguesas, (...) considerando a grande fidelidade dos emigrantes às suas raízes" (...). Eram estas algumas das motivações da proposta aprovada, para cuja execução a Câmara de Mirandela solicitava um contributo do "jornal" (Boletim) da Escola, agradecendo antecipadamente.

E porque não?! 120 milhões de liras não se arranjam... pegando no ancinho abandonado nos campos do Norte de Portugal e indo varrer as moedas da Fonte de Trevi! Mas o que eram 120 milhões de liras considerando a causa a que se destinavam, e que "celebrava", recordava e enobrecia uma condição de vida por que tantos portugueses passavam, ou passam? Quem desejasse contribuir devia contactar a Direção da Escola. E a Câmara de Mirandela, esperando que o apelo dirigido aos leitores do Boletim recebesse uma resposta generosa, era felicitada pela iniciativa tomada, com os melhores votos pela sua feliz realização – que aconteceu, como se vê na imagem.



## **Parabéns a José Carlos de Miranda**

*Sábado, 11 de julho de 1992, dia de calor, festa de S. Bento, Sé Nova de Coimbra, 17.00 horas: o grande templo coimbrão, de tão grandes tradições da Companhia de Jesus\*, estava repleto de pessoas, ali reunidas para participar numa celebração eucarística especial: dois jesuítas, Domingos Terra, a estudar Teologia na Jesuit School of Theology, de Berkeley (EE.UU.), e José Carlos de Miranda, professor na Escola Portuguesa de Roma, a estudar Teologia na Gregoriana, em Roma, iam ser ordenados sacerdotes.*

*A cerimónia de ordenação decorreu em ambiente de grande solenidade e beleza litúrgica. Concelebraram com D. João Alves, Bispo da Diocese, oitenta sacerdotes, alguns vindos dos Estados Unidos, estando presentes um grande número de familiares e amigos dos dois novos sacerdotes.*

*Não faltou uma simbólica representação da Escola, um professor e uma ex-aluna, que aproveitaram o ensejo para cumprimentar os antigos diretores e professores jesuítas a quem a Escola tanto deve: os Padres António Morujão, Jorge Manuel de Sena, Nuno da Silva Gonçalves, Alfredo Dinis, José Pires Nunes, etc.*

*Acabada a cerimónia – escrevia com bom humor o redator da notícia publicada no boletim –, numa atmosfera de festa favorecida pelos últimos acordes do valente organista, as centenas de familiares e amigos dos neo-sacerdotes apinharam-se ao seu redor para os felicitar e lhes beijar as mãos: mas foram as barbas e o bigode do P. José Carlos que sofreram as maiores arremetidas de beijos e abraços, nem por isso se dando por... "amachucadas", continuando a emoldurar um rosto excepcionalmente feliz, e com razão: só faltava uma guitarra e uma... especial autorização pontifícia para ele adaptar àquela circunstância a canção... "Coimbra tem mais encanto"...*

\*Os jesuítas chegaram a Coimbra no dia 13 de junho de 1542 (festa de S. António), fundando logo no mês seguinte, em duas pequenas casas, o Colégio de Jesus, também chamado das "Onze Mil Virgens", e "dos Apóstolos": essa foi a primeira casa de formação da Companhia no mundo e a segunda casa em Portugal. Em 1547, no lugar dessas primeiras casas, foi fundado um colégio maior, cuja igreja, quando em 1759 os jesuítas foram expulsos pela primeira vez de Portugal, pelo Marquês de Pombal, foi entregue à Diocese, começando a funcionar a partir de 1772 como Sé Catedral, chamada "Nova".

## **Professores que vão, professores que ficam – Testemunhos**

Os testemunhos seguintes são de professores que deixaram de lecionar na Escola em 1992, geralmente porque terminavam a sua estadia em Roma. Foi-lhes pedido um breve testemunho, um depoimento, ou uma mensagem de despedida, que ficasse como encorajamento para os alunos e os seus sucessores no Magistério do ensino e também como documento da sua passagem, da experiência e do contributo que deram à Escola.

O primeiro foi deixado pelo Prof. Osman Ahmed Nur, somali: enquanto ele ensinava Inglês, nos Cursos Extracurriculares, sua esposa Shukri Abduqabi Yusuf frequentava o curso de português para estrangeiros. Depois de contar a sua experiência de ensino, positiva, Osman Nur deixava a todos os alunos o encorajamento a prosseguir os estudos, desejando-lhes "a happy life, prosperity and a bright future".

1

### **Foi divertido estar "na carteira",<sup>1)</sup> de manhã, e "na secretária",<sup>2)</sup> de tarde**

Prof. Rui Lourenço

*Quase por acaso vim, este ano, parar à EPER. Nunca fui professor de coisa nenhuma até agora e é sempre bom partir para a aventura, consciente dos riscos e responsabilidades. Se me perguntam o que foi esta experiência, direi que a achei muito positiva e que voltaria para*

*a EPER se estivesse em Roma no próximo ano.*

*Como experiência valeu por vários motivos: por um lado, comecei a aprender o que é ser professor e foi divertido estar na carteira, de manhã, e na secretária, de tarde; por outro lado,*

*achei ótimo o encontro de culturas que me foi proporcionado: gente de quase todos os Países de expressão portuguesa (e não só), com uma mesma língua, mas com origens culturais muito diversas. Em terceiro lugar, não foi menos positivo encontrar um grupo de pessoas que, com dedicação e estima, trabalha para uma causa que é muito mais do que simplesmente portuguesa, sendo em primeiro lugar um ponto de referência para os portugueses e emigrantes de língua portuguesa que labutam por estas paragens.*

*Pena é que ainda não seja suficientemente conhecida, e reconhecida, em primeiro lugar pela*

*Comunidade portuguesa de Roma: fica-me este pesar – ter constatado que, apesar de todos os esforços feitos, a Escola Portuguesa continue abandonada pelos portugueses.*

*A todos quantos me ajudaram, alunos e professores, devo agradecer o carinho e a paciência que tiveram comigo, mas sobretudo agradeço reconhecido a amizade que nos uniu e continuará a unir. Bom trabalho a todos para o próximo ano.*

*Com amizade,  
Roma, 30 de junho de 1992*

*Prof. P. Rui Lourenço Professor de HISTÓRIA I no  
Curso Geral durante o ano letivo de 1991/92.*

<sup>1)</sup> Como aluno da Universidade Gregoriana – <sup>2)</sup> Como professor na Escola.

## 2

### **"Un anno di italiano nella Scuola Portoghese"**

*Prof. Giuliano Montelatici*

*25 ottobre 1991, venerdì. Entro per la prima volta nell'aula della Scuola Portoghese, dove mi attendono dieci allieve del Corso Complementare di Italiano. Un sorriso. Mi presento. Poi chiedo alle ragazze, che mi guardano benevolmente, di dirmi il proprio nome e la propria nazionalità. Devo scrivere tutto sul registro e in ordine alfabetico, per cui scandisco ad una ad una le lettere: A, B, C. Finalmente alla lettera D si presenta Da Cruz Antónia Maria, di origine capoverdiana. È la prima con la quale faccio conoscenza. Proseguo con l'alfabeto. Con la E non c'è nessuna. Passo allora alla F e si presentano due graziose ragazze: Fonseca Lopes Maria Natália e Fortes Monteiro Francisca, anche loro di Capo Verde. Andando avanti, ecco tre portoghesi: Amélia, Olinda e Fernanda, quest'ultima originaria dell'isola di Madera, e ancora due capoverdiane: Osvaldina e Sandra, e infine, Laurinda e Justina, due suore angolane. Insomma, un piccolo mondo racchiuso in una stessa aula, con una lingua comune, quella portoghese. Mancava la rappresentanza brasiliana, ma, po-*

*che settimane dopo, ecco l'arrivo di Maria Betânia e di Nagarete a riempire il vuoto. E, siccome la scuola non è riservata solo alle donne, sopprimeranno all'assenza iniziale dell'elemento maschile (a parte il professore) i simpatici João e Franklim. Altre allieve si aggiungono via via, nel corso dell'anno, apportando fresche energie e vivacità: Filomena, Isabel, Maria das Dores, Regaldina, Sónia, Doroteia.*

*Durante la lezione, naturalmente, si parlava in italiano, si scriveva in italiano, si scherzava in italiano. Ma non è stato difficile, perché quasi tutti partivano già da una buona base, dovuta alla permanenza in Italia e allo studio fatto precedentemente.*

*I risultati? In gran parte buoni: gli allievi conoscono un po' meglio l'Italiano e il professore ha iniziato a prendere confidenza con la lingua portoghese. Congratulazioni a chi ha superato l'esame finale e a quelli che non hanno potuto quest'anno impegnarsi in modo sufficiente un augurio per un migliore risultato il prossimo anno.*

## 3

### **Non è facile divertirsi! È difficile animare lo zoccolo duro...**

*Pe. Mario Maffioletti*

*Este testemunho foi precedido no boletim pela seguinte, desnecessária, introdução: O Padre Mario, scalabriniano, repropõe o tradicional convite à colaboração, à participação nas atividades que completam o programa formativo e de desenvolvimento humano integral a que a Escola tem procurado ser fiel. Recorda que "não é fácil divertir-se"... e que ainda mais difícil é decidir dedicar uma porção de tempo considerável, depois de um dia de trabalho e/ou de estudo, a atividades – ditas circum-escolares, ou extraescolares – que exigem empenho, participação, colaboração, compreensão do seu significado: convívios, festas, atividades religiosas, sendo a principal, e regular, a celebração eucarística dos domingos. Exorta também quem ainda não iniciou o caminho,*

*a experiência de catequese indispensável para receber os sacramentos da comunhão e da confirmação (crisma), a fazê-lo – sem complexos – nunca é demasiado tarde! Finalmente, encoraja o "zoccolo duro" (todos sabem que "tamancos" são esses...) a darem o corpo ao manifesto, para que... "de boas intenções não fique o inferno cheio", e para que não desvaneça a esperança!*

\*\*\* \*\*

*Ci risiamo. Terminata, almeno per i fortunati che le hanno godute, la parentesi delle vacanze, si avvicina l'inizio del nuovo anno scolastico. E con le prossime attività scolastiche, già si pensa anche a come fare per riprendere a organizzare ed incentivare gli incontri, le feste ed anche i momenti di preghiera e formazione alla vita di fede, che rappresentano un momento tradizionale e consolidato nella vita della nostra scuola. Ci vuole fantasia, creatività e partecipazione.*

*Sono molti i ricordi delle iniziative fatte nell'anno scolastico ormai trascorso, a partire dalle feste del Magusto, del Natale, del Carnevale, per continuare poi con gli incontri culturali ed i momenti religiosi, culminati, poco prima degli esami, con la bella cerimonia della cresima e della prima comunione di sette nostre amiche ed amici. Insomma un bel bagaglio di ricordi e di momenti passati in allegria e serena amicizia che si vorrebbe rinnovare e rivivere.*

*La nostra scuola ha un grosso vantaggio: è fatta soprattutto da giovani, provenienti da paesi diversi, che possono comunicare usando, a parte gli idiomi locali, la stessa lingua. Un indubbio potenziale, ma che bisogna far fruttare al meglio. E qui, ancora una volta, si chiede aiuto e collaborazione. Dopo tutto, anche in questo angolo di Roma, al numero 18 di via Innocenzo IV, si può trovare un po' di quella società interetnica ed interculturale che in tanti auspicano, ma che in Italia come in tutti il mondo stenta a crescere. Lo sentiamo tutti che non è utopia credere nella comunione dei popoli: e allora, diamoci una mano per stare insieme.*

*Anche quest'anno, come ormai da molti anni, la*

*domenica, al termine della lezioni, sarà riservato un tempo per la S. Messa. È un servizio offerto per ritagliare uno spazio, nella propria settimana di lavoro e di studio, in cui fare comunione, insieme e con il Signore. La fede è luce, forza, sostegno per la vita, dona speranza nei momenti di difficoltà; ma perché sia viva, necessita di essere alimentata. Dopo una giornata di lavoro e di studio è logico capire che si abbia voglia di cercare un svago e divertimento. Ed al Signore allora che tempo diamo? Stiamo certi: se ci si impegna con Lui, di certo Egli ricambierà. Forse la questione è come trovare il modo di rendere la 'S. Messa' più viva? E allora, anche in questo caso, vale il detto: la partecipazione è la soluzione.*

*Al termine dello scorso anno scolastico, in occasione della prima comunione e della cresima, nell'emozione di quel clima di festa ed eleganza, sono state diverse le domande e le richieste per la catechesi dei sacramenti. C'è da sperare che le buone intenzioni non siano svanite. Le iscrizioni sono aperte: si facciano avanti i candidati.*

*Infine, un vivo ringraziamento va rivolto, ancora una volta, a tutti coloro che in un modo o nell'altro, si sono finora prestati ad organizzare ed animare le feste ed i momenti di incontro, sacrificando spesso il loro poco tempo libero e mettendoci volontà e fantasia. Non è facile divertirsi! Sono certo che anche quest'anno potremo far affidamento sul famoso 'zoccolo duro', ma spero vivamente di poter incontrare anche molti altri volenterosi, disposti a impegnarsi per rendere più avvincenti le nostre feste e le nostre iniziative. Con l'apporto di tutti il sacrificio di ciascuno pesa di meno, ma soprattutto si guadagna in fantasia e novità.*

\*\*\* \*\*

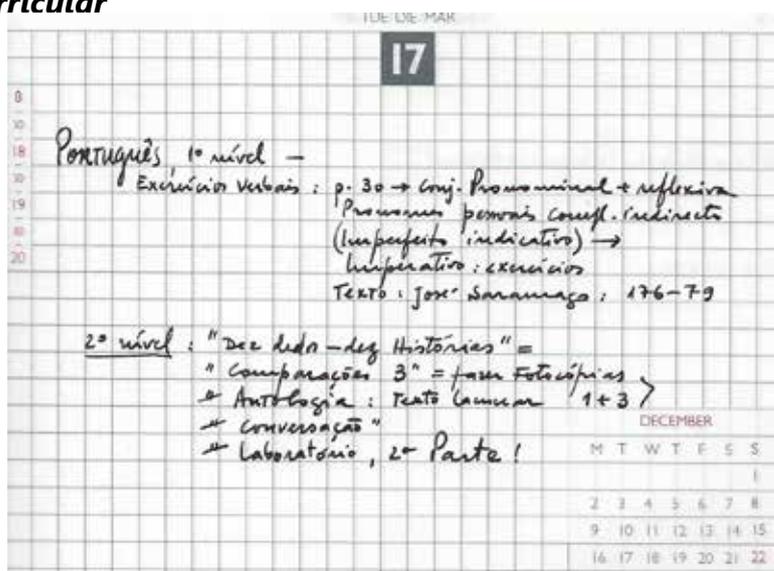
### **Em frente, para apanhar o que ficou para trás** [Mia Couto]

Interrompe-se aqui propositadamente (ex-abruptu), a «leitura» do material publicado nesse boletim da AEPER para integrar as informações até agora dele extraídas, com outras encontradas noutras fontes.<sup>6</sup>

6 – Conta-corrente – É possível integrar o conteúdo do boletim aqui em parte transcrito, acrescentando: 21 de maio de 1992, às 21.00 horas, teve lugar no Teatro Ghione, em Roma, um concerto de Maria José Moraise; no dia 24 (segunda-feira), às 17.30 horas, realizou-se na Escola uma Sessão cultural. Além disso, no dia seguinte, à mesma hora, foi projetado o filme «Frei Luís de Sousa». Tratou-se de uma série de iniciativas culturais de relevo, ainda para assinalar o XX aniversário da Escola, sobre as quais, porém, não encontro outra informação senão o registo da sua realização: nesses dias (22-25/5), o abaixo-assinado encontrava-se em Nola/Caserta/Capua em missão de serviço para a Rádio Vaticano (103ª viagem de João Paulo II em Itália – desta vez, na região da Campânia) e compreensivelmente atarefado na preparação da viagem que iria efetuar dali a alguns dias, a Angola, acompanhando o Papa na sua 55ª viagem internacional, que incluiu Cabinda e S. Tomé e Príncipe. Ficou registado também que, nessa altura,

## Cursos de Português extracurricular

A primeira aula do curso de Português de 1º nível de 1991-92 teve lugar no dia 5 de novembro, prosseguindo regularmente nas semanas seguintes, duas vezes por semana. O segundo nível começou no dia 12 de novembro. A última aula do primeiro período teve lugar no dia 20/12 e a primeira do segundo trimestre, 15ª, no dia 7 de janeiro de 1992.



Dado que a documentação guardada em formato eletrónico foi impressa a fim de ser arquivada na Escola e se conservou igualmente outra cópia para arquivo pessoal, esses documentos ocupam as páginas seguintes desta parte mais circunstanciada – e pessoal – da história da EPER nesses anos.

Registe-se desde já um aspeto importante relativamente à organização dos níveis do curso. Como se lê numa folha de registo de presenças da altura, o chamado 2º nível não tem na realidade alunos diferentes, mas apenas a preocupação de um programa mais exigente. Apenas Carlo Clavarino se pode considerar aluno desse nível: vem à aula depois de ter assistido a uma aula

normal de História ou de Literatura Portuguesa do Curso complementar.

era grande a procura de aulas de Português por parte de italianos: Livia Oliva, Arq. Mario Spada e Carlo, Antonella Curtò, Coronel De Vita: «contentavam-se com/servia-lhes/bastava-lhes uma dezena de aulas...». No dia 29, antes de o «professor titular» partir para Lisboa rumo a Angola (até 11 de junho), era nesse ano dada a última lição do II nível do Curso de Português na Escola.

Relativamente aos cursos de Português e às outras disciplinas lecionadas pelo abaixo-assinado, o conteúdo de uma disquete de 1992, religiosamente conservada, contendo algumas dezenas de ficheiros gravados no formato do processador de texto *WordPerfect*, naqueles anos predominante no mercado e muito mais «amigo do utilizador» do que o seu futuro concorrente da Microsoft (*WinWord*) –, fez emergir um registo pontual e praticamente completo dos sumários e da avaliação das aulas de Inglês, Ciências Sociais e Português para Estrangeiros (cursos extracurriculares) de 1993/94, dos quais fora formalmente incumbido em 1991/92, na assembleia de professores de 26 de outubro.

Uma curiosidade ( vaidade) pessoal: nesse mesmo mês, o Autor destas linhas, tendo já trabalhado na Rádio Vaticano com um portátil IBM que utilizava duas disquetes (de 1,7 Mb), inseridas em duas ranhuras (drives) separadas – uma com os programas e outra para gravar os dados – comprou o seu primeiro computador pessoal (processador 286-PR, com 2Megabyte de RAM!) que gravou tais ficheiros. Nesse tempo, as impressoras eram... de agulhas.

# CURSO DE PORTUGUÊS

## Lista dos alunos

Ano lectivo de 1991/92

### I Nível:

1. MARCELLA La Via, V.Gregorio VII - 6638889
2. SHUKRI (=Grazia) Abduqabi Yusuf (Somalia)  
Hotel Giotto, esposa do prof. de Inglês I-C.Geral
3. CHIARA Turrini, 5887550 (mais uma pessoa)  
Deixado recado avisando do início do curso dia 2 de Novembro.  
Não compareceu. Ulteriores tentativos de aviso não obtiveram  
resposta, até dia 11.11.91.
4. GIOVANNA Bellardinelli, 6969053 (casa); 54918-222 (9.00-16.30)  
Veio à 1ª aula. Indecisa se continuar ou não. Desistiu.
5. Dr. PASQUALE DIANA, 8078425/8075338 (Ufficio)  
Nível iniciação. Telefonei dia 8 à noite, deixando recado para saber se  
estava interessado em frequentar o curso.
6. VINCENZO Puggioni, 8314777. Iniciação  
(Arranjou trabalho, ficando impossibilitado de frequentar). DESISTIU.

*17.1.92: Regressado de Portugal  
"abandonou" o curso... Retornou  
para Portugal em 24/1/92*

### II Nível

8. ESPOSITO Franco, 6270078 (hora almoço)  
(Morou 4 anos no Brasil. Falta-lhe a estrutura da língua, que  
"mastiga" bastante bem...)
2. MARIO Curti, 392514; 70450250. (fez um curso de três meses no CEB  
(Vai para Moçambique, arquitecto)
9. MARIA Diur, (Zaireense) - 4512600  
Irà para Lisboa. Sabe mais espanhol do que português;  
Fez três meses no Instituto S. António
10. MARIA ITZIAR Rey-Perez de Pipaon, 6383094.  
Intérprete, espanhola (catalana). Trabalha até às 18.30...
11. SERGIO Di Nicola - 6638564. Fez o curso "Dia a Dia" em 1990/91.  
Às sextas-feiras não pode ficar para além das 20.00 horas.
12. ANNA MARIA Bartolucci  
Veio pela primeira vez no dia 11.11. Frequentara no ano anterior o curso  
de Português na EPER (Método "Dia-a-dia", José Manuel)
13. CARLO Clavarino, (Turim: 23.01.55). V.Aurelia Antica, 427.  
Tel. 6620813). Viveu em Angola, estudou português em Portugal. Bom  
nível, com algumas deficiências estruturais.
14. Prof. ROMOLI Giorgio, Fac. de Arquitectura. Vc dell'Atleta, 24  
Tel. 5811090. Começou a frequentar no dia 10.12.1991.

FREQUENCIA - TEMPO DE LECCIONAÇÃO

	NOVEMBRO							
	MA	VE	MA	VE	MA	VE	MA	VE
	05	08	12	15	19	22	26	29
MARCELLA La Via	x	x	x	x	x	x	x	x
MARIO Curti	x	x	x	x	x	x	x	x
SHUKRI A. Yusuf	x	x	x		x	x	x	x
FRANCO Esposito	x	x	x	x	x	x	x	x
ITZIAR Rey		x	x		x			x
SERGIO Di Nicola	x	x			x	x	x	x
ANNAMARIA Bartoluc.		x		x	x	x	x	x
CARLO Clavarino						x	x	
MARIA Diur	x			*				
GIOVANNA Bellardin.	x							
PASQUALE Diana								
CHIARA Turrini								
VINCENZO Puggioni	**	--	--	--	--	--	--	--

\* Informou em 15.11.91 que não ia poder seguir o curso, que porém não queria abandonar, propondo-se reomá-lo em Janeiro.

\*\* O trabalho que arranjou, quando iniciou o curso, impediu-o de participar.

	DEZEMBRO DE 1991:					
	MA	VE	MA	VE	MA	VE
	03	06	10	13	17♣	20
MARCELLA La Via	x	x	x	x	x	
MARIO Curti	x	x	x	x	x	
SHUKRI A. Yusuf	x		*			
FRANCO Esposito	x	x	x	x		
ITZIAR Rey	x	x	x	x	x	
SERGIO Di Nicola	x		x	x	x	
ANNAMARIA Bartoluc.	x	x		x		
CARLO Clavarino	x	**	x			
ROMOLI Giorgio			x	x	x	
MARIA Diur						
GIOVANNA Bellardin.						
PASQUALE Diana						
CHIARA Turrini						
VINCENZO Puggioni						

\* Informou, pelo marido, que desistia: encontrou tarefa mais importante a cumprir (trabalho? Estudo? - não recorde)

\*\* Às sextas-feiras frequenta História do C.Complementar.

♣ Dia de matrículas alternadas em Roma: não veio o Franco, o Sérgio veio só para a "aula-compromisso" do chamado 2º nível (como se não precisasse da primeira parte!), e a Marcella saiu antes das 20.00 horas: problemas em casa, como disse, ou fruto da discussão sobre o significado de uma frase de Saramago?

Em anexo, para se verificar a correspondência entre preparação/planificação das aulas e sua efetiva realização, pode ser consultada a programação dos conteúdos previstos para cada aula, no I e II níveis [[«91-92 PortExtra-Curr-ProgramcaoAulas»](#)]. A seguir, cópia da informação original sobre a matéria efetivamente lecionada e registada nos sumários, que foram oportunamente impressos e entregues à Direção da Escola.

## Iº nível: SUMARIO - OBSERVAÇÕES

1ª lição, terça-feira: 5.11.91

Apresentação do curso; entrega do material:  
"Gramática integrada", opúsculo "Exercícios de laboratório";  
Leitura+explicação do "Alfabeto/Acentos";  
Artigos definidos/Indefinidos.

Esclarecimentos práticos:

Antecipação do horário de meia hora: 18.00-20.00 horas;  
Terça-feira: prolongamento de *UMA HORA, DAS 20.00 ÀS 21.00*,  
para o "II Nível", com um programa diferente.  
O programa a desenvolver das 18.00 às 20.00 fica válido para  
todos!

◆◆◆◆◆

**OBSERVAÇÕES:**

Todos interessados em aprender, rapidamente.  
Alguns - Mário, Franco e Maria Diur - "adiantados"...  
A eles se juntará também Itziar Rey.  
Para estes quatro ficou decidido o "Curso suplementar" de uma  
hora, só às terças-feiras, das 20.00 às 21.00 horas.

2ª Lição, Sexta-feira, 8.11.91:

PRESENTE INDICATIVO DOS VERBOS SER-TER-DAR-ESTAR;  
Presente indicativo dos VERBOS REGULARES: EXEMPLOS  
1º diálogo do 1º bloco de "LUSOFONIA": formas de cumprimentar...  
PREPOSIÇÕES PARA/POR/A: exemplos de emprego  
Quadro das contracções das preposições a-de-em-por+artigos...  
6 EXERCICIOS DE LABORATORIO: 2ª parte, Bloco nº1

**OBSERVAÇÕES:**

O grupo reagiu bem ao método.  
A Shukri tem mais dificuldade em acompanhar o ritmo pretendido...  
As duas horas passaram demasiado rapidamente. Sem intervalo.  
Exercícios: presente indicativo verbos regulares...  
Frases para distinguir os verbos SER-ESTAR...  
O Sérgio pensa não poder vir terça: levou O EXPRESSO, para fazer  
uma síntese por escrito de um artigo à escolha.

Pagaram a inscrição+1ª prestação (100.000 liras):  
Marcella la Via; Mario Curti; Franco Esposito;  
Sergio Di Nicola; Itziar Rey.

Fica dispensada do pagamento, (devido às dificuldades económicas  
em que se encontra: Shukri A. Yusuf.

3ª Lição, 11.11.91:

Presente indicativo verbos dizer/fazer; ir/vir; pôr  
Revisão presente indicativos verbos estudados  
Conjugação REFLEXA do presente do indicativo (Verbos regulares)

«LUSOFONIA», Diálogos do 1º Bloco (conclusão)  
 Expressões úteis (de tempo: dias da semana, etc.)  
 Pronomes/Adjectivos (determinantes) POSSESSIVOS

4ª LIÇÃO, sexta-feira, 15.11.91

Foi cumprido o programa previsto:  
 Acabamento da 1ª unidade - verbos irregulares, frases úteis (expressões de tempo), preposições: 1º exercício, exercícios.

**Observações:** Apenas 4 participaram, entre eles o CARLO, arquitecto simpático, bom nível de português que assistiu para ver: virá apenas às terças-feiras, das 20.00 às 21.00 horas.  
 Foi a aula com a maior disparidade de níveis: Carlo=ótimo, Mário=bom nível, Franco=assim assim, Marcela=nível inicial, mas que permite um bom andamento: dá gosto ensinar com ela!

5ª lição, terça-feira, 19.11.91:

2ª unidade - formação do FEMININO;  
 - Formação do plural - exemplos  
 Revisão verbos da 1ª unidade: apenas algumas formas regulares;  
 Revisão primeiro grupo de preposições

**OSERVAÇÕES:**

A presença dos alunos que não estiveram presentes na vez passada (Shukri, Sérgio, Itziar) fizeram... "abrandar" a marcha prevista: foi necessário retomar a matéria dada na vez passada, e superar um pouco de tensão causada pela... "lentidão" de resposta da Shukri ao ritmo previsto. Marcella soube defendê-la. Reafirmei que o curso é de primeiro nível, para principiantes, mas que se tomprometeram a seguir um ritmo acelerado, intensivo... Vamos a ver! Hoje foi difícil...

6ª lição, venerdì 22 novembro:

Pretérito perfeito VERBOS IRREGULARES: exercícios...  
 Preposições: revisão do 1º exercício - foi ao sítio...  
 Revisão verbos no presente indicativo (regulares): forma reflexa.  
 Exerc. de laboratório: I PARTE (entregue o fascículo), 1º bloco.  
 NUMERAIS, 4ª unidade - apresentação, exercícios (não previsto no programa).

**OBSERVAÇÕES:** finalmente, o grupo pareceu coeso. Abrandei o ritmo e todos manifestaram grande paciência (e compreensão) para com a Shukri.

O Carlo Clavarino participou na aula de HISTORIA, do c.compl. com a Isabel Minervini, passou a informar, e a entregar exercícios. Fará como melhor entender, organizando o estudo com o meu apoio.

7ª lição, terça-feira, 26.11.91:

Pretérito Perfeito dos Verbos irregulares  
 Preposições n.2 - Breve revisão dos numerais (leitura)  
 Exercícios de «Laboratório»: VERBO HAVER, seus significados  
**OBS:** Não foi possível avançar muito, mas a resposta dos alunos é bastante satisfatória.

8ª lição, sexta-feira 29 de novembro

Pronomes demonstrativos: apresentação, exemplos;

10ª lição, sexta-feira: 6.12.91

Futuro/Condicional/pretérito imperfeito (pág.29):

apresentação e exercícios;

Preposições: 3º exercício - exercício oral sobre as frases

CONJUGAÇÃO PRONOMIAL (pág.32): apresentação + exercícios

«LUSOFONIA»: BLOCO N.2, 1º TEXTO: perguntas-conversaçoão sobre o texto...

=====

11ª lição, terça-feira: 10.12.91:

VERBOS: presente do Conjuntivo, EXERCICIOS ORAIS

Imperativo (formas idênticas ao presente do conjuntivo)

PREPOSIÇÕES: exercício nº 4 (pág. 48);

PRONOMES PESSOAIS: Compl.indirecto - "LHE"...

Exercícios de laboratório: "drilling" pág.s 14, 22, 29 (1ª parte)

DIALOGO para CONVERSAÇÃO: Bloco 2 da «Lusofonia»

=====

12ª lição, sexta-feira, 12.12.91:

VERBOS: Imperativo, em todas as suas formas

FUTURO/CONDICIONAL: conjugação pronominal e reflexa

ADJECTIVOS+PRONOMES RELATIVOS E INTERROGATIVOS: apresentação geral e alguns exercícios.

=====

13ª lição, terça-feira, 17.12.91:

VERBOS: imperfeito do indicativo: exercícios orais (livro)

REPETIÇÃO do presente conjuntivo/imperativo

Leitura/compreensão de uma passagem do livro de José Saramago, "O evangelho segundo Jesus Cristo", páginas 176-77 (distribuído o texto até à página 189 (fim do capítulo).

PREPOSIÇÕES: exercício nº IV - (primeiras dez frases).

\*\*\*\*\*

## SUMARIO DAS LIÇÕES DO II NÍVEL

SUMARIO DA I LIÇÃO, 2º NÍVEL, 11.11.91:

O 2º nível começou nesta data, estando presentes os ALUNOS:

Mário, Franco, Itziar, Annamaria e Shukri (ouvinte).

Foi analisado o texto de José Gomes Ferreira sobre as

«CASAS DE FADO=CASAS DE SOFRER»... (De: "O Irreal quotidiano")

Durou 40 minutos...

Nos últimos dez: Tradução italiano-portugueês de um despacho de

agência (Visita do Ministro Lattanzio a Portugal)



=====

2ª lição, terça-feira, 19.11.91

ANTOLOGIA, texto de Soeiro Pereira Gomes, "Cheia na lezíria":

Leitura, interpretação, comentário.

Sugestão de elaborar por escrito uma análise-comentário...

"O verbo apropriado": frases do exercício nº 7, pág.251-52

=====

3ª lição, 26.11.91:

1ª página e reportagens pp. 8-9 do «Público» sobre "O massacre de Timor" (12.11.91) e reacção em Portugal: Análise e síntese dos títulos... (para leitura em casa) (meia hora - conversaçoão).

ANTOLOGIA: Antónimos (frases)

Comparaçoões: 1º exercício.

=====

4ª lição, 3.12.91:

Conversaçoão: tema - "Timor" (textos de o "Público" como base)

Exercícios: COMPARAÇOões 2º exercício

Exercícios de laboratório.

=====

5ª lição, terça - 10.12.91:

Conversaçoão sobre artigos lidos pelos "Alunos":

Revista ATLANTIS, Nº de Dezembro: Fernando Pessoa...

ANTONIMOS: revisão, exercício oral.

TEXTO LACUNAR Nº2: "magia de feiticeiro" (Antologia)

LABORATORIO: exercícios...

\*\*\*NOTA\*\*\*

Foi desenvolvida pouca matéria nova: os alunos presentes: MARIO, FRANCO, SERGIO, CARLO e (pela primeira vez) MARCELLA preferiram "falar"... Marcela está a fazer progressos "espectaculares!"

6ª lição, terça, 17.12.91:

Texto "Dez dedos, dez histórias" gravado: escuta, reprodução;  
Pronomes/adjectivos INTERROGATIVOS: exercício da pág. 67, oral.

## EXERCÍCIOS

	SH	FR	MR	MC	IT	AM	SE
12.11: VERBOS SER/ESTAR	9	14		13	16	16	
Verbos Irreg. (Pres.ind.)	10	13			15	16	
Verbos regulares, pre.ind.	12	12		15	11		
Verbos fazer/ir/vir/trazer		11		16			
26.11: Plural substantivos				15		16	14
Verbos reg.: Pret.perf.	10	15	14	16		15	15
Preposições+vária: 6.12.91		13		15	16	15	15
10.12: VERBOS/PREPOSIÇÕES...		12	14	16	17		
13/17.12 - VERBOS...		12	14	15	16	14	--

SH = Shukri;  
FR = Franco Esposito  
MR = Mario Curti  
MC = Marcella la Via  
IT = Itziar Rey  
AM = Annamaria  
SE = Sergio Di Nicola

### TEMPO DE LECCIONAÇÃO:

#### NOVEMBRO DE 1991:

3ª, 05.11.91:	18.30-20.30	(2,00 horas)
6ª, 08.11.91:	18.00-20.00	(2,00 horas)
3ª, 11.11.91: I nível:	18.00-20.00	(2,00 horas)
II nível:	20.00-21.00	(1,00 hora)
6ª, 15.11.91:	18.00-20.30	(2,30 horas)
3ª, 19.11.91: I nível:	18.00-20.00	(2,00 horas)
II nível:	20.00-21.00	(1,00 hora)
6ª, 22.11.91:	18.00-20.00	(2,00 horas)
3ª, 26.11.91: I nível:	18.00-20.00	(2,00 horas)
II nível:	20.00-21.10	(1,10 hora)
6ª, 29.11.91:	18.00-20.00	(2,00 horas)

TOTAL: 19,40 HORAS

#### DEZEMBRO DE 1991

3ª, 03.12.91: I nível:	18.00-20.00	(2,00 horas)
II nível:	20.00-21.10	(1,10 hora)
6ª, 06.12.91:	18.00-20.00	(2,00 horas)
3ª, 10.12.91: I nível:	18.00-20.00	(2,00 horas)
II nível:	20.00-21.10	(1,10 hora)
6ª, 12.12.91:	18.00-20.10	(2,10 horas)
3ª, 17.12.91: I nível:	18.00-20.00	(2,00 horas)
II nível:	20.00-21.00	(1,00 hora)
6ª, 19.12.91:	18.00-20.00	(2,00 horas)

TOTAL: 15,20 HORAS

	Nov.	Dez.	Jan.92	Fev.92
M. IZAR	100.000	+50	50	+50
F. ESPOSITO	100.000	+50		
MARCELLA	100.000	+50	+50	+50
MARIO CURTI	100.000	+50	+50	
SERGIO	100.000			
CARLO	100.000	+50	+50	
ANA MARIA	100.000	+50	+50	
Giorgio Rossi	100.000	→		
Paqual Diana			100.000	

II nível: Itziar, Marcella, Itziar, Ana Maria  
+ 3 lições  
Mt. quando?

\*\*\* \*\* \*

Na «cauda» do ano letivo de 1991/92 consta ainda que o exame de Italiano (12.º Ano) se realizou no dia 3 de julho, de tarde. Regressando a Roma depois de um período de férias em Portugal, quem aqui escreve dedicou a tarde do dia 29 de julho a trabalho na Escola, presumivelmente com a nova diretora, Isabel Minervini, procurando também material para elaborar o número seguinte do Boletim Informativo. No entanto, até finais de agosto, não houve contributos da parte dos professores para esse número [20], que sairia em outubro e no qual haurimos as informações relativas ao ano de 1991/92 publicadas nesse boletim (balanço e testemunhos de avaliação).

**O Emigrante | Reportagens**

Publicada em finais de 1991, pode ser colocada aqui, para fechar «com chave de ouro» as referências ao ano de 1991-92, uma dupla reportagem do *Jornal das Comunidades Portuguesas* – «O Emigrante» – sobre a comunidade portuguesa imigrante em Itália e sobre a EPER.

Dividida, como se disse, em duas partes, *O Emigrante* dedicou à comunidade portuguesa residente em Itália – mais concretamente em Roma – duas reportagens: a primeira, mais centrada na componente «feminina», ocupada sobretudo no serviço doméstico, saiu na edição de 22 de novembro de 1991, com chamada de primeira página, intitulada: «Isto não é um paraíso»; a segunda, mais especificamente sobre a EPER, ocupou as páginas 6 e 7 da edição de 6 de dezembro desse ano.

Reproduzimos, em fotocópia (muito) reduzida, as páginas dedicadas aos portugueses que viviam em Roma e, para mais fácil leitura, transcreve-se a seguir todo o seu conteúdo.

\*\*\* \*\*

**Dois? Três? Seis mil? Ao certo ninguém sabe o número, contudo, eles existem e são cidadãos portugueses a residir em Itália. Vivem num quarto, em casa dos patrões, onde fazem de tudo: cozinham, limpam a casa e os jardins, conduzem o patrão, cuidam de crianças, vão às compras, fazem recados... e o que mais é preciso. São na sua maioria empregados domésticos, no entanto, os italianos chamam-lhes, depreciativamente, "camariere". Queixam-se da vida que levam... porque Itália não é a sua Pátria nem é o Paraíso.**



**Uma nova forma de «dar as mãos»  
Pelo desenvolvimento  
de um Mundo de paz**

As geminações realizadas, os seus problemas, realidades, perspectivas, os apoios financeiros à sua concretização e desenvolvimento, exemplos práticos deste "estender as mãos" a municípios e suas populações, quer no âmbito do Poder Local em Portugal quer ainda no quadro dos municípios de outros países, vão ser temas em destaque no Encontro Internacional de Municípios Geminações, que tem lugar nos dias 12 e 13 de Dezembro, na cidade dos estadenses.

**Mini Mercado ALGARVE  
NOVA ABERTURA**

ESPECIALIDADES PORTUGUESAS

PEIXES MASSAS  
BOLOS  
PÃO VINHOS QUEIJOS

Como se de um jogo se trate, também a vida dos portugueses radicados em Roma é jogada por eles no dia-a-dia. De "jogada em jogada" os nossos compatriotas relataram-nos os seus anseios, as suas preocupações, enfim... as suas vidas.

Reconhecem que jogam fora de casa, mas tal como os italianos também são europeus e logo cidadãos comunitários.

Partiram de Portugal em busca da vitória e arriscaram ao entrar no jogo, contudo, entre os naipes possíveis, o único tranfo que possuem é o trabalho. Ainda não renunciaram, uma vez que o futuro das suas vidas passa por essa cartada.

**Itália não é a sua Pátria nem é o paraíso**

Com o aproximar das 16.30h, o átrio da porta da Igreja de Santo António dos Portugueses começava a ser pequeno para conter o número de pessoas que ali chegavam. Era domingo à tarde, dia em que Monsenhor Fernando Miranda estava missa em português.

Apresentando muita de novidade, uma vez que os portugueses são na maioria católicos, católicos, para além de lá, algo mais a qual presença. O dia da missa, a Reverendo Rector tinha anunciado, na missa, a vida que "O Emigrante" apresenta ali.

O dia estava quente, tal e qual como a vida dos portugueses. Ainda não o sabemos, no entanto, o tom inquisitivo com que uns dos presentes nos olhavam, dizendo: "Também vão fazer compras, não é?", "No meu suspeito que os "camariere" não é assim aqui.

"Ninguém consegue trabalhar aqui, lá o primeiro dinheiro a ser recebido é o primeiro dinheiro a ser recebido, não é?", "No meu suspeito que os "camariere" não é assim aqui.

... outros, as famílias já não são mais as mesmas. Momentos depois, os portugueses começam a movimentar-se, já que a família estava presente a começar. O padre da Igreja e mesmo os pastores da Via del Partigiani foram despedidos, porém, em pouco tempo, começaram a sair os portugueses, permanecendo um grupo considerável, de portugueses.

Podem não os pontos de encontro entre os portugueses residentes, em Roma, se podem chamar. Uma sala no Vaticano, a Praça de Resurgimento e uma pequena sala adjacente à Igreja de Santo António, são os locais onde, atualmente, os portugueses se reúnem. Nesta última, e após o culto religioso, que se realizou em português, os portugueses se reunem. Nesta última, e após o culto religioso, que se realizou em português, os portugueses se reunem.

Alguns daqueles que não foram à missa, reuniram-se e jogaram cartas, ao mesmo tempo que um "leche" e "barro" pelas paredes da família.

A multidão que se aliava grupo de portugueses permaneceu na

**TÁXIS**  
**CRÉDITO PESSOAL**  
Para Todos os Emigrantes Portugueses  
**Novo! Novo! Novo!**

**LEGENDAS:** 1: Momento em que os fiéis praticavam o culto religioso na Igreja de Santo António dos Portugueses. — 2: Antes da missa, ministrada em Português por Monsenhor Fernando Miranda, os portugueses concentram-se à entrada da Igreja.

Com o aproximar das 16.30h, o átrio da porta da Igreja de Santo António dos Portugueses começava a ser pequeno para conter o número de pessoas que ali chegavam. Era domingo à tarde, dia em [que] o Monsenhor Fernando Miranda rezava missa em português.

Aparentemente nada de anormal, uma vez que os portugueses são na maioria católicos, contudo, para além da fé, algo movia aquelas pessoas. Oito dias antes, o Reverendo Reitor tinha anunciado, na missa, a visita que "O Emigrante" pretendia ali fazer.



**Legendas**

- 1 – Na presença d'O Emigrante, os portugueses relataram as suas preocupações e anseios.
- 2 – Quem disse que o jogo de cartas não é para senhoras?

O dia estava cinzento, tal e qual como a vida daquelas pessoas. Ainda não o sabíamos, no entanto, o tom inquisitivo com que uma das presentes nos confrontou, dizendo: "Também vêem [sic] falar connosco, não é?", fez-nos suspeitar que as "aparências iludem". E assim era.

"Não temos condições nenhuma", foi o primeiro desabafo ouvido pela nossa reportagem, seguido de um outro: "Isto é um mundo que quem puder que se salve". O mote estava dado.

Uma certa consternação invadia o olhar da cidadã que dialogava connosco, porém, as suas angústias eram maiores, e assim, sem se deter, prosseguiu: "só temos a quinta-feira à tarde e o domingo para podermos sair de casa dos patrões, pois, de resto, estamos sempre ao seu (deles) serviço".

Cozinheiras, empregadas de limpeza, amas e moças de recados, são algumas das profissões que as portuguesas desempenham de uma só vez em casa dos

patrões. Os homens, por seu turno, também não escapam às múltiplas ocupações: motoristas, jardineiros e paquetes, são entre outras, as tarefas diárias daqueles compatriotas.

Momentos depois, os portugueses começam a movimentar-se, já que a homilia estava prestes a começar. O átrio da Igreja e mesmo os passeios da Via dei Portoghesi ficam desimpedidos, porém, em parte do passeio oposto ao que nos encontrávamos, permanece um grupo, considerável, de portugueses.

**Uma associação era imprescindível**

Poucos são os pontos de encontro onde os portugueses residentes, em Roma, se podem reunir. Uma sala no Vaticano, a Praça do Ressurgimento e uma pequena sala adstrita à Igreja de Santo António, são os locais onde, atualmente, os portugueses se reúnem. Nesta última, e após o culto religioso, quer as mulheres quer os homens, entre os quais alguns daqueles que não foram à missa, reúnem-se e jogam às cartas, ao mesmo tempo que um lanche é "servido" pelas cooperadoras da família.

A razão porque aquele grupo de portugueses permanecia na rua estava desvendada.

"Era necessário encontrar uma sala para que nos pudéssemos reunir", esta é a opinião unânime entre os portugueses com quem falámos, mas (e há sempre um mas) um problema existe: "Quem deve liderar o processo?"

Entre a comunidade portuguesa as opiniões dividem-se. Por um lado, há quem defenda que o líder deve ser uma pessoa da comunidade, por outro, há quem advogue que deverão "ser as pessoas com mais conhecimentos que devem motivar as outras".

**DESTAQUE 1**

*A razão da emigração para Itália prende-se, na maioria dos casos, com questões monetárias. A confirmar tal ideia, está a explicação de um dos portugueses: "apesar de me sujeitar ao trabalho que me dão, acho que se vive melhor aqui do que em Portugal."*

## **DESTAQUE 2**

*"O sr. Primeiro-Ministro está ao corrente do que aqui se passa", confirmou-nos o nosso compatriota.*

*A situação em que vivem é apelidada por uns como "pior do que uma prisão", no entanto, outros mais comedidos afirmam somente que "isto não é o paraíso". Iludidos ou não, a verdade é que os nossos compatriotas decidiram, por algum tempo, mudar o curso das suas vidas, porém, aquilo que reivindicam num país europeu "como cidadãos comunitários" é justo.*

Esta divisão de opiniões é o reflexo da "desunião entre portugueses", confessada, aliás, por todos eles. Contudo, e apesar de reconhecerem os seus erros, responsabilizam, ainda, as entidades oficiais pela falta de apoio.

"A mim sempre me ensinaram que são os maiores que se baixam para beijar as crianças e não ao contrário", comentou, metaforicamente, um dos nossos entrevistados.

Instado a pronunciar-se sobre este assunto, o Embaixador Gaspar da Silva, também defende que é necessária a criação de uma associação, porém, advoga que o "catalisador desse movimento deve surgir entre a comunidade, pois a

"aglutinação, o gregarismo e a solidariedade", são valores imprescindíveis na nossa sociedade.

Enquanto a questão da associação não se resolve, os portugueses, contrariados ou não, continuam na sua labuta diária. Oito, nove e até mesmo dez horas de trabalho por dia equivalem no fim do mês a um ordenado compreendido entre os 100 e os 150 contos.

A razão da emigração para Itália prende-se, na maioria dos casos, com questões monetárias. A confirmar tal ideia, está a explicação de um dos portugueses: "apesar de me sujeitar ao trabalho que me dão, acho que se vive melhor aqui do que em Portugal. O sacrifício que todos eles fazem tem um único objetivo: um futuro mais risonho. Todavia, não podem esquecer o presente, já que o vivem dia-a-dia.

Provenientes em grande parte de zonas rurais, os nossos compatriotas radicados em Roma debatem-se, atualmente, com um sem número de problemas.

"As burocracias, ainda existentes, a falta de uma delegação bancária; de assistência; de informação e a ausência dos nossos filhos, já que não nos é permitida pela entidade patronal, faz de nós terceiro-mundistas", relatou-nos um dos emigrantes.

Aquando da visita de Cavaco Silva a Itália, um dos nossos entrevistados foi convidado para estar presente na receção dada pela Embaixada portuguesa em Roma ao Primeiro-Ministro. "O sr. Primeiro-Ministro está ao corrente do que aqui se passa", confirmou-nos o nosso compatriota.

A situação em que vivem é apelidada por uns como "pior do que uma prisão", no entanto, outros mais comedidos afirmam somente que "isto não é o paraíso". Iludidos ou não, a verdade é que os nossos compatriotas decidiram, por algum tempo, mudar o curso das suas vidas, porém, aquilo que reivindicam num país europeu "como cidadãos comunitários" é justo.

O papel do Instituto Secular das Cooperadoras da Família, implantado há 21 anos em Itália, tem sido o de colmatar as faltas apontadas anteriormente, contudo, segundo uma das cooperadoras, a atividade é limitada, já que o ensino de "catequese, sacramentos, corte e costura, curso bíblico" e ainda as atividades lúdicas de leitura e canto coral, não respondem, apesar de bem vindas, às grandes necessidades e aspirações dos portugueses.

Já sentados em volta da mesa de jogo, tempo houve para nos alertarem para a falta de informação, designadamente para a ausência de jornais portugueses em Roma. "Nem sabíamos que havia eleições em Portugal", afirmou um dos portugueses, que tentou ilustrar, assim, o seu desconhecimento acerca do que se passa no seu país, que é Portugal.

Texto: Carlos Piçarra  
Fotos: Eduardo Bailo

# Segunda reportagem

## Da alfabetização à faculdade – uma escola «única» no mundo

8. APZ COMUNIDADES 8 DE DEZEMBRO DE 1991



A dificuldade de integração do Português, com raras excepções, nos currículos das escolas dos países onde os portugueses estão radicados é uma constante. Para ultrapassar este obstáculo, a alternativa tem sido ministrar a língua portuguesa depois de jovens e menos jovens terminarem as aulas na escola oficial do país onde residem. Claramente anti-pedagógico dizem uns, inacessível, acrescentam outros. Apesar da divisão de opiniões, certo é que, até ao momento, foi a única forma encontrada para que a língua-mãe não morra. No entanto, em Itália existe um caso sui generis.

### Da alfabetização à faculdade uma escola «única» no mundo

A Escola Portuguesa em Roma (EPR) é actualmente, em sua maioria, um conjunto de aulas de ensino primário e secundário. Desde a 1ª classe ao 12º ano. Com a excepção de promover o desenvolvimento cultural e humano dos emigrantes de língua portuguesa residentes em Roma, a Escola Portuguesa ensina os vários cursos em três tardes, cinco horas de lição por tarde, de terça a quinta-feira.

Com estatuto jurídico plenamente reconhecido pelo Ministério da Educação, a EPR aplica os programas das escolas portuguesas, com excepção do último ano – 12º ano –, cuja especificidade obriga a que seja igual em tudo ao vigente em Portugal.

Diretamente dependente da Direcção-Geral de Extensão Educativa, de onde recebe toda a documentação, a EPR pratica uma avaliação contínua, isto é, "aplica um rigoroso método de avaliação periódica dos alunos, com publicação trimestral dos resultados. No entanto, a indefinição jurídica faz com que o êxito do ano escolar seja avaliado pelos resultados obtidos nos exames finais por disciplina, elaborados em Lisboa e realizados na Escola, sob o controlo das autoridades consulares portuguesas".

Para os cerca de 220 alunos inscritos — dados de 31 de outubro de 1990 — existem cerca de 20 professores a trabalhar em regime de "voluntariado", já que para a presidente do Conselho Diretivo da EPR, tal espírito é "o princípio animador do trabalho de todos, tendo em conta as características peculiares dos formandos: alunos trabalhadores, emigrantes, desenraizados da própria cultura e com dificuldade na inserção".

A dificuldade de integração do Português, com raras excepções, nos currículos das escolas dos países onde os portugueses estão radicados é uma constante. Para ultrapassar este obstáculo, a alternativa tem sido ministrar a língua portuguesa depois de jovens e menos jovens terminarem as aulas na escola oficial do país onde residem. Claramente anti-pedagógico dizem uns, inacessível, acrescentam outros. Apesar da divisão de opiniões, certo é que, até ao momento, foi a única forma encontrada para que a língua-mãe não morra. No entanto, em Itália existe um caso sui generis.

Uma avaliação contínua, isto é, aplica um rigoroso método de avaliação periódica dos alunos, com publicação trimestral dos resultados. No entanto, a indefinição jurídica faz com que o êxito do ano escolar seja avaliado pelos resultados obtidos nos exames finais por disciplina, elaborados em Lisboa e realizados na Escola, sob o controlo das autoridades consulares portuguesas".

Para os cerca de 220 alunos inscritos — dados de 31 de outubro de 1990 — existem cerca de 20 professores a trabalhar em regime de "voluntariado", já que para a presidente do Conselho Diretivo da EPR, tal espírito é "o princípio animador do trabalho de todos, tendo em conta as características peculiares dos formandos: alunos trabalhadores, emigrantes, desenraizados da própria cultura e com dificuldade na inserção".

**Esprito missionário**  
Os docentes da Escola Portuguesa são, na sua grande maioria, voluntários.

**Reunião**  
Rufina Fonseca, Senora\* Gianna, Maria Cândida da Costa, Leonor Dias Nunes, Isabel Correia Minervini e Manuela Borges, são algumas das docentes da Escola Portuguesa em Roma.

**A Juventude e a língua portuguesa de mãos dadas**  
A reunião mantida com "O Emigrante", o interesse dos alunos foi e nota dominante.

**Reunião mantida com "O Emigrante"**  
A reunião mantida com "O Emigrante", o interesse dos alunos foi e nota dominante.

**A dificuldade de integração do Português, com raras exceções, nos currículos das escolas dos países onde os portugueses estão radicados é uma constante.**

**Para ultrapassar este obstáculo, a alternativa tem sido ministrar a língua portuguesa depois de jovens e menos jovens terminarem as aulas na escola oficial do país onde residem.**

**Claramente antipedagógico dizem uns, inacessível, acrescentam outros. Apesar da divisão de opiniões, certo é que, até ao momento, foi a única forma encontrada para que a língua-mãe não morra.**

**No entanto, em Itália existe um caso sui generis.**

A Escola Portuguesa em Roma (EPR) é, atualmente, um dos poucos estabelecimentos de ensino, senão o único, a lecionar desde a 1ª classe ao 12º ano.

Com o objetivo de promover o desenvolvimento cultural e humano dos emigrantes de língua portuguesa residentes em Roma, a Escola Portuguesa ministra os vários cursos em três tardes, (cinco horas de lição por tarde) uma das quais ao domingo.

### Legendas

- 1 – Quer os jovens portugueses quer os Jovens oriundos dos PALOP compartilham o mesmo objectivo: aprender.
- 2 – Rufina Fonseca, Senora\* Gianna, Maria Cândida da Costa, Leonor Dias Nunes, Isabel Correia Minervini e Manuela Borges, são algumas das docentes da Escola Portuguesa em Roma.
- 3 – A Juventude e a língua portuguesa de mãos dadas.
- 4 – Na reunião mantida com "O Emigrante", o interesse dos alunos foi e nota dominante.

\* Assim, no texto. Provável «transcrição» errada do termo «Suor(a)».

## Espírito missionário

Os docentes da Escola Portuguesa são, na sua grande maioria, pessoas que vivem em Itália (vida estabilizada naquele país) ou que ali estão transitoriamente.

"São pouquíssimas as pessoas que estão cá por relações de trabalho. Assim, logo que descobrimos pessoas com habilitações solicitamos-lhes o seu apoio, uma vez que falam Português e que se podem integrar nos nossos objetivos.

"Os sacerdotes que se encontram em Roma a fazer cursos de especialização, nos vários colégios, têm-nos dado muito apoio, sobretudo, os padres jesuítas do Colégio Português", afirmou Isabel Minervini, presidente do Conselho Diretivo.

Os professores da EPR têm de "ter disponibilidade e energia para oferecer a Escola, para além das lições, e de aceitar a gratificação simbólica (igual para todos os professores), estabelecida pelo Conselho Diretivo com base nos meios económicos disponíveis (atualmente, as 10 mil liras/hora que os professores recebem equivale ao que é pago a uma empregada doméstica).

A situação arrasta-se há já alguns anos, contudo, os docentes são os primeiros a reconhecer a sua exclusividade. "A Direção-Geral de Extensão Educativa (DGEE) tem verbas limitadas, as quais são distribuídas por vários setores. A nossa escola tem um carisma diferente e por isso tem criado sempre muitos problemas lá (Portugal). Os moldes em que a nossa escola se enquadra são completamente diferentes das outras escolas que existem em zonas onde há portugueses", disse Isabel Minervini.

Devido ao seu caráter *sui generis*, a presidente do Conselho Diretivo advoga que a Escola Portuguesa em Roma não deveria somente depender da DGEE mas também da Direcção-Geral do Ensino Básico e Secundário, pois se um apoio mais efetivo (apoio financeiro) não lhes for concedido "a escola tem poucas possibilidades de sobrevivência".

### Palavras bonitas sem repercussão

O trabalho desenvolvido por aqueles homens e mulheres tem sido reconhecido por inúmeras entidades oficiais, (embaixador de Cabo Verde, embaixador de Angola, embaixadores e cônsules portugueses em Roma) no entanto, não passaram de palavras. Uma coisa é o apoio moral, outra é o apoio financeiro e neste aspeto os apoios da EPR são em número muito reduzido.

"Costumamos receber da DGEE, para cada ano letivo, o equivalente a 10 milhões de liras, (sensivelmente mil contos), contudo, se tivermos em conta as despesas (ex: só de aquecimento pagamos, de dois em dois meses, dois milhões de liras), tal quantia é uma 'gota de água no oceano'", referiu um dos docentes.

Integrada no Centro Cultural da Caritas, a Escola Portuguesa compartilha as instalações com as Irmãs da Providência [sic, no texto], que outrora as utilizavam como colégio. Esta vivência co-

8 DE DEZEMBRO DE 1981

COMUNIDADES

JCP 7

Aguarda da deslocação de "O Emigrante" à Escola Portuguesa em Roma, os professores mostraram reservas quanto ao futuro do mesmo.

Os rostos destas duas jovens parece espelhar o desejo de um dia regressarem a Portugal. Já com o mapa das estradas de Portugal na mão (oferecido pelo nosso jornal), no futuro ser-lhes-á mais fácil encontrar os locais que querem visitar.

Palavras bonitas sem repercussão

O trabalho desenvolvido por aqueles homens e mulheres tem sido reconhecido por inúmeras entidades oficiais, (embaixador de Cabo Verde, embaixador de Angola, embaixadores e cônsules portugueses em Roma) no entanto, não passaram de palavras. Uma coisa é o apoio moral, outra é o apoio financeiro e neste aspeto os apoios da EPR são em número muito reduzido.

"Costumamos receber da DGEE, para cada ano letivo, o equivalente a 10 milhões de liras, (sensivelmente mil contos), contudo, se tivermos em conta as despesas (ex: só de aquecimento pagamos, de dois em dois meses, dois milhões de liras), tal quantia é uma 'gota de água no oceano'", referiu um dos docentes.

Regista no Centro Cultural

Caritas, a Escola Portuguesa compartilha as instalações com as Irmãs da Providência, que outrora as utilizavam como colégio. Esta vivência co-

Como tem sobrevivido a escola? "A Caritas atribuiu-nos, o ano passado, um subsídio de 30 milhões, com o qual estamos, agora, a viver. Quando esse dinheiro acabar não sabemos o que havemos de fazer", garantiu ao nosso jornal a docente Manuela Borges.

Contudo, os professores da EPR debatem-se com outro problema: o de um quadro de professores mais ativo. "Isso (a escola) tem-se agoviado com o voluntariado, mas o voluntariado não é eterno".

Como tem sobrevivido a escola? "A Caritas atribuiu-nos, o ano passado, um subsídio de 30 milhões, com o qual estamos, agora, a viver. Quando esse dinheiro acabar não sabemos o que havemos de fazer", garantiu ao nosso jornal a docente Manuela Borges.

Contudo, os professores da EPR debatem-se com outro problema: o de um quadro de professores mais ativo. "Isso (a escola) tem-se agoviado com o voluntariado, mas o voluntariado não é eterno".

Vinte anos em defesa da língua portuguesa

Fundada em 1871, por iniciativa de religiosos portugueses, a Escola Portuguesa em Roma já passou por algumas vicissitudes em termos de instalações. Funcionou durante 17 anos no Instituto Português de Santo António, tendo também estado instalada, durante dois anos, em "locais inadequados (Paróquia de Santo António)".

O local onde, atualmente, a EPR se encontra está anteriormente pertença das Irmãs da Providência, cedido ao governo de dar aulas naquele colégio, cederam parte das instalações à Caritas Internacional (Associação de Socorros e Beneficência) e à Escola Portuguesa em Roma. A Escola Portuguesa em Roma, há já bastante tempo, instalações próprias, uma vez que estamos a dar aulas numa casa onde chegamos. Era quase preciso andar de barbeador...".

Apesar de não ter sido feita a sua futura renovação. Os financiamentos também o permitem, segundo os professores, é difícil renovar a escola.

Os docentes afirmam sempre prontamente que, por enquanto, o que os anima é viver o seu trabalho comprometido, com a expressão "trabalho bem desenvolvido".

Texto: Carlos Pimenta  
Fotos: Eduardo Balão

### Legendas

- 1 – Aquando da deslocação de "O Emigrante" à Escola Portuguesa em Roma, os professores mostraram reservas quanto a futuro da mesma.
- 2 – Os rostos destas duas jovens parece espelhar o desejo de um dia regressarem a Portugal. Já com o mapa das estradas de Portugal na mão (oferecido pelo nosso jornal), no futuro ser-lhes-á mais fácil encontrar os locais que querem visitar

munitária tem contribuído "de uma forma decisiva" para que a Escola se mantenha, uma vez que "as despesas são divididas" pelas partes. Por outro lado, os alunos, sem que se apercebam, também têm contribuído, pois "se não tivéssemos as propinas dos alunos, que para eles são irrisórias mas para nós fundamentais (para a sobrevivência da escola) e não tivéssemos muitos professores que oferecem o trabalho, talvez hoje não tivéssemos esta conversa", adiantou a professora Isabel Minervini.

### **DESTAQUE**

Como tem sobrevivido a escola? "A Caritas atribuiu-nos, o ano passado, um subsídio de 30 milhões, com o qual estamos agora a viver. Quando esse dinheiro acabar não sabemos o que havemos de fazer", garantiu ao nosso jornal a docente Manuela Borges. Contudo, os professores da EPR debatem-se com outro problema: o de um quadro de professores mais estável. "Isto (a escola) tem-se aguentado com o voluntariado, mas o voluntariado não é eterno!"

Quanto aos financiamentos provenientes de Portugal, os responsáveis do CD da Escola Portuguesa têm uma opinião comedida: "eles mandam aquilo que podem porque não têm um financiamento que lhes permita grande abertura". Deste modo, a questão impõe-se: Como tem sobrevivido a escola? "A Caritas atribuiu-nos, o ano passado, um subsídio de 30 milhões, com o qual estamos agora a viver. Quando esse dinheiro acabar não sabemos o que havemos de fazer", garantiu ao nosso jornal a docente Manuela Borges.

Contudo, os professores da EPR debatem-se com outro problema: o de um quadro de professores mais estável. "Isto (a escola) tem-se aguentado com o voluntariado, mas o voluntariado não é eterno!"

## **Vinte anos em defesa da língua portuguesa**

Fundada em 1971, por iniciativa de religiosos portugueses, a Escola Portuguesa em Roma já passou por algumas vicissitudes em termos de instalações. Funcionou durante 17 anos no Instituto Português de Santo António, tendo também estado instalada, durante dois anos, em "locais inadequados (Paróquia de Santo Agostinho)".

O local onde, atualmente, a EPR se encontra era anteriormente pertença das Irmãs da *Providência*, contudo, ao deixarem de dar aulas naquele colégio, ofereceram parte das instalações à Caritas Internacional.<sup>7</sup>

A escola tinha solicitado, há já bastante tempo, instalações condignas, uma vez que estávamos a dar aulas numa cave onde chovia. Era quase preciso andar de barbatanas...", afirmou ironicamente uma das docentes.

Ao lembrar-se do pedido feito pela Escola Portuguesa, a Caritas "telefonou-nos a dizer que as Irmãs da *Providência* nos ofereciam *previdencialmente* umas instalações", recordou Isabel Minervini, para acrescentar: "quando vimos as instalações pensávamos que era milagre".

Já comodamente instalada, a EPR está aberta a todos aqueles que nela queiram estudar. Portugueses, cabo-verdianos, angolanos, moçambicanos, guineenses, brasileiros e italianos, de todas as idades, têm compartilhado harmoniosamente as aulas de alfabetização, 2º Ciclo do Ensino Básico Noturno, Curso Geral, Curso Complementar, 12º Ano, Escola Primária, 2º Ciclo do Ensino Básico Diurno e Cursos Intensivos de Português para Estrangeiros.

Após vinte anos de dedicação à língua portuguesa e à causa do ensino, os professores particularmente e a escola em geral, veem o seu futuro ameaçado. Os financiamentos tardam e sem eles, segundo os professores, é difícil continuar a ensinar.

Os docentes afirmam peremptoriamente que, por enquanto, o que os anima é verem o seu esforço compensado, com o aproveitamento "bastante bom dos alunos".

Texto: Carlos Piçarra | Fotos: Eduardo Baião

\*\*\* \*\*

7 – *Diocesana*, não *Internacional*, que é outra instituição. Ver documento seguinte.

Os dados em que se basearam as duas reportagens para aqui integralmente transpostas, foram coligidos em Roma sem que o jornalista de «O Emigrante» se tivesse encontrado com o Autor deste trabalho. Obviamente, não só não era obrigatório mas não foi necessário, embora fosse expectável que, quando se dirigiram à Escola, quem por ela fora responsável durante tantos anos nas tarefas de direção, lecionação e contactos com as Autoridades e lá continuava a ser professor fosse convidado a dar o seu testemunho. Tal não aconteceu e, depois de ler as reportagens, em 11 de dezembro de 1991, sem referir essa sua qualidade, falando a título pessoal para não causar melindre, o ex-diretor da Escola considerou porém oportuno dirigir ao Diretor de «O Emigrante» uma carta para agradecer, tecer alguns comentários e fazer algumas observações. Um dos pontos com que o Autor da carta discordava da fonte que forneceu os dados ao jornal tinha a ver com as propinas pagas pelos alunos, definidas na peça como «irrisórias», citando a nova diretora da Escola. *Per dovere di cronaca*, transcreve-se também integralmente essa carta.

\*\*\* \*\*

Roma, 11 de Dezembro de 1991

*Ex.mo Senhor Diretor de O Emigrante  
Jornal das Comunidades Portuguesas:*

*Li com muito interesse as reportagens publicadas pelo JCP sobre a Comunidade Portuguesa que reside e trabalha em Itália.*

*Reportagens bem documentadas, pelo que diz respeito à Comunidade de Roma, e bem apresentadas, não obstante as inevitáveis gralhas...*

*Pelo que diz respeito à reportagem do dia 6 de dezembro, que me levou a escrever ao JCP, gostaria de corrigir algumas imprecisões e alguns dados inexatos que constam na ótima apresentação feita por Carlos Piçarra e Eduardo Baião. Foi pena não terem incluído algumas estatísticas, ou alguns gráficos, já preparados e disponíveis na documentação recebida da Escola: teriam tornado mais evidente a apresentação e completado as informações escritas e as imagens...*

*Contudo, cumpre-me registar antes de mais, e com muito agrado, que o seu trabalho reflete bastante bem, no texto e nas imagens graficamente bem apresentadas, a partir do título, eficaz, as características mais salientes da Escola Portuguesa de Roma, na sua "unicidade".*

*Agradecia que tomassem nota e, se possível, publicassem as seguintes observações:*

*Não sabemos se a EPER (com o "E" da preposição "EM" na sigla = Escola Portuguesa Em Roma, como consta em todos os seus documentos) é o único "estabelecimento de Ensino a lecionar desde a 1ª classe ao 12º ano" – naturalmente, no estrangeiro; suponho que fosse esse o sentido da afirmação. Sei, como todos em Roma sabem (é isso que conta, e digo-o com pesar), que em Roma a EPER é a única*

*instituição cultural ininterruptamente ativa nos últimos 20 anos. Modesta, mas presente e a cumprir, ainda atualmente, funções digamos... suplentes daquelas que deveriam ser, e ainda não são, as de um Instituto Cultural, infelizmente inexistente!*

*Nos seus vinte anos de existência, a EPER sempre teve, em cada ano, mais de 25 professores a lecionar (o artigo menciona "cerca de 20"); infelizmente, os alunos, no presente ano letivo não ultrapassam as duas centenas: as dificuldades com que a Escola se tem vindo a defrontar não favorecem o alargamento dos cursos, nem é fácil incrementar o número dos alunos aumentando as propinas que se lhes impõem...*

*É verdade que os padres de passagem por Roma para completarem os estudos ou tirarem cursos de especialização nas diferentes universidades pontifícias sempre deram um contributo precioso e insubstituível à EPER: tanto os jesuítas, que foram os verdadeiros fundadores da Escola, como sacerdotes de outras congregações religiosas, e como os padres diocesanos do Colégio Português: trata-se, porém, de instituições e realidades diferentes – sempre padres são, está certo; mas os jesuítas residem no seu Colégio Internacional da Praça del "Gesù", no centro de Roma; os padres diocesanos são hóspedes do Colégio Português, na Via Nicolò V, para as bandas de S. Pedro. A citação, entre aspas, é atribuída à presidente do CD, mas certamente houve confusão...*

*Seria importante denominar com o seu verdadeiro nome, que estava escrito no portão do Instituto onde funciona a EPER, as Irmãs que puseram à disposição da Caritas Diocesana de Roma (não da Caritas Italiana, e muito menos da Internacional) as instalações da sua ex-Es-*

cola, e que por sua vez, a Caritas de Roma, anteriormente por nós contactada e ao corrente das dificuldades que estávamos a ter após o "despejo" do Instituto de Santo António – essa seria também uma história para contar! – nos pôs à disposição, em parte, "encarregando-nos" de certa forma de darmos corpo àquele que é o primeiro Centro Cultural de, e para, Emigrantes existente em Itália... Essas irmãs pertencem à Congregação da Divina Providência (nada a ver com "previdência), e o seu Instituto é dedicado a Santa Inês (Santa Agnese). A propósito, a legenda de uma das fotografias sob o título refere-se à segunda figura, que é de uma irmã, como sendo "Senora Gianna" (...) "docente da

Escola Portuguesa em Roma": na realidade, trata-se da Irmã Gianna Campagnolo, atual superiora da pequena Comunidade de Irmãs que passaram a ocupar apenas uma mínima parte do amplo prédio, e Responsável (Diretora) do Centro em nome da Caritas.

Esperando ver publicados estes "esclarecimentos", renovo o meu agradecimento e os meus parabéns pela ideia de, finalmente, falar da Comunidade Portuguesa (e de língua portuguesa) que vive e trabalha em Roma. Formulo igualmente votos sinceros por um feliz Natal e um bom Ano de 1992 para todos os trabalhadores, e para os Leitores, do Jornal das Comunidades Portuguesas.

Para terminar, seria necessário acrescentar – mas não constava na carta dirigida ao diretor de O Emigrante – que a reportagem sobre a Escola se esquecera de referir que os seus alunos eram, em grande maioria, cabo-verdianos. Se não eram, esse facto fazia parte da sua "identidade".

\*\*\* \*\*

Abril 1992

### Circular nº 1

Sem apresentação nem comentário, apresenta-se aqui este outro documento que, mesmo sem data, é eloquente sobre as dificuldades e preocupações vividas em finais do ano de 1991/92. A nitidez da cópia conservada dispensa a sua transcrição

18abr92

Como no caso deste documento, aparecem também sem data explícita, no meio da documentação conservada, três folhas de apontamentos com a síntese de uma assembleia de professores que se terá realizado, coerentemente com o apelo veemente dessa Circular, provavelmente no dia 18 de abril, um sábado, pois no topo da primeira folha ficou um 18, seguido de um ponto, aludindo plausivelmente a essa data.

Na falta de outras fontes, estes apontamentos são

**ESCOLA PORTUGUESA EM ROMA**  
Via Innocenzo IV, 18  
00167 Roma (Itália)  
Tel: 3070620

#### CIRCULAR Nº1

Tendo-se verificado que durante o presente ano lectivo é extremamente difícil reunir a Assembleia de Professores se bem que o calendário das reuniões tenha sido elaborado e dado a conhecer no início do ano (está afixado no placard das informações) e tendo em conta que o dia da próxima reunião de avaliação se aproxima (11-4-92) pedimos a todos os professores que confirmem a presença nessa reunião de modo que à priori o Conselho Directivo a possa programar.

Fazemos notar também a falta de participação dos professores nas actividades extra-curriculares o que tem sobrecarregado os elementos que constituem o C.D. e os que (sempre os mesmos!) se oferecem para colaborar.

Esperamos que o entusiasmo e ideal que criou esta Escola não abandone as pessoas que, como nós, aceitaram levar por diante esta tarefa simultaneamente cultural e de integração social e humana dos emigrantes de língua portuguesa!

No próximo dia 11 de Abril, após as reuniões de avaliação para os Cursos de Alfabetização, Segundo Ciclo Nocturno e primeiro nível do Curso Geral que começarão às 18h 30m, faremos uma R.G.P às 18h na qual o C.D. fará o ponto da situação dos problemas mais importantes da vida da Escola e programará, em conjunto com os professores, as actividades do resto do ano lectivo. Pelas 20 h iremos todos deliciar-nos com uma Pizza no nosso famoso "restaurant" com um surpreendente final!! Não faltem!!!

Com amizade, o C.D.



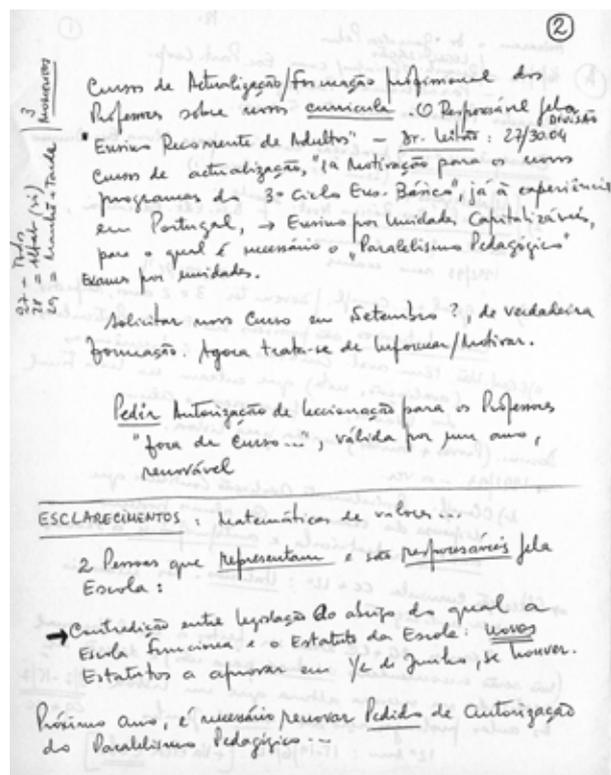
fundamentais para escrever a história da EPER nesse ano de 1992 e é portanto necessário dar-lhes aqui uma roupagem discursiva, esmiuçando o seu conteúdo sem forçar o significado e o valor dos factos telegraficamente condensados e referidos nesses apontamentos. Através deles, é possível reconstruir os pontos da ordem de trabalhos dessa assembleia, articulada em três partes.

O ponto «A» começava com a informação de que um mês antes, a 16 de março de 1992, a EPER tinha recebido o estatuto legal de *Escola Particular Cooperativa*, ficando, pois, esse dia na sua história como data do seu reconhecimento oficial, com *paralelismo pedagógico*. A boa notícia não tinha porém valor absoluto, pois o reconhecimento era atribuído à EPER com *caráter provisório*, por **cinco anos**, tendo por conseguinte diversas e importantes consequências, que foram devidamente explicitadas:

1 – os alunos do **Ensino Diurno** deixariam de realizar exames no final do ano, ficando sujeitos à avaliação contínua, ao longo do ano;

2 – os alunos da **Alfabetização** e do **II ciclo do Ensino Básico Noturno** passavam a depender da Direção Geral de Extensão Educativa, realizariam ainda os exames nesse ano de 1991-92, mas deixariam de ficar a eles sujeitos no ano letivo seguinte;

3 – os cursos **Geral e Complementar** deveriam ter, respetivamente, a duração de 3 e 2 anos, ao mesmo tempo que seriam possíveis os  **cursos intensivos** nas escolas particulares, como passara a ser a EPER.



No caso do **Curso Geral**, não havia apenas avaliação contínua, mas uma avaliação final que, como ainda hoje [2018, especifiquemos, pois os ventos de mudança sopram na Av<sup>a</sup> 5 de outubro com preocupante frequência], era o resultado da avaliação interna (classificação de frequência – CIF) e da classificação do exame, que entravam na Nota Final «se favorecerem o aluno» [o aqui presente não deve ter compreendido bem a explicação, mas o sentido é que se o resultado do exame fosse superior à classificação interna de frequência, seria essa classificação a valer].

Para Lisboa, como documentação comprova-tiva, era necessário enviar as provas e as pau-tas. Em relação a esta «obrigação», as dispo-sições estavam ainda em fase de *afinamento*, pois faltava saber exatamente o que sucederia no ano seguinte.

Quanto à avaliação no **Curso Complemen-tar**, também se previa – ou auspiciava – a dispensa dos exames, mas os alunos podiam candidatar-se à realização dos exames, caso

a avaliação da Escola Ihes fosse desfavorável: como hoje, seriam avaliados como alunos auto-propostos. Relativamente a alterações ocorridas no Curso Complementar e no 12.º Ano, substancialmente para o reconhecimento da Língua e Cultura Italiana como disciplina curricular, fora necessário solicitar autorização. O requerimento não podia senão obter aprovação, tendo em conta o historial da Escola.

Os exames, não só no 12.º ano, mas também nos níveis anteriores (Curso Geral e Curso Complementar), passariam a ser realizados, como não podia deixar de ser, na mesma data em que eram realizados em Portugal continental. Nesse ano, a título de curiosidade, tiveram lugar nos dias 3 e 7 de julho, respetivamente, no Curso Geral e no Curso Complementar. As aulas prolongar-se-iam até finais de junho.

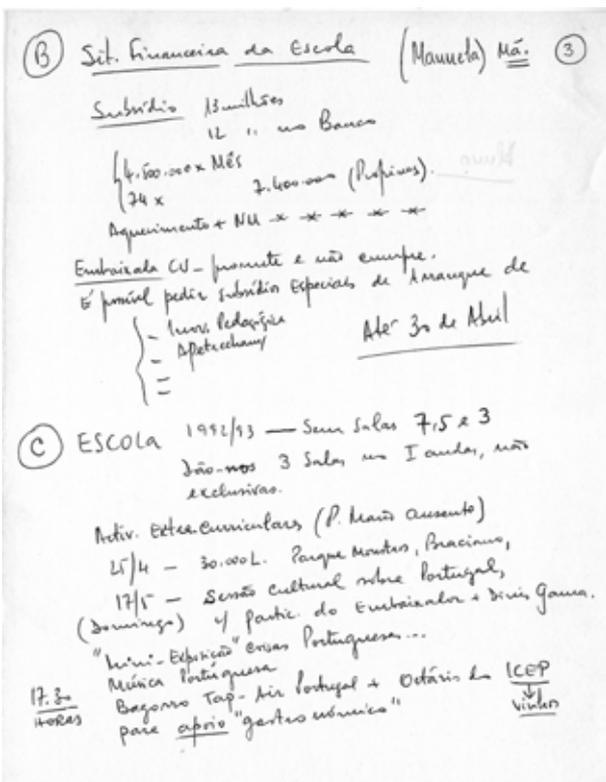
Prosseguindo na transcrição dos apontamentos, recordou-se aos professores presentes nessa assembleia que, poucos dias depois, iriam decorrer as ações de formação sobre o *sistema de ensino por unidades capitalizáveis*, e apresentou-se a iniciativa que iria ser promovida pela Direção Geral de Extensão Educativa (cursos de atualização/formação profissional, autorizados pelo Dr. Leitão) sobre os novos *curricula*, destinados não só aos professores mais diretamente envolvidos, mas a toda a comunidade escolar.

De facto, o primeiro desses dias de formação, 27 de abril, seria destinado a todos os professores, sendo os dois seguintes reservados mais especificamente aos que lecionavam nos níveis da Alfabetização de Adultos. Tratava-se de proceder a uma atualização dos conhecimentos e métodos de trabalho, com o objetivo de motivar para os novos programas do III Ciclo do Ensino Básico, que então decorria em regime de experiências nalgumas escolas de Portugal.

A este «investimento» e aposta do Ministério da Educação na Escola de Roma serão dedicadas amplas páginas após esta resenha dos

pontos abordados na reunião de 18 de abril aqui sintetizada. Já nessa data – informam os «Apontamentos – se previa que fosse *solicitado um novo curso, em setembro, de verdadeira formação*, pois, as ações previstas destinavam-se a fazer uma sensibilização, isto é, a *informar/motivar*. O novo ciclo de formação viria a realizar-se no início do ano letivo seguinte, nos últimos dias de outubro de 1992. Uma outra anotação servia de pró-memória para *pedir autorização de lecionação para os professores «fora de curso»*, válida por uma ano, renovável.

As apontamentos avançam para outras questões e temas abordados na reunião, nomeadamente o esclarecimento dado acerca das duas pessoas que *representavam* e eram os *responsáveis* pela Escola.<sup>8</sup> Uma das questões que emergiam no novo quadro legal da Escola era a *contradição* entre a legislação ao abrigo da qual ela passara a funcionar e os seus «velhos» Estatutos. Assim, presume-se que tenha ficado decidido alguém ocupar-se da sua adequação (revisão) a ser aprovada na reunião de meados de junho... *se houver*.



E acrescentava-se que, *no próximo ano, é necessário renovar o pedido de autorização do paralelismo pedagógico*. A avaliação e monitorização da atuação da Escola pressupunha, pois, que ela própria solicitasse a renovação da autorização para continuar a funcionar sob o controlo de quem lhe outorgara a sua nova fisionomia legal.

8 – Como já foi referido, as Professoras Isabel Minervini e Manuela Tapada Borges.

O ponto «B» da ordem de trabalhos previa informações sobre a situação financeira da Escola que, nesse ano, tinha recebido um subsídio de... 13 milhões de liras. Os professores foram informados de que uma verba aproximadamente idêntica se encontrava depositada no banco e outros sete milhões eram o montante esperado através do pagamento das propinas por parte dos alunos. Acerca de contributos por parte do Governo de Cabo Verde ficou registado que... a Embaixada *promete mas não cumpre*. Por fim, alguém terá informado que era *possível pedir subsídios especiais de arranque* (não se especifica se às autoridades portuguesas, da CEE ou italianas), nomeadamente para *inovação pedagógica, apetrechamento, etc., até 30 de abril*. E mais não consta a este respeito nos apontamentos tomados.

A terceira e última parte da ordem de trabalhos, ponto «C», dedicada presumivelmente a *assuntos diversos*, previa informações importantes para este trabalho. Fica-se a saber que já então tinha sido comunicado à Escola que, no ano seguinte, ficaria sem as salas 7, 5 e 3, em troca das quais o Centro (as Irmãs) disponibilizava(m) três salas no primeiro piso, mas não exclusivas de outras atividades, pelo que se depreende que seriam utilizadas, de manhã, pela Comunidade Filipina. Na reunião, mesmo estando ausente o Coordenador das Atividades de enriquecimento curricular (P. Mario Maffioletti), foi comunicado que o passeio anual da Escola se realizaria na data «tradicional», dali a uma semana, 25 de abril, e a meta seria o Parque (dos Monstros) de Bomarzo, a norte de Viterbo, incluindo como etapa intermédia o Lago e Castelo de Braciano. Os participantes nesse passeio contribuíam com 30.000 liras (talvez um valor superior ao custo real, podendo ter sido essa também uma forma indireta de financiamento da Escola (mas esta, embora plausível, é uma suposição que carece de confirmação).

No dia 17 de maio, um domingo, às 17.30 horas, teria lugar na escola uma **Sessão cultural** sobre Portugal, com a participação das autoridades políticas: Embaixador e Responsável pela Secção Consular, Dr. Diniz da Gama. Seria organizada uma *Mini-exposição* sobre «Coisas Portuguesas», com música, e estando prevista também a colaboração da TAP-Air Portual (Sr. Bagorro) e o representante do Instituto do Comércio Externo de Portugal (Octávio), que garantiriam o apoio... «gastronómico» (vinhos).

## UNIDADES CAPITALIZÁVEIS: PAPEL E FUNÇÃO DO PROFESSOR

O boletim informativo trimestral nº 4 (Folha Informativa) do Serviço Unidades Capitalizáveis do Ministério da Educação – DGEE/Divisão de Educação Recorrente), publicado em 10.000 exemplares no segundo período do ano letivo 1992-93 – mas será pertinente antecipar a sua apresentação aqui, para saber do que se tratava já no ano anterior –, fornecia de modo sintético informações sobre essa reforma do Ensino introduzida pelo Despacho Normativo nº 42, de 15 de junho de 1988. Nele, sobre o papel e as funções do professor, podia-se ler:

*Além das competências que qualquer um de nós, professores, deve ter no exercício da sua atividade, aquele que a realiza no Ensino por Unidades Capitalizáveis deve ainda, segundo o Despacho Normativo N.º 42/88 de 15/6:*

- colaborar com o Coordenador;
- esclarecer os alunos antes da lecionação de cada unidade sobre os objetivos que deverão atingir;
- lecionar os conteúdos programáticos e atender os alunos, individualmente ou em grupos,

N4  
 INFORMAÇÃO  
 SEC

**ENSINO SECUNDÁRIO EXPERIMENTAL**  
ANO LECTIVO DE 1992/1993

**1. REDE DE ESCOLAS**

REGIÃO REGIONAL DE ENSEIAMENTO	ÁREA EDUCATIVA	ESCOLA
NORTE	PÓRTO	SIC. DE PRODIGOS DE PROIAS
SUL	CASTELO BRANCO	SIC. DO FUNDAO
ALGARVE	BRANCO ALGARVE	SIC. DE ALGARVE
	ALGARVE LITORAL	SIC. DE ALGARVE
	FARO	SIC. DE ALGARVE

**2. PERÍO, TEMINAL E OBJECTIVOS**

A unidade curricular prevista para o ensino secundário por unidades capitalizáveis visa proporcionar ao aluno, no fim do curso, um conjunto de competências que lhe permita, para além da entrada de um curso próprio do ensino e de um desempenho de papéis sociais, uma melhor integração no mundo do trabalho e/ou a criação de condições para a sua própria actividade profissional.

- Contribuir para o desenvolvimento da curiosidade científica e para o domínio de competências de acesso e utilização da informação, nas suas diversas modalidades;
- Promover a realização de um processo dinâmico de aprendizagem individual e colectiva, tendo em vista uma situação autónoma e uma gestão eficaz dos seus objectivos, individuais e colectivos;
- Criar condições que permitam a consolidação e desenvolvimento da autonomia pessoal, conducente a uma realização individual e social satisfatória;
- Adaptar o conhecimento e a capacidade de utilização e actualização das competências necessárias ao uso da metodologia científica e tecnológica, bem como das principais técnicas de trabalho de investigação;
- Valorizar e reconhecer as experiências trazidas pelos alunos, promovendo os mecanismos de auto-avaliação e de avaliação, o trabalho e a participação, e desenvolvendo a capacidade de iniciativa e a capacidade de inovação;
- Apoiar e orientar, através de métodos e técnicas adequadas, o desenvolvimento do aluno, tanto no que diz respeito à sua vida académica como à sua vida social e doméstica.

**3. PLANO CURRICULAR**

Formação	Desaparelhamento das disciplinas	Horários
Formação geral	Português (1) Matemática (1) Ciências (1) História (1) Geografia (1) Artes (1) Educação Física (1) Educação Moral e Cívica (1) Educação Tecnológica (1) Educação Ambiental (1) Educação para o Trabalho (1)	1200
Formação específica	Matemática (2) Ciências (2) História (2) Geografia (2) Artes (2) Educação Física (2) Educação Moral e Cívica (2) Educação Tecnológica (2) Educação Ambiental (2) Educação para o Trabalho (2)	1200
Formação complementar	Artes (1) Educação Física (1) Educação Moral e Cívica (1) Educação Tecnológica (1) Educação Ambiental (1) Educação para o Trabalho (1)	600

**4. EQUIVALENCIA ESCOLAR**

A unidade do ensino secundário por unidades capitalizáveis é, para todos os efeitos legais, equivalente ao 12.º ano de escolaridade, podendo, naturalmente, contar ainda com qualificação profissional.

**5. LEGISLAÇÃO**

As normas que regulamentam este sistema de ensino são as estabelecidas no Despacho Normativo de 15 de Junho de 1988 e na legislação posterior, nomeadamente, a legislação do Despacho Normativo nº 42/88.

nas aulas de apoio;

– elaborar, classificar e corrigir os testes de avaliação, procedendo ao registo das classificações obtidas pelos alunos.

Do professor do sistema, espera-se que comece por aceitar-se a si próprio, que seja autêntico na atividade que desenvolve e que aceite (respeite) os diferentes ritmos de aprendizagem dos alunos.

O sistema precisa de professores com qualidades em comunicação e afetividade, com capacidade de trabalho e com alguma experiência de ensino de alunos adultos. Dadas as características de funcionamento do sistema, o professor deve ter elevada capacidade de adaptação a novas e imprevistas situações em cada aula. O professor não pode ter, de forma alguma, um papel neutro, passivo. Ele deve ser um elemento ativo, criando condições para a aprendizagem e impondo um dinamismo, estimulando o grupo-turma.

Com estas atitudes e possuidor dos conhecimentos científicos necessários, deve o professor desenvolver estratégias que permitam aos alunos (individualmente ou em grupo) adquirirem o gosto por aprender, «aprendendo a apren-

der» e desenvolvendo um caminho que os conduza a uma verdadeira autoformação.

A 4.ª Conferência Internacional da UNESCO, realizada em Paris (1985), sobre Educação de Adultos, reconheceu que, para melhorar a qualidade e eficácia do trabalho dos professores ligados à educação de adultos é necessária informação, formação e aperfeiçoamento, com orientações em tempo oportuno. Convidou as autoridades competentes dos Estados membros a «incentivar a formação de professores em áreas ligadas à psicologia do aluno adulto, evidenciando as suas características especiais, tanto nos domínios biológico como psicológico, económico e social, na tentativa de criar novos métodos e técnicas que respeitem a personalidade e humanidade do aluno, encorajando-o a procurar o seu desenvolvimento pessoal».

O sistema de Ensino por Unidades Capitalizáveis permite ao professor consciente, conhecer cada aluno em particular e adaptar a sua ação educadora às necessidades próprias de cada um deles, conciliando o interesse da disciplina que ensina com o interesse dos alunos, ficando mais próximo do ideal de Educador e das modernas exigências da pedagogia/andragogia.

## ACOMPANHAMENTO



O novo «formato» de ensino não tinha sido imediatamente estendido a todas as escolas e a EPER teve o privilégio de ser uma das escolhidas para a experiência. Competia à Divisão de Educação Recorrente coordenar e apoiar, em articulação com as Direções Regionais de Educação, a implementação desse sistema de ensino e, no mês de dezembro de 1992 tinham iniciado visitas de responsáveis do Ministério a escolas das cinco direções regionais, às quais se tinha pedido que seleccionassem duas escolas, de acordo com os seguintes critérios:

– uma escola integrada na rede do 3.º ciclo no ano letivo de 92/93;

– uma escola onde funcione o ensino secundário experimental e o 3.º ciclo.

Nestas deslocações, as equipas da DGEE eram acompanhadas por colegas ligados ao Departamento Técnico-Pedagógico das Direções Regionais de Educação e às Áreas Educativas/Extensão Educativa e em cada escola realizavam-se reuniões de trabalho com:

– Responsáveis do Conselho Diretivo e Coordenador(es) do curso para discussão de questões relacionadas com a implementação do sistema a nível de escola (horários, distribuição do serviço docente, processo administrativo, centro

de recursos, etc.);

– Professores que lecionam as diferentes disciplinas e áreas disciplinares para discussão de questões relacionadas com a prática pedagógica (programas, guias de aprendizagem, estratégias de ensino-aprendizagem, etc.);

– Representantes dos alunos para discussão de problemas relacionados com a adequação do curso às características do público adulto (resposta a interesses e expectativas, adequação dos programas e guias de aprendizagem, etc.).

Nesse contexto, sendo tudo «novidade», eram fundamentais...

**1. A Coordenação** – O coordenador é, antes de mais, um conselheiro cuja função consiste em identificar os problemas. É um líder no sentido da dinâmica de grupo, suscetível de reforçar a motivação. É uma pessoa-recurso, uma pessoa capaz de estabelecer relações. É também uma pessoa capaz de mobilizar diferentes estratégias para levar os indivíduos e os grupos a progredirem. É, enfim, alguém capaz de avaliar. Uma das funções fundamentais do coordenador é criar o grupo enquanto coletivo, porque este não é um fenómeno espontâneo, mas, pelo contrário, deve ser o resultado de um trabalho controlado.

**2. A Profissionalização** – Na sua maioria, os agentes de Educação de Adultos não são expressamente formados para as tarefas que têm de realizar. Muitas vezes é com boa vontade ou mesmo um certo «militantismo» que tentam minorar as falhas do processo (...). A ação educativa é, de facto, o local e o momento de uma intensa aquisição dos princípios próprios da profissão por aqueles que a exercem e que, continuamente, têm de resolver problemas para os quais não receberam qualquer formação (...), e recorrendo a um conceito que sus-

citava, pelo menos, curiosidade, utilizado pela Técnica da DGEE, Maria de Carvalho Torres, a andragogia, era importante.

**3. A formação de formadores** – O profissionalismo é uma componente essencial de todos os tipos de atividade humana. No campo da educação, só a formação do educador de crianças e de jovens – o pedagogo – tem merecido a atenção dos responsáveis. Se a educação permanente é, por definição, uma educação que deve durar toda a vida, a sua prática enfermará sempre de limitações se não houver uma sensibilização para a sua natureza específica. A educação de adultos é um amplo e complexo sector do sistema educativo que exige que o educador de adultos – o **andragogo** – se prepare especificamente para o exercício das suas funções. Da bagagem mínima do andragogo devem constar conhecimentos de psicologia da aprendizagem, de metodologia e de técnicas andragógicas. O andragogo, consciente do seu papel, tem uma influência direta no desenvolvimento da educação, na melhoria da sua qualidade e, evidentemente, na comunidade onde se desenvolve a sua ação.

Os resultados da avaliação dos alunos submetidos na EPER a essa avaliação é apresentado mais à frente, depois de um outro breve balanço sobre as «novidades» introduzidas no sistema de ensino em Portugal.

## **Sensibilização para o sistema de ensino por unidades capitalizáveis**

Ensino Recorrente, Educação de Adultos, formação de formadores

A sensibilização, ou formação, para o novo modelo de ensino teve lugar na Escola, como se disse, em finais de abril [27-29] de 1992, depois de ter estado programada para os dias 22-24 de março desse ano. Dois técnicos do Ministério da Educação – José Alberto e Manuela Melo – deslocaram-se a Roma para apresentarem as «novidades» e, relendo os apontamentos tirados durante os vários encontros. Apresenta-se seguidamente a introdução a essa ação de formação.

Após a informação de que havia então *13% de analfabetos em Portugal*, os formadores falaram dos *exames ad hoc, da diversidade etária, das motivações, do teste diagnóstico para a colocação dos alunos nos diferentes ciclos – num esquema rígido como é o português*. Os formadores referiram-se depois ao *sistema de segundas oportunidades, destinado a certificar determinadas competências para pessoas idosas, à necessidade de flexibilizar ao máximo o sistema e à modalidade especial de educação escolar*.

Tinha passado a haver em Portugal o *Ensino secundário (10º-12º anos) ≠* (em oposição/paralelo) com o *Ensino recorrente*. Mas a lei não obrigava: *os cidadãos frequentariam a Escola para além dos 15 anos*, com uma condição: era-lhes exigido *o sucesso escolar até essa idade para determinados fins (carta de condução)*. Ensino regular (diurno) – *Escolas 1,2,3 (1º, 2º e 3º ciclos) – versus Ensino recorrente (noturno, mesmo se ministrado de dia, para maiores de 14 anos)*. No final, *ao fim de ciclo, havia provas de aferição externa e podia haver alunos retidos (chumbados)*.

Metodologicamente, tratava-se de... *Aprender a aprender = dar autonomia ao aluno, em vez de lhe dar conteúdos*, pois cada unidade tinha objetivos próprios: *deveria levar a adquirir ou a*

*desenvolver determinadas capacidades. A avaliação era feita ao fim de cada unidade, através de um teste (exercício escrito). Por outras palavras, frisou-se, tratava-se de colocar o aluno, e não o professor, no centro do processo de aprendizagem; de agrupar os alunos por ritmos de aprendizagem: o professor devia gerir os diferentes ritmos. As matérias não deviam necessariamente ser dadas num só ano. Haveria turmas de 25-30 alunos (para rentabilizar). No caso de haver turmas com 30 alunos era possível divididos em duas turmas de 15 alunos cada. O sistema funcionava como uma espécie de centro de apoio para despistagem de dificuldades (aulas para esclarecimento de dúvidas), com atividades orientadas.*

Os professores tinham direito a 3 horas de redução (de leção) por disciplina. Informava-se ainda que a formação profissional não obtinha sucesso junto às empresas (Instituto de Emprego), não obstante os «dinheiros» da CEE. Do curriculum faziam parte também as matérias de Saúde, alimentação, desporto – temas lúdicos – para reciclagem de cultura geral. Outra informação: o horário de formação era comum para “alunos-trabalhadores” de algumas empresas que investiam na formação dos próprios trabalhadores. Conclusão: a filosofia do novo sistema consistia em dar a matéria que os alunos efetivamente acompanhassem, independentemente de anos letivos. Os alunos que ficassem «para trás», recomeçavam o estudo a partir do ponto em que se encontravam.

Pelos apontamentos conservados, fica-se a saber que a Escola (e os formadores) promoveram no dia 30/4, uma quinta-feira – dia de «saída obrigatória» dos trabalhadores no serviço doméstico em Roma – às 17.00 horas, um encontro para um contacto direto com a comunidade portuguesa da *P.za del Risorgimento*, indo para o efeito acompanhados por esses dois técnicos do Ministério da Educação (DGEE).

O resultado foi francamente desencorajador – *un fiasco*, diz a folha que regista a iniciativa, que visava à promoção desse tipo de ensino na Escola Portuguesa de Roma, obviamente também preocupada e interessada em estender a mais alunos a sua ação. Louvável e, de certa forma, surpreendente pela positiva, a participação dos técnicos do Ministério numa ação de sensibilização junto da comunidade portuguesa, extramuros, quase à maneira de missionários em busca de seguidores através de ações de promoção da própria atividade.

### ***Ensino por Unidades Capitalizáveis – Algumas observações críticas***

#### ***– Limitadamente às disciplinas de CIÊNCIAS SOCIAIS e INGLÊS –***

Formação à medida, ir enchendo o mealheiro, grão a grão, «capitalizando» unidades de conhecimento, percorrendo temas e áreas do saber por fases, «armazenando-as», por etapas, no sótão do... esquecimento, porque o da memória ficava mais cheio e garantido com exames de final de ano, que obrigavam a assimilar e a manter por mais tempo viva e ativa, utilizável nas circunstâncias da vida, pelo menos até ao dia do exame toda a matéria, passava agora a ficar diluída em capítulos «desgarrados», um saber fragmentado, de curta duração: todos sabemos que o que se aprende, se não for regularmente «atualizado» com o uso, se perde na memória morta do tempo que tudo apaga, mas quanto menos tempo perdurar uma experiência, a fruição de um objeto, mais depressa ocorre o processo de esquecimento, mesmo aquilo que marca profundamente a existência de uma pessoa. O método da «capitalização» dos saberes de curta duração, em função de exames (testes) de final de leitura, viria mais tarde a renascer nos módulos dos cursos profissionais.

*Bis, ter, quater... quinquies!* Folheando, lendo na diagonal, detendo o olhar e o fluir de uma leitura muda pelas dezenas de páginas que serviram de guião às (minhas) aulas de Ciências Sociais e de Inglês, nos anos de 1992/93 e 1993/94, é impossível evitar que o pensamento, a inteligência, questione o valor dessa reforma – ensinar por «unidades capitalizáveis» – perguntando se os resultados, a satisfação, o êxito correspondeu a uma melhor preparação dos alunos para a vida ou se serviu antes para um autocomprazimento dos autores – tecnocratas, funcionários e *especialistas* do Ministério da Educação –, e também dos professores que, como o abaixo-assinado, tomou a sério o compromisso de aderir e dar seguimento às propostas de ensinar com um método diferente do anterior, tendo para tal recebido formação específica,

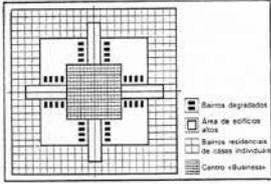
naturalmente. E surge uma outra dúvida, ou suspeita, que se apresenta como pergunta inocente: não teria essa forma de ensino uma outra finalidade – "oculta", ou talvez nem tanto – isto é, ganhar alguns lugares nas tabelas que mostram estatísticas internacionais?

ESCOLA PORTUGUESA DE ROMA  
3º Ciclo por Unidades Capitalizáveis  
ANO LECTIVO DE 1992/93

Teste Unidade 4-BIS	Disciplina Ciências Sociais	Tempo 1 hora	Data 6.05.1993
------------------------	--------------------------------	-----------------	-------------------

COTAÇÃO: Cada pergunta vale 5 pontos

- A cidade é, no espaço urbano, um «pólo organizador»: quais são os principais critérios que se aplicam na definição de uma cidade? Esboça uma tua definição de "cidade", considerando os critérios indicados na resposta à pergunta anterior.
- Observa bem estas figuras:
 



Barra degradada  
Área de escritórios  
Barra residencial  
de casas individuais  
Centro «bivertido»



Vias de comunicação  
Áreas de crescimento  
tangencial ao longo das  
ruas de comunicação  
Áreas residenciais  
Núcleo primitivo  
de planta  
radio-concêntrica  
ou irregular  
Vias circulares  
de escoamento  
populoso

Trata-se do esquema característico da planta de duas cidades: procura caracterizá-las, situá-las num País ou continente e identificar o ponto em que se encontram algumas das funções principais de tais cidades.
- Descreve brevemente como se relacionam "a Cidade" e "o Campo", dando exemplos do tipo de relações indicado.
- «Taxa de urbanização»: como se define, e onde se localizam, no mundo, as maiores concentrações urbanas?

ESCOLA PORTUGUESA DE ROMA  
3º Ciclo por Unidades Capitalizáveis  
Ano lectivo de 1993/94

Teste Unidade 1	Disciplina CIÊNCIAS SOCIAIS	Tempo 1 hora	Data 7.12.1993
--------------------	--------------------------------	-----------------	-------------------

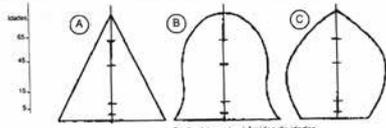
COTAÇÃO: 4 PONTOS PARA CADA PERGUNTA

- Natalidade, mortalidade, crescimento natural... observa os dados da tabela seguinte e responde às seguintes questões:
 

	Natalidade ‰	Mortalidade ‰	Mort. inf. ‰
Dinamarca	10,9	11,5	7,2
Rep. Dem. Alemã	14,2	12,8	9,9
Japão	12,3	7,2	5,5
Índia	28,1	10,9	90,9
Moçambique	45,2	18,4	141,5
México	31,2	6,5	46,7
Koweit	34,6	3,1	18,5
Irão	38,5	10,8	106,9

Fonte: ONU 1987

  - Descreve as principais diferenças entre a Dinamarca e Moçambique relativamente às taxas de natalidade e de mortalidade (absoluta e infantil).
  - Que entendes por taxa de mortalidade infantil?
- A população de um País não se distribui de maneira uniforme pelo território: aponta algumas causas deste fenómeno e indica algumas consequências da [demasiada] concentração das pessoas numa determinada área?
- Os seguintes "perfis" (ou formas) caracterizam "pirâmides etárias" da população em determinados Países: define estes perfis, e sugere um País (ou zona do mundo) para cada um deles.
 



Perfil típico de pirâmides de cidades.
- A emigração não é um fenómeno do passado, e, antes, constitui ainda hoje um grama para muitos Países: depois de especificares a diferença entre emigração, imigração, e fluxo migratório, explica algumas das causas que determinam este fenómeno, e algumas consequências à tua escolha.
- "População activa" e "desemprego": explica brevemente o significado destes conceitos.

Ep - 1º teste do ano.

Questionar... respondendo, por um lado, que tudo vale a pena e, por outro, que em matéria de educação/ensino se repete em Portugal a eterna ilusão de «mudar tudo... para que «tudo fique na mesma» – ou pior... Em registo positivo, talvez o facto de o professor ter tido que se preparar de modo «novo», elaborando materiais didáticos que se transformavam depois em «aulas» muito semelhantes às que tinham antes por base livros que os alunos recebiam logo no início do ano – e não à medida que progredia a contagem das «unidades» arrumadas, e esquecidas, depois de cada teste concluído com positiva – o tenha obrigado a apresentar a matéria, ou a ajudar os alunos a adquiri-la, de modo mais convicto, mais metódico, mais sistemático. Isso, certamente. De resto, substituir testes de avaliação e de consolidação da matéria como caminho de preparação para exames no final do ano por testes de final de unidade, ao longo do ano, implicando a repetição dessa forma de «aquisição» da matéria até que o aluno «passasse», significou para o professor exercitar-se na arte de combinar formas diferentes de fazer as mesmas perguntas com formulações e em datas diversas (para isso, a elaboração dos testes no computador foi simplificando progressivamente a tarefa) e, para o aluno, *jogar no totobola* de encontrar testes cada vez mais simples e esqueléticos, levando o avaliador – compadecido do aluno, ou convicto da inutilidade de repetir tantos testes – a esticar para cima o valor das cotações, de modo a totalizar no mínimo um 9 vírgula qualquer coisa, para ficar na folha 95 pontos – e passar para dez a nota final!

Por um lado, foi – e continua a ser, nos ditos cursos profissionais – uma experiência que serviu para iludir os parvos (no sentido de «almas piedosas, ingénuas, pequenas – não é ofensa, vem de *parvulus*...)! Por outro, é necessário reconhecer que se tratou de um esforço dos responsáveis pela área da formação de adultos (ensino recorrente) de encontrar um expediente que fizesse mais sentido (produzindo resultados melhores, também para as já referidas estatísticas de organismos internacionais sobre o nível de escolarização e combate ao insucesso escolar em Portugal...) nas escolas que tinham esse nível de ensino. E não será lícito duvidar que todos estivessem menos animados de boas intenções do que o autor destas páginas.

A documentação conservada inclui uma cópia das respostas dos alunos a um dos... 35 (!) testes elaborados nos anos letivos de 1992/93 e 1993/94 apenas para as 5 unidades da disciplina de Ciências Sociais por unidades capitalizáveis: uma verdadeira proeza... ou uma autêntica loucura! Um exagero de tempo desperdiçado, de fotocópias desnecessárias, mais tempos letivos destinados a «medir conhecimentos» do que a ajudar os alunos a adquiri-los! Não deveriam os mesmos «responsáveis» do Ministério da Educação, em Lisboa, ter previsto essa consequência das suas elucubrações reformistas?!

Relendo as respostas dos alunos a esses testes, não há que dar parabéns a ninguém. Admita-se que o culpado tenha sido o professor (como sempre...), incapaz de levar os alunos a colmatar lacunas, a adquirir competências, a atingir as metas e os objetivos traçados! Ontem como hoje, a culpa é sempre de quem está de frente para os alunos, incapaz de... Mas se para motivar é preciso estar motivado, não faltou certamente motivação, e adesão, a essa reforma, por parte dos professores da EPER. Não só de quem (se) foi preparando (para) cada aula com meticulosidade, procurando apresentar e convidar os alunos a apropriar-se dos conteúdos previstos em cada unidade, mas de toda a Escola, especialmente da Direção, que acolheu a formação e viveu esse período com convicção, dedicação e profissionalismo. O problema está em querer construir a casa pelo telhado, ou por um dos andares intermédios, sem ter garantidos os alicerces.

### Unid.1 - 4

**TAXA DE NATALIDADE EM PORTUGAL, POR DISTRITO, EM 1981**



**EVOLUÇÃO DA TAXA DE NATALIDADE EM PORTUGAL, NO SÉC. XIX**

ANO	TAXA DE NATALIDADE (%)
1900	30,5
1910	28,6
1920	33,6
1930	30,0
1940	24,0
1950	23,8
1960	23,9
1970	16,7
1980	16,2
1989	12,7

*Taxa de Mortalidade: 20,0*  
*Taxa de Cresc. Nat.: 18,5*

*19,4*  
*16,4*  
*12,2*  
*10,4*  
*9,2*  
*4,3*

*(unidade)*  
*MB!!*

**CAUSAS DA VARIAÇÃO DA NATALIDADE**

- Maior assistência médico-sanitária
- Maior percentagem de mulheres empregadas
- Condições de trabalho
- Ciências religiosas
- Migrações
- Grau de instrução
- Acesso ao planeamento familiar
- Êxito das ligações conjugais e idade das casamenteiras

**CAUSAS DA VARIAÇÃO DA MORTALIDADE**

- Deficiente assistência médico-sanitária
- Falta de higiene
- Deficiente apoio materno-infantil
- Envelhecimento da população (consequência da emigração)
- Vida mais difícil

### Unid.1 - 6

**EVOLUÇÃO DA TAXA DE CRESCIMENTO NATURAL EM PORTUGAL**



ANO	TAXA DE NATALIDADE (%)	TAXA DE MORTALIDADE (%)	TAXA DE CRESCIMENTO NAT (%)
1900	30,5	20,0	10,5
1910	28,6	20,0	8,6
1920	33,6	20,0	13,6
1930	30,0	20,0	10,0
1940	24,0	17,4	6,6
1950	23,8	16,4	7,4
1960	23,9	15,5	8,4
1970	16,7	10,4	6,3
1980	16,2	9,2	7,0
1989	12,7	8,3	4,4

**PRINCIPAIS TIPOS DE MIGRAÇÕES**

- NO ESPAÇO**
  - Internas
  - Externas
  - Continentais
  - Intercontinentais
- NO TEMPO**
  - Periódicas
  - Temporárias
  - Definitivas
- PELA FORMA**
  - Voluntárias
  - Forçadas
- PELA NATUREZA**
  - Económicas
  - Religiosas
  - Políticas
  - Culturais
- EM RELAÇÃO AO ESTADO**
  - Legais
  - Clandestinas

(Adaptado de J. A. Gamenda e J. Ratto - Geografia Humana/Económica 2)

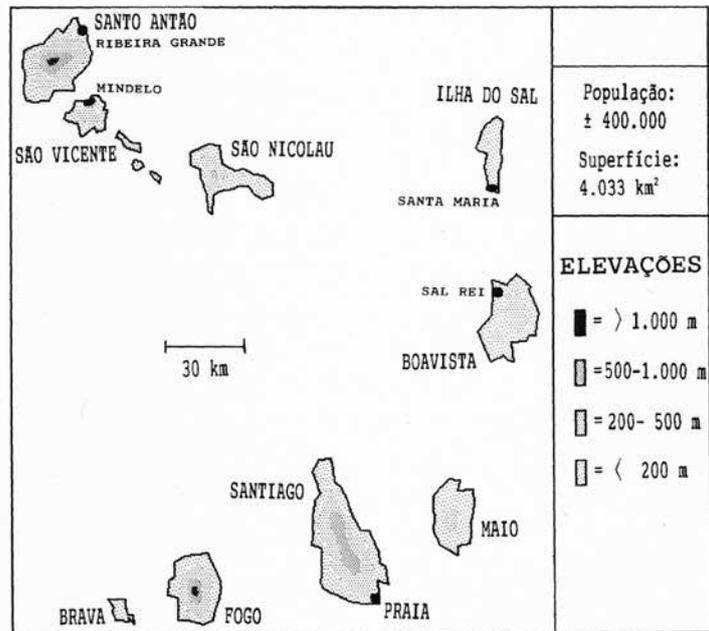
Em Portugal registam-se migrações internas e externas. As migrações internas são deslocamentos da população dentro da própria país.

Consultando as páginas dos dois suplementos que integram, em anexo, este capítulo – 132, com materiais/testes de Ciências Sociais e 40 de Inglês (2º e 3º ciclos) – pode-se percorrer uma parte dos conteúdos previstos nestas disciplinas e analisar alguns materiais utilizados – todos copiados em acetatos, alguns a cores (que também se conservam), para utilização nas aulas através do retroprojektor.

Obviamente, estes são apenas um exemplo, e porventura não o melhor, do que terá sido feito nas outras disciplinas incluídas na mesma reforma e lecionadas servindo-se dos «novos» manuais, que outra coisa não eram senão uma coletânea de textos e dados que, antes, os da Porto Editora/Edições ASA apresentavam com mais eficácia e menor dispêndio de dinheiro e desperdício de papel, para os alunos e professores.

No caso da EPER, referindo aqui apenas as disciplinas de Ciências Sociais e Inglês, os acetatos projetados durante as aulas eram depois copiados em papel e oferecidos aos alunos. Numa das unidades, sobre geografia humana, população e território, houve o cuidado de acrescentar uma referência a Cabo-Verde, mostrando a configuração do território e a sua orografia («elevações» geográficas). Nessa primeira unidade, o estado da população mundial em 1992 e a problemática relacionada com o tema, incluindo os seus indicadores, foram amplamente documentados com materiais provenientes das Nações Unidas (recebidos na Rádio Vaticano). Também destes materiais se conservam os acetatos, reproduzidos no suplemento em anexo. Além disso, recorreu-se a despachos de diferentes agências de informação para contextualizar e aprofundar o tema. Pode-se ler a longa análise, em sete *takes*, da previsão de haver... seis bilhões de pessoas no mundo, oito anos mais tarde (no ano 2000).

CABO VERDE



#A 949026A  
ADN\_KR 18 DIC 13:19  
POPOLAZIONE: NEL DUEMILA SAREMO IN SEI MILIARDI =

ZCZC  
ADN0116 3 CRO 0 R04

13:21 POPOLAZIONE: NEL DUEMILA SAREMO IN SEI MILIARDI =

ROMA, 18 DIC. (ADNKRONOS)- NON C'E' PROPRIO VIA DI SCAMPO: ALMENO PER I PROSSIMI TRENT'ANNI LA POPOLAZIONE MONDIALE CONTINUERA' A CRESCERE. COLPA -SCRIVE LO SPECIALE ADNKRONOS 'TERRITORIO E AMBIENTE' DI QUESTA SETTIMANA- NON TANTO DEL TASSO DI CRESCITA, CHE DAL 1975 SI E' MANTENUTO PRESSOCHE' COSTANTE (CIRCA 1,7 PER CENTO ALL'ANNO), MA DELL'INCREMENTO REGISTRATO NEGLI ANNI PRECEDENTI, I CUI STRASCICHI CONTINUERANNO A FARSI SENTIRE. COSI', SE NEL 1975 LA POPOLAZIONE E' AUMENTATA DI 72 MILIONI, NEL '92 SI E' ARRIVATI A CONTARE 93 MILIONI DI INDIVIDUI IN PIU'. E LE ULTIME PROIEZIONI PREFIGURANO DA QUI AL DUEMILA UN PICCO DI CRESCITA CHE RAGGIUNGERA' QUASI I 98 MILIONI ALL'ANNO.

A SNOCCIOLARE DATI E PREVISIONI DEMOGRAFICHE FINO AL 2150 E' L'UNFPA, IL PROGRAMMA SULLA POPOLAZIONE DELLE NAZIONI UNITE. STUDI E RICERCHE CHE L'ANNO PROSSIMO VERRANNO ANALIZZATI IN DETTAGLIO DURANTE LA CONFERENZA MONDIALE SULLA POPOLAZIONE CHE SI TERRA' AL CAIRO. IL 1993 SI CHIUDE CON UN BILANCIO DI 5,57 MILIARDI DI PERSONE, CONTRO I 5 MILIARDI E 292 MILIONI DEL '90. ATTENZIONE, PERO', AVVERTE L'UNFPA, PERCHE' LA 'RAPIDA' CRESCITA DELLA POPOLAZIONE PORTERA' NEL DUEMILA A SUPERARE I SEI MILIARDI, NEL 2025 A SFIORARE GLI OTTO MILIARDI E MEZZO, FINO AD ARRIVARE NEL 2050 A TOCCARE LA PUNTA DI 10 MILIARDI. E NON E' FINITA: STANDO ALLE PREVISIONI DELLE NAZIONI UNITE, L'INCREMENTO RESTERA' 'NOTEVOLE' ALMENO FINO AL 2150, QUANDO LA POPOLAZIONE MONDIALE RAGGIUNGERA' ADDIRITTURA QUOTA 11,6 MILIARDI DI PERSONE.

TUTTE CIFRE CON LE QUALI CI SI TROVERA' A DOVER FARE I CONTI PER PREVENIRE O COMUNQUE 'MITIGARE' IL LORO IMPATTO SULL'AMBIENTE. E NON SARA' COSA FACILE, SE SI PENSA CHE GIA' GLI ATTUALI CINQUE MILIARDI DI ABITANTI DELLA TERRA NON HANNO CERTO VITA SEMPLICE. COSA ACCADRA' QUANDO CE NE SARANNO IL DOPIO? SCARSITA' DI RISORSE IDRICHE ED ALIMENTARI, METROPOLI SOVRAFFOLLATE E SUPERINQUINATE, SONO VERE E PROPRIE SPADE DI DAMOCLE, SOSPESE SUL DESTINO DEL MONDO INTERO E DEI SUOI ABITANTI. (SEGUE)  
(ARC/BB/ADNKRONOS)

18-DIC-93 13:20

NNNN

8. Hirondina da Cruz Lopes – 13.
9. Andreia Ramos Lopes – 14.
10. Alcídia Conceição da Graça (nº 29) – 10.

A título de exemplo, estes são os resultados do teste de 7 de dezembro de 1993, sobre a 1ª unidade, realizado por 10 alunos, 6 dos quais obtiveram avaliação positiva no teste:

1. Lorena Marizia da Cruz Elias – claramente insuficiente.
2. Kolle Maurício Beosse – mesma data, unidade 4 – sem avaliação indicada na folha.
3. Maria Albertina Duarte da Cruz – sem avaliação indicada na folha.
4. Maria do Carmo Mota – sem avaliação indicada na folha.
5. Maria de Fátima – 12.
6. Eneida Andrade – 11.
7. Helen Silva Ramos – 13.

Para terminar, eis, aleatoriamente, quatro exemplos, sem referir os nomes dos alunos, de respostas dadas a um desses testes:

4- A emigração não é um fenómeno só do passado mas também de hoje. No passado, começava-se com as descobertas e com o comércio dos mares.

E emigração é sair do próprio país para emigrar noutro país estrangeiro. Algumas consequências que o próprio país de emigrante não se desenvolveu nas condições e o desenvolvimento do próprio país.

Imigração é deslocar duma região as zonas dentro do próprio país.

Migração também é deslocar-se duma zona para outra. O fluxo de migração, imigração e emigração, algumas causas que muito estrangeiros as pessoas nos países de emigração, as numa determinado zona ao região.

5- A população activa, são os que trabalha e que dão o desenvolvimento no país. Activa é empregados, trabalha recebe e pagar as taxa. - (dele?) -

ou a activa são os que não trabalha ao que já não trabalha: como os velhos, estudantes e os desempregados.

68

população envelhecida, <sup>idêntica</sup> aqui significa-se um número baixo de gente jovem. País = Ompé.

c) a população foi crescendo, muitas pessoas de 15 até aos 65 anos, poucas de 60 aos 80 ou mais anos. ex: África sulista.

4) Emigração - Deslocação ou saída <sup>de pessoas</sup> para fora do próprio país

Imigração - mudar de zona ou região mas dentro do próprio país.

Fluxo migratório - é o movimento das pessoas que saem dum lugar para outro imigrando ou emigrando.

Algumas causas de tais fenómenos: busca de melhores condições de vida como por exemplo: emprego, habitação, entre outras causas podem ser aventura, fuga de responsabilidades, procura de melhor salário, pode ser também vontade ou desejo de viver mudar de ambiente e conhecer outros lugares ou meios de vida. Uma das grandes causas, é a guerra -> ocupada? -> deslocado?!

5- População activa, é uma população de idade de vida e capazes para trabalhar; por exemplo gente jovem.

Desemprego - é faltar de emprego ou trabalho

b1)

a. A diferença entre emigração, imigração, e fluxo migratório.

Emigração: quando uma pessoa sai do próprio país e vai para os outros.

Imigração: deslocamento de uma região para outra.

Migração: deslocamento de região, zonas ou cidades. mas dentro do próprio país.

Fluxo migratório: o movimento de uma pessoa que mora no campo e têm que trabalhar na cidade.

Uma das causas mais graves que leva as pessoas a emigrar é por vários razões exemplo:

Pode ser por causa de: procura de vida melhor ou um futuro melhor ou também por o motivo do salário que é baixo e não dá para sustentar-se e manter a família inteira.

25

5. A população activa: é o número das pessoas que a partir de 16 ou 18, até 65 anos trabalha ainda ou começam.

Desemprego: quando uma pessoa está na idade de trabalhar mas que não trabalha porque não se encontra, ou também porque não há então por isso diz-se que está desempregado.

Também quando se é coitadito a pagar para um período de tempo diz-se que por enquanto se é desempregado.

25

no nome da emigração, e no nível de organização nacional.

2

a) As plantas mais raras dos países industrializados são:

ex - Planta Orquídea, All. Pólen, nos tempos de Neolítico

que foi plantado, desde os rios adjacentes!

- Planta radiométrica na Suécia e Finlândia, mas não foram plantados no país industrializado.

b) nos estados Unidos os seus são muito raros, mas espalhados regularmente.

c) Nos países africanos, exemplo

- em Moçambique temos as plantas, e as cidades Maputo, (numa zona antiga).

2

- Condições sobre o país de Vinda da A Planta de Capital do Ilho país, como a forma da Planta Orquídea? que quer dizer uma palavra difícil?

## Compreensão e enquadramento | Outros contributos

Voltando atrás (seguindo o conselho de Mia Couto, ao contrário, desta vez para ver o que ficou à frente), voltemos aos testemunhos de avaliação publicados no boletim nº 20 que, num olhar retrospectivo e abrangente das vivências partilhadas, convidam a erguer o olhar para realidades diferentes, vividas e sentidas nesse período.

### 4

#### Um "testemunho" diferente...

Longa e diferente, esta peça ajuda a enquadrar/interpretar o privilégio que era viver em Roma e, nessa incomparável cidade – propícia a grandes amores e sincero repúdio pelo que nela, ontem como hoje, não funciona, ou funciona mal (ao nível dos governos: da cidade e do país – manter viva e ativa uma Escola que não conseguiu realizar o sonho de se prolongar no tempo, como escola e/ou como centro cultural! O autor deste texto viveu apaixonadamente a sua relação e o seu trabalho, não só com a cidade, mas também, nos anos em que colaborou com a EPER!

#### **CONFESSO: GOSTO MESMO DE ROMA**

*José Maria Pacheco Gonçalves, jornalista*

*Confesso já, para começar: eu gosto de Roma. Muito. MUITÍSSIMO. É sempre com incredulidade, sem compreender, que reajo a alguém que – caso raro – me venha dizer: "Boh! Uma cidade como outra qualquer"! Ou então (mais raro ainda): "Detesto Roma".*

*Com as terras, passa-se um pouco como com as pessoas. Um dia há um encontro, trava-se conhecimento, e surge uma primeira impressão: simpatia ou antipatia, interesse ou indiferença. O tempo se encarregará de retificar ou completar esse olhar superficial. Os defeitos e limites das pessoas que estimamos não impedirão de lhes querermos bem; as virtudes e qualidades de quem nos aparecia antipático ou indiferente conseguem às vezes fazer-nos superar uma primeira opinião parcial e injusta.*

*Quando há dez anos vim pela primeira vez à Itália e conheci Roma, fiquei logo conquistado. "Aqui está uma cidade onde gostaria de viver" – pensei. Nos meus já nove anos completos de vida romana, nem por um momento me veio à cabeça renegar o meu apreço por esta Cidade única. Bem pelo contrário: quase que não há dia em que não descubra um novo admirável ângulo de visão, uma ruína até então desaparecida, uma qualquer respeitável obra de arte.*

*Claro que não nego alguns defeitos que o tempo me levou a descobrir: o trânsito sufocante, a ineficiência ou burocratismo de certos serviços públicos essenciais, um modo-de-ser por vezes um tanto rude da parte de certos romanos, o calor húmido e asfíxiante do mês de agosto...*

*Mas nada disso me retira o gosto, a paixão, por esta Urbe onde o Tempo e a História estão*

*impressos em cada pedra, em cada colina, em cada ruela ou fachada. Uma Cidade onde a Beleza e a Arte deixaram por toda a parte a sua marca, com uma prodigalidade que não encontrei em nenhum outro lado. E tudo se passa no meio de uma naturalidade, de uma espécie de acaso e de desleixo que sempre fizeram passar os tantos viajantes que através dos séculos tomaram Roma como meta de visita ou peregrinação.*

*Recentemente, numa das suas crónicas semanais no quotidiano "Público", Jacinto Prado Coelho falava da impressão desconfortante que sempre experimenta em "La Défense" – o "quartier" moderno, tipo americano, construído nos últimos trinta anos em Paris a partir do zero, com o concurso dos melhores urbanistas e arquitetos do planeta: os edifícios enquadram-se harmoniosamente, os acessos e transportes são racionais e eficientes, todos os "serviços" estão bem assegurados. Não faltam, sequer zonas verdes e obras de arte a ornar os espaços públicos, amplos e bem proporcionados. Dir-se-ia que tudo aí é racional e perfeito, bem acabado. E contudo... falta a "La Défense" algo de essencial para uma cidade tal como a concebemos aqui na Europa. Falta-lhe uma importante dimensão: o tempo, o passado, a história. É como uma árvore feita crescer à pressa, em tempo-record, contra a natureza.*

*Mas as cidades, as terras, são seres vivos. Nascem e crescem. Têm uma história. São alimentadas com o engenho e a arte dos seus sucessivos habitantes. As praças e as ruas, as fachadas e as torres, têm todas que contar: falam de guerra e paz, de prosperidade e de*

carestias, de fé e cultura, de vida e de morte. Um bairro como "La Défense" falará decerto do "admirável mundo novo" da planificação e do efficientíssimo, mas falta-lhe o húmus, o adubo, de uma civilização que vem de longe e se desenrola nos séculos.

Ora é sobretudo isto que me fascina em Roma. Cada pedaço do seu extensíssimo "centro histórico" se apresenta como um tecido vivo, com enxertos sucessivos, ao longo dos tempos. Muito mais ainda do que em tantas outras belas e antigas cidades da Itália e de outros Países, o tecido urbano de Roma apresenta-se como uma evolução viva de gostos e estilos, de épocas e de vicissitudes. Um facto que se prende com a importância histórica que Roma deteve na Antiguidade, e, depois, como centro da Cristandade. Apesar de todos os incêndios, pestes e saques por que passou (e tantos foram), parece um autêntico milagre que Roma tenha conservado – em tão elevada extensão e qualidade – os preciosos tesouros do seu rico passado.

Aos olhos do visitante mais ou menos apressado, Roma impõe-se pelos monumentos roma-

nos e pelas basílicas e igrejas mais ou menos barrocas dos tempos da afirmação do Papa-do. Um conhecimento mais continuado desta Cidade nunca esgotada revela um fio condutor que atravessa toda a Idade Média e estabelece uma ligação indissolúvel entre a Roma pagã e a Roma católica. Não só foram sendo continuamente reutilizados os materiais de construções antigas em edifícios sacros e civis sucessivos, como também se foram dando novas utilizações a antigos templos e espaços públicos numa evolução viva. As variadas colunas trazidas de templos pagãos para a basílica "Ara Coeli", junto do Capitólio, ou para a de Santa Maria "in cosmedin" não me impressionam menos do que as esplêndidas colunas de Trajano e de Adriano, ou do peristilo do panteon, que chegaram até nós perfeitamente intactas. Saber que vinte séculos as contemplam não pode deixar de comover. E que todos estes restos estejam enquadrados por sucessivas construções e praças, fontes e igrejas, torres e habitações, suscita no habitante romano desperto um contínuo deslumbramento. Uma admiração que os anos só fazem consolidar.

29-30set92

### **Eleições em Angola – análise sociológica**

Moisés Malumbu, autor do texto, trabalhou algum tempo na Secção Portuguesa da Rádio Vaticano, para a qual escreveu esta breve análise das eleições políticas realizadas naqueles dias no seu país e partilhou-as com os leitores do boletim informativo da AEPER. [\*\*\*]

*As primeiras eleições livres em Angola, a serem realizadas de 29 a 30 de setembro de 1992, não têm em vista somente pôr fim a 16 anos de guerra civil. Para além da necessidade de pôr termo à guerra civil, está o problema de instalar uma democracia verdadeiramente angolana no País; isto é, uma democracia capaz de evitar que num futuro próximo ou longínquo se repitam outros distúrbios sociais próximos ou semelhantes a uma guerra civil.*

*A realização pacífica das primeiras eleições livres parece estar suficientemente vigiada e garantida por forças políticas nacionais e internacionais, mas a consolidação da democracia em Angola será um longo processo dependente da combinação de complexos fatores endógenos.*

*Na construção da democracia, Angola certamente não poderá prescindir da experiência e dos valores culturais que herdou da Europa em 500 anos de contacto sociocultural que fizeram de Angola aquilo que ela é no contexto africano e internacional de hoje. Mas, apesar de*

*tudo, Angola continua a ser um País essencialmente africano na sua cultura, valores sociais e tradicionais, principalmente ínsitos nas afinidades tribais, "clánicas", familiares e mesmo religiosas; valores esses que jogam um papel decisivamente determinante nas estruturas democráticas africanas.*

*No recente passado colonial de Angola, esses valores foram manobrados pelo colonialismo, para manter os angolanos uns contra os outros. Mas hoje em dia os angolanos já se aperceberam de que esses mesmos valores constituem o veículo da sua força política e cultural, da sua experiência histórica e económica, assim como da consciência nacional que os levou à formação de uma frente comum contra o colonialismo.*

*Num tal contexto social, assim estruturado, falar politicamente de um Estado Democrático Angolano significa falar de um governo central não só consensual, mas também de representação coletiva, isto é, de um governo de*

compromisso, capaz de representar a maioria e capaz de se fazer representar de modo consensual junto das minorias étnicas, culturais, regionais, etc. A nível de uma economia verdadeiramente democrática e descentralizada, as iniciativas e empreendimentos económicos regionais, sejam eles privados ou governamentais, têm de demonstrar não só a capacidade científica de desfrutar os recursos económicos naturais do País, mas também a capacidade de integrar nos seus planos de desenvolvimento

regional livres ou sectorial os chamados fatores não económicos de desenvolvimento.

Uma organização política e económica assim estruturada, com um governo centralizado no topo e descentralizado na base, para além de favorecer as iniciativas privadas e regionais, pode controlar a anarquia que tem estado na base da ruína das democracias africanas nascentes, como o é a democracia angolana que se pretende instalar no País com as eleições dos dias 29 e 30 de setembro de 1992!

[\*\*] Segundo informações recolhidas na Internet (site oficial da CEAST), Moisés Malumbu lançou em 2009 uma **Gramática da língua Umbundu**, publicada com a chancela das Edições «Vivere in», em Roma. O livro, de 264 páginas, surge como um material indispensável para aqueles que se interessam em estudos e promoção das línguas nacionais. Em 2005, na mesma editora, tinha publicado **Os Ovimbundu de Angola: tradição, economia e cultura organizativa**, uma obra de 358 páginas que teve uma recensão de Simão SQUINDOULA, Historiador e Perito da UNESCO [<http://ombembwa.blogspot.com/2013/01/historia-de-angola-os-planaltos.html>].



No site da Rádio Vaticano (Secção Portuguesa), onde trabalhava quando escreveu a análise sobre as eleições no seu país publicada pelo boletim da AEPER em 1992, pode ler-se uma referência, publicada em agosto de 2017, sobre um outro seu trabalho, com o título **Moisés Malumbu – Promover o ensino da História da África**, relativa a Mbanza e tendo este incipit: "Duas realidades diferentes, um denominador comum: a escravatura. Ambas foram declaradas em julho passado, pela UNESCO, Património Mundial da Humanidade: Cais do Valongo, por constituir a memória histórica do desembarque, no Rio de Janeiro, de africanos escravizados. E Mbanza Kongo, por ser a capital do amplo Reino do Congo, um dos maiores Estados constituídos da África Austral entre os séculos XIV e XIX, onde os portugueses chegaram no século XV e com eles o cristianismo." [[http://www.archivioradiovaticana.va/storico/2017/08/21/mois%C3%A9s\\_malumbu\\_-\\_promover\\_o\\_ensino\\_da\\_hist%C3%B3ria\\_da\\_%C3%A1frica\\_/pt-1331977](http://www.archivioradiovaticana.va/storico/2017/08/21/mois%C3%A9s_malumbu_-_promover_o_ensino_da_hist%C3%B3ria_da_%C3%A1frica_/pt-1331977)]



3set92

## Faleceu o poeta angolano Almeida Santos

Faleceu em Lobito, devido a um tumor maligno, no passado dia 3 de setembro, com 70 anos de idade, o poeta angolano Aires de Almeida Santos. Natural de Chinguar, na Província do Bié, o poeta passou quase toda a sua vida em Benguela, onde escreveu os seus

poemas mais famosos, entre os quais se destaca "O amor da Avenida Onze". Na sua juventude foi um famoso futebolista. Era membro de pleno direito da União dos Escritores Angolanos e deputado na Assembleia Nacional Angolana.

Em anexo, este poema e o site onde pode ficar a saber mais sobre este poeta [«[Meu Amor da Rua Onze](#)»]

## MOÇAMBIQUE: alívio e crispação após a cimeira de Roma

O texto seguinte é também uma tentativa de análise da situação vivida numa das antigas colónias portuguesas, dramaticamente em busca de uma solução de paz para pôr fim à guerra civil desencadeada após a independência. António Vieira Pinheiro, também jornalista da Rádio Vaticano, elaborou uma ficha com a síntese dos acontecimentos vividos na altura e sobre a situação do país, partilhada no boletim da AEPER como forma de... conhecer para poder julgar. Pairava no ar a possibilidade de se chegar a um acordo de paz, ou pelo menos de tréguas, promovido pela Comunidade de Santo Egídio, com o patrocínio do Vaticano, o que viria a acontecer.

Do mesmo modo que a Somália, a Etiópia e a Libéria, o Povo de Moçambique vive uma das maiores tragédias que ensombram a África. A guerra já provocou a morte de 900.000 pessoas

e cerca de quatro milhões de refugiados.

No início de agosto, precisamente no dia 7, o presidente moçambicano, Joaquim Chissano, e o chefe da RENAMO, Afonso Dhlakama, as-

*sinaram em Roma uma declaração comum, comprometendo-se a chegar a um acordo de paz global antes do dia 1 de outubro próximo.*

*Como salientava Teresa Lima, correspondente em Maputo de um diário português, o sentimento generalizado em Moçambique ao ser conhecida a conclusão da cimeira de Roma foi simultaneamente de alívio e críspação. Alívio pela abertura de condições que permitem a paz a partir de outubro, altura da tomada de novas medidas sobre o futuro do País; críspação, pelo adiamento das tréguas. Mais três meses de mortes, ataques, fome, desespero... tornaram-se de facto num tempo excessivo para quem chegou ao extremo da sobrevivência.*

*A seca, outro flagelo juntamente com a guerra, concorreu para tornar geral a fome e as doenças por todo o País, considerado pelo Population Crisis Committee «a zona de maior sofrimento humano no mundo nos últimos três anos».*

*Sozinho, o Governo moçambicano não está em condições de enfrentar a situação, pelo que os seus responsáveis têm dirigido apelos à Comunidade internacional para conseguir ajuda. A catástrofe está próxima: a paz poderá impedi-la.*

*Conforme escrevem muitos observadores, as repetidas violações do cessar-fogo na ex-Jugoslávia, na Somália e noutras zonas do mundo aconselham a encarar com ceticismo a ideia de que baste elaborar alguns documentos bem redigidos para que se resolvam os problemas: não será fácil normalizar a situação num País em que se luta desde há quinze anos, e onde a estiagem agravou os males de um Povo, cujo rendimento anual não ultrapassa os cem dólares por pessoa.*

*A diferença entre o que se estabelece solenemente à mesa das negociações e o que acontece depois na prática leva muitos céuticos a recear que em outubro ainda não tenha acabado a guerra, nem começado a desmobilização das foças armadas de ambas as partes, com vista à formação de um exército único, não partidário.*

*A cimeira de Roma – escreveu o jornalista Jorge Heitor, no jornal PÚBLICO – "foi decerto um passo que tinha de ser dado. Mas, depois dele, muitos outros haverá ainda que dar até que comece verdadeiramente a diminuir o sofrimento dos dezasseis milhões de moçambicanos, do Rovuma ao Maputo".*

---

**AFRICA WATCH**, organismo que vela pelo respeito dos direitos humanos no mundo, publicou em 21 de julho passado um RELATÓRIO de 208 páginas sobre a situação dramática de Moçambique, denunciando os crimes cometidos seja pelo regime marxista seja pelo movimento de guerrilha.

O Relatório documentava com abundante material destruições sistemáticas de aldeias e vilas, uma situação de fome, atrocidades brutais... *A guerra assumiu aspetos excepcionalmente brutais: massacres, mutilações (corte de orelhas, narizes, lábios e órgãos sexuais), deslocação forçada da população... foram (são ainda?!) o método habitual de luta adotado pela RENAMO para aterrorizar as populações – lê-se no Documento, que acrescente: Chegou-se a obrigar os pais a matar os próprios filhos!* Outro crime frequente foi (é?! ) o recrutamento de crianças de oito anos, obrigando-as a pegar em armas e matar pessoas!

O Relatório analisava os diferentes aspetos da situação verdadeiramente trágica do País, incluindo as dificuldades que o governo enfrentava para resolver a crise económica e concretizar os programas para o retorno do País a uma situação de legalidade, segurança, moralidade e desenvolvimento.

*NOTA: Uma cópia do Relatório, em inglês, estava disponível na Escola, para consulta.*

---

## **Petição a favor do voto para as presidenciais aos emigrantes**

Não podia a EPER manter-se alheia aos temas e questões que diziam respeito à vida de todos e procurou sempre – com alguns percalços, como se verá mais à frente – acompanhar e, na medida sempre comedida e marginal, intervir para formar e compreender os fenómenos sociais que também a afetavam. Assim, o primeiro boletim informativo de 1992-93 convidava os seus leitores, com o texto seguinte, a participar numa iniciativa de que tinha tido conhecimento.

*Só ao fim do passado ano letivo nos chegou o texto de uma Petição a favor da extensão do voto para as eleições presidenciais também aos portugueses que residem no estrangeiro (emigrantes). O documento, a ser assinado por quem o desejar fazer, é dirigido à Assembleia da República a fim de que "proceda, com urgência, às necessárias alterações à Constituição e à Lei Eleitoral, por forma a pôr cobro à inqualificável discriminação". A iniciativa é do PSD, que agradece "que se*

proceda no mais curto espaço de tempo à recolha do máximo de assinaturas possível": ainda estaremos a tempo? Certamente! As assinaturas podem-se recolher na Escola.

26ago92

### **República de Angola, Assembleia Nacional**

A Assembleia do Povo Angolano aprovou no dia 26 de agosto de 1992 a *Lei de Revisão Constitucional*, segundo a qual a República Popular de Angola passou a designar-se simplesmente República de Angola, e a Assembleia do Povo, Assembleia Nacional. A Lei estará em vigor até à aprovação da nova Constituição Política, que vai ser elaborada pela Assembleia Constituinte formada depois das eleições de 29 e 30 de setembro.

A Lei de Revisão Constitucional aprovada em Agosto introduz o sistema semipresidencial, segundo o qual "o Presidente da República define a orientação política do País, assegura o funcionamento normal dos órgãos do Estado e é garante da independência nacional e da integridade territorial do País". Compete-lhe a nomeação do primeiro-ministro e dos membros do Governo. (AP-AFP-REUTER).

### **Capo Verde: Nova Bandeira**

A República de Cabo Verde abriu em abril de 1992 um concurso público para a criação de uma nova Bandeira Nacional das Armas da República e do Hino Nacional. Os trabalhos para o concurso, que podiam ser assinados por mais de um autor, obedeciam naturalmente a uma série de normas e condições, contidas num regulamento que se podia consultar na Escola. Não se indicava prazo para a entrega dos trabalhos.



O arquiteto Pedro Gregório foi o vencedor do concurso e teve de enfrentar diversas críticas que o acusaram de fugir às cores tradicionais de África – o amarelo, o vermelho e o verde – mas, como explicou o autor, o arquipélago só tinha uma cor que o identificasse: o azul do céu e do mar. O retângulo azul da bandeira simboliza o mar e o céu que envolvem as ilhas. As faixas, o caminho da construção do país, sendo o branco, a paz, e o vermelho, o esforço e a luta. Por último, as estrelas representam as dez ilhas que compõem o arquipélago. A bandeira anterior de Cabo Verde foi adotada pelo PAIGC durante a luta de independência e era a mesma da Guiné-Bissau. Em 1991 houve uma reforma constitucional para instaurar o multipartidarismo, e foram então criados novos símbolos nacionais (a nova bandeira foi adotada em 22 de setembro de 1992).

\*\*\* \*\*

Em janeiro de 1993, o boletim 21 da AEPER publicava a letra do Novo Hino Nacional Cabo-verdiano, de Amílcar Spencer Lopes, tendo por título "PAZ E LABOR"

Vem irmão, traz o teu querer. Paladinos da mesma causa, unidos na mesma vontade, celebrems a liberdade.	Olvida o ferro que te travou o gesto, lamenta quem te amordaçou o verbo. Vem depressa, vem lesto: há outras lavras, outros zéfiros.	Com dignidade, promove a paz. Com destemor, desbrava e faz. O mundo quedou a teus pés, a alvorada aguarda em tuas mãos".
--	--	---

Língua nacional: Creoulo. Língua oficial: Português  
Arquipélago atlântico, a 455 km da costa do Senegal (Dakar)  
Formada por dez Ilhas - Barlavento a Norte; Sotavento ao Sul  
Superfície: 4.033 km<sup>2</sup> - População: 800.000 habitantes (metade fora do País)

\*\*\* \*\*

Comecemos esta abordagem com uma «boa notícia» que é também eloquente do dinamismo e capacidade empreendedora da nova Direção: a reportagem de Marilena Menicucci no mais prestigiado quotidiano italiano, que se transcrive integralmente, faz uma síntese magistral do trabalho e da importância da EPER [pode-se presumir que a primeira parte, não constando nos arquivos conservados, terá abordado o papel do Centro Caritas no qual a Escola ocupava um lugar central e que é identificado na reportagem como sendo o «Instituto Português de Roma»].

12ou92

**CORRIERE DELLA SERA**

**L'ALTRA CAPITALE I Parla la direttrice dell'Istituto portoghese a Roma**  
**A scuola per diventare cittadino del mondo**

Isabel De Carvalho Correia, direttrice della Scuola Portoghese a Roma, sposata con un italiano, due figlie, ha appreso la nostra lingua all'Istituto Culturale Italiano di Lisbona, quand'era diretto da Antonio Tabucchi.

Isabel mostra con semplicità orgogliosa la biblioteca, gli uffici e le aule della scuola, forse perché i portoghesi hanno cercato ed aspettato molto per avere una sede nuova e più funzionale rispetto alla precedente, presso l'Istituto di S. Antonio, dove un gruppo di gesuiti iniziò l'attività di insegnamento della lingua portoghese, circa venti anni fa.

L'atteggiamento risoluto e critico della direttrice si può collegare, anche, al fatto che il lavoro degli operatori di questa scuola è più simile al volontariato, pur rimanendo alto il livello della professionalità e, di seguito, la qualità delle varie attività didattiche. La maggiore difficoltà organizzativa ci è sembrata quella di riuscire a soddisfare i bisogni culturali di allievi, circa 200, molto diversi tra loro, per età, per provenienza e per dispo-

bilità di tempo. Se frequenta qualche figlio di ambasciatore, in genere, però, la maggior parte delle alunne è costituita da collaboratrici domestiche di lingua portoghese, provenienti dal Portogallo e da alcune ex colonie: Angola, Capoverde, Mozambico... Per cui i corsi vanno dalle elementari alla maturità e l'orario delle lezioni dipende dalle ore libere dal lavoro delle collaboratrici-studentesse. Questo genere di alunni non ha bisogno solo di imparare a leggere, scrivere, far di conto in portoghese, in italiano o in inglese, ma desidera sentirsi a casa, almeno qualche pomeriggio all'anno. Perciò la scuola organizza delle feste tradizionali, in corrispondenza con quelle del Portogallo, in cui ogni etnia partecipa, a proprio modo. L'11 novembre si festeggia Magusto, la castagna con il vino nuovo; a Natale, vicino al Presepe, si mangiano i Filhoses, i frittini e a giugno le sardine alla griglia con il pane. La compagnia aerea portoghese, Tap, collabora, portando la materia prima dal Portogallo, compresi i dolci



nalità e, di seguito, la qualità delle varie attività didattiche. La maggiore difficoltà organizzativa ci è sembrata quella di riuscire a soddisfare i bisogni culturali di allievi, circa 200, molto diversi tra loro, per età, per provenienza e per disponibilità di tempo.

Se frequenta qualche figlio di ambasciatore, in genere, però, la maggior parte delle alunne è costituita da collaboratrici domestiche di lingua portoghese, provenienti dal Portogallo e da alcune ex colonie: Angola, Capoverde, Mozambico...

Per cui i corsi vanno dalle elementari alla maturità e l'orario delle lezioni dipende dalle ore libere dal lavoro delle collaboratrici-studentesse.

Questo genere di alunni non ha bisogno solo di imparare a leggere, scrivere, far di conto in portoghese, in italiano o in inglese, ma desidera sentirsi a casa, almeno qualche pomeriggio all'anno. Perciò la scuola organizza delle feste tradizionali, in corrispondenza con quelle del Portogallo, in cui ogni etnia partecipa, a proprio modo.

L'11 novembre si festeggia Magusto, la castagna con il vino nuovo; a Natale, vicino al Presepe, si mangiano i Filhoses, i frittini e a giugno le sardine alla griglia con il pane. La compagnia aerea portoghese, Tap, collabora, portando la materia prima dal Portogallo, compresi i dolci (Queijadas de Sintia [sic, no original] e Pastéis de Belém).

Queste feste richiamano proprio tutti coloro che, a Roma, parlano il portoghese, anche quelli che non frequentano

la scuola vera e propria ed è presente anche qualche rappresentante del quartiere, sorto intorno alla piazza Pio IX, dove il portoghese non è più lingua sconosciuta.

Il carattere multiculturale e multinazionale di questa scuola stimola i suoi operatori, che alla pedagogia uniscono anche attività sociali come trovare casa e lavoro agli alunni, risolvere qualche problema personale o prestare i primi soldi necessari. Padre Mario, italiano che sa parlare in portoghese, invece, cura l'aspetto religioso, dicendo Messa alle sette di sera della domenica, dopo le lezioni scolastiche e distribuendo i sacramenti agli alunni e ai loro figli.

Le ambasciate dei vari paesi di lingua portoghese vengono coinvolti [sic, no original] in un incontro culturale all'anno, per riflettere sull'importanza della cultura portoghese, poco conosciuta in Italia.

La scuola è sostenuta economicamente anche dall'Associazione degli Amici della Scuola Portoghese, costituita

da portoghesi, italiani e tedeschi.

Per mantenere i contatti in tutte le direzioni, e soprattutto per informare gli immigrati di lingua portoghese a Roma, viene redatto dalla scuola un Bollettino, curato da Fernando Pigno, e può capitare di vedere gli operatori della scuola in piazza Risorgimento, mentre lo diffondono tra i compaesani, per aiutarli a non sentirsi soli, ma anche per convincerli a cominciare o a riprendere gli studi.

Di fronte a questo Centro culturale della Caritas, così utile, il cronista ha provato vergogna per quegli italiani, che hanno sporcato il muretto esterno del giardino con una svastica e con scritte contro la società multirazziale.

Ma se lo Stato italiano e quello portoghese si metteranno d'accordo per l'apertura dell'Istituto Culturale Portoghese, ché continui questa tradizione di civiltà, quelle scritte non faranno più paura a nessuno, anzi è il modo per cancellarle.

Marilena Menicucci – (2-fine)

\*\*\* \*\*

Antes de iniciar a narrativa do novo ano letivo, salientando os seus aspetos mais marcantes, eis apenas alguns apontamentos sobre os dias que precederam o seu início formal. Como se disse acima, a elaboração do boletim informativo, entendido como instrumento precioso de informação interna e imagem de marca institucional, estava particularmente a peito ao(s) seu(s) responsável(eis) e absorvia uma grande parte do seu tempo. Os últimos dias de julho foram dedicados à sua preparação, procurando integrar nele textos de interesse para a comunidade escolar, nomeadamente o tema da emigração.

Os últimos dias do mês foram em grande parte dedicados a essas tarefas. Ficaram registadas as tarefas realizadas no dia 31/7: *tradução de notícias breves, telefonema ao P. Mário (crismas, depoimentos, mensagem)*. Luísa (Serviços Consulares): *endereços de Portugal*. Manuela: *dados do ano letivo*. O trabalho prosseguiu e abrandou certamente no mês de agosto, tempo de canícula e férias, para os alunos, acompanhando os seus «patrões» em estâncias de veraneio marítimas ou de montanha, e para os professores. Passado esse mês, a tarde do dia 1/9, das 15.00 às 19.00 horas decorreu na Escola e prosseguiu em casa, até às 23.00 horas: *Estatísticas sobre os exames*. A paginação do boletim nº 20 foi dada por ENCERRADA no dia 6/9, mas o seu verdadeiro «acabamento», incluindo o envio pelo correio de uma parte das cópias, decorreu nos dias seguintes: 15+16+19/9: *Boletim – direções...* 21/9: *envio boletim*. 22+24/9: *Tardes de trabalho na Escola (boletins)*. A inauguração do ano letivo aconteceu pontualmente no dia 11 de outubro, domingo.



O segundo boletim informativo de 1992-93, publicado em janeiro de 1993,<sup>9</sup> dividia-se em três partes. A primeira era dedicada a uma apresentação dos centros de acolhimento e de encontro das comunidades portuguesa e cabo-verdiana, nomeadamente, o Instituto de Santo António dos Portugueses, (re)visitado através de uma entrevista com o Reitor, P. Fernando Dias de Miranda; o Instituto das Cooperadoras da Família e a comunidade do Vaticano; as associações e grupos desportivos cabo-verdianos em Roma, acrescentando por fim uma "correspondência" sobre a situação da Comunidade Portuguesa residente no Canadá (já se vai perceber a razão desse contributo vindo de tão longe).

A segunda parte é a que mais interesse tem aqui: apresentava a documentação sobre a organização e o funcionamento da Escola nesse ano de 1992/93, com este título: *uma crónica da inauguração do novo ano letivo e da primeira reunião-geral dos Professores*.

Referia depois a *visita de Responsáveis do Ministério da Educação à Escola, ações de formação realizadas na Escola; seguiam-se uma reportagem sobre a homenagem prestada à Prof.<sup>a</sup> Luciana Stegagno Picchio, a lista dos professores da Escola* nesse ano, assim como os nomes dos delegados de Turma, os horários da Secretaria e dos Cursos, etc.

A terceira parte era constituída por uma série de testemunhos e documentos: *testemunhos de alguns professores e documentos sobre temas e problemas relacionados com a realidade cultural, social e política da comunidade escolar*. Entre os testemunhos, publicava-se um "relato" de uma viagem a Angola, realizada por uma ex-aluna da EPER, com as suas impressões e informações sobre o país. Entre os documentos, uma referência ao dossiê sobre a "Emigração" em Itália, publicado pela Caritas Italiana.

Não seguiremos a ordem deste índice, mas todo o conteúdo deste boletim informativo da AEPER publicado no final do 3º período de 1992-93, é fundamental para traçar um perfil bastante completo da Escola e conhecer a sua realidade nesse ano igualmente decisivo da sua história. Reproduzimos primeiro a parte relativa à vida e ao funcionamento escolares. Depois, o retorno ao Instituto de Santo António, 5 anos depois do "despejo" de 1987, provocará também no leitor alguma "vibração", tocando as suas cordas mais sensíveis, como terá acontecido com os dois entrevistadores durante a longa conversa mantida com o novo reitor do IPSAR.

### **Corpo Docente da EPER em 1992/93**

Vinte e oito professores formavam o corpo docente do ano de 1992-93, em linha com a média da consistência numérica de todos os anteriores anos letivos e igualmente coerente com a "multiculturalidade" dos seus membros. Muito menos representada estava a tradicionalmente numerosa componente do "clero" – religioso (jesuítas) e diocesano –, como emerge da lista publicada, por ordem alfabética. Algumas professoras lecionaram pela primeira vez na EPER

9 – FICHA TÉCNICA desse número:

Responsável: Fernando de Pinho. Corresponsável: José Maria Pacheco Gonçalves.

Colaboraram neste número: Isabel Minervini, M. Virgínia Dias Reis, Nuno da Silva Martins, Maria Dulce Araújo Évora, Noélia Pessanha Viegas, Mario Maffioletti, Ester Savoia, José Anastácio Dias Gouveia, Rui Lourenço.

Capa (1ª página): Carlota Proença de Almeida.

Órgão informativo da Escola Portuguesa de Roma - V. Innocenzo IV, 18 - ROMA.

Fecho desta edição: Dia da Epifania, 6 de janeiro de 1993

como "requisitadas", no contexto da "novidade" das unidades capitalizáveis (algumas residiam em Roma, por razões de natureza familiar, tendo ou não obtido a cidadania italiana).

As ABREVIACÕES USADAS ERAM – E SÃO AQUI – AS SEGUINTE:

EBD.	= Ensino Básico Diurno	UC.	= Unidades Capitalizáveis
ERA.	= Ensino Recorrente de Adultos	C. Geral	= Curso Geral Noturno Intensivo
EBA.	= Ensino Básico de Adultos	C. Compl.	= Curso Complementar Noturno Intensivo
EBN.	= Ensino Básico Noturno	12º Ano	= 12º Ano de Escolaridade.

- **Alessandra Paternó C. Di Bicocca**, italiana. Professora de *Inglês* no 2º ciclo EBD, no Curso geral e no 3º ciclo por UC.
- **António Galeone**, italiano, professor de *Italiano* no 12º Ano.
- **Dulcelina N. da Conceição**, brasileira, professora de *Ciências Sociais/História* e de *Ciências da Natureza* no 2º ciclo EBD.
- **Ester Savoia**, italiana, professora de *Italiano* no C. Compl.
- **Fernando Bernardo de Pinho**, português também com cidadania italiana, professor de *Inglês* no 2º Ciclo do Ensino Recorrente, e no 3º Ciclo por Unidades Capitalizáveis, de *Inglês* e *Ciências Sociais*, além de professor de *Português* para estrangeiros (curso extracurricular).
- **Frederica Ilda Mehmel D'Espiney**, portuguesa, professora de *Ciências do Ambiente* no 3º ciclo UC.
- **Gianmario Mafioletti**, italiano, padre scalabriniano, responsável pelas *Atividades extracurriculares*.
- **Giorgio Olivieri**, português também com cidadania italiana, Coordenador do 2º ciclo EBN e professor de Formação Complementar no mesmo ciclo; professor de Matemática no C. Geral e no 3º ciclo UC.
- **Henrique de Almeida Chaves**, português, leitor de Português na Universidade "La Sapienza" de Roma, professor de *Português* no C. Compl.
- **Isabel de Carvalho Correia Minervini**, portuguesa também com cidadania italiana, Presidente do Conselho Pedagógico, Diretora da Escola. Coordenadora do 2º Ciclo do EBD, do C. Compl. e do 12º Ano. Professora de *História*, em que é licenciada, no Curso compl. e no 12º Ano.
- **João Maria Mendes**, português, professor de *História* no C. Geral.
- **José Aparecido**, padre diocesano brasileiro, colaborador nas *Atividades extracurriculares*.
- **Leonor Dias Nunes**, portuguesa, Professora no 1º Ciclo EBD e no 1º ciclo ERA.
- **Lúis Manuel Pereira da Silva**, português, professor de *Filosofia*, no C. Compl. e no 12º Ano.
- **Manuel Oliveira Carreira**, português, professor de *Educação Física*, de *Educação Musical* e de *Moral e Religião* no 2º ciclo EBD; e de *O Homem e o Ambiente* no 2º ciclo EBN.
- **Maria Cândida A. C. Valdenassi**, portuguesa também com cidadania italiana. Professora de *Português* no 2º ciclo do EBD e no 2º ciclo do EBN, e de inglês no C. Compl.
- **Maria Carlota Proença de Almeida**, portuguesa, arquiteto, professora de *Educação Visual/Trabalhos Manuais* no 2º ciclo EBD.
- **Maria Manuela Oliveira T. Borges P.**, portuguesa também com cidadania italiana, Vice-diretora da Escola; Coordenadora do C. Geral e professora de *Física* no mesmo Curso; Coordenadora do 3º ciclo UC e professora de *Ciências do Ambiente* no mesmo Ciclo.
- **Maria Odete Martins**, portuguesa, professora de *Francês* no C. Compl.
- **Maria Paula R. O. M. F. Cardoso**, portuguesa, professora de *Matemática* no 3º ciclo UC.
- **Maria Suzete N. V. P. A. Pereira**, portuguesa, Coordenadora do 1º ciclo EBD e do 1º Ciclo do ERA. Professora do 1º ciclo do EBD.
- **Nuno Brás da Silva Martins**, português, professor de *português* no 3º ciclo UC.
- **René Lopes Ferreira**, cabo-verdiano, professor de *Francês* no 3º ciclo UC.
- **Rufina Marques da Fonseca**, portuguesa, professora no 1º ciclo ERA.
- **Sandra Brígida F. A. Teixeira**, portuguesa, professora no 1º ciclo ERA.

- **Sérgio Diz Nunes**, português, professor de *Introdução à Política* no C. Compl.
- **Ugo Carlo Olivieri**, português também com cidadania italiana, professor de *Matemática* no 2º ciclo EBD e no 2º ciclo do EBN, e de *Atividades Económicas* no 3º ciclo UC.
- **Wellington A. C. de Oliveira**, brasileiro, professor de *Ciências Sociais* no 3º ciclo UC.

Um outro nome, «**Mateus Pina**», é mais à frente referido como «vogal» da Direção (encontrando-se então em Cabo Verde «por motivos pessoais», mas não é referido na lista acima, reproduzida conforme o original publicado no boletim.

### **Quem coordena os primeiros anos do ensino?**

No boletim 22, publicado a 10 de maio de 1993, aparece o seguinte "retrato de professora" inserido após o balanço do ano, traçado pelos professores que responderam ao inquérito e em cujo contexto deve ser enquadrado. Trata-se de **Maria Suzete Vaz Alves Pereira**, *uma professora nova na Escola: 52 anos, lecionou o 1º Ciclo do Ensino Básico e coordenou o Ensino recorrente de Adultos. Dedicava muito tempo em casa à preparação do trabalho na Escola, e gostaria de passar ainda mais tempo nela – mas pensa que os outros professores também deveriam fazer o mesmo...*

*Foi requisitada ao Ministério, de que depende há já 27 anos, e tem atrás de si uma longa carreira profissional: começou pelo ensino particular em Portugal, lecionou em África (Moçambique) durante dois anos, voltou a exercer uma profissão que, para ela, é sobretudo "vocação", em Portugal, em escolas e através da TV (ensino à distância). Foi seguidamente professora durante 3 anos em França: alfabetização e lecionação de português em escolas francesas e associações portuguesas. Trabalhou depois durante nove anos na Escola de Loures, da qual era Diretora, antes de vir para Roma.*

À pergunta se considerava positivamente a nova experiência de trabalho em Roma, a entrevistada respondeu: *Gostei bastante; adorei o ambiente de trabalho. O ensino recorrente de adultos foi reestruturado com o método de Paulo Freire, difícil de implementar, porque muito trabalhoso (requer uma grande disponibilidade de tempo para a preparação das aulas) mas, quando bem aplicado, dá ótimos resultados.*

### **Delegados de Turma**

No final do mês de outubro foram eleitos os representantes dos alunos nos diversos níveis de ensino. Os delegados eleitos foram os seguintes:

- 2º Ciclo do Ensino Básico Noturno: Eneida Andrade
- Curso Geral Noturno Intensivo: Luísa S. Lopes
- 3º Ciclo por Unidades Capitalizáveis: Maria Auxiliadora
- Curso Complementar Noturno: Nicolau Almeida
- 12º Ano de Escolaridade: Olinda P. Rodrigues

### **Horários da secretaria e de aulas**

O horário de abertura da Secretaria – todos os dias da semana, de manhã, das 9 às 13 horas e, de tarde, às terças e quintas, das 15.30 às 19.00, às quartas das 17 às 18.30; e aos domingos das 15.30 às 17.00 horas – confirma o funcionamento regular e em pleno ritmo de uma escola. Na realidade, a abertura matinal coincidia com a lecionação do 1º Ciclo do ensino básico diurno e do 2º Ciclo do mesmo ensino, que funcionava nos mesmos horários, acrescentando-se, às quartas-feiras, 3 horas de tarde. Como nos tempos "antigos", as aulas do 2º Ciclo do ensino recorrente de Adultos eram às quintas e domingos, durante toda a tarde – das 15 às 19.30 horas.

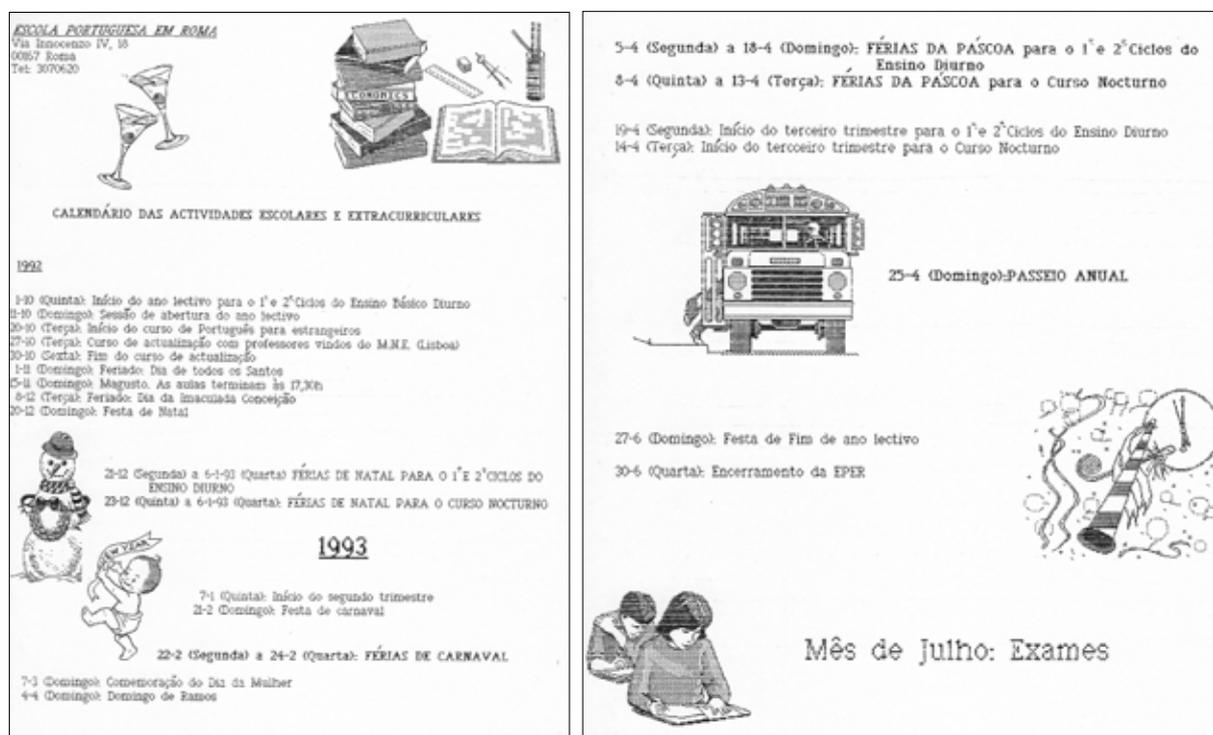
A lecionação no 2º Ciclo do Ensino Básico Noturno, no Curso Geral Noturno Intensivo e no 3º Ciclo por Unidades Capitalizáveis funcionava às terças, quintas e domingos, de tarde, das 15.30 às 20.30 horas. Os alunos do 3º Ciclo por Unidades Capitalizáveis eram os que até mais tarde permaneciam na Escola, tendo aulas até às 21.00 horas!

Quanto à lecionação do Curso Complementar Noturno Intensivo havia uma grande novidade: funcionava às terças, quartas, sextas e domingos, havendo um dia a mais, relativamente a todos os anos anteriores. Por um lado, essa «liberalidade» parecia ser uma mais-valia para os alunos; por outro, considerando que, na sua imensa maioria, senão na totalidade, os alunos não dispunham desse tempo para poderem beneficiar dessa oferta de formação, a medida estava desfasada da realidade e não podia por isso ter sucesso real – embora talvez tenha servido para justificar uma maior adequação às indicações ministeriais de horário para tais cursos... «intensivos». Finalmente, o 12º Ano tinha aulas às terças, quartas e domingos.

Aos domingos, as atividades letivas terminavam às 19.00 horas para todos os níveis de ensino, seguindo-se, facultativas, atividades de formação complementar, não só as de formação religiosa (participação na Eucaristia), mas também genericamente cultural, social e recreativa, incluindo encontros e reuniões de grupos de debate e reflexão sobre temas diversos.

### Calendário das principais atividades escolares e extracurriculares

A apresentação à comunidade escolar das atividades planificadas no início do ano de 1992-93 foi feita em duas folhas, nas quais se pode observar o gosto pela descoberta da possibilidade de integrar no documento imagens (bonecos) que as novas tecnologias permitiam:



- 1992**
- 11 de outubro: Início ano letivo para todos.
  - 27-30 de outubro: Curso de formação/atualização para professores.
  - 15 de novembro: Festa do MAGUSTO (*Castagnata*).
  - 20 de dezembro: Festa do NATAL: sessão cultural.
  - 23 de dezembro: Início das férias do Natal.
- 1993**
- 07 de janeiro: Início 2º trimestre do ano letivo.
  - 21 de fevereiro: Festa do Carnaval.
  - 07 de março: Comemoração do *Dia da Mulher*.
  - 05 de março: Férias da Páscoa.
  - 14 de abril: Início do 3º trimestre do ano letivo.
  - 25 de abril: Passeio Anual.
  - 27 de junho: Fim do ano letivo.
- Durante o mês de julho: Exames.

## **Inauguração do novo ano letivo**

O ano letivo de 1992/93 foi solenemente inaugurado no dia 11 de outubro, domingo, às 16.00 horas, com uma assembleia-geral realizada no Salão do Instituto de Santa Agnese, sede da Escola, e Centro Cultural da Caritas Romana para imigrantes.

Participaram no ato inaugural – lê-se no boletim – quinze dos 29 professores deste ano letivo<sup>10</sup> e cerca de uma centena de alunos, estando igualmente presentes autoridades de Portugal e Angola. Não faltaram com a sua presença a diretora do Centro e representante da Caritas Diocesana, Ir<sup>a</sup> Gianna Campagnolo, e o animador das atividades formativas extracurriculares, P. Mário Maffioletti.

Constavam os seguintes cinco pontos na ordem dos trabalhos da assembleia que, além de solene, foi também a primeira reunião de trabalho do novo ano letivo:

1. Apresentação da Direção da Escola;
2. Organização da Escola no novo ano letivo;
3. Organização financeira;
4. Conselhos úteis sobre o funcionamento dos serviços;
5. Atividades culturais, recreativas e formativas;

No final, foi comunicado o resultado do sorteio da viagem oferecida pela TAP-Air Portugal ao melhor aluno da Escola no ano letivo anterior.

\*\*\* \*\*

*Em nome da Direção da EPER e como Diretora Pedagógica, saúdo todos os participantes nesta Assembleia, que marca o início do ano letivo de 1992-93, começou por dizer a primeira responsável pela Escola, Prof<sup>a</sup> Isabel Minervini. Saudou em primeiro lugar aqueles que eram a razão de ser da nossa iniciativa escolar – os alunos –, aos quais recordou que *nada se consegue sem empenho e sem coragem*, e desejou os melhores sucessos e a realização dos objetivos que os animavam. Saudou depois os professores, agradecendo-lhes a dedicação que iriam prestar aos compromissos assumidos.*

Dirigiu por fim uma saudação especial aos amigos presentes naquele momento significativo da vida da Escola: em especial, o Conselheiro da Embaixada Portuguesa que, *com a sua presença, amizade e solidariedade para com o nosso trabalho, nos tem dado tanta coragem*; a Irmã Gianna, a quem se dirigiu em tom de ironia e reconhecimento de alguns problemas: *ela era a anfitriã sempre atenta e disponível, a quem a Escola tinha dado tanto trabalho e preocupações...*; por fim, os amigos italianos, muitos deles ex-alunos dos cursos de Português, e os pais das crianças alunas da Escola, funcionários da Embaixada de Angola.

## **Direção – apresentação**

Foram seguidamente apresentados os membros da Direção da EPER, todos professores de diferentes matérias, além de responsáveis pela organização pedagógica, administrativa e financeira, a saber:

- Prof<sup>a</sup> Isabel Correia Minervini, diretora pedagógica e coordenadora do Curso Complementar e do 12<sup>o</sup> ano.
- Prof<sup>a</sup> Maria Manuela Borges, vice-diretora, responsável pela organização e coordenação do 3<sup>o</sup> ciclo por unidades capitalizáveis (lecionado pela primeira vez);
- Prof.<sup>a</sup> Maria Cândida Alves Costa, responsável pela organização dos cursos extracurriculares e secretária da Direção;
- Prof. Giorgio Olivieri, responsável pela "pasta das finanças" e coordenador do 2<sup>o</sup> Ciclo do Ensino Básico noturno;

<sup>10</sup> – A lista «oficial» continha 28, incluindo os dois "auxiliares", para as atividades extracurriculares, mas para a contagem considerou-se também o prof. Mateus Pina.

- Prof.º Ugo Carlo Olivieri, responsável pela Secção de Informática.
- Prof. Mateus Pina, vogal (que então se encontrava em Cabo Verde, por motivos pessoais).

Também o P. Mário era informalmente considerado membro da Direção da Escola, como responsável pela coordenação das atividades extracurriculares, recreativas e formativas.

Finalmente, foi a vez de cada um dos professores presentes dizer sobre si mesmo duas palavras de apresentação perante a assembleia (e não foram muito mais que *duas*, por imperativo de modéstia e/ou economia de tempo, não certamente por... timidez (?!).

### **Organização – Instalações | Cursos**

Como já se disse, em junho desse ano, a Escola fora avisada de que a Comunidade das Irmãs iria ter necessidade de 3 das salas utilizadas no segundo andar mas, em substituição, iriam ser disponibilizadas outras três, no primeiro andar e no rés-do-chão. Para lá foram transferidas algumas atividades, nomeadamente os Cursos de Português extracurricular. Tais espaços não ofereciam obviamente as mesmas condições das salas de aula do antigo colégio, como ficou registado em reparo crítico relativamente ao perdurar de circunstâncias adversas em que decorriam as aulas.



A prof.ª Isabel Minervini, numa aula de História

Funcionaram em 1992-93, na EPER, os seguintes sete cursos:

- 1º e 2º ciclos do Ensino Básico, todas as manhãs, de 2ª a 6ª-feira e 4ª de tarde, tendo como coordenadora pedagógica as professoras Suzete Pereira e Isabel Minervini.
- 1º Ciclo do Ensino Recorrente para Adultos, ou Alfabetização, coordenado pela prof.ª Suzete Pereira;
- 2º Ciclo do Ensino Básico noturno, sendo coordenador Giorgio Olivieri;
- Curso Geral Noturno Intensivo,
- 3º Ciclo do Ensino Básico, por unidades capitalizáveis, com coordenação a cargo da prof.ª Manuela Borges;
- Curso Complementar Noturno Intensivo e 12º Ano de Escolaridade, coordenados pela prof.º Isabel Minervini.

Nesta primeira assembleia magna, os alunos foram ainda esclarecidos sobre os horários próprios dos diferentes cursos, os quais teriam também sistemas de avaliação diferenciados: daí o apelo a que, *de forma responsável, os professores organizassem*

*e coordenassem os respetivos setores de atividade, de modo que a cada momento pudessem referir à Direção da Escola as necessidades mais imediatas.*

### **Cursos extracurriculares para os alunos da Escola**

A prof.ª Cândida Alves referiu depois sobre os cursos intensivos de Português e Inglês, que decorreram de 22 de setembro a 8 de outubro para os alunos do ensino "normal" da Escola; e o prof. Fernando de Pinho foi convidado a apresentar os Cursos de Língua e Cultura Portuguesa para italianos (e estrangeiros), pelos quais se responsabilizou também nesse ano letivo. Sobre eles, produziu e apresentou toda a documentação pertinente, que será parcialmente reproduzida neste trabalho, mais à frente.

### **Terceiro Ciclo por Unidades capitalizáveis – novidade**

A nova organização do antigo Curso Geral ainda em vigor na Escola, depois de experimentada e avaliada positivamente em muitas Escolas portuguesas, passou a estar generalizada para o ensino de adultos em todas elas. Os professores da EPER já tinham tido uma primeira oportunidade de se prepararem sobre a nova "filosofia e ação" didática que caracterizava o novo sistema, e teriam mais uma ocasião de se formarem adequadamente, participando na 2ª Ação de Formação, que decorreu na EPER na última semana de outubro. O boletim informativo sa-

lientava a prontidão com a qual a Direção-Geral de Extensão Educativa correspondeu ao pedido de levar a cabo a iniciativa, demonstrando de novo um particular interesse e uma atenção exemplar à situação da EPER.

### **Ensino Recorrente – I Ciclo**

Também este nível de ensino sofreu uma profunda reestruturação e os respetivos professores já tinham tido ou iriam ter de novo oportunidade de se prepararem adequadamente, graças às já referidas ações de sensibilização, de abril e outubro de 1992. A prof.<sup>a</sup> Suzete Pereira, responsável pela coordenação deste nível, apresentou brevemente à assembleia as suas características.

### **Finanças e administração**

*Trata-se – afirmou a Diretora –, de um setor delicado que exige muito rigor e... poupança no imediato, em que, como todos podem imaginar, a estrutura pedagógica e administrativa da EPER é cada vez mais exigente para garantir uma qualidade cada vez maior dos serviços oferecidos aos alunos, mantendo-se as entradas quase exclusivamente as mesmas. A característica de trabalho voluntário ou semivoluntário – acrescentou – dificilmente se coaduna com a eficiência pedagógica e o rigor profissional. No entanto – acrescentou –, todos damos o nosso melhor esforço para continuar a nossa missão.*

O responsável por este *setor delicado*, prof. Giorgio Olivieri, fez uma breve apresentação da situação financeira da Escola, informando que o anterior ano letivo terminara praticamente em equilíbrio. Adiantou que o orçamento de 1992/93 previa despesas no montante de uns 60 milhões<sup>11</sup> de liras, que deveriam ser suficientemente *coberto* por um valor idêntico de entradas, garantidas quer pelas propinas a pagar pelos alunos, quer por contributos do Ministério da Educação já prometidos.

### **Assuntos diversos**

A última parte da assembleia teve a intervenção sucessiva dos professores Manuela Borges, P. Mário Maffioletti e Fernando de Pinho. A primeira deu alguns conselhos e/ou avisos relativos ao funcionamento prático do serviço de *bar*, organizado pela primeira vez nesse ano, separadamente, nas diferentes salas para e pelos vários cursos.

O P. Mário convidou alunos e professores a participarem ativamente nas atividades *tradicionais*, "as únicas – comentou, com fina ironia – em que não houve alterações substanciais", e referiu as principais: missa dominical, encontros diversos, festas tradicionais.

O prof. Fernando Pinho falou do primeiro número do Boletim da Escola desse ano, então já publicado e distribuído,<sup>12</sup> explicando a sua importância como meio de comunicação interna e externa e como veículo de expressão das diferentes culturas de que os alunos da escola eram portadores: *a Escola – afirmou – é de facto um lugar de "Encontro de diversas Culturas" e o Boletim pode tornar-se um dos meios para a sua expressão. Além disso, constitui também um meio para solicitar diretamente aos seus leitores ajuda económica para as atividades da Escola.*

\*\*\* \*\*

A concluir, a Diretora informou a Assembleia de que o prémio do sorteio para uma viagem Roma-Lisboa-Roma, oferecido pela TAP-Air Portugal ao "melhor aluno do ano" coubera em 1992 a Maria Auxiliadora dos Santos Cruz, do 3º Ciclo por Unidades Capitalizáveis.<sup>13</sup> Recorde-se que

11 – Veremos que este montante estava muito longe da realidade, pois o balanço ("provisório") apresentado no final desse ano atingia quase o dobro desse valor (111.318.000 liras), tendo as entradas registado o total de 142.252.000 de liras.

12 – Como já se disse, esta parte da História da EPER baseia-se quase exclusivamente no conteúdo dos três boletins informativos desse ano (dos quais se "hauriram" as informações aqui transcritas, alterando apenas as formas verbais para um enquadramento no passado e praticamente sem outros comentários senão os considerados pertinentes ou necessários para uma sua melhor compreensão.

13 – Observe-se que, tratando-se de premiar «o melhor aluno», a sua escolha não deveria ser feita «por sorteio».

a TAP permitiu igualmente nesses anos a um dos membros da Direção da Escola deslocar-se gratuitamente a Lisboa uma vez por ano, para tratar "in loco" de questões cuja solução beneficiava de uma sua abordagem presencial com as autoridades envolvidas.

\*\*\* \*\*

Após um agradecimento a todos pela participação no ato inaugural, teve lugar na Capela do Instituto uma solene concelebração eucarística, iniciada com o cântico do *Veni Creator Spiritus*, invocando a assistência do Espírito Santo para as atividades do novo ano letivo.

### Ações de formação

Sobre os 3 dias de formação que decorreram no início do novo ano letivo, o boletim nº 21 faz um relato essencial, sem entrar nos conteúdos abordados, mas suficientemente esclarecedor: *Nos dias 28, 29 e 30 de outubro de 1992, realizaram-se na EPER duas Ações de Formação destinadas respetivamente aos professores do 1º Ciclo do Ensino Recorrente de Adultos e ao 3º Ciclo por Unidades Capitalizáveis.*

*A Professora Manuela Almeida, da D.G.E.E., do 1º Ciclo do Ensino Recorrente, organizou várias Reuniões com a Coordenadora desse nível de Ensino, Professora Maria Suzete do Nascimento Alves Pereira, e com as professoras Leonor Nunes, Rufina Fonseca e Sandra Teixeira.*

*Na quinta-feira, dia 29, organizou uma reunião com os alunos, com o fim de observar o trabalho em situação de Aula.*

*As professoras Maria Manuela Prudêncio e Maria Adelaide Rodrigues iniciaram o seu trabalho com uma reunião com a Direção da Escola para uma troca de impressões sobre a organização do curso (3º Ciclo por Unidades) a nível administrativo, horários e material didático de apoio. Posteriormente, fizeram várias reuniões com a Coordenadora Pedagógica, Maria Manuela Borges Pierdomenico, e duas reuniões com os professores envolvidos este ano letivo na lecionação das várias disciplinas do 3º Ciclo. Outros professores quiseram também assistir para conhecerem a organização do Curso. Estiveram igualmente presentes algumas professoras italianas, nossas convidadas, que estão a trabalhar em conjunto com dez escolas portuguesas num projeto europeu de integração curricular, denominado "ARION".*

*Na 5ª-feira, dia 29.10, organizou-se uma Reunião com os alunos do 3º Ciclo e o diálogo que se estabeleceu foi muito útil, dados os esclarecimentos fornecidos pelas colegas formadoras às perguntas pertinentes dos Alunos.*

*Acrescenta o mesmo boletim que foram pedidos à D.G.E.E. certificados de frequência do curso para todos os professores envolvidos nestas duas Ações de Formação e, em Post Scriptum, num à parte eloquente, acrescenta: Os professores formadores eram muito simpáticos e o clima de afabilidade que se criou foi muito interessante e útil para a realização do trabalho. Na 6ª-feira para nos despedirmos... Pizza "Al Consolato Sardo".*

ESCOLA PORTUGUESA DE ROMA - 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO POR UNIDADES CAPITALIZÁVEIS

REUNIÃO COM PROFESSORES

Objectivos

- \* Reflectir sobre os princípios gerais da Educação de Adultos;
- \* Compreender as características gerais do sistema;
- \* Conhecer o funcionamento global do S.E.U.C.

Agenda

H/D	28 de Outubro	29 de Outubro	30 de Outubro
14:30	*Apresentação *Informações *Educação de Adultos: - Ensino Recorrente; - Reflexões e experiências; - Heterogeneidade do público a que se destina o S.E.U.C.	*Princípios e características gerais do S.E.U.C.  *Funcionamento do curso a nível de escola	*A avaliação no S.E.U.C.
19:00			

\*\*\* \*\*

Dessa iniciativa, segunda ronda de ações de formação que visava preparar os professores para os novos tempos que iriam caracterizar de outra forma o trabalho dos professores (e o desempenho dos alunos) – já se falou a primeira, em abril desse ano – conserva-se uma abundante documentação, a começar pela «ordem de trabalho» oficial, acima reproduzida. Um outro material utilizado para divulgar e convidar os elementos da comunidade a «investir» na própria formação escolar, aderindo ao novo modelo – e oferta – de ensino por unidades capitalizáveis, foi este desdobrável.

**ESCOLAS SECUNDÁRIAS EM ROMA 1991**

**Nos Cursos Gerais Nocturnos há uma proposta diferente para Ti**

**É o Ensino Recorrente por Unidades Capitalizáveis**

Via Innocenzo IV, 18  
00167 ROMA  
Tel. 30.70.620

Horário da Secretária:  
todas as manhãs - 9.00/13.00 horas  
De 18.00 - das 15.30 às 20.30  
terças, quintas, sextas e domingos

DIRECÇÃO-GERAL DE EXTENSÃO EDUCATIVA  
PRAÇA S. LAMARCA, 126-127-128, 12000 LISBOA  
TELEFONES: 66 12 7000, 12 6600 12 30

Na 1ª coluna do desdobrável, lia-se (lê-se, mal) a lista das Escolas Secundárias que tinham introduzido essa modalidade de ensino em 1990/91:

- Gil Vicente | Eça de Queiroz | Samora de Costa Primo | Ferreira Dias | S. João do Estoril | Sebastião e Silva | Madeira Torres (Torres Vedras).
- No distrito do **Porto**: Clara de Resende | António Nobre | Rodrigues de Freitas | Alexandre Herculano | Maia | Gondomar | Nº 2 de Matosinhos | António Sérgio (V.N. de Gaia) | Penafiel
- Santarém**: Jácome Raton (Tomar) | Santa Maria de Lamas (Torres Novas) | Cartaxo
- Setúbal**: Nº 1 do Montijo | Amora | Barreiro Viana do Castelo: Santa Maria Maior | Arcos de Valdevez
- Vila Real**: Camilo Castelo Branco | Fernão de Magalhães (Chaves).
- Viseu**: Alves Martins | Santa Comba Dão.

A rede seria alargada em 1991/92

Ullan

- Adelaide Rodrigues - Ed. de adultos de 1986 - 2ª parte  
- Maria (Ceb.)  
- Escola por Unidades Capitalizáveis - 1986 onwards  
- 1986 Lei de Bases do Sistema Educativo - 14.10.1986  
- Cursos Gerais Nocturnos (10 e 11ª classes)  
- Unidades Capitalizáveis (1986 onwards)

Do mesmo modo que em abril, relendo os apontamentos tirados durante os três dias de formação – abundantes e exaustivos – é possível evocar o conteúdo e o clima em que eles decorreram, começando pelo nome das formadoras, Adelaide Rodrigues, técnica ou especialista na área da Educação de Adultos, da Direcção Geral de Extensão Educativa, e Manuela Almeida, da Divisão do Ensino Recorrente, ou seja, do Ensino de «segunda oportunidade», as quais começaram por informar que o novo modelo de ensino se iria generalizar em 1993.

Fazendo o historial do novo curso, recordaram que o SEUC «Sistema de Ensino por unidades Capitalizáveis» iniciou em 1986 substituindo os Cursos gerais noturnos, destinados a desaparecer. Foi exaustiva e

Heterogeneidade

Grupos heteros

Experiência de aprendizagem autónoma

Condições de vida e de trabalho diversificadas

leiros para

Curricula e Programação curriculares  
Programas divididos em unidades capitalizáveis, com "alternâncias" de parte de cada

1) Retirar não é imposto pelo professor; qualquer aluno seguir a vontade mesmo deturpando a finalidade

Existem "grupos de aprendizagem" específicos para a unidade por partes e projetos, feitos a parcerias de professores do aluno - não são os alunos

As aulas são por toda a parte:

1) sessões informativas (a nível tradicional)

2) sessões (contínuas) de apoio: não se dá mais tempo que os alunos trabalham por projectos (por grupos), conferências e análises de aprendizagem e trabalhos em grupo que estão a fazer.

= Acompanhamento dos vários grupos

pormenorizada a apresentação desse capítulo sobre a nova Lei de Bases do Sistema Educativo (nº 46/86, de 14.10.1986), estendendo o período de escolarização por doze anos e dividindo o ensino nas categorias de «regular, especial e recorrente», detendo-se a caracterizar e definir a oferta de segunda oportunidade a quem abandonara a escola – ou fora abandonado por ela – sublinhando que (em teoria) não se tratava de um ensino de segunda qualidade e que a principal característica dos alunos que procuravam esse tipo de ensino era a sua heterogeneidade, em termos de idade, experiências, condições de vida e de trabalho, motivações...

O programa de estudo dividia-se em unidades capitalizáveis, isto é, destinado a ser «examina-

do» por capítulos independentes, sem haver um ritmo de aprendizagem imposto, havendo guias de aprendizagem específicos para cada unidade, com testes e respostas, pensando nas dificuldades dos alunos. As aulas não seriam iguais, combinando o modelo tradicional (sessões informativas, debitando matéria) com sessões de apoio, em que os alunos trabalhariam por própria conta, em grupos (uma forma de estar na sala de aula muito «querida» pelos alunos,<sup>14</sup>

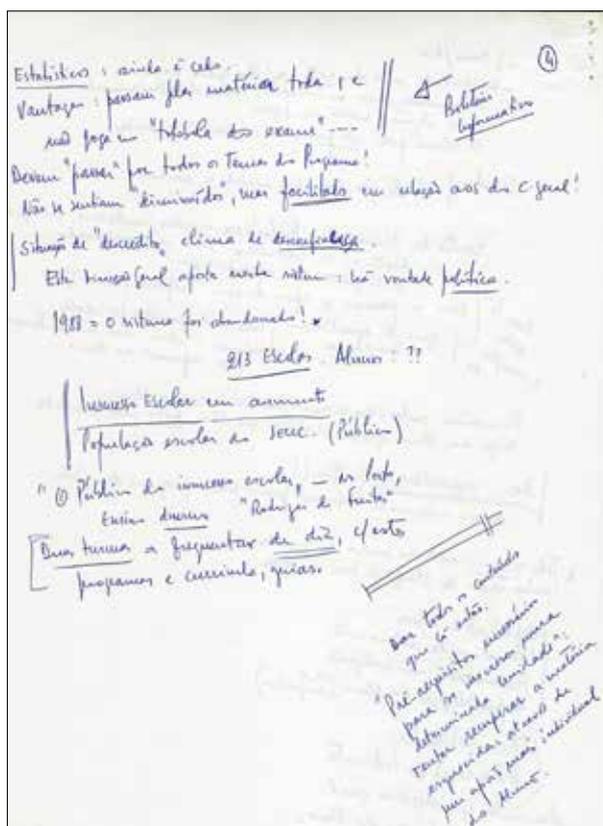


estariam ao serviço das grandes linhas gerais, da filosofia de base do SEUC. Apostar-se-ia no desenvolvimento da autonomia do aluno, evidenciava-se a personalização/individualização do processo, enfatizava-se a sua responsabilização, a flexibilização e articulação de todos os elementos com o objetivo geral de alcançar o sucesso escolar e, obviamente, no final, haveria certificação desse sucesso. «*Só uma unidade é já um sucesso – esclarecia-se – mas nós queremos muito mais!*» Dar equivalência de estudos seria também mais fácil.

Ainda era cedo para fornecer estatísticas: haveria umas 213 escolas mas não se podiam indicar números exatos quanto aos alunos (a título de exemplo, numa escola do Porto havia duas turmas a frequentar de dia). Este não foi, portanto, assunto desenvolvido na formação,

limitando-se o professor a «acompanhá-los».<sup>15</sup> Além disso, a assiduidade às aulas não era obrigatória, devendo participar apenas nalgumas sessões de apoio, pois o aluno «pode não poder» frequentar as aulas.

Condição essencial deste processo era (é) a existência de um «Centro de Recursos», constituído por uma biblioteca que incluísse materiais e, precisamente, recursos a serem utilizados no processo da aprendizagem: vídeo/cassetoteca e materiais de consulta. Além disso, era fundamental que o aluno recebesse todas as informações inerentes às possibilidades que lhe eram oferecidas. Nas primeiras aulas, o professor dedicaria o tempo a informar o aluno, dando-lhe a conhecer o programa e a desfazer a ideia de que o seu processo de aprendizagem estaria dividido em anos. Pelo contrário, todos os meios



14 – Quem escreve confirmou essa predileção pelo trabalho de grupo num dos liceus (colégios) de Fátima: os alunos gostam sobretudo que haja alguém no grupo que trabalhe pelos outros e que, no final, todos recebam nota máxima na classificação dos trabalhos...

15 – Também esta tarefa se presta a diferentes leituras: pode consistir em distribuir trabalho, fornecer indicações metodológicas e bibliográficas, orientar e dar sugestões e ir seguindo o andamento do trabalho de cada grupo, como se pode limitar a confirmar a divisão da turma em grupos e passar 90 minutos a *trabalhar* no próprio computador (ou a ler o jornal), esperando que a campanha o *desperte*, no fim da aula.

mas falou-se da necessidade de passar por todos os temas do programa, especificou-se que os alunos não se deviam sentir diminuídos, mas facilitados em relação aos seus colegas do curso geral, pois não faltavam – e não faltaria, porventura injustamente, ainda hoje, em relação a esses e aos cursos ditos «profissionais», um certo descrédito (ou descrença) em termos de valor e de apreço pelos alunos que os seguiam.

Em apontamento ficou evidenciado que os professores deviam «lecionar» todo o conteúdo de cada unidade e verificar os pré-requisitos necessários para uma aluno se inscrever numa determinada unidade e era convidado a tentar recuperar a matéria esquecida através de um apoio mais individualizado ao aluno. Sobre estes aspetos, já foram tecidas algumas considerações em jeito de balanço... crítico.

Para terminar, uma outra anotação: na sessão do dia 30, estando presentes as duas monitoras, participaram os professores Nuno Brás, Ugo Olivieri, a professora de Francês, Odete Martins, Manuela Borges, Cândida Valdenassi e o abaixo-assinado, além de três professoras italianas interessadas em conhecer este modelo de ensino.

A formação incluiu a utilização e distribuição de materiais de apoio, como *Alguns depoimentos sobre Educação de Adultos*, extraídos da obra de Jennifer Rogers, «*Ensino de Adultos*», publicada pelas *Edições Pórtico*, e 8 páginas de um texto com a chancela da Direção-Geral de Extensão Educativa, extraído do nº 239 da revista «*Cahiers Pédagogiques*», de dezembro de 1985.

Estes documentos podem ser lidos integralmente em anexo, juntamente com a cópia original e em tamanho 100% dos acetatos que, mais do que os apontamentos acima transcritos e também lá incluídos – 27 páginas –, documentam de forma cabal e perfeita o valor dessa formação. Aqui, em miniatura, apenas alguns originais dos acetatos utilizados. [«SEUC-AFout1992»]

**SEUC**

- ADMITE DIFERENTES RITMOS DE APRENDIZAGEM
- TEM UMA ESTRUTURA FLEXIVEL
  - . Rompe a divisão tradicional em anos letivos
  - . adapta-se às disponibilidades do aluno
  - . admite interrupções
- O ALUNO CAPITALIZA OS SABERES ADQUIRIDOS
  - . elimina o tudo ou nada do sistema regular
  - . desdramatiza os abandonos
  - . combate o insucesso
- ESTABELECE UMA NOVA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO
  - . O professor facilita e dinamiza o processo de aprendizagem
  - . O aluno apropria-se do seu processo de aprendizagem

LEI Nº 46 / 86 , de 14 de Outubro  
LEI DE BASES DO SISTEMA EDUCATIVO

Artigo 20.º  
(Ensino recorrente de adultos)

1 — Para os indivíduos que já não se encontram na idade normal de frequência dos ensinos básico e secundário é organizado um ensino recorrente.

2 — Este ensino é também destinado aos indivíduos que não tiveram oportunidade de se enquadrar no sistema de educação escolar na idade normal de formação, tendo em especial atenção a eliminação do analfabetismo.

3 — Têm acesso a esta modalidade de ensino os indivíduos:

a) Ao nível do ensino básico, a partir dos 15 anos;

b) Ao nível do ensino secundário, a partir dos 18 anos.

4 — Este ensino atribui os mesmos diplomas e certificados que os conferidos pelo ensino regular, sendo as formas de acesso e os planos e métodos de estudos organizados de modo distinto, tendo em conta os grupos etários a que se destinam, a experiência de vida entretanto adquirida e o nível de conhecimentos demonstrados.

5 — A formação profissional referida no artigo anterior pode ser também organizada de forma recorrente.

**AVALIAÇÃO**

• A AVALIAÇÃO é feita UNIDADE a UNIDADE

↓

**CONSTA DE**

- . prova escrita
- . prova oral (caso do Português e Ling. Estrangeira)
- . provas laboratoriais/oficinais

**E PERMITE**

- . Responsabilização decisão do momento de avaliação

• **ACTIVIDADES DE AUTO-AVALIAÇÃO**

permitem ao aluno preparar-se ao longo da unidade para a prova de avaliação final.



14nov92

## Reunião-geral de Professores

Decorrido um mês após a abertura do novo ano letivo, no dia 14 de novembro, sábado, realizou-se a primeira assembleia-geral dos docentes da Escola e as questões na ordem do dia foram as seguintes:

1. Direção: quadro docente e coordenação pedagógica;
2. Instalações;
3. Alunos;
4. Organização e funcionamento;
5. Diversos.

Após a apresentação recíproca dos 29 professores (quase todos) presentes e das principais funções dos quadros docente e diretivo do novo ano letivo, Isabel Minervini, referindo-se às instalações, esclareceu que a Escola não pagava aluguer pelas instalações mas nem por isso as podia considerar como próprias, no sentido de poder dispor delas a seu bel-prazer: a EPER participava financeiramente nas despesas de aquecimento, energia eléctrica, água, limpeza e recolha do lixo – o que comportava uma verba muito elevada do seu orçamento –, e tomava parte na Reunião mensal de gestão do Centro: tratava-se de um compromisso muito significativo, porque aí se definia a "política de gestão", se enfrentavam os problemas que iam surgindo e se tomavam as respectivas decisões. Também o serviço de portaria, devido ao prolongamento do horário escolar e não podendo continuar a ser garantido graciosamente pelas Irmãs, constituía um problema em vias de solução, comportando um ulterior encargo financeiro.

Foram depois apresentadas as estatísticas relativas às matrículas de alunos, ilustrando-se o quadro analítico das mesmas, já atrás mostrado

Isabel Minervini e os membros do Conselho Diretivo coordenadores dos cursos informaram seguidamente em pormenor sobre a organização dos diferentes níveis de ensino. Todos fizeram uma referência especial à importância da avaliação, aspecto fundamental em qualquer Escola eficiente e profissional, convidando novamente todos os professores a efetuar-a com especial cuidado, também porque o paralelismo pedagógico, novamente reconhecido à Escola, implicava e impunha que este aspecto da vida escolar funcionasse impecavelmente! A coordenadora do 3º ciclo por Unidades Capitalizáveis, Manuela Borges, informou a Assembleia de que alguns dos 32 alunos inscritos neste nível de ensino tinham manifestado alguma resistência em aceitar o novo regime de ensino, devido à exigência de seriedade<sup>16</sup> que ele pressupunha, impondo um acompanhamento constante da matéria, mas sobretudo pela dificuldade de poder garantir

16 – Em sentido burocrático, relativamente ao cumprimento de formalidades a respeitar, não certamente em termos de «seriedade» pedagógica e/ou didáctica.

tal acompanhamento em todas as disciplinas: esses alunos – alegava a coordenadora – constatavam não terem condições para manterem em dia, sempre atualizada, a matéria lecionada dia após dia...

A Diretora informou que esta questão, tal como os problemas específicos de cada curso, seriam analisados em reuniões separadas de professores, por nível de ensino. E recomendou, por fim, a importância de os professores preencherem com rigor seja o registo de ponto seja o sumário da matéria lecionada: tratava-se de "obrigações burocráticas", necessárias para o bom funcionamento e indispensáveis para a documentação da Escola. A este respeito, foram dados diversos avisos de ordem prática, para o bom funcionamento da atividade escolar, nomeadamente:

- estava-se a fazer um levantamento de todo o material didático existente, na sua maior parte desconhecido ou não utilizado pelos professores, também porque não devidamente catalogado e arrumado:<sup>17</sup> os professores eram convidados a requererem à Direção todo o material considerado necessário para o melhor serviço de leção;

- a Secretaria estava preparada para fornecer apoio aos testes, também para que houvesse na sua elaboração uma certa uniformidade, os quais deviam porém ser entregues oito dias antes de serem realizados. O mesmo se aplicava aos testes diagnósticos, de avaliação e de exame;

- a Biblioteca, especialmente bem dotada sobretudo nos campos literário e histórico, representava uma preciosa ajuda para as diferentes disciplinas; funcionava também, como sempre, o serviço de empréstimo das obras nela conservadas;

- na Sala dos Professores cada um tinha o seu espaço reservado, em cacifos destinados a informações, recados, etc. Ali também se encontravam, além dos jornais que chegavam à Escola, os dicionários, para venda, e algumas obras fundamentais para consulta dos professores;

- finalmente, o "serviço de bar" estava organizado separadamente, para cada curso, nas respetivas salas de aula, de modo a evitar confusão e intervalos demasiado longos entre as aulas. [Não recorda quem aqui escreve se havia "em cada sala de aula" uma máquina de café, e produtos alimentares, mas parece pouco provável que assim fosse].

A assembleia dedicou uma atenção especial às atividades extracurriculares, cuja coordenação continuava a cargo do P. Mário Maffioletti, o qual recordou quanto já dissera na inauguração do ano letivo: as atividades organizadas eram, em geral, de carácter socio-recreativo (festas), visando construir um clima de acolhimento recíproco e criar o melhor relacionamento interpessoal possível, e resolvendo situações conflituosas – mormente numa altura na qual em vários países da Europa, incluindo a Itália, se verificavam preocupantes manifestações de intolerância, racismo, xenofobia, violência.<sup>18</sup> O P. Mário convidava já então a participar nesta parte importante da vida da Escola, sugerindo que se realizassem alguns encontros com a participação de outras comunidades imigrantes, em que fossem abordados temas de atualidade de interesse comum. Quanto às atividades religiosas, existia um grupo coral fiel ao encontro dominical da celebração eucarística – na qual, porém, a participação deixava bastante a desejar... Cada vez mais, com cada vez menos alunos, terminadas as atividades escolares propriamente ditas, a maioria dos alunos tinha compreensivelmente outros compromissos que os levavam a abandonar a sede da escola ainda antes das 20.00 horas.

A assembleia foi novamente informada sobre o papel e a importância que o Boletim informativo revestia para a Escola, e sobre os Cursos de Português para Estrangeiros.

---

17 – Em quase todas as escolas/bibliotecas escolares se coloca o problema de TODOS os professores estarem devidamente informados e adotarem boas práticas, que sejam também uniformes, quanto à utilização/catalogação dos seus *acervos* documentais e subsídios/materiais didáticos: Os da EPER estavam devidamente catalogados, mas...

18 – Uma situação que viria a manter-se em todos os anos sucessivos, em Itália, com situações graves de violência e indisciplina nas escolas, mas mesmo a agudizar-se com fenómenos de racismo criminoso na sociedade, devido também a sucessivas «crises de refugiados» cuja chegada a Lampedusa, em embarcações de duvidosa consistência, foi no final da segunda década (hoje!) reprimida e denegrida por um *Ministro dell'Interno* (da Polícia) – Matteo Salvini – líder de um partido de direita xenófobo e "patrioteiro".

Quanto à organização financeira, Giorgio Olivieri apresentou o orçamento do novo ano, manifestando a esperança de que o subsídio do Ministério preenchesse "o buraco" das despesas não cobertas pelas receitas provenientes das inscrições e propinas escolares.<sup>19</sup>

Ao concluir a assembleia, a Diretora da Escola informou que se deslocaria a Lisboa juntamente com a vice-responsável, Prof.<sup>a</sup> Manuela Borges, de 21 a 30 de novembro, para uma semana de trabalho e contactos junto dos Departamentos governamentais com que a Escola se relacionava, a fim de lhe garantir o necessário apoio ao seu melhor funcionamento. Sobre essa viagem, com longa permanência, oficialmente para "contactos", o boletim publicou um breve relatório.<sup>20</sup>

20nov92

## Encadernar

No início do ano letivo de 1992-93 a Escola decidiu dotar-se de um equipamento destinado à encadernação de documentos, sob forma de opúsculo, e encomendou à sede de Milão (Cesano Boscono) da empresa multinacional «Unibind – Peleman Distribution», uma máquina elétrica encadernadora e um notável quantitativo de capas, de cores e três gramagens diferentes, respetivamente 6, 12 e 25, para cada uma das cores: vermelho, verde e

DESCRIZIONE	Q.TA.	UNITA'	PREZZO UNIT.	PREZZO TOT.	REMARKS
UNIBIND AS 220V ITALIA NERDIL	1	A	1.190,000	1.190,000	
VIP COV MODO D'IMPIEGO	1	A	0,000	0,000	
COV DIN44 LONG 6 ROSSO	100	COP	1,320	132,000	
COV DIN44 LONG 6 VERDE	100	COP	1,320	132,000	
COV DIN44 LONG 6 NERO	100	COP	1,320	132,000	
COV DIN44 LONG 12 ROSSO	100	COP	1,430	143,000	
COV DIN44 LONG 12 VERDE	100	COP	1,430	143,000	
COV DIN44 LONG 12 NERO	100	COP	1,430	143,000	
COV DIN44 LONG 25 ROSSO	100	COP	1,580	158,000	
COV DIN44 LONG 25 VERDE	100	COP	1,580	158,000	
COV DIN44 LONG 25 NERO	100	COP	1,580	158,000	
<b>TOTALE</b>				<b>2.018.520</b>	

# Unibind

Cesano Boscone il 9 dicembre 1992

Spettabile

CORREIA ISABEL DE CARVALHO

C.A. SIG. CORREIA

VIA INNOCENZO IV° N. 18

00167 R.O.M.A.

COORDINATE BANCARIE

Comuniciamo alla spettabile Clientela tutti i dati riferiti al nostro appoggio bancario presso il quale potrete indirizzare i pagamenti che emerterete a ns. favore e che saranno tali fino a ns. comunicazione di variazione:

**BANCA POPOLARE DI ABBIETEGRASSO**  
**FILIALE: CESANO BOSCONO -MI-**  
**CIC N° 1029011**  
**ABI: 5408 - 0**  
**CAB: 32900 - 3**  
**Intestato a: PELEMAN DISTRIBUTION S.R.L.**

no l'occasione per porgerle i ns. migliori saluti.

UFFICIO CONTROLLI CREDITI

LANA PATRIZIA

preto. Foi uma despesa elevada (2.402.039 liras), embora relativamente baixa em percentagem do orçamento de 60 milhões de liras inicialmente previsto para esse ano (1,4%). O envio foi feito no dia 9 de dezembro, por Lana Patrizia, no nome de Correia Isabel de Carvalho, com comunicação separada via fax para o número 06/4814820, indicando as coordenadas bancárias para o pagamento da fatura, cuja cópia se conserva. Além dos valores de cada item, sobressai o preço da peça principal, quase metade do montante (963.500 liras). O guia de utilização era oferecido.

19 – Não é imediatamente clara e, sem a pertinente documentação oficial, não é fácil concluir se a informação constante no boletim – "uns 20 milhões de liras" – se referisse ao "buraco" a ser preenchido ou às entradas resultantes das taxas escolares, sendo neste caso necessário obter duas vezes esse montante para equilibrar as finanças da Escola, que previam despesas na ordem de 60 milhões – sem falar da questão levantada na nota 11 deste capítulo.

20 – Um dos resultados mais evidentes terá sido a visita à Escola de *altos responsáveis* do Ministério da Educação: muito pouco tempo depois dos "contactos" (duas representantes dos serviços do Ministério da Educação). Essa deslocação poderia já estar prevista e terá sido acelerada por essa visita e foi apresentada no boletim como consequência dela.

Sem questionar a necessidade e/ou oportunidade desta despesa – embora não faltassem em Roma *legatorie* que, com aquele montante, teriam encadernado várias dezenas de livros e opúsculos – resta a dúvida se o valor do IVA, 19%, não deveria ter sido abatido, ou pelo menos reduzido, dado que se tratava de material para uma Escola, além disso estrangeira e «hóspede» de um Centro da Caritas. Além disso, caso essa possibilidade não estivesse contemplada nas cláusulas de benefícios fiscais para fornecimento de bens a estabelecimentos escolares, se a encomenda não poderia ter sido feita no nome do Centro ou, indiretamente, especificando o destinatário, pelo Consulado português.

Completando aqui as referências a factos ocorridos no ano de 1992, no dia 20 de dezembro, domingo, celebrou-se na Escola a Festa de Natal, na atmosfera típica que é criada pelos cânticos e ornamentações de circunstância, além do convívio e iguarias gastronómicas da época.

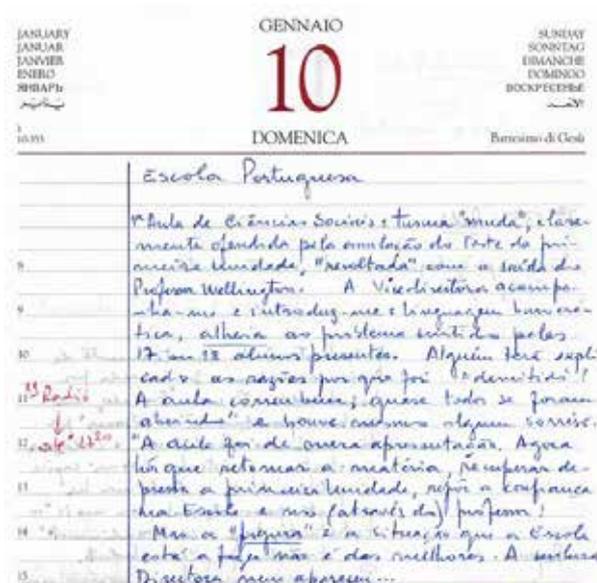
No dia 21, às 14.00 horas, o autor destas linhas deslocou-se ao *Ministero degli Affati Esteri* para uma entrevista que não se destinava a levar por diante o processo de legalização da Escola em Itália, tornado entretanto «desnecessário», mas para organizar a realização de cursos de Português diretamente na sede daquele Ministério: o encontro teve lugar no III andar da Farnesina, Uff. 2º Int. 2439, com o sig. Titti, técnico da *Direzione Generale del Personale*. Mais uma prova da necessidade de cursos de Português

\*\* \*\*\* \*\*

10Jan93

### Professor substituído

Encontra-se registado no «diário» do primeiro dia de aulas do segundo trimestre desse ano letivo um episódio que, por escrupulo de narrativa o mais exaustiva possível, aqui se transcreve. Trata-se da reação dos alunos à substituição do professor de *Ciências Sociais*, que não foi bem recebida pela turma do curso Geral por Unidades Capitalizáveis: nessa tarde de domingo, os alunos estavam «mudos», «ofendidos», devido ao anulamento de um teste e revoltados com a sua substituição. Tendo quem aqui escreve sido convidado a tomar o seu lugar, foi acompanhado à sala pela vice-diretora, que explicou aos alunos as razões das mudanças ocorridas. Também não convenceu o novo professor a linguagem burocrática, alheia aos problemas sentidos pelos alunos, que mereciam saber por que razão o Prof. Welington, brasileiro, deixara de lecionar essa disciplina ou tinha abandonado a Escola. Nem a quem o iria substituir foram fornecidos dados sobre o(s) motivo(s) da substituição... Também não lhe competia pedir ou exigir tal informação. Situações como esta acontecem em todas as escolas e a escolha de quem substitui um professor impedido de continuar (ou despedido?), não compete aos seus colegas e, muito menos, aos alunos... Mas, porque lhes fora anulado um teste?



Deverei ter manifestado solidariedade e compreensão por este facto, dado que, depois da apresentação pessoal, o clima ficou desanuviado, "a aula correu bem" e até houve sorrisos. Quanto a não dar satisfações aos alunos e ao facto de ter sido a Coordenadora de Ciclo a ocupar-se da ocorrência – tudo formalmente muito correto – coloca a questão de não se ter tido em conta que os alunos eram pessoas adultas e mereciam da Escola um gesto de maior proximidade, partilha de preocupações, apelo à colaboração e compreensão, envolvendo-os na solução do problema... Uma postura de menor frieza «burocrática» teria criado um clima diverso e predisposto os alunos a transmitirem fora da Escola uma opinião mais positiva, e teria suscitado neles uma maior motivação? Teria sido um investimento na imagem da Escola, uma aposta na sua continuidade, um apelo a que os alunos voltassem no ano seguinte, possivelmente trazendo outros colegas? Apesar do risco de produzir efeitos opostos, considerando

o «estilo» de relações baseadas na confiança recíproca que sempre haviam caracterizado a Escola, teria valido a pena correr esse risco, pois nesse momento, ela precisava de manter e/ou de retomar esse estilo de liderança...

### **Viagem para contactos em Lisboa**

Retomamos a leitura do órgão de informação da EPER: *Na sequência de uma viagem a Lisboa realizada de 21 a 30 de novembro pelas Prof. Isabel Minervini e Maria Manuela Borges, em representação da Direção da EPER, para diversos contactos junto do Ministério da Educação, recebemos na nossa Escola, no passado dia 13 de dezembro, a visita da Sr.ª Diretora-geral do Ensino Básico e Secundário, Dr.ª Maria de Lurdes Paixão, acompanhada pela Dr.ª Irene Paredes, Chefe da Divisão do Ensino Particular, da mesma Direção-Geral.* E prossegue o relato:

*Depois de visitarem a Escola, acompanhadas pelos membros da Direção, a Sr.ª diretora-geral participou numa reunião com o Corpo docente, na qual esteve também presente, entre outros, a Ir. Gianna, Diretora do Instituto "S. Agnese", em cujas instalações funciona a Escola.*

*A Diretora da Escola, Prof.ª Isabel Minervini, iniciou a reunião com a apresentação da Sr.ª diretora-geral, salientando o seu importante papel no processo que conduziu à legalização da EPER, conseguida em março de 1991. Também agradeceu todo o apoio dado à Escola, nomeadamente na concessão de um subsídio de 4 mil contos destinado às despesas da EPER para aquele ano letivo.*

*Seguidamente, os professores apresentaram-se individualmente e informaram sobre o trabalho que estavam a realizar. A Prof.ª Rufina Fonseca, seguida por outros professores presentes, levantou a questão do reconhecimento do tempo de serviço prestado pelos professores na EPER antes do reconhecimento oficial da Escola. De facto, desde o início do processo de legalização que tinha sido posto pela Direção da Escola este problema, ao qual a diretora-geral sempre deu muita atenção. Consequentemente, depois de se inteirar da situação dos professores, aconselhou a Escola a enviar imediatamente um pedido para a Direção-Geral, no sentido de resolver da melhor forma também esta justa reivindicação dos professores.<sup>21</sup>*

---

21 – Desconhece o autor destas linhas se os professores que trabalharam na/para a EPER, alguns (como ele próprio) durante muitos anos, conseguiram algum reconhecimento oficial desse serviço, nomeadamente em termos de tempo para efeitos de aposentação. Não foi o seu caso, nem o de uma outra professora com a qual se manteve em contacto e que o contactou, após o fecho da Escola, questionando esse "pormenor".

Até 1991, ninguém pretendeu reivindicar "direitos" que, formalmente, não existiam, embora houvesse de facto prestação de um serviço ao (em vez do) Estado que teriam merecido um reconhecimento formal, e de facto, por parte dos organismos desse mesmo Estado. Talvez só indiretamente faça parte desta História, ou tenha cabimento aqui, uma informação mais exaustiva do "caso" do seu autor – também por ter sido um dos que mais longamente prestaram serviço na EPER – relativamente ao reconhecimento do tempo de serviço.

Em 1996, data da deslocação definitiva para Portugal – curiosamente, mas sem que as duas coisas tivessem relação direta, data também do fim das atividades letivas [objetivamente, do encerramento] da EPER – a fim de retomar o trabalho de professor no Centro de Estudos de Fátima, a declaração passada pela Escola discriminava exatamente os anos de serviço, desde 1977 até 1993-94, declarando:

*Nos termos dos números 1 e 2 do Art. 3º do Decreto-Lei nº169/85, de 20 de maio, que este Estabelecimento de ensino está devidamente legalizado, sendo todos os cursos aqui ministrados reconhecidos pelo Ministério da Educação de Portugal, que o professor Fernando Bernardo de Pinho não acumulou este serviço com a Função Pública, no referente à assiduidade não teve faltas e gozou as licenças normais, isto é, as correspondentes às férias legais e auferiu dos vencimentos à data praticados nesta Escola. Os anos letivos tiveram o seu início oficial no dia 1 de setembro e terminaram a 31 de agosto.*

Não se poderia afirmar que algum dos professores, em todos esses anos, tivesse "auferido vencimentos", tendo apenas recebido uma gratificação simbólica, no final do ano. Porém, formalmente, mais uma vez, a EPER não só dizia a verdade como foi solícita e "compreensiva" na declaração que produziu – e que interessava certamente a outros antigos professores.

Mas, retomando a questão, em 2002, distante ainda a data para "gozar" da reforma mas sendo conveniente solicitá-la atempadamente, no seguimento do pedido apresentado, a Caixa Geral de Aposentações (José A Soares Veríssimo), solicitava o envio de

*"certidão comprovativa do tempo de serviço prestado no ensino particular, no período de 1977-09-01 a 1994-08-31, devidamente comprovada pelo Departamento de Educação Básica (Núcleo de Ensino Par-*

Ministério da Educação  
Departamento da Educação Básica

**DECLARAÇÃO**

Para os devidos efeitos se declara que estão cumpridas as condições expressas no art.º 2.º do Decreto-Lei nº 321/88 de 22 de Setembro, relativamente ao tempo de serviço docente prestado na Escola Portuguesa de Roma pelo docente **Fernando Bernardo de Pinho** de 1/10/77 até 31/8/94, em regime de horário completo e sem faltas.

Lisboa, 13 de Março de 2003

O Coordenador do Núcleo

*Manuel Ferreira*  
Manuel Ferreira

 **ESCOLA PORTUGUESA EM ROMA**  
Via S. Francesco 10/11 - 00182 Roma - Tel. 06/2403191  
e-mail: escolaportuguesaroma@tin.it

**DECLARAÇÃO**

**Maria Manuela de Oliveira Tapada Borges**, Directora Pedagógica da Escola Portuguesa em Roma com Autorização de Funcionamento concedida por despacho de 16.03.92 e enquadrada nos objetivos do Sistema Nacional de Educação nos termos do nº 2 do Art. 3.º da Lei 9/79, de 19 de Março (Lei de Bases do Ensino Particular e Cooperativo), e nºs 1 e 2 do artigo 8.º do Decreto-Lei nº 553/80, de 21 de Novembro, (Estatuto do Ensino Particular e Cooperativo).

Declara que:

**Fernando Bernardo de Pinho**, nascido em Arouca em 05.08.1949, leccionou nesta escola de Outubro de 1977 a Agosto de 1994, tendo desempenhado o cargo de Presidente do Conselho Directivo de 1982 a 1992. Lecionou também Português Língua Estrangeira para italianos. A sua carga horária foi sempre muito superior ao horário completo.

A Directora Pedagógica  
*Maria Manuela de Oliveira Tapada Borges*  
D.ª Maria Manuela de Oliveira Tapada Borges

Roma, 05 de Dezembro de 2002

**Caixa Geral de Aposentações**

Para:  
CENTRO ESTUDOS FATMA  
APARTADO 208  
CONA IBA  
246 - 908 FATMA

Nossa Referência: SAC432M3.13382950 Data: 2004-02-25

Assunto: Contagem de Tempo  
Subscritor nº: 13382950  
Nome: FERNANDO BERNARDO PINHO  
Categoria: PROFESSOR

Informo V. Exa que o requerimento apresentado em 2002-04-10 foi indeferido por decisão da Direcção da Caixa Geral de Aposentações, de 2004-02-25 (Delegação de poderes publicada no D.R., II Série nº 125 de 2000-05-30), com base no seguinte fundamento:

- O tempo de serviço prestado na Escola Portuguesa em Roma (1977-09-01 a 1994-08-31), não é susceptível de ser considerado em virtude de não se enquadrar no âmbito do D.L. 321/88, de 22/Setº conjugado com o artº 1º do Estatuto de Aposentação.

Com os melhores cumprimentos

*Chefe de Serviço*

A declaração da EPER, solicitada em outubro de 2002 para abertura do processo de contagem do tempo de serviço para efeitos de aposentação e prontamente «passada» pela responsável pela gestão da Escola, tem a data de 5 de dezembro de 2002 e foi redigida em papel timbrado, tendo por endereço a Av<sup>a</sup>, ou Viale, delle Milizie" (nº 1), no bairro Prati, estando rasurado o antigo endereço da última sede da Escola.

Após o fim da atividade tradicional da Escola, em 1996, a antiga vice-diretora ficou responsável pela sua "representação", em ligação direta com as autoridades consulares, garantindo a "gestão corrente", sobretudo relativamente aos pedidos de certificados. Como se disse na Introdução a este trabalho, pelo menos uma parte da documentação, para o efeito, foi gravada em CD e entregue na Secção Consular da Embaixada. A sede "póstuma" da instituição terá sido, portanto, transferida oficialmente para o endereço que consta nesta declaração.

*ricular e Cooperativo) OU pelo competente serviço do respetivo Ministério, nos termos do nº 2 do art.º 3º do D.L. nº 169/85, de 20/Maio, a fim de lhe ser contado, para efeito de aposentação".*

Solicitada também essa "certidão" ao Ministério da Educação, a resposta, com a data de 13 de março de 2003, dizia:

*"Para os devidos efeitos se declara que estão cumpridas as condições expressas no art.º 2.º do Decreto-Lei nº 321/88 de 22 de Setembro, relativamente ao tempo de serviço docente prestado na Escola Portuguesa de Roma pelo docente Fernando Bernardo de Pinho de 1/10/77 até 31/8/94, em regime de horário completo e sem faltas".*

Apresentado esse e todos os demais documentos solicitados, em 25 de fevereiro de 2004 o mesmo chefe de serviços da CGA "encerrava" o processo com esta "sentença":

*"Informo V. Exa que o requerimento apresentado em 2002-04-10 foi indeferido por decisão da Direcção da Caixa Geral de Aposentações, de 2004-02-25 (Delegação de poderes publicada no D.R., II Série nº 125 de 2000-05-30), com base no seguinte fundamento: - O tempo de serviço prestado na Escola Portuguesa em Roma (1977-09-01 a 1994-08-31), não é susceptível de ser considerado em virtude de não se enquadrar no âmbito do D.L. 321/88, de 22/Setº conjugado com o artº 1º do Estatuto de Aposentação".*

Requerer a reapreciação do processo? Outros tê-lo-iam feito – ou não terão tido necessidade de o fazer. O abaixo-assinado optou por "dar ao desprezo" o desprezo com que os seus pedidos tinham sido "contemplados" nas superiores instâncias ministeriais e oficiais! Afinal, tinha sido trabalho de voluntariado... Mas...

Retomando a descrição do encontro entre as responsáveis do Ministério e o corpo docente da Escola, o boletim acrescenta que a Sr.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria de Lurdes Paixão salientou a importância do papel desempenhado pela Escola junto da Comunidade de expressão portuguesa, e reiterou que, por parte da Direção-Geral, haveria sempre a melhor disponibilidade para resolver os seus problemas. Seguiu-se um colóquio com os membros da Direção da Escola, sobre alguns aspetos técnicos da gestão dos vários níveis de ensino.

A visita concluiu-se cerca das 19.30, com votos mútuos de um BOM TRABALHO para 1993.

18dez92

### **Prof.<sup>a</sup> Stegagno Picchio – Homenagem**

No dia 18 de dezembro, pelas 18.00 horas, os Alunos do Curso Complementar, do 12.<sup>o</sup> Ano e alguns do Curso Geral da EPER participaram numa Conferência proferida na Embaixada do Brasil por ocasião da apresentação do livro *Profilo della Letteratura Brasiliana*, da Prof.<sup>a</sup> Luciana Stegagno Picchio, editado pela Casa "Editori Riuniti".

A sessão iniciou-se com uma breve intervenção do Sr. Embaixador do Brasil, Orlando Soares Carbonar, a que se seguiu a apresentação do livro, por ex-alunos da Prof.<sup>a</sup> Stegagno Picchio: Andrea Ciachi, Alessandra Mauro, Silvano Peloso e Hugo Serani. A sessão foi propícia para homenagear a senhora Prof.<sup>a</sup> Luciana Stegagno Picchio, pelo seu trabalho de investigação e de divulgação da literatura brasileira, e pela sua capacidade de entender, de forma única, as especificidades, os contrastes e a cultura próprios de cada escritor, tornando-se o seu "Profilo", como foi referido, um livro de consulta obrigatória para todos os que quiserem conhecer a literatura brasileira.

No final, a Diretora da Escola Portuguesa, Dr.<sup>a</sup> Isabel Minervini, proferiu algumas palavras, reiterando que a Escola Portuguesa não podia deixar de estar presente para homenagear quem dedicou uma vida inteira ao trabalho de divulgar a língua e a cultura portuguesas e a sua projeção em todos os continentes. A EPER ofereceu à Prof.<sup>a</sup> Stegagno Picchio um ramo de orquídeas, acompanhado por um cartão com as assinaturas dos professores e alunos presentes, que se levantaram para aplaudir. Na sessão esteve também presente o Sr. Embaixador de Portugal, Dr. Luís Gaspar da Silva.



### **Finalistas**

De registar, propositadamente em local desgarrado da sequência cronológica dos acontecimentos dos anos aqui retratados, a **Festa do 12.<sup>o</sup> Ano**, que teve lugar no dia 18 de junho – provavelmente, de 1992 – às «8», isto é, às 20.00 horas, num local situado na Via Pompeo Magno (Prati), hoje provavelmente desaparecido ou com designação modificada. Para o evento foi preparado um elegante desdobrável, a cores, cujo modelo original se conserva (o que aqui se reproduz, em tamanho ligeiramente reduzido).



## **Centros de acolhimento e de encontro das comunidades portuguesa e cabo-verdiana em Roma**

---

*O tempo é um grande escultor...* A obra de Marguerite Yourcenar que tem por título esta afirmação ultrapassa o sentido que ela assume neste contexto: decorridos cinco anos após a saída da Escola do Instituto de Santo António, entrar novamente e visitar os espaços onde "outrora" se moveram olhares e passos em labuta assídua e confiante no futuro de uma outra instituição ao serviço da comunidade de expressão portuguesa despertou uma reverberação profunda de antigas esperanças, desilusões e feridas, entretanto cicatrizadas, mas não esquecidas.

Mas foi de cabeça erguida que a iniciativa de oferecer aos leitores do boletim informativo da AEPER um breve e desprezioso levantamento "sociológico" das respostas que, iniciada a última década do séc. XX, as comunidades de língua portuguesa encontravam na Cidade Eterna, levou os responsáveis pelo boletim a bater à porta do nº 2 da Via dei Portoghesi, para uma longa conversa com quem, entretanto, assumira os seu papel de responsável pelo **Instituto de Santo António dos Portugueses**.

A entrevista com o reitor Fernando Miranda, abrindo esse "dossiê" temático sobre os centros de acolhimento e encontro das comunidades portuguesa e cabo-verdiana em Roma, preenche as primeiras 5 páginas do nº 21 do boletim (janeiro de 1993) e terá certamente cabimento inseri-la aqui, como parte integrante da História da EPER. Com esta (im)pertinente pergunta: que teria sido da EPER, que futuro teria tido, se tivesse podido continuar nessa sua primeira sede histórica? A transcrição do colóquio era introduzida no boletim com esta apresentação do entrevistado – nessa sua sede «histórica» ou noutros espaços «portugueses» de Roma.

\*\*\* \*\*

*Todos o conhecem por Padre Miranda, ou, quando muito, P. Fernando Miranda, mas chama-se Bento Fernando Dias de Miranda, e é Monsenhor! Proveniente da Diocese de Vila Real, padre desde há trinta anos, é com justificado prazer que mostra as obras já realizadas no Instituto de Santo António dos Portugueses, desde que – há cinco anos apenas – dele foi nomeado Reitor.*

*Anuncia que em breve se poderá visitar o "Tesouro" da Igreja dos Portugueses, devidamente instalado num autêntico MUSEU que dará valor a cada uma das peças. Recorda que não tem qualquer encargo de assistência aos portugueses presentes em Roma. Ainda assim, a igreja e as instalações do Instituto de Santo António têm sido postas à disposição da comunidade portuguesa, tornando-se um dos centros da ação desenvolvida pelas Cooperadoras da Família, em articulação com a Obra Portuguesa das Migrações. Em conversa amena e fluente, esta entrevista foi recolhida por Fernando de Pinho e Pacheco Gonçalves:*

**– Começamos por falar da comunidade portuguesa em Roma: quantas pessoas a compõem, o que dizem, o que desejam encontrar da parte das instituições portuguesas aqui existentes?**

– É difícil dizer quantos são os portugueses de Roma. A maioria tem idades compreendidas entre os 20 e os 40 anos. São sobretudo raparigas, solteiras, trabalhando como empregadas domésticas. Mais de uma dúzia de casais. Pouquíssimos os homens solteiros. Continua a haver gente a chegar, no fim das férias, trazidas por outros, e quase sempre convencidos de que isto aqui é fácil. Logo descobrem que assim não é. E uma parte regressa a Portugal,

passado pouco tempo.

**– Com que apoios podem contar, da parte de instituições portuguesas?**

– Antes de mais, o Instituto das Cooperadoras da Família, que receberam este encargo da Obra Portuguesa das Migrações. Depois, aqui também a Igreja de Santo António dos Portugueses, ao domingo à tarde. Há ainda a Ir. Maria do Céu, no Vaticano, e a Missa que ali é celebrada, também ao domingo à tarde. Um bom número de portugueses conhece estes centros. Mas ainda há quem ignore, e continua a ter como único ponto de encontro a Piazza del Risorgimento... nas duas tardes livres da semana.

**– O que é que o Instituto de Santo António proporciona, concretamente, aos portugueses de Roma?**

– Antes de mais, a Missa, no domingo à tarde, às quatro e meia. São as Cooperadoras da Família que a preparam e acompanham (cânticos, leituras, etc.). Depois, pusemos à disposição três salas de estar, onde podem jogar as cartas, ler jornais portugueses (desportivos e outros), tomar café, conviver. Existem também diversas atividades propostas pelas Cooperadoras, mas realizadas igualmente no Instituto, ao domingo à tarde. São cursos de formação: catequese, para diversos níveis de idade; preparação para o Crisma; grupos de formação bíblica; um grupo de Casais.

**– Há adesão a estas iniciativas?**

– Relativamente. A verdade é que o tipo de trabalho (doméstico) da quase totalidade condiciona muito. As pessoas estão muito "presas". Nos poucos momentos livres estão cansadas e não têm grande força e vontade de se aplicarem a fundo num Curso de formação. De facto a atividade de formação bíblica, no ano passado, começou com umas vinte pessoas e ao fim tinham ficado apenas oito... Até se compreende, mas é pena. Os jornais, por exemplo, quase nem sequer são abertos. Seria bom, sobretudo, que todos os portugueses de Roma tivessem conhecimento destas possibilidades que lhes são oferecidas.

**– Quais são as grandes aspirações dos portugueses (para além da melhoria da situação económica pessoal e familiar)?**

– A grande aspiração (manifestada por um pequeno grupo) é terem uma Associação, com tudo o que isso representa de iniciativas próprias, como acontece noutras zonas de forte imigração, sobretudo na França e no Canadá. Mas isso é muito difícil de concretizar aqui em Roma, com as limitações impostas pelo tipo de trabalho e consequente pouco tempo disponível. Para formar e manter uma Associação, há que encontrar uma sede, preparar estatutos, etc. Não só faltam as condições para a pôr de pé, mas também para dela tirar partido devidamente. Há quem desejasse que esta tal Associação fosse lançada por alguma instituição (como o Consulado, ou o Instituto de Santo António), mas isso não é possível, nem faz sentido. Eu digo sempre: "Façam!". Mas a verdade é que as condições não existem.

**– Outras aspirações dos portugueses em Roma?**

– Há os que desejam estudar, aproveitando a existência da Escola Portuguesa, ou prosseguindo estudos superiores, mas a dificuldade é sempre a mesma. Há também, no caso dos casais, o problema dos filhos. São pouquíssimas as crianças da comunidade portuguesa. Em geral, ficam em Portugal, porque aqui não há condições concretas para viverem com os pais.

\*\*\* \*\*

**– Falemos também do Instituto e Santo António: Quais foram as principais medidas que tomou como Reitor, nestes cinco anos?**

– O património estava numa situação desastrosa. Chovia por todo o lado. Houve, portanto, que fazer obras, imediatamente, começando pela igreja e pelos edifícios circundantes. Neste momento, podemos dizer que 65% deste património está ao menos preservado. Para além da igreja, foram realizadas obras em cinco edifícios. Gastaram-se já 150.000 contos. E prosseguem as obras.

**– O Instituto conta, no seu património, com um bom número de prédios de habitação, não é verdade?**

– Temos uns cem inquilinos.

**– Vemos que se estão a realizar obras de fundo nestas instalações, junto à Igreja...**

– Por um lado, está-se a remodelar e alargar as instalações do Tesouro da Igreja e do Instituto. Para o abrir ao público. E de um modo mais seguro e funcional. Estão-se a construir instalações novas para o Arquivo. Finalmente, está-se a proceder a uma remodelação total da Biblioteca: quatro salas (para além da sala do Arquivo).

**– A Biblioteca tem estado fechada, não tem ficheiros atualizados, e precisa de uma reorganização global, não é verdade?**

– A Biblioteca tem que ser completamente reorganizada. O ficheiro terá que ser atualizado (nomeadamente no que diz respeito às obras chegadas nos últimos quinze anos, e que se encontram ainda em pacotes e não classificadas). De qualquer modo, não é exato que se encontre fechada. Mesmo nos últimos tempos, continua a ser frequentada por investigadores (nomeadamente por estudiosos que preparam teses sobre temas relacionados

com Portugal ou com a presença portuguesa em Roma). A Biblioteca conta com um empregado permanente. Foi comprado um computador, que está a ser já utilizado.

**– E para o futuro: projetos, perspectivas?**

– Realizar o que está escrito nos Estatutos. Concretamente, a criação de um Centro de Estudos para valorizar o Arquivo histórico, a vinda de dois bolseiros que se encarreguem do material, estudando-o, classificando-o..., e a publicação dos resultados do seu estudo, num Boletim que o Instituto deve, estatutariamente, ter. As obras em curso devem estar prontas lá para a Páscoa de 1993. Os bolseiros deveriam vir em 1994.

**– Esse Centro de Estudos não tem nada que ver com o Centro Cultural Português de que se fala há tanto tempo sem que nada se tenha concretizado?**

– Absolutamente, não.

**– Foram interrompidos os Cursos de Português que funcionavam aqui no Instituto de Santo António. Irão ser retomados?**

– Sim, tiveram que ser interrompidos, por um lado, porque a Escola Portuguesa os organiza por sua conta, e depois porque precisávamos

de fazer obras nas salas onde se realizavam. Mas, provavelmente, não se justificará retomar uma iniciativa de que se ocupa também, e no seu campo, a Escola Portuguesa.

**– Poder-se-ia pensar numa colaboração entre as duas instituições, fazendo funcionar no Instituto (com a vantagem da sua localização central) cursos promovidos e assegurados pela Escola Portuguesa?**

– Porque não? Dentro de um ano e meio, ou dois, quando estiverem concluídas as obras.<sup>22</sup>

22 – Algumas afirmações do senhor reitor mereciam – mereceram, «in camera caritatis» – comentários que não foram publicados no boletim. Repare-se, a mero título de exemplo, e sem desenvolver a reação que suscita(va) nos leitores, no seguinte: havia, pois, *três salas*, disponibilizadas... para *cursos bíblicos*, mas não para ensinar matérias do currículo escolar. *Poucas pessoas interessadas*... É de admirar? Talvez se mais portugueses tivessem terminado a escolarização alguns ter-se-iam apercebido da importância dessa oferta formativa e estariam preparados para compreender os seus conteúdos... E, depois, formar uma *associação*: na verdade, ela não era desejada por quem estava mais confortável a gerir celebrações e encontros dominicais, com jogos de cartas; além disso, uma Associação, que poderia ter alargado o seu campo de ação a outros âmbitos para responder às necessidades sentidas pela comunidade, já existia – a AEPER!... *Não liam jornais*... Pois, para ler e compreender... Por que razão a EPER não podia ser um dos... CEM inquilinos do IPSAR?

\*\*\* \*\*\* \*\*\*

Em italiano, o boletim sintetizava as principais "revelações" e ideias contidas na entrevista e, seguidamente, informava sobre o horário de abertura da igreja de Santo António: *à semana, das 8.30 às 13.00 e das 15.00 às 18.00; aos domingos, das 15.00 às 18.00*, sendo a Missa celebrada às 16.30. Além disso, no Instituto de Santo António funcionavam, ao domingo à tarde, promovidos pelas Cooperadoras da Família, diversas atividades: *catequese para crianças, jovens e adultos (preparação para o batismo e o crisma); grupos de Formação Bíblica; grupos de casais e grupos informais de convívio. Além disso, às quintas de tarde, funcionavam na casa das Cooperadoras da Família cursos de culinária e de corte e costura*. Eram iniciativas e atividades que se mantinham, embora o número de frequentadores e interessados fosse obviamente muito menor do que quando foram inicialmente promovidas.

O boletim da AEPER dedicava uma página a "divulgar" a figura de Santo António – "o português mais conhecido e mais popular no mundo inteiro", grande pregador e "inimigo" [Flagelo] dos Albigenses, declarado por Pio XII, em 1945, «Doutor da Igreja» – e a recordar a história da "sua igreja" que veio a ser "nacional", dos portugueses, e que talvez nem todos os leitores desta outra História conheçam ou recordem.

A igreja nacional de Santo António dos Portugueses deriva de outra, muito mais antiga, dedicada não ao santo taumaturgo que os italianos (e não só) consideram "de Pádua", mas a Santo Antão, um célebre anacoreta que viveu na Tebaida, no Egipto, no séc. IV. S. Antão, também o nome de uma das ilhas cabo-verdianas, é invocado como especial protetor dos animais e fora-lhe dedicada uma capelinha em Roma, na zona do Campo Marzio, onde se realizavam frequentes feiras de gado. Em 1440, o Cardeal português, Dom António de Chaves transformou

aquela capelinha e anexou-a ao Hospício que Dona Guimar de Lisboa tinha fundado em 1363 para dar assistência aos peregrinos portugueses que vinham a Roma.

Para os italianos, a única diferença entre Santo Antão e Santo António (mas a culpa é do latim...) é que o primeiro é abade, e o segundo é o famoso taumaturgo... de Pádua!

A igreja fundada pelo Cardeal "lusitano", falecido em Roma aos 77 anos e que "repousa" num lindo túmulo (ainda) medieval situado na nave direita da Basílica de S. João de Latrão (a sé de Roma, *ecclesiarum omnium mater et caput*), foi sucessivamente restaurada e de tal forma embelezada e enriquecida, que passa por ser o exemplar mais perfeito de igreja barroca existente em Roma – com vénia para o "São Carlinhos *alle Quattro Fontane*", de Carlos Borromini.

Só é de lamentar – comentava, a terminar, o órgão de informação da AEPER – que em tão perfeito exemplar arquitetónico e acabado monumento da Urbe não tenha havido lugar, até hoje, para os restos mortais do único Papa português da História, João XXI, o grande PEDRO HISPANO: da sua história resta na catedral de Viterbo o seu túmulo, com uma lápide sepulcral a recordar que ele ali morreu, em 1264: não seria oportuno – questionava por fim o boletim da AEPER – que as "competentes autoridades" fizessem as necessárias diligências para a sua transladação para a nossa Igreja Nacional? Era, na altura, um tema de conversa na ordem do dia, mas, como em muitas outras coisas, até hoje... não houve qualquer mudança, também porque Viterbo, hoje como na Idade Média, não querará renunciar a conservar essa relíquia preciosa na sua catedral.



A fechar as páginas dedicadas ao tema, novamente em italiano, recordava-se como se podia ajudar a EPER, solicitando a entrega ou o envio de algum contributo para a sua conta bancária ou tornando-se sócio da AEPER: a quota de adesão indicada era de 50.000 liras. Além disso, eram bem aceites sugestões e críticas construtivas para/sobre a Escola e o seu boletim informativo, que podiam ser enviados pelo correio (postal, pois o eletrónico já estava a espreitar mas ainda não tinha nascido...) ou por telefone: Via Innocenzo IV, 18 - 00167 ROMA - Tel. 06-30.70.620

\*\*\* \*\*

### **Instituto das Cooperadoras da Família**

Maria Virgínia Dias Reis era a Coordenadora do Instituto das Cooperadoras da Família (ICF) que, em Roma, tinha por finalidade, entre outras coisas, dar apoio à emigração, especialmente portuguesa: a atividade neste sentido incluía, por exemplo, o acolhimento e ajuda na procura de trabalho, em colaboração com a Associação italiana APICOLF, estando legalmente reconhecidas e delegadas por esta Associação para o efeito. O dossiê sobre as *comunidades de acolhimento e encontro* dedicava-lhe a página 8. O Instituto estava *disponível para ajudar humana e espiritualmente* quem se aproximava dele, *conforme as necessidades, encarregando-se também da formação religiosa, através de cursos de preparação para a receção dos sacramentos: batismo, primeira comunhão, crisma e matrimónio, celebração da eucaristia dominical e dias de preceito*. Dava-se especial relevo "às celebrações paralitúrgicas, sobretudo nos meses de outubro e maio, propondo-se assim reavivar a tradição portuguesa da devoção a Nossa Senhora" e, no mês de junho, era especialmente venerado "Santo António de Lisboa".

O programa de atividades para o ano (letivo) de 1992/93 tinha sido preparado tendo em conta o programa extracurricular da Escola, assumindo, entre outras, também como próprias, as festas do magusto e do carnaval. Quanto às atividades culturais promovidas pelo ICF – concretamente, passeios e visitas – o Instituto proporcionava, quer na sua sede, quer no Instituto de S. António, um espaço e um ambiente acolhedor, onde os emigrantes podiam *beneficiar*

*da nossa presença, da nossa palavra, da nossa relação, dum café, duma cerveja, dum jogo de cartas..., sobretudo às quintas-feiras e aos domingos.*

A atividade deste Instituto esteve sempre muito ligada às da Escola (gravitando ou correndo em paralelo com elas), funcionando porém "na sua sede", situada na Via Martino V, 38, com o tel. 6620641. [Atrás, noutra capítulo faz-se a referência ao sindicato APICOLF e ao jornal «Bem-Fazer»].

\*\*\* \*\*

A Comunidade do Vaticano era coordenada pelo padre – hoje, bispo, Nuno Brás da Silva Martins que, naquele ano, era também professor na EPER. O boletim apresentava-o, em italiano, a ele e ao grupo, desta forma: *P. Nuno è il nuovo animatore della "Comunità di Suor Maria do Céu", come viene chiamato il gruppo di immigrati portoghesi che si riunisce presso le Suore Francescane Missionarie di Maria, all'interno della Città del Vaticano, accanto alla chiesa parrocchiale dello Stato Città del Vaticano, Sant'Anna. La preparazione e la partecipazione all'Eucarestia, accompagnata da bei canti, è la caratteristica principale della vita associativa di questo gruppo – «che pone al suo centro la fede in Cristo» – e che ha trovato così un'alternativa al trascorrere del tempo senza «onore e senza gloria», spesso all'addiaccio, nella vicina piazza del Risorgimento, vero e proprio «centro spontaneo» di aggregazione fra coloro che non frequentano i «centri» esistenti!"*

Em português, a notícia era dada em primeira pessoa, de forma mais desenvolvida: *"Há já vários anos que todos os domingos e quintas-feiras os muros do Vaticano albergam um grupo de portugueses que aí se reúnem para celebrar a fé. O meu conhecimento do grupo remonta só ao mês de outubro deste ano, altura em que comecei a presidir às eucaristias. Trata-se, primeiro que tudo, de um grupo de amigos. É bonito ver como as pessoas, vindas de vários lados de Portugal, se conhecem, se entrecorrem e se apoiam mutuamente. O grupo começou por iniciativa da Ir.ª Maria do Céu, que se deu conta da quantidade de portugueses que, aos domingos à tarde, parava pela Praça do Ressurgimento. E começou a dar-lhes apoio. Assim surgiu este centro informal, que se reúne na casa das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria.<sup>23</sup> Primeiro, um pequeníssimo grupo; depois os que vinham foram chamando outros...*

*Trata-se de um grupo de emigrantes que tem no centro a fé em Jesus Cristo. Na verdade, a participação na Missa dá o tom ao grupo. Aliás, participação não só grande em número, quanto também em qualidade, sobretudo nos cânticos, frequentemente elogiados pelas Irmãs de outras nacionalidades. Depois, surgiu também a reunião das quintas-feiras, com a oração do terço. E, é claro, antes e depois das celebrações, a conversa amigável e o jogo das cartas, para não falar do modo como acompanham o evoluir do campeonato nacional de futebol... Um belo exemplo de comunidade surgida da fé!"*

\*\*\* \*\*

### **Diversos grupos e associações cabo-verdianos**

Completando o painel de "comunidades" de expressão portuguesa ao serviço dos emigrantes incluídas no dossiê, a componente cabo-verdiana dispunha de três associações e dois grupos desportivos, que eram brevemente apresentados por Maria Dulce Araújo Évora, ex-aluna e ex-professora da EPER e, então, já jornalista na Secção Português-África da Rádio Vaticano.

Este, o "lead" da sua "reportagem": *La Comunità capoverdiana immigrata in Italia non è soltanto attiva nel mondo del lavoro, ma riesce anche ad esprimersi ed agire sul piano sociale, culturale e sportivo. Molto numerosa – circa 8.000 elementi, concentrati soprattutto a Roma, Firenze, Milano, Palermo, Napoli – essa è costituita in maggioranza da donne nel servizio domestico, ma non le manca coraggio e fantasia: soltanto a Roma vi sono ben tre associazioni e due gruppi sportivi. In questa breve presentazione, Maria Dulce A. Évora, ex-allieva, poi insegnante della Scuola Portoghese, ed ora, tra l'altro, giornalista alla Radio Vaticana, ne illustra la storia e l'attività.*

23 – «Franciscanas Missionárias de Maria», fundadas em 6 de janeiro de 1877, por Hélène de Chappotin, filiadas na Ordem Franciscana [[https://pt.wikipedia.org/wiki/Franciscanas\\_Mission%C3%A1rias\\_de\\_Maria](https://pt.wikipedia.org/wiki/Franciscanas_Mission%C3%A1rias_de_Maria)], ou uma outra das muitas congregações com nome idêntico ou pouco diferente? O nome da fundadora remete para terras de França, mas na vizinha Espanha, na segunda metade do séc. XIX (1850-1900) foram fundadas bem 60 congregações religiosas!

Além dos serviços que lhes são proporcionados pelas representações diplomáticas (Embaixada e Consulado), a Comunidade cabo-verdiana em Itália, e de modo especial em Roma, está organizada em diversos grupos e associações que se ocupam da vida social e cultural, assim como da sua inserção na sociedade italiana.

Uma delas é a Organização da Mulher Cabo-verdiana em Itália (OMCVI),<sup>24</sup> criada para ir ao encontro dos problemas das mulheres (que constituem a maior parte dos emigrantes de Cabo Verde em Itália), sobretudo no que se refere à integração dos filhos dos imigrados na sociedade italiana.

Esta Organização, que tem como Presidente Maria de Lourdes de Jesus (antiga aluna, depois, professora da EPER e atualmente a trabalhar no programa televisivo da RAI "NONSOLONERO"), entre outras atividades organizadas publicou um livro sobre a Comunidade e a cultura cabo-verdiana, organiza desde 1986 cursos de férias de verão para crianças cabo-verdianas, visando introduzi-las na cultura do seu País, realizou exposições fotográficas e mantém um diálogo com as diferentes escolas italianas sobre diversos temas de interesse para a Comunidade.

A OMCVI tenciona publicar em breve um Boletim Informativo para a Comunidade e, em 6 de janeiro de 1993, participou com crianças cabo-verdianas na *Maratona da Villa Borghese*, durante a qual foram recolhidos brinquedos para crianças pobres em Cabo Verde. Em dezembro de 1992 realizou uma Exposição Fotográfica no Palazzo Valentini, em Roma.

\*\*\* \*\*

Uma outra instituição ao redor da qual os cabo-verdianos se reúnem é o «Grupo Social», dirigido por Antão Rodrigues e Carlos Alberto Pimentel (ambos eles também ex-alunos da EPER). Esta Associação foi criada há dois anos para fazer face aos problemas socioculturais da Comunidade. De entre as suas atividades realizadas até agora destaca-se a recolha de fundos a favor de uma cabo-verdiana com graves problemas de saúde, a realização de um concerto de música tradicional cabo-verdiana, pelo grupo «Sementeira». Tem também participado em outras atividades com grupos de emigrantes na Itália, entre as quais na *Jornada da Paz*, e preparou a Festa do Natal, que decorreu de 24 a 26 de dezembro, no «Villaggio Globale», em Roma. Este Grupo não dispõe ainda de uma sede própria, e funciona com as quotas dos sócios.

\*\*\* \*\*

Ainda no âmbito cultural destaca-se a Associação «Caliban», que reúne oriundos de todos os PALOP. O seu Presidente é Hernâni Moreira e tem como objetivo a difusão da cultura africana numa perspetiva de diálogo intercultural. A Associação foi inaugurada em 11.11.1989 com uma Conferência sobre *Literatura Africana de expressão Portuguesa*, na qual tomou parte o falecido escritor português *Manuel Ferreira*. Além disso, já organizou uma Semana Cultural dedicada aos PALOP, um encontro sobre o pensamento dos líderes desses Países, um serão [sarau] de cinema e poesia a favor da paz em Angola, e conduz uma emissão semanal na «Radio Città Aperta» para a Comunidade Cabo-verdiana. Tem atualmente em programa a realização de outra manifestação cultural, também a favor da consolidação da paz em Angola e Moçambique.

\*\*\* \*\*

Além das referidas associações, há ainda dois grupos desportivos – «Os Brincalhões» e «Cretcheu»<sup>25</sup> – que participaram em diversos campeonatos de futebol em Itália e com outras Comunidades cabo-verdianas na Europa. Em 1992 jogaram contra os estudantes estrangeiros em Itália e ganharam o jogo por uns golos de diferença!

Eram fornecidos os seguintes endereços/contactos, que ficam... para (est)a História:

- ❶ OMCVI (Organização da Mulher Cabo Verdiana em Itália)  
– Presidente: Maria de Lourdes de Jesus – Tel. 06/4873851.

24 – Ver referência na *Introdução* a esta obra.

25 – O vocábulo cabo-verdiano "cretcheu" significa, literalmente, "querer muito". Do crioulo: crê, «querer» +txeu, «cheio» [in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018. – consult. 2018-02-20 09:33:54]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/cretcheu>.

- ② GRUPO SOCIAL – Presidente: Antão João Rodrigues – Via Giuseppe Mangili, 1/B – 00147 ROMA. – Tel. 06/3214163. – Vice-Presidente: Carlos Alberto Pimentel – Tel.06/2295659.
- ③ «CALIBAN» – Presidente: Hernâni Moreira – Via dei Tre Pupazzi, 14 - 00193 ROMA – Tel. 06/6543974.
- ④ «CRETCHEU» – Vive-Presidente: Manuel Augusto Ramos Correia – Via Piave, 23 – 00187 ROMA – Tel. 06/4814178.

### **Situação da comunidade emigrante portuguesa no Canadá**

Alargando o olhar para horizontes distantes de Roma – desta vez não para o Oriente, pelo contrário – e aproximando-o de realidades que pudessem, de certa forma, *mutatis mutandis*, permitir um confronto, oferecendo um termo de comparação para aquela à qual a EPER dedicou as suas energias, o boletim 21 da AEPER, no frio mês de janeiro de 1993, levava aos seus leitores, pelo olhar de uma "correspondente" excepcional, a Dr.<sup>a</sup> Noélia Viegas, Esposa do então Cônsul de Portugal em Toronto, Dr. José Manuel Pessanha Viegas, ex-cônsul de Portugal em Roma, e do qual a Escola se despedira, em junho do ano anterior, com a já referida homenagem singela. As referências temporais do texto que seguidamente se transcreve, e do qual se oferecia aos leitores uma breve síntese em italiano, referem-se ao início da década de 90 do século passado.

*O Canadá é um País essencialmente composto por pessoas oriundas dos quatros cantos do Mundo, destacando-se as vastas comunidades italiana, chinesa e portuguesa.*

*Nos anos '50 começaram a chegar os primeiros emigrantes dos Açores, e em menor número da Madeira, calculando-se que o primeiro daqueles arquipélagos tenha contribuído com cerca de 65% de toda a população portuguesa presentemente a residir no Canadá. Eram principalmente contratados por companhias ligadas à construção dos caminhos de ferro, bem como por agricultores, interessados em mão-de-obra barata. Espalharam-se por todo o Canadá, para depois se fixarem de preferência no Ontário, onde a Comunidade Portuguesa, incluindo os lusodescendentes, deverá atingir cerca de 400.000 elementos.*

*A vida comunitária dos nossos compatriotas gira à volta de dois tipos de instituições: a*

*Igreja e os Clubes. Igrejas portuguesas, onde por influência da religiosidade açoriana, não falta o culto do Divino Espírito Santo. Clubes essencialmente recreativos, regionais, e só raramente politizados. Passadas que foram as dificuldades iniciais de integração, assistiu-se gradualmente a uma posição social e política compatível com o peso económico que efetivamente já detêm. Existem organizações de todos os tipos, que desempenham um papel importante na vida dos portugueses aqui residentes, e nas quais participam estudantes universitários, empresários, políticos gente desejosa de intervir mais de perto nos destinos do País.*

*Podemos pois dizer que temos uma Comunidade que – para além de ter sabido conservar os seus usos e costumes, o seu folclore, as suas tradições culturais – caminha a passos largos, para a sua identidade, e para uma maturidade que lhe permitirá ocupar o seu lugar de direito nesta sociedade plurirracial e multicultural.*

### **Corsi di lingua portoghese**

*A oferta de formação destinada a "estrangeiros" interessados na aprendizagem da língua portuguesa, para os mais diversos fins, desde estudantes universitários a funcionários de organismos, empresas e entidades italianos e/ou internacionais, estava estruturada – e era apresentada aos possíveis alunos – da seguinte forma, em italiano:*

*La Scuola Portoghese di Roma organizza ogni anno dei corsi di lingua portoghese, per principianti e di perfezionamento, che durano in genere dalla metà di ottobre alla fine di maggio. Tali corsi vengono impostati in tre fasi o livelli progressivi:*

*– il primo corrisponde al primo trimestre: struttura e questioni fondamentali della lingua (fase di iniziazione e comprensione);*

*– il secondo (da gennaio a Pasqua) ha per fine il consolidamento e lo sviluppo del livello fondamentale (fase dell'espressione);*

*– il terzo (da Pasqua a giugno) riprende il livello anteriore, portandolo a compimento con lo sviluppo della parte idiomática della lingua.*

*L'esito di tale metodologia dipende dall'impegno dei partecipanti, ma è risultato finora più che soddisfacente. Ai partecipanti viene forn-*



L'esito di tale metodologia dipende chiaramente dall'impegno e dalle motivazioni dei partecipanti, ma è risultato finora più che soddisfacente. Ai partecipanti viene fornito per tutto il corso un Manuale (150 pagine) con tutta la Grammatica portoghese, corredata di esercizi; inoltre, durante le lezioni si fa ricorso all'uso di esercizi orali (disponibili anche registrati su cassette e trascrizione), oltre ad altro materiale didattico *ad hoc*, collegato a temi di attualità.

Le lezioni si svolgono nella sede della Scuola Portoghese, in Via Innocenzo IV, nº 18, due volte alla settimana (quest'anno di martedì e venerdì), due ore e mezzo ogni volta (quest'anno, dalle ore 18.00 alle 20.30).

Purtroppo, la Scuola Portoghese di Roma, che é un liceo frequentato da allievi di lingua portoghese, non dispone attualmente di spazio per offrire i corsi di lingua e cultura portoghese di giovedì, condizionando di conseguenza la scelta dei giorni possibili di lezione. Inoltre, la maggioranza dei partecipanti ai corsi di lingua, per motivi di lavoro, preferiscono orari serali per le lezioni. Resterebbe la possibilità di organizzare un corso parallelo in un orario anticipato, rispetto a quello attuale, negli stessi giorni, cioè: martedì e venerdì, ad esempio, dalle 15.30 alle 17.30, o 18.00.

Quanto alle condizioni di pagamento, i partecipanti versano quest'anno alla scuola un contributo di 300.000 lire per ogni trimestre (ogni livello o fase del corso).

Rimane la possibilità, come detto per telefono, di organizzare direttamente presso la FAO dei corsi specifici per le persone interessate, preferibilmente nel primo pomeriggio di lunedì e giovedì.

Distinti saluti,

*Fernando Pinho*  
L'Insegnante

EPER - ESCOLA PORTUGUESA DE ROMA

V. Innocenzo IV, 18 - 00167 ROMA

ANO LECTIVO DE 1992/93

Boletim de Inscrição no Curso Intensivo de Português

Dados pessoais

Nome \_\_\_\_\_  
Lugar/Data de nascimento \_\_\_\_\_  
Nacionalidade \_\_\_\_\_ Estado civil \_\_\_\_\_  
Estudos (diplomas) \_\_\_\_\_  
Endereço \_\_\_\_\_ Tel. \_\_\_\_\_

Informações sobre o curso

Nível inicial de conhecimento da língua: 1 (principiante) ( )  
2 (baixo) ( )  
3 (médio/bom) ( )  
4 (alto/muito bom) ( )

Motivação para a frequência do curso: razões pessoais ( )  
razões profissionais ( )  
trabalho nos PALOPs ( )  
trabalho em Portugal ( )  
trabalho em Itália ( )

Outra (especificar) \_\_\_\_\_

Expectativa em relação ao curso \_\_\_\_\_

Como teve conhecimento da existência da EPER e/ou do curso \_\_\_\_\_

Roma, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 1992

Assinatura \_\_\_\_\_

- Curso de Português  
 - Ferri - 32 30 608 (office) - Matthias  
 - 34 91 706 → CASA  
 Intensivo - 4 meses  
 300 mil  
 Liras  
 - Francisca Pons - T. 941 3623.  
 (intensivo) → francesa  
 de p/continua  
 Antonio Curiel  
 5195 6343  
 P. de ...  
 Moliere  
 T. 22 2867  
 (C. Intensivo)  
 M. Rossi  
 T. 51 59 886  
 (Curso Intensivo)  
 Federica - 5894054  
 0773-50250  
 Eugenio - 5748069  
 Tancoso - 6638564  
 Italia - 8306401  
 6330394

Curso de Português para Estrangeros  
 1º Nível  
 \* Caserta Carmelo - Telf: 8174202 (RM)  
 \* P. Hilde D'Agostino  
 Roma 507 1104  
 0564/832338  
 2 x (6-8) - Concha Soudes  
 (6-9) 32 32084  
 (Curso Intensivo)  
 \* Adriana Sciamma - T. 88641196  
 (Curso Intensivo)  
 \* Martineuca Giorgio - T. 5139886

ESCOLA PORTUGUESA EM ROMA  
 Via Janaceo 19, 18 - 00167 ROMA  
 Tel. 30.70.629  
 Liviana Gaucini  
 34 60 78  
 P. de ...  
 Hilton  
 T. 59 15 521 / 59 15 381  
 2 pessoas  
 Arg. Rossana Battistacci  
 Telf: 8273536 (matina) 14,306-14h  
 Iniciação  
 ou curso intensivo a junho  
 de Setembro a Dezembro  
 (para ensinar na Faculdade  
 de Arquitectura)  
 Tel. P. de ...  
 Inesquante ...  
 Bribi ...  
 Tel. 641534  
 ...

DIAL S.N.C. Demanda di Jente + richiesta alle Poste  
 PRODOTTI CHIMICI PER L'AUTO E PER LA MANUTENZIONE INDUSTRIALE  
 APPARECCHIATURE DI LAVAGGIO  
 GENERATORI ARIA CALDA  
 ANTONIO LAURI  
 PERITO CHIMICO  
 00050 PONTE GALERIA - ROMA  
 VIA G.E. BARIÉ, 36  
 85771161  
 65001236  
 FAX 65001236

7010838 - Giannelli, (Luffre p. d. l. ...  
 → De Filipis Paolo (estudo português)  
 63 anos  
 6 Curso Luffre p. d. l. ...  
 (2 exames Portug. Assitido)  
 Out 1983 ou Feb e Março  
 alla Università  
 uff - 67075685 - int. 5685  
 casa - 8127638  
 CORSO COMPLETO  
 → Baluta, → T. 88230014. (Luffre p. d. l. ...  
 in à 59 Fevras

**PROGRAMA PREVISTO E CONDIÇÕES DE INSCRIÇÃO**  
 Período: 20 de Outubro até 18 de Dezembro, (primeiro nível)  
 Horário: Terças e sextas-feiras, das 18.00 às 20.30.  
 Duração: 9 semanas, 18 aulas, 45 horas.  
 Custo de todo o curso, incluindo o material: 300.000 liras numa única prestação.  
 Remuneração do professor: 20.000 liras/hora.

## CURSO DE PORTUGUÊS extra-curricular

Ano letivo 1991/1992

LISTA DE ALUNOS

- \* • TURRINI, Chiara + uma pessoa (Iniciação)  
Telf. 5897550
- \* *Avisada através de se família* • Marcella La Via (Iniciação) v. Gregório VII  
Telf. 6638889
- \* • BELARDINELLI, Giovanna (Iniciação)  
*Escola* Telf. 6969053 (casa)  
54918 - 222 (emprego - das 9 às 16,30)
- \* • RIZZOLI, Susanna (Iniciação)  
Telf. 8606466 No email →
- \* *Avisada* • Mario CURTI (Iniciação) fez um curso de 3 meses  
*Arquitetura* Telf. 392514 in curso  
70450250
- \* • Marie DIVE (Zaire) - (3 meses de Língua Portuguesa no Instituto;  
1 ano na Embaixada do Brasil.)  
*Avisada* Telf. 4512600 *Anda a Lisboa - sabe bem "espanhol"!*
- \* • Esposito franco (já sabe algo de Brasileiro;  
Prefere Horário à Tarde - 2<sup>as</sup>, 3<sup>as</sup> e 6<sup>as</sup>  
Gostaria de fazer de Tradutor.)  
*Avisado* Telf. 6270078 (Hora de Almoço)
- \* • Vincenzo Puggioni *Trabalho em vista ... chissá? #*  
*Trabalho* Telf. 8314777 *Averte se mau patrã.*
- \* *Avisada* • ITZIRA Rey - 6383094 - *Intéprete, portuguesa* - *Chega com atores*  
*Trabalho* *Acaba Trabalho 18:30*

Atualizando a informação sobre os cursos extracurriculares de Português (para italianos), iniciados no dia 20 de outubro, consta na documentação conservada a seguinte informação relativa a aulas particulares que alguns alunos requeriam, não podendo «adaptar-se» a tais cursos: 30/9: 18.00 horas, recuperação da matéria com o Prof. Carlo Ackermann: *Mais as vezes em que avisou não poder estar presente do que as aulas que efetivamente frequentou.*

Dois meses mais tarde (9 de dezembro), a aula é «anulada, às 16.00 horas, manifestando também a intenção de interromper, com esta justificação: *A Angola fica cada vez mais distante.* Dia 14/12, frequenta a 8ª e última lição. No mesmo dia, telefonando de Lisboa, Danila avisa não poder comparecer a uma das aulas!

# CURSO DE PORTUGUÊS - 1ª PARTE: Outubro/Dezembro 1992

## PARTICIPANTES

- ✓ **FIAMMETTA Bises** (*uão estava! Pensagem p/ te telefonar*)  
9.6.39, italiana, separata  
Estudos universitários em Genebra. Nível inicial.  
Estudo por razões profissionais: português passivo como intérprete.  
Via Latina, 33 - 001 ROMA: Tel. 700.3460. Conheceu a Escola através do José Ferreira.  
*8/1/93 Abandona. Demorou-se long. Chama vertesnal... Interessada em material registado (textos. lutasistas!) | Telefonou de*
- ✓ **FLAVIA Celi**  
7.6.1950, italiana, casada (com Mauro Ferri?) *8/1 → dá resposta*  
Diploma "Magistrale". Nível inicial.  
Estudo por razões profissionais (transferência para Moçambique)  
Via della Balduina, 120 - 00100 ROMA: Tel. 3491.706.  
Conheceu a EPER através do ISAP (*uão viu*)
- ✓ **MAURO Ferri**  
5.12.1949, italiano, casado (com Flavia Celi)  
Diploma de "Maturità" classica. Nível inicial.  
Estudo por razões profissionais (transferência para Moçambique)  
V. della Balduina, 120 - 00100 ROMA. Tel. 3230608 (ufficio) - 3491706.  
Conheceu a EPER através do ISAP. - (*que continuou mas tentado mt. trabalho. Telefonou-te-a*)
- ✓ **MARINA Magnini**  
30.6.1958, italiana, casada.  
Engenheiro, Nível inicial. Estudo por razões profissionais.  
V. Ascanio, 23 - 00100 ROMA. Tel. 6877.319.  
Conheceu a EPER através do Consulado Português (*telef. Teve uma menina - Amament.*)
- GIORGIO Martinuzzi**  
7.6.1934, italiano, casado.  
Diploma de "contabilidade" (Ragioniere). Nível inicial.  
Estudos por razões profissionais - trabalho em Moçambique. Quando se inscreveu aguardava trabalho, pensando ir para Angola no fim de Outubro.  
Mora junto à P.ça dei Navigatori e detesta andar de carro em Roma...  
V. delle Sette Chiese, 268 - 00100 ROMA. Tel. 5139.886.  
Conheceu a Escola através do Consulado Português.
- FRANÇOISE Pons**  
24.11.1970, Milão, francesa, solteira.  
Diploma di intérprete. Nível inicial.  
Finalidade: chegar "a uma satisfatória compreensão oral"...  
Via Pavoni, 38 - 00046 (GROTTAFERRATA) - Tel. 9413.623.  
Conheceu a EPER através do Consulado Português.
- Claudio PRISCO**  
11.1.1968, italiano, solteiro  
Diploma de "contabilidade". Nível inicial.  
V. B.B. Amidei, 80 - 00100 ROMA. Tel. 3010.109  
Conheceu a escola através de amigos.
- **CONCETTA Scuderi** *Telefonou 13/1. Será operada (14.1) Retornar em Fevereiro.*  
20.6.1951, italiana, solteira.  
Diploma da Academia das Belas Artes. Nível inicial. (*Não se inscreveu*)  
Via Guido Reni, 33 - 00100 ROMA. Tel. 32.33.084.

**FEDERICO Molinari:** 822867.

Principiante. Namorada brasileira, e perspectivas futuras de trabalho.

**MATILDE D'AGOSTINO:** 5071104; 0564-832338. Confirmou participação em 8.10. Via A. Caduti della Resistenza, 258 (EUR). Interesse pessoal pela língua e perspectivas profissionais no futuro.

**ADRIANA Scianno:** 88641196 (curso intensivo). Confirmou presença no dia 20 de Outubro. - Não compareceu.

**MARINA Magnini** - 6877.319. Telefonou em Outubro depois de telefonar à EPER. Razões profissionais.

**DE FILIPIS Paolo** (estuda português com o método ASIMIL, fez dois exames de português 1983...). Via Bagnone, 56 - 00139 ROMA (NUOVO SALARIO) Ufficio (Banca di Roma): 6707.5685 (interno 5685) / Habitação: 8127.638. Renunciou!

**BELAVITA:** 5823.0014. (Não pode às quintas-feiras) - Nunca respondeu ao telefone!

**CIANELLI** - 7010838 (recado deixado à empregada em 7.10 - Não telefonou)

**Antonella CURTÒ:** 51956343

Muito interessada, mas não pode participar às sextas-feiras.

Frequentou um curso de verão no Algarve em Julho de 1992.

Telefonou em 29 de Setembro, ficando, pedindo para evitar dar as aulas às quartas e sextas. Acabou por se inscrever no CENTRO ESTUDOS BRASILEIROS.

**DANILA COLOMBINI** - 5818.882. Via dei Ponziani, 15.

Razões pessoais, pessoas conhecidas: tradutora-intérprete em perspectiva.

Deseja absolutamente curso para aperfeiçoamento, avançado.

Aulas individuais, iniciadas em 27.10.92.

**MARIA ITZIAR Rey-Perez de Pipaon,** 6383094.

Intérprete, espanhola (catalana). Trabalha até às 18.30...

**SERGIO Di Nicola** - <sup>lavoro: 65583284</sup> 6638564. Fez o curso "Dia a Dia" em 1990/91.

Às sextas-feiras não pode ficar para além das 20.00 horas.

Com Valéria Guglielmi e Itziar pediu curso avançado.

**BIASI Biancamaria:** 5915-521/981 dirige um centro de formação.

Procurou alguém para um curso ou exame de português, através da Escola por sugestão da Mariagrazia Russo (que tem o nº de telefone: 4455374).

Gostaria de poder frequentar, mas... Agradece o envio do Boletim:

Via delle Montagne Rocciose, 62 - 00144 ROMA.

**LIVIANA GAMBINI,** 346078. Preferiria aulas particulares em casa, não podendo movimentar-se muito por razões de saúde. Pediu lições particulares, iniciadas em 6 de Novembro (1 x semana)

**Ârq. ROSSANA BATTISTACCI:** 8273536 (mattina, 14.30-15.00).

Interessada para ensinar na Fac. de Arquitectura.

Possivelmente em Moçambique: impossível contactá-la até 15 de Outubro.

**CASERTA Carmelo:** 8174202 (1º nível)

Não responde ao telefone.

\*\*\* \*\*

No verso da folha, foram anotados outros dados, outros contactos, para os nomes de Marina Magrini, Danila Colombini, Francesco Barletta, Adriana... Foram diversas as «listas» de alunos compiladas, à medida que iam chegando inscrições – ou manifestações de *vontades* de inscrição –, acrescentando ou riscando nomes de alunos, conforme essa oscilação natural de chegadas e partidas, que dependiam de muitas circunstâncias, quase todas de ordem prática (tempos, urgência da aprendizagem, localização da sede dos cursos, compromissos profissionais, etc.).

Por isso, os organismos que podiam – Ministero degli Affari Esteri, FAO, Scuola dell'Esercito, IPALMO... – propunham a realização dos cursos nas próprias sedes, no centro da cidade.

Uma outra folha, manuscrita, sempre pela mão de Isabel Minervini, apresentava alguns dados de síntese.

Este e outros «registos» da atividade da EPER nesses anos, embora limitadamente a esta tarefa, são também páginas históricas desses anos de mudança e de viragem.

12/300  
3600.

**Curso Intensivo** → 3 meses até ao Natal

- Fenu (12 períodos) → 3230 608 (manhã)

- Françoise Pons

- Molinari

- Martinucci, Cicciò

- Battistacci → 2 pessoas

- Adelaide Sciamp

- Concetta Sauderi

- Matilde D'Agostino

- Carmelo Casarà

- De Elicipis, Paolo

- Belavita

- Arg. Romoli

**Preço do curso**

300.000 liras pelo curso  
20.000 l. no mês.

**Início** → 20 de Outubro

3as e 5as  
↓  
18h → 20,30  
5h

3 semanas  
18 Aulas +  
45 Horas

### Sumário de aulas – 27 abril de 1993

16 e. sociais

17 Italianos

18 Tudo + Textos Laureares  
R. Solinas: "Guerra, 1906 - 1908!"  
Gramática: "imperativos"

19 Escola: Correção Pontos [3ª e 4ª unidades]

20 → Última Aula de Português  
Texto: leitura + análise  
Gramática: formação do imperativo  
Revisão infinito pessoal  
Provérbios  
Que podemos fazer?  
Que podemos?

21 Ciências Sociais: Revisão/correção Pontos  
Apresentação da 5ª Unidade!

# CURSO DE PORTUGUÊS - 1ª PARTE: Outubro/Dezembro 1992

## PARTICIPANTES

FERRI Mauro

CELI Flavia, marido e mulher -  
3230608 (ufficio) - 3491706.

Destinados a trabalhar em Moçambique, partindo ele ao fim do ano.  
Início "zero". (Avisados das condições do curso em 1 de Outubro)

MARTINUZZI Giorgio: 5139886.

Aguarda trabalho, pensa ir para Angola, já ao fim de Outubro.  
Mora junto à P.ça dei Navigatori e detesta andar de carro em Roma -- por  
isso a Escola fica longíssimo... Muita conversa, só sabe dizer Bom dia  
em português. (Avisado das condições do curso em 1 de Outubro).

FEDERICO Molinari: 822867.

Principiante. Namorada brasileira, e perspectivas futuras de trabalho.

FRANÇOISE PONS: 9413623.

Francesa. Confirmou presença no dia 20.

MATILDE D'AGOSTINO: 5071104; 0564-832338. Confirmou participação em 8.10.  
Via A. Caduti della Resistenza, 258 (EUR). Interesse pessoal pela língua  
e perspectivas profissionais no futuro.

ADRIANA Scianno: 88641196 (curso intensivo). Confirmou presença no dia  
20 de Outubro.

MARINA Magnini - 6877.319. Telefonou em Outubro depois de telefonar à  
EPER. Razões profissionais.

DE FILIPIS Paolo (estuda português com o método ASIMIL, fez dois exames  
de português 1983...). Via Bagnone, 56 - 00139 ROMA (NUOVO SALARIO)  
Ufficio (Banca di Roma): 6707.5685 (interno 5685) / Habitação: 8127.638.

*Quem não*  
BELAVITA: 5823.0014. (Não pode às quintas-feiras) - Nunca respondeu ao  
telefone! *1990 - Pomice frequência a partir de Janeiro (já fez o 1º curso à noite  
Escola. Não sabe as informações.*

CIANELLI - 7010838 (recado deixado à empregada em 7.10 - Não telefonou)

2º Valeria Guglielmi, Vc della Campaella, 6  
00186 Roma 6874188

→ Claudio Prisco (telefonou a mãe? Isabel claudim)  
razões profissionais. Estará no dia 20/10

NUNZIELLA FRUSTINI (2 meses Catala/2 meses Brasil)

4467617 (matrinal) → Depois das 17.30h.

+ Marcella La Via  
6638889

Vanda Baldini - 8453033

Tagliabue Maria: 8819180 (intr) - 50515504 (Casa)

Alessandra Cervero (contacto 25.11.92): 39722342 (de Janeiro)

(Embaixada → EPER → Rádio) De acordo para Janeiro  
si-la/en ma/ve 1830-2030.

E ainda Marcella La Via (6338889), M. Itziar (6383094), Sérgio (6638564-65583284 - só às terças e  
quintas), Francisco, Col. Righetti, Stato Maggiore della Difesa...



## **Encontro sobre Angola anulado**

Merece ser aqui referido, seguindo o critério "cronológico" desta narração, um episódio... desagradável, *increscioso*, ocorrido no mês de janeiro de 1993. Sem pretender aferir nem questionar a ortodoxia do pensamento político de dois arquitetos angolanos que se encontravam na capital italiana, conhecidos em circunstâncias de tempo e lugar que o trabalho de jornalista da Rádio Vaticano então proporcionava, pareceu ao ex-diretor da EPER não só oportuno mas um privilégio poder ouvir o seu testemunho sobre a situação de Angola, ainda e «novamente em guerra» naquele tempo. Seria um encontro de informação/formação, uma conferência, um momento de liberdade democrática e de enriquecimento cultural para todos.

Combinado o encontro para o último dia do mês, como atividade extracurricular, num domingo, o novo Conselho Diretivo, como se pode deduzir das considerações respeitavelmente enviadas dias antes como expressão de mágoa e protesto, houve por bem informar do evento as autoridades angolanas (porventura para as convidar a intervir) e, no seguimento desse contacto, decidiu anular o «colóquio». As reflexões então escritas dizem tudo sobre essa desagradável ocorrência, a qual, porém, não afetou o trabalho do professor na restante parte do ano, embora não tenha contribuído para uma sua maior participação e/ou colaboração com a Direção na vida da escola. Tornou-o, porém, mais prudente e reservado.

### **UM ESCLARECIMENTO PERTINENTE:**

Em abono da verdade, o anfitrião organizador do evento estava, ideologicamente falando, mil léguas mais próximo dos ideais defendidos por um verdadeiro socialismo como projeto de futuro para a Angola do que dos interesses por que lutavam movimentos que defendiam um modelo de capitalismo mais ou menos "selvagem" ou ao serviço das ambições (neocolonialistas) de grandes potências do mundo ocidental para a antiga colónia, a começar pela UNITA.

E também não era o caso dos arquitetos convidados, os quais, interpretando a posteriori as razões da "proibição" de os ouvir e contrapor às suas as razões de quem defendia outros horizontes ideológicos para a vida política angolana, seriam da, ou afetos à, UNITA, ou... A mesma "defesa" da própria "verdade" pela exclusão da simples possibilidade de confronto com adversários – como acontecera em relação ao Prof. Magnino (Veja-se o cap. IV, pp. 355-356), e não só...

O documento enviado ao CD era o seguinte.

**Roma, 26 de janeiro de 1993**

Aos membros do CONSELHO DIRETIVO da  
ESCOLA PORTUGUESA DE ROMA

## **Reflexões sobre a anulação do «Colóquio sobre a situação de Angola»**

A recente anulação do «Colóquio sobre a situação atual de Angola», com os arquitetos angolanos António Gameiro e João Jorge de Almeida, poucos dias antes da data prevista para a sua realização, nas circunstâncias algo agitadas em que se verificou, tendo eu estado diretamente envolvido, não pode deixar de merecer da minha parte algumas reflexões que desejo partilhar com o Conselho Diretivo.

Não vale a pena recordar como se chegou à proposta e à decisão de efetuar o encontro, porque todos conheceis bem os factos: sob minha proposta, por conhecer bem um dos arquitetos, e depois de ter ficado esclarecido que não se tratava de elementos afetos à UNITA, domingo

dia 24 marcou-se o «colóquio» para o domingo seguinte. Depois... surgiram as também por vós conhecidas, a meu ver lamentáveis e inúteis complicações "político-diplomáticas" que levaram à sua anulação.

1. A primeira consideração que desejo deixar por escrito é um esclarecimento: a ideia do «colóquio» surgiu na sequência da proposta feita na última Assembleia dos Professores, de animar o tempo dedicado à "formação complementar extracurricular" dos domingos, até hoje ocupado exclusivamente (tirando os momentos tradicionais do magusto e da festa do Natal) com a Missa em que participa, infelizmente, um exíguo número de pessoas: a ideia lançada nessa As-

sembleia não se referia apenas aos problemas e temas ligados à imigração. A circunstância que motivou a proposta do encontro verificou-se no curso de português para estrangeiros, como também sabeis.

Considero que de um encontro informativo e de reflexão sobre a novamente dramática situação de guerra em Angola, conduzido com liberdade e respeito pelas eventuais opiniões divergentes dos participantes, só pode ter receio quem de tal liberdade tenha medo ou para ela não esteja preparado.

2. Mesmo sem conhecer suficientemente o teor dos «colóquios» decorridos entre a Direção da Escola e os funcionários da Embaixada angolana em Roma, não há dúvida de que, no caso em questão, se verificou uma inadmissível interferência dessa Instituição na vida interna da Escola, até ao ponto de se ter modificado uma decisão já tomada: considero que as relações entre ambas as Instituições se devem pautar pelo respeito mútuo e pela recíproca independência e separação nos respetivos âmbitos de ação.

Como é possível pensar que não se possa falar de Angola e da sua atual situação na Escola sem prévia "autorização" da Embaixada?

Neste caso, a Escola parece ter adotado o comportamento de quem sente uma espécie de «temor reverencial» em relação à Embaixada, como se ficasse aterrorizada perante as suas observações, em vez de sentir-se segura de si mesma e aproveitar a ocasião para demonstrar que a democracia, oficialmente instaurada em Angola e defendida pelo Governo de Luanda (por conseguinte, regra também para esta Embaixada), pode significar confronto, discussão, mas sobretudo, diálogo, respeito e colaboração recíproca. Uma ocasião perdida! E não quer dizer que tal hipótese se viesse a verificar, precisamente porque as pessoas que teriam vindo falar davam suficientes garantias de evitar qualquer forma de "confrontação".

3. Aqui não posso deixar de exprimir a minha desilusão pela maneira como, na Secretaria da Escola, perante dois elementos do Conselho Diretivo, se liquidou a questão do colóquio com

um "non possumus...", motivado não só pelas "razões de oportunidade" a que acima me referi, mas também com a referência a outras duas motivações: talvez sem querer, sem medir o alcance das palavras, a Isabel revelou ter Informado a Embaixada de que a iniciativa era "de um professor da Escola"..., e que "não tinha a mínima ideia de quem eram as pessoas convidadas".

Vão-me perdoar o desabafo e permitir-me observar que tais expressões denunciam o referido "temor" de quem tem em muito mais consideração os interlocutores da Embaixada do que o colega "professor" que vai *apanhar...* por ter tomado liberdades que não devia ter tomado...

A iniciativa foi assumida pela Direção da Escola e o conhecimento das pessoas devia ser pressuposto, se houvesse confiança em quem os apresentou! Costuma ser boa norma os diretores de instituições defenderem perante terceiros os seus funcionários, mesmo quando cometem erros. Faltou neste caso essa «delicadeza» em relação a quem não só não tinha cometido nenhum erro, mas agira para o bem da Escola, no pleno respeito das suas normas e da sua hierarquia, de quem não tinha o mínimo interesse pessoal na iniciativa, que desmarcou sem mais complicações e da melhor maneira relativamente às pessoas convidadas (que podiam ter reagido mal). Faltou essa delicadeza em relação a quem a pessoa que usou tais expressões é sucessora na direção da Escola.

A Escola lutou sempre no passado contra quem pretendeu tolher-lhe o passo, dificultar-lhe o caminho, a liberdade, a existência. Só faltava que se rendesse agora – não consigo perceber bem por que «razões verdadeiras», que vós, porém, conhecereis em consciência –, ou se deixasse "instrumentalizar" por pessoas a quem a Escola presta um serviço, ao qual outrora se opôs um qualificado membro de precedentes Conselhos diretivos, o P. Nuno da Silva Gonçalves.

Deixo à vossa consideração estas reflexões essenciais, formuladas com o intuito de ajudar o Conselho Diretivo a não perder de vista o fim principal da Escola, que é o bem dos alunos, e a defender sempre com dignidade e coragem as suas prerrogativas, a sua liberdade, o seu futuro.

[Assinatura]

\*\*\* \*\*

## Testemunhos

Se as primeiras doze páginas do boletim «histórico» da AEPER que tem vindo a fornecer matéria-prima para esta «História» eram dedicadas aos centros "de acolhimento e encontro das comunidades portuguesa e cabo-verdiana", as últimas nove eram preenchidas com testemunhos de professores que tinham dedicado à EPER muitos ou poucos anos da sua vida. O primeiro intitulava-se:

## **Uma vida que sabe bem!**

...e era do Prof. José Anastácio de Gouveia Alves, um sacerdote diocesano, que fora professor de Português na EPER, no ano anterior. O responsável pelo "jornal da EPER" explicava como aquela secção tinha surgido e fornecia dados que ainda hoje são eloquentes relativamente às dificuldades por que passava o boletim:

*Não descansámos enquanto os professores que no ano passado acabaram a própria colaboração na EPER não entregaram o seu "depoimento" para constar nas páginas deste Boletim: "para memória e ensinamento..." Não fez exceção o P. Anastácio, madeirense, que foi sendo "perseguido" durante as férias por tão insistentes solicitações para que "cumprisse a promessa" que fizera de escrever algumas palavras. O seu testemunho, enviado em 2 de setembro, veio acompanhado por estas palavras textuais: "Já tenho um bela coleção de recados a propósito do tão badalado texto! Se fossem notas de mil (escudos) estava rico... Estava (e estou) mesmo convencido que o boletim só sairia em outubro. Nos últimos momentos em Roma não tive condições de escrever. Mas aqui vai, com atraso, mas com boa vontade". O boletim pedia desculpa ao autor pela "perseguição", mas – os leitores concordarão – valeu bem a pena! Resta-nos formular os melhores votos por uma profícua ação pastoral do P. Anastácio.*

*Nasci em família de "forretas", habituada a contar o tempo e, sobretudo, o dinheiro. Porque era mesmo muito pouco! Talvez por isso a minha presença na EPER se reduzisse quase somente àqueles dois sagrados dias por semana! Não por causa do dinheiro. evidentemente, mas do tempo... Mas, assim o penso, nada do que fazemos na vida se pode pôr entre parêntesis, como se não fosse connosco! Para pôr na "conta" (da vida) de quem!? O que fazemos pertence-nos, em primeiro lugar, a nós: molda-nos, modifica-nos, ajuda-nos a ser aquilo que realmente somos.*

*Filosofia isto!? Talvez não o seja! É que eu seria diferente, seria "outro", se não tivesse conhecido (na medida do possível) a Laurinda e o Franklim, a Gisela e o Alessandro, a Fernanda e a Rosalina, a Madalena e o Israel. E todos os outros. Para quê mentir, dizendo que eles pas-*

*saram na minha vida sem deixar rasto? Então, as suas composições escritas não falavam do que eles e elas eram (e são), bem por dentro? Não conta nada descobrir, de repente, que a mim e aos cabo-verdianos nos une a paixão do mar e das ilhas? Não deixa marcas no nosso coração ficarmos a conhecer alguma coisa das vidas (das dores e das esperanças, dos temores e dos sonhos) da Adélia e da Doroteia, do Amílcar e da Élia, da Ema e da Luísa – e de todos os outros?!*

*Não há momentos da vida que se possam pôr entre parêntesis ou fingir que não existem. Obrigado à Escola Portuguesa pelo muito que aí aprendi: com os alunos, com os colegas (será das poucas escolas em que o que conta são realmente as pessoas e não as instituições...) e com todos os outros! Tenho para convosco uma dívida que ficarei a saborear toda a vida.*

\*\*\* \*\*

Um outro testemunho destinado ao boletim era redigido em italiano. Num registo muito pessoal, a professora Ester Savoia recordava com serenidade a experiência dolorosa por que passara em 1990, a morte da sua mãe: no texto, esta excelente pessoa manifestava a vontade de «retornar à vida», também através do ensino na Escola Portuguesa, onde fora professora de Italiano no ano anterior. De salientar que o livro adotado para essa disciplina era resultado de um meticoloso e válido trabalho, constando essencialmente de uma ampla seleção de material didático e integrando uma gramática simplificada da língua de Dante, por ela mesma elaborada e enriquecida com exemplos. O seu testemunho intitulava-se

### **Il mio ritorno alla vita...**

*Era di maggio quando a casa mia squillò il telefono. La voce di mia sorella, alterata dall'emozione, mi urlò, come per liberarsene, che mia madre era affetta da un male incurabile. Ebbi*

*la sensazione di sprofondare nel vuoto, perchè mia madre era anche la terra su cui poggiavo i piedi. Era tutto. Ora è morta. Sono rimasta due anni lontana dalla scuola.*

*Il mio ritorno all'insegnamento, in qualche modo, è il mio ritorno alla vita. Voglio ripartire da quel maggio 1990, quando quello squillo aveva fermato la mia esistenza. Voglio iniziare un nuovo cammino e mi prefiggo di raggiungere un traguardo più lusinghiero di quello conseguito con la classe precedente, anche perché quest'anno ho una maggiore disponibilità di orario che mi consente di dialogare più a lungo con gli studenti, e di svolgere la lezione con maggiore calma ed approfondimento. Questo sarà favorito anche dal libro di testo adottato*

*quest'anno, che è frutto dell'esperienza maturata nella classe precedente, che mi ha indotto a selezionare gli argomenti da trattare, a scegliere quelli più appropriati alle esigenze peculiari della classe e ad organizzarli in una dispensa che è diventata il nostro libro di testo. Sebbene senta ancora viva la nostalgia della classe precedente, tuttavia sono già "innamorata" della nuova. Sì, perché il mio è un vero innamoramento. Il tutto sotto lo sguardo amorevole di mia madre che dal cielo sento che vigila su di me e sulla mia classe.*

\*\*\* \*\*

A mesma professora colaborou nesse número 22 do boletim da Aeper com este outro testemunho, que aqui fica também no original:

*Sebbene mi fossi chiesta più volte perché alla scuola portoghese l'insegnamento dell'italiano sia riservato al corso complementare, e non si sia invece pensato di estenderlo ad altre classi, dal momento che siamo in "territorio italiano", tuttavia quando mi fu chiesto se fossi disponibile ad insegnare la lingua «italica» ai bambini delle elementari, la prima reazione che ebbi fu di dire: "No, non me la sento". Volevo quasi fuggire da quella nuova responsabilità che improvvisamente mi vidi piovere addosso.*

*Ma non so come, risposi di sì; e fin dal primo approccio con i bambini questo «sì» è stato*

*sempre più convinto. La loro esuberanza mi sta ridonando una carica di vitalità che credevo di aver perduto. Il sacrificio per qualche "corsa" in più per far quadrare gli orari dei miei impegni è largamente compensato dalla soddisfazione di vederli apprendere con una facilità sorprendente. Certo, programma e didattica sono ben diversi da quelli del corso complementare. Non posso presentare la grammatica ai bambini con la stessa pedanteria che, se non fosse per qualche barzelletta che interpongo fra una regola e l'altra, porterebbe alla depressione anche gli adulti. Devo giocare di fantasia per insegnare una lingua che è tra le più difficili.*

\*\*\* \*\*

Um outro ex-professor, Rui Lourenço, recorreu a um postal para enviar o seu testemunho, em 15.10.92 (fornecendo o endereço da Casa Paroquial: Praça da República, 6050 NISA/PORTUGAL). Foi publicado com este título:

### **«Uma nova terra e uma nova missão a desempenhar»**

Saúdo na pessoa ilustre da Diretora, Isabel Minervini, toda a comunidade da EPER, Professores, alunos e empregados, esperando que o trabalho, por estes dias iniciado, seja cheio de bons resultados e aproveitamento para todas as partes.

Este ano estou longe. Tenho uma nova terra e uma nova missão a desempenhar. Também estou a começar, nesta altura do ano. Estão-me confiadas (a mim e a outro sacerdote) oito paróquias com 10 comunidades cristãs que devemos servir e fazer crescer, anunciando

sem descanso que um mundo melhor poderá nascer se formos capazes de ver no outro um irmão e de o amar tanto ou mais que a nós próprios. Esta é a mensagem do Evangelho que tento viver e ensinar por estas paragens (e assim continuo a ser, um pouco, professor desta nova História que queremos construir). A minha morada é simples, há correio todos os dias e a porta de casa está habitualmente aberta!

Um abraço de amizade (e de saudade) do Rui Lourenço

\*\*\* \*\*

Como sucede amiúde em boletins e revistas publicados no primeiro trimestre de cada ano com textos escritos no último mês do ano anterior, o testemunho do P. Mario Maffioletti, "*animatore attività extra curricolari*" e integrado no corpo docente da Escola, foi escrito em italiano, em italiano, embora o P. Mário falasse muito bem português, e tinha por título:

## **È TEMPO DI NATALE, È TEMPO DI SPERANZA**

*In una recente riunione generale dei professori, ripresentando le motivazioni che stanno alla base delle attività extracurricolari, ho sottolineato che si tratta di iniziative sociali, culturali e ricreative, finalizzate a creare un clima di accoglienza, di familiarità, in modo da vedere la scuola non solo come luogo dove usufruire di servizi, ma anche come luogo di incontro e di esperienza. Ho la sensazione che l'atteggiamento di tale impostazione sia sostanzialmente positivo. E sebbene non sia sempre possibile un coinvolgimento generalizzato, la disponibilità è buona.*

*Alla festa del MAGUSTO (Castagnata) bisogna dire che c'è stata vita, animazione. Ci si è dati una mano a preparare qualcosa per il bar, ben sapendo che gli eventuali e sempre risicati utili, alla fine vanno a vantaggio comune, essendo reinvestiti in altre attività della Scuola. L'unico problema delle feste danzanti è che non si riesce quasi mai ad accontentare tutti: c'è chi vuole musica portoghese, chi la vuole capoverdiana, chi angolana, chi moderna, chi tradizionale! La festa del NATALE era stata prevista più tranquilla: niente musica da ballo, niente chiasso. Con un po' di accademia, fatta con i nostri mezzi, magari non eccelsi, ma spesso carichi di simpatia.. E così è stato, con le scolaresche di francese, di italiano, i bambini, il gruppo del coro.*

*Che dire poi delle CELEBRAZIONI RELIGIOSE? Bisogna ammettere che l'impressione è senz'altro positiva e confortante, sia in occasione del Magusto che a Natale. Come sempre e in tutte le cose c'è un margine di miglioramento, sia per la preparazione spirituale che per la partecipazione vera e propria: ed io spero, vivamente, che questo margine venga gradualmente colmato.*

*Quando nella festa ci si mette un po' di spirito, e di spirito cristiano, anche se la baldoria finisce, la festa comincia. Perché si è dato e ricevuto qualcosa che non passa e che si tenterà di donare.*

*Mentre scrivo, sento diffondersi nell'aria le melodie del Natale, che se non ci fossero non sembrerebbe nemmeno Natale. In quest'atmosfera carica di memoria e di sentimento, il mio pensiero corre a ciascuno di voi, per rivolgere a tutti – anche se lo leggerete in ritardo – un caldo augurio di BUON NATALE E FELICE ANNO NUOVO. Questi auguri arriveranno un po' datati, ma statene certi, nelle intenzioni del cuore sono partiti in tempo, accompagnati dalla mia preghiera al Bambino Gesù perché ci insegni, a noi immersi in mille preoccupazioni ed impegni, a valutare con saggezza le cose della terra, nella continua ricerca dei beni del cielo.*

### **Ajuda material à EPER, através da Associação**

O boletim de janeiro de 1993 informava os leitores sobre a resposta que tinha sido dada ao apelo de ajuda material para a escola, lançado no número anterior. Tinham sido angariados dessa forma 1.726.000 de liras, mediante diferentes contributos cuja proveniência era escrupulosamente referida, como forma de agradecimento público e prestação de contas (essa verba não aparece separadamente referida no «Balanço provisório» da contabilidade de 1992/93).

– PROVÍNCIA PORTUGUESA DOS JESUÍTAS: um cheque de 50 contos (traduzido, após mil peripécias e chatices burocráticas a nível interbancário, em 466.000 liras), acompanhado por estas palavras do Superior Provincial dos Jesuítas em Portugal, P. Manuel Morujão, um dos primeiros diretores e pioneiro da Escola: "faço seguir uma pequena ajuda para a Escola. Parabéns pelas «vitórias» que tendes conseguido para servir quem tanto precisa. Com gosto leio as vossas notícias. Augurissimi".

– O Conselho Pontifício «COR UNUM», ao qual também havia sido solicitado apoio, enviou à Presidente do Conselho Pedagógico, Isabel Minervini, uma longa carta, em que manifesta "apprezzamento per il lavoro che la Scuola svolge a beneficio degli immigrati africani, curandone la crescita umana, morale e civile per favorirne il futuro inserimento nella vita sociale dei Paesi di provenienza", e informava que "purtroppo quest'anno non siamo in grado di inviare il contributo richiesto", acrescentando: "voglio sperare che possiate ottenerlo da altre fonti, così che i vostri affanni ne risultino allegeriti". A carta contém ainda o seguinte encorajamento e um apelo aos alunos: "vogliate proseguire con generosità il vostro prezioso servizio, dal quale non mancheranno di scaturire frutti positivi per gli allievi della vostra Scuola, che essi stessi, nei limiti delle loro possibilità devono sostenere finanziariamente e con la serietà del loro impegno negli studi".

– Dr<sup>a</sup>. **MARIA CRISTINA CIVITANI**, médica: 100.000 liras, acompanhadas pelas seguintes palavras: "Recebi e li com muita atenção o boletim informativo que me enviaram e fiquei admirada com o vosso trabalho tão útil, belo, grande. Desejo enviar uma pequena ajuda eu também". Esta assídua leitora do boletim e benfeitora da EPER falava e escrevia quase perfeitamente o português, que aprendeu de forma completamente apaixonada e autodidata, tendo tido como primeiro impulso para tão admirável êxito as emissões em português da Rádio Vaticano!

– **DIETER GRIEMENS**, Würselen (Alemanha), Sócio da AEPER: 100.000 liras;

– **AMÉRICO RODRIGUES M. BÁRBARA**, diplomata português, 100.000 liras.

– **ESTER SAVOIA**, ex-professora da Escola: contributo de 600.000 liras, conseguido das Irmãs de S. Vicente de Paola, destinado no pedido formulado a uma necessidade urgente da Escola, identificada na falta de um videogravador.

**Os restantes donativos (CONTRIBUIÇÕES) provinham dos seguintes benfeitores:** Paulo Bebiani Alunni Serra (40.000), Sérgio di Nicola (50.000), Franco Esposito (50.000), Giovanni Baiocchi (50.000), Cinzia Buffa (50.000), Francesco Barletta (50.000). Alunos da Escola, para as despesas do Boletim (fotocópias): 70.000.

\*\*\* \*\*

### **Angola, eleições com três exércitos**

Também este **Relatório de uma Viagem a Angola**, elaborado pela jornalista da Rádio Vaticano Maria Dulce de Araújo Évora, integrava a edição nº21 do Boletim da AEPER e pode completar o amplo dossiê de testemunhos. Já lemos há pouco um outro trabalho desta "antiga aluna e professora na EPER".

*Infelizmente tinham razão os angolanos pessimistas (segundo eles, realistas) que já durante a campanha eleitoral previam um retorno à guerra. O país encaminhava-se para eleições com três exércitos, e as mudanças dos últimos meses não permitiam delinear de maneira clara, o vencedor das eleições. A revolta dos primeiros dias de novembro com os seus dois mil mortos abriu outras interrogações sobre o futuro do país.*

*As dramáticas notícias de Angola, oferecidas com relativa abundância pelos meios de comunicação, fazem-me percorrer com a mente aquelas terras visitadas na primeira quinzena de setembro, em plena campanha eleitoral; fazem-me rever os rostos das pessoas que encontrei: algumas, tristes e marcadas, física e psicologicamente, pelos longos anos de guerra; outras, ansiosas por contar as suas vicissitudes e como as venceram; outras ainda, lutando como sempre para ajudar os mais desfavorecidos. Mas todos com esperança, reforçada pelo ano de paz que precedeu as eleições. De entre todas elas, recordo as numerosas crianças com trajes esfarrapados e malnutridas, à espera de tempos melhores e de ver respeitados os seus direitos.*

*Com a sua alegria e inocência, elas são o espelho mais dramático da situação. E foram elas que constituíram o motivo da minha viagem*

*a Angola: uma viagem de cooperação entre a Rádio Vaticano e o UNICEF;<sup>26</sup> a fim de realizar programas radiofónicos sobre a situação das crianças e as atividades do UNICEF neste País.*

*Como nos outros países do mundo, também em Angola o UNICEF procura reduzir a mortalidade infantil e melhorar as condições de vida das mulheres, trabalhando nas áreas da saúde, nutrição, abastecimento de água, higiene e saneamento, educação.*

*Os 16 anos de guerra civil em Angola deixaram as crianças e as mulheres numa situação de grande vulnerabilidade. Por isso, o UNICEF está também empenhado em fornecer ajudas não alimentares segundo o Programa de Emergência lançado pelas Nações Unidas em 1990, para ir ao encontro das vítimas da guerra.*

*Esta programa permitiu ao UNICEF ter acesso a*

26 – No Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa, a sigla UNICEF (*United Nations International Children's Emergency Fund* – em português, *Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância*) aparece referida no género feminino. Este é o uso que se impôs no português europeu, em que se verifica que a concordância foi estabelecida ao arrepio da base semântica do nome (que, tendo o termo *Fundo* por núcleo, deveria ser masculino). No português do Brasil, e em italiano, esta palavra aparece coerentemente com o seu significado referido no género masculino. Trata-se de mais um caso em que as variedades prevalecem. [<https://ciberdividas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-unicef-ou-o-unicef/15342>].

*muitas crianças e mulheres, antes inacessíveis. Algumas regiões puderam usufruir de um serviço de vacinação pela primeira vez desde há 15 ou 20 anos.*

*Além de ter podido viver de perto algumas dimensões da guerra que os meios de comunicação nunca proporcionam, a minha visita a Angola e o trabalho aí realizado com o UNICEF permitiram-me também entrar em contacto com diversas pessoas e realidades ligadas à infância, chegando à conclusão de que a situação da mulher e das crianças continua a ser dramática, não obstante os progressos feitos nesse ano de paz. Os dados disponíveis demonstram que a mortalidade infantil é muito elevada, sendo as suas causas principais o paludismo, as doenças diarreicas e respiratórias. Só 27% das crianças do país são vacinadas contra as sete doenças preveníveis através da vacinação; e só 28% dos partos têm lugar nos hospitais, facto que tem levado o UNICEF a formar mais de três mil parteiras tradicionais e a fornecer-lhes material para poderem prestar uma assistência mais qualificada.*

*A situação geral da infância e das mulheres an-*

*golanas requer, portanto, uma intervenção maciça e organizada, com planos a breve e a longo prazo. Mas, no que se refere às crianças, é de sublinhar que, até ao passado mês de setembro, o governo angolano não tinha ainda assinado a Declaração e o Plano de Ação da Conferência Mundial para a Infância, realizada em Nova Iorque, em setembro de 1990, e na qual foram fixados alguns importantes objetivos a serem atingidos em todo o mundo até ao ano 2000. Contudo, o Governo prometeu assinar a Declaração logo que possível. Durante a minha visita a Angola, o UNICEF estava também a tentar convencer o governo a participar com um plano de intenções na Conferência Pan-africana que teve lugar em Dakar, de 25 a 27 de novembro, e na qual delegações de todos os países discutiram os seus planos de ação em vista da proteção e do desenvolvimento das crianças.*

*Mas nenhum esforço em relação ao desenvolvimento das crianças e da sociedade em geral poderá ser totalmente coroado de êxito se não vingar a paz em Angola. Oxalá que prevaleça o bom senso sobre os interesses políticos e de poder.*

\*\*\* \*\*

## **DOSSIER CARITAS DI ROMA**

**Immigrazione. Dossier statistico 1992** – 214 páginas, Sinnos Editora, Roma (Nov. 1992)

Sendo "hospedada" e funcionando num centro da Caritas Diocesana de Roma, a EPER não podia ficar indiferente às problemáticas às quais esta benemérita instituição dedicava – e dedica, nos dias de hoje – recursos humanos e materiais relevantes. Assim, a publicação da segunda edição do seu Dossiê Estatístico, em novembro de 1992, foi motivo suficiente para promover uma sessão de informação/esclarecimento sobre a documentação publicada, convidando para um debate sobre o tema professores e alunos da Escola.

Um exemplar da publicação ficou à disposição de toda a comunidade escolar, para consulta e leitura. Esta breve síntese, útil também como termo de comparação do fenómeno da imigração (e dos refugiados...) em Itália há um quarto de século e nos dias de hoje, ocupava a última página do boletim cujo manancial informativo nos tem servido de "mina de ouro" para compor este relato, haurindo em fontes fidedignas. Eis a informação evidenciada no boletim da Escola.

Segundo as estatísticas de 1990, vivem na Europa 14.130.000 imigrados numa população total de 342 milhões de habitantes. Os imigrados, 67% dos quais provêm dos Países extracomunitários, representam 4,1% da população residente.

Quanto à Itália, segundo estatísticas do início de 1992, encontram-se oficialmente no País 863.000 imigrados, representando apenas 1,5% da população (57 milhões): estes e mui-

tos outros dados estão contidos no DOSSIER SOBRE A IMIGRAÇÃO, publicado pela Caritas Diocesana de Roma, em 12.11.1992. Os imigrados em Itália provêm: 35% da Europa; 31% da África; 17% da América; 17% da Ásia e Oceânia (números arredondados).

O DOSSIER fornece, entre outras, as seguintes informações: 53% das licenças de estadia (*permessi di soggiorno*) são concedidas por razões de trabalho; 7% por motivos de estudo;

13% por coesão familiar; 8% para turismo e apenas 3% a exilados políticos, que são globalmente 26.472 (provêm da Albânia, Roménia, Bulgária, Somália, Etiópia); os estudantes matriculados em escolas até ao nível universitário são 15.000 e os estudantes universitários pouco mais de 20.000.

69% dos imigrados têm uma idade entre 19 e 40 anos: os homens são mais do que as mulheres – 58%, e a maioria deles não são casados. Dos imigrados casados, apenas 8% já chegaram à Itália trazendo consigo os filhos, mas a reagregação familiar tem aumentado: em 1991 foram concedidas 4.846 autorizações, sobretudo a emigrantes provenientes do Magreb, das Filipinas, do Sri Lanka, do Egipto, da China e da Índia.

No início do ano passado [1991] estavam inscritos nas Listas de Emprego 83.000 imigrados, numa população oficialmente sem em-

prego na Itália de 4.300.000. No mesmo ano, 125.000 imigrados extracomunitários conseguiram arranjar emprego dessa forma.

O DOSSIER informava ainda que, sempre em 1991, os imigrados em Itália enviaram para os respetivos países 110 bilhões de liras (em média, 130.000 liras cada um)... Mas não pareça uma verba exagerada: os italianos emigrados enviaram para o seu País 3.500 bilhões de liras. Em 1991 foram expulsos da Itália 22.803 imigrados e 12.768 foram presos.

O DOSSIER sublinhava não ser verdade que a Itália estivesse ameaçada pelo perigo de uma invasão de muçulmanos: a distribuição dos imigrados segundo as diferentes religiões era, de facto, a seguinte: 56% declaravam-se cristãos, sendo os católicos 33,4%; 32% eram muçulmanos, pertencendo os restantes 12%, com percentagens muito baixas, às religiões budista, hindú, "animista", hebraica, taoísta, etc.

Conforme já atrás se observou – mas não é finalidade deste trabalho desenvolver ou aprofundar o tema – esse retrato do 'outro' encarado instrumentalmente como uma ameaça e explorado pelos «caporali» italianos nos campos de recolha de tomate ou de outros produtos agrícolas, permaneceu e agigantou-se até aos dias de hoje, tendo permitido nomeadamente a «conquista» do poder político por parte de um partido (a «Lega», com ou sem a designação «Nord» no nome) cujas práticas e *messaggi agli elettori* são explicitamente xenófobos e racistas.



Depois das tragédias que tornaram o Mediterrâneo num "cemitério de emigrantes (negros)", assistiu-se (em meados de 2018) ao lamentável espetáculo das externalizações de um logorreico ministro italiano, denegrindo enfaticamente a imagem de todos os outros países europeus e pretendendo dar-lhes lições, cavalgando a onda populista do medo irracional que fez surgir o estranho e anómalo triunvirato transalpino (Conte-Salvini-DiMaio) que em março passou a governar um grande país europeu, tornando-o politicamente... *risibile agli occhi del mondo*. Mas a experiência ensina: *non durerà a lungo...*



<https://www.attivismo.info/cause-delle-migrazioni-in-africa-occidentale/>

\*\*\* \*\*

Com a data de janeiro de 1993, conserva-se no meio da documentação da EPER relativa a esse ano o Programa de *Atuação a médio prazo* do Instituto Camões, cujo conteúdo, como já se referiu, tinha, ou podia vir a ter, repercussões na EPER, nomeadamente através da sua Associação cultural.

## PROGRAMA DE ACTUAÇÃO A MÉDIO PRAZO (1993-1995)

Lisboa, Janeiro de 1993

De facto, o programa previa um intercâmbio cultural não só *com os Institutos e Centros Camões no estrangeiro, mas também com outros "centros culturais" e "Associações Culturais", nomeadamente de núcleos de emigrantes espalhados pelo estrangeiro*. E isso far-se-ia respeitando um amplo leque de domínios, bem como a diversidade multifacetada das manifestações da nossa cultura.

Tratando-se de um documento que, publicado há mais de um quarto de século, assume sobretudo um valor... «arqueológico»: eis as suas 8 páginas de texto (aqui reformatado), em que emergem numerosos pontos de interesse para a EPER, a começar pelos seus objetivos.

### A. OBJETIVOS

De acordo com o estipulado no Decreto-Lei nº 135/92, de 15 de julho, constituem objetivos do INSTITUTO CAMÕES:

- a promoção e defesa da língua e da cultura portuguesas;
- o fomento do seu ensino;
- a valorização da presença portuguesa no mundo.

Neste sentido, e segundo o mesmo Decreto-Lei, a ação a levar a cabo deve contemplar as instituições de ensino e as instâncias vocacionadas para o diálogo intercultural. Tal ação, de dimensão interdepartamental, será sempre desenvolvida de acordo com o Ministério dos Negócios Estrangeiros e com os pressupostos da política por ele definida.

### B. PRIORIDADES

Em face do exposto, constituem prioridades na política a desenvolver:

**1 – Implementação de uma rede de Institutos e de Centros no estrangeiro.**

Essa implementação será feita em colaboração com os serviços competentes do Ministério dos Negócios Estrangeiros, tendo em vista uma desejável coordenação com as Atividades desenvolvidas pelas nossas Embaixadas.

Por isso, torna-se necessário começar por estabelecer os critérios gerais a que devem obedecer a criação e o funcionamento desses Institutos e Centros. Tais critérios, harmonizando a necessidade de respeitar a objetividade das normas a estabelecer com a vantagem de contemplar a enorme diversidade de situações e de meios existentes em cada país, devem considerar os seguintes parâmetros, diferenciando, caso a caso, o perfil próprio do que é um Instituto e do que é um Centro:

- prioridades da estratégia cultural portuguesa;

- proximidade da herança histórica;
- existência e significado da comunidade local de luso-descendentes;
- existência e significado dos recursos humanos disponíveis (professores de português, leitores, docentes e centros de língua e de cultura portuguesas nas universidades locais, etc.).

Neste contexto, deverá ser dada igualmente prioridade aos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, tendo em vista a transferência de competências prevista no artigo 12º do Decreto Regulamentar nº 15/92, de 15 de julho.

Ao mesmo tempo, nos países onde não seja possível proceder à criação de Institutos e Centros portugueses, será dada especial atenção ao desenvolvimento do apoio aos leitorados de português existentes em universidades locais, bem como aos serviços culturais da respetiva Embaixada.

**2 – Promoção e apoio ao ensino básico e secundário português no estrangeiro.**

Entre outras medidas, serão estudadas e implementadas as ações necessárias a uma ágil e frutuosa relação entre os ensinos básico e secundário no estrangeiro e a rede dos Institutos e Centros.

Essa integração será feita obedecendo aos propósitos de lograr uma potenciação da rede escolar harmonizada com uma indispensável rentabilização dos recursos humanos e financeiros disponíveis.

Simultaneamente, toda a reestruturação desta rede escolar deve ter presente a necessidade de situar o ensino da língua no mercado aberto a todos os eventuais interessados, ultrapassando assim a sua redução ao universo dos luso-descendentes.

**3 – Apoio à difusão e à aprendizagem da língua.**

Nesse domínio serão contempladas todas as for-

mas de colaboração possível com as entidades - oficiais ou privadas, nacionais ou estrangeiras - que promovam ou estimulem:

- as atividades de índole cultural junto das comunidades portuguesas no estrangeiro;
- o interesse dos jovens pela língua e cultura portuguesas;
- o desenvolvimento do português como língua de comunicação internacional;
- a elaboração e/ou edição de textos de difusão da cultura portuguesa no estrangeiro.

4 - Para além dos objetivos indicados anteriormente - mas em estreita correlação com eles -, serão iniciadas ações pontuais que fomentem uma mais intensa comunicação entre aqueles sectores que, espalhados pelo mundo, são herdeiros da língua e da cultura portuguesas. Privilegiar-se-ão os seguintes:

- os estudiosos da língua e da cultura portuguesa, em qualquer dos seus domínios;
- os interessados na preservação da nossa herança cultural e patrimonial.

5 - Finalmente, com o propósito de lograr uma maior rentabilização dos meios disponíveis, bem como uma indispensável unidade de imagem e de ação, a implementação de todas estas ações será feita em estreita cooperação com os outros organismos do Estado que desenvolvam as suas atividades em campos coincidentes, para além do Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Secretaria de Estado da Cultura, cuja colaboração está legalmente prevista no decreto fundacional do INSTITUTO CAMÕES. Serão igualmente privilegiadas, neste diálogo integrador, as universidades e as instituições privadas ou fundações cuja atuação cultural no estrangeiro tenha uma reconhecida relevância.

### **C- PROGRAMA DE AÇÕES**

Em face das prioridades indicadas, o INSTITUTO CAMÕES propõe-se concretizar o seguinte programa de ações a medio prazo, para os anos de 1993-1995:

#### **1 - Elaboração de legislação**

- a) Em relação ao ensino universitário no estrangeiro:
- preparação do ESTATUTO DE PROFESSORES E DE LEITORES DE LÍNGUA E DE CULTURA PORTUGUESAS;
  - preparação das normas reguladoras e consequente apoio à implementação de uma participação regular das Universidades portuguesas no apoio às atividades dos referidos Institutos e Centros, bem como às atividades dos centros universitários estrangeiros dedicados ao estudo e à docência de temas relacionados com a Língua e a Cultura Portuguesas.
- b) Em relação aos ensinamentos básico e secundário no estrangeiro:
- preparação do ESTATUTO DO PROFESSOR DE

PORTUGUÊS NO ESTRANGEIRO E EM MACAU.

- c) Em relação aos Institutos e Centros:
- preparação das respetivas normas regulamentadoras.

#### **2 - Acordos a negociar e a assinar**

Negociação de acordos de colaboração com entidades oficiais que têm competências em campos afins aos do INSTITUTO CAMÕES.

3 - Organização e medidas a implementar (segundo uma gestão por objetivos, dividida entre PROGRAMAS [PR] e PROJETOS ESPECIAIS [PE])

#### **PR1 PROFESSORADOS E LEITORADOS**

A. Redimensionamento da rede de leitorados. Esta reformulação será feita através da aplicação gradual do ESTATUTO DE PROFESSORES E DE LEITORES DE LÍNGUA E DE CULTURA PORTUGUESAS, e implicará uma reestruturação da rede em função das prioridades definidas para cada país.

B. Desenvolvimento de uma política sistemática de apoio aos leitorados, através da dotação de um crédito a cada leitorado para apetrechamento em material bibliográfico e audiovisual, bem como para outras iniciativas, em função da sua dimensão e programa de Atividades.

C. Divulgação das publicações periódicas portuguesas nos leitorados, institutos e centros culturais portugueses no estrangeiro, através do envio de revistas culturais portuguesas a assinar pelo INSTITUTO CAMÕES.

**PR2 | INVESTIGAÇÃO** - Apoio e fomento da investigação e de estudos de pós-graduação sobre a língua e a cultura portuguesas.

**PR3 | CONGRESSOS** (2 linhas) - Apoio e fomento da realização e participação em congressos sobre língua e cultura portuguesas.

**PR4 | BOLSAS** (2 linhas) - Política integrada de bolsas para a realização de estudos e frequência de cursos em Portugal sobre matérias de Língua e Cultura Portuguesas.

**PR5 | ACORDOS CULTURAIS** - A atribuição definida na lei, será implementada mediante uma preocupação de máxima rentabilização.

**PR6 | INTER-REDE** - Intercâmbio cultural com os Institutos e Centros Camões no estrangeiro, outros "centros culturais" e "Associações Culturais", nomeadamente de núcleos de emigrantes espalhados pelo estrangeiro. Neste sentido, este intercâmbio procurará respeitar e contemplar um amplo leque de domínios, bem como a diversidade multifacetada das manifestações da nossa cultura.

Será ainda promovido - mediante a assinatura de protocolos - o apoio às atividades desenvolvidas ou a desenvolver pela Rádio e Televisão, bem

como às emissões das Rádios e TVs portuguesas que operam no estrangeiro, e, de um modo geral, a programação e incentivação da produção de materiais para divulgação audiovisual.

Não será esquecida a difusão de núcleos de bibliotecas (em colaboração com outras entidades, públicas e privadas).

Uma atenção muito especial deverá merecer o fomento da comunicação com os setores que no mundo estão ligados à herança portuguesa. Nesse sentido, e antes de 1995, o INSTITUTO CAMÕES procurará lançar as bases da formação de um núcleo autónomo que se encarregue – com o seu apoio – desta missão.

**PR7 | EXPOSIÇÕES** – Promoção de exposições, mostras culturais, etc.. Tal como está concebido, este programa irá funcionar sobretudo como instância articuladora e coordenadora, estabelecendo a ponte entre os institutos, centros e universidades no estrangeiro, e as entidades que; em Portugal, promovem e se encarregam deste tipo de iniciativas.

**PR8 | EDIÇÃO** – Apoio à edição de obras de cultura e língua portuguesas, nomeadamente de textos importantes para a difusão da língua e da cultura no estrangeiro.

**PR9 | BIC** – Publicação do Boletim Informativo do Instituto Camões (com difusão regular, em três línguas). Numa segunda fase, será instalado um Banco de Dados da Cultura Portuguesa, com meios de comunicação complementares.

**PR10 BIBLIOTECA** | Organização e redimensionamento da Biblioteca do Instituto Camões.

\*\*\* \*\*

**PE1 | INCÊNDIOS** – Este projeto especial, dando correspondência ao estipulado no Decreto-lei nº 135/92, de 15 de julho, quando este diploma determina que compete especialmente ao INSTITUTO CAMÕES, entre outras atribuições, a criação e coordenação de Institutos e Centros Culturais Portugueses no estrangeiro, apresenta-se, assim, como um verdadeiro projeto integrado, onde podem e devem confluir vários programas do Instituto.

**PE2 | PROJETO DE COOPERAÇÃO COM ÁFRICA** – Este Projeto propõe-se levar a cabo iniciativas nos Países Africanos relativas à promoção da Língua Portuguesa e ao fomento e formação cultural, até agora dinamizadas pelo Gabinete para a Cooperação com os Países de Língua Portuguesa e que, por compatíveis com os objetivos do Instituto, para ele transitaram.

**PE3 | LÍNGUA** – Este projeto propõe-se fomentar e apoiar a projeção e o conhecimento da Língua Portuguesa no mundo, bem como à formação dos tradutores e intérpretes do português. Inclui ainda a colaboração a dar à aplicação do Acordo Ortográfico, dentro dos parâmetros definidos pela lei.

**PE4 | EBASE** – Em estreita colaboração com outras entidades, este projeto visa o desenvolvimento de um programa coerente e regular de formação especializada e contínua dos docentes do português no estrangeiro e em Macau.

**PE5 | DICIONÁRIO** – Em termos gerais, este projeto propõe-se apoiar a elaboração e difusão de dicionários e de vocabulários técnico-científicos em português.

Dir-se-ia que a elaboração deste «Programa», sem a ela explicitamente se referir, não deve ter ignorado a situação da Escola Portuguesa de Roma, considerando também as tentativas «frustradas» de fazer funcionar um Instituto, ou Centro, Cultural em Roma, depois da sua criação formal, em letra de estatuto. Os pontos B1, B2 e B5, os programas PR1-A/B/C e PR6, bem como os projetos PE1/PE2 indicavam pistas que podiam ser «trilhadas», ou pelo menos ensaiadas, em Roma. Mas apontava-se para «metas superiores» à de uma simples escola de emigrantes...

Inevitavelmente, a partir deste quadro normativo, a atividade da EPER e o seu futuro vieram a diluir-se na «extensão da oferta formativa» limitadamente à Língua e Cultura portuguesas, em duas universidades, mas deixou definitivamente de estar ao serviço dos cidadãos portugueses e de expressão portuguesa que formavam a comunidade lusófona em Itália.

Eram perspetivas diferentes, senão opostas: a EPER estava virada para essa comunidade, *ad intra* – (a componente pobre). Sabemos que a sua promoção e capacitação cultural extravasaria eficazmente para a sociedade italiana; mas o Instituto ambicionava levar à comunidade italiana, *ad extra*, a expressão da cultura lusitana, sobretudo através de «leitores» universitários. Ambas essas perspetivas garantiam retornos, tendo em vista o objetivo do Instituto, mas, objetivamente, não abrangia aquilo que, supostamente, já estaria garantido pelas escolas... Pois não estava: os níveis altos de escolaridade – para todos – estavam longe de ser alcançados, especialmente pelos emigrantes!



## Normalidade

Nas semanas – meses – após o episódio de finais de janeiro, as aulas decorriam com a «normalidade» possível, sem registo de ocorrências particulares. Quanto à disciplina de Ciências Sociais e às aulas de Português para Estrangeiros, os apontamentos conservados informam sobre a matéria dada, a frequência dos (poucos) alunos – um arquiteto, intérpretes a necessitar de acrescentar o português como segunda língua ao seu curriculum.

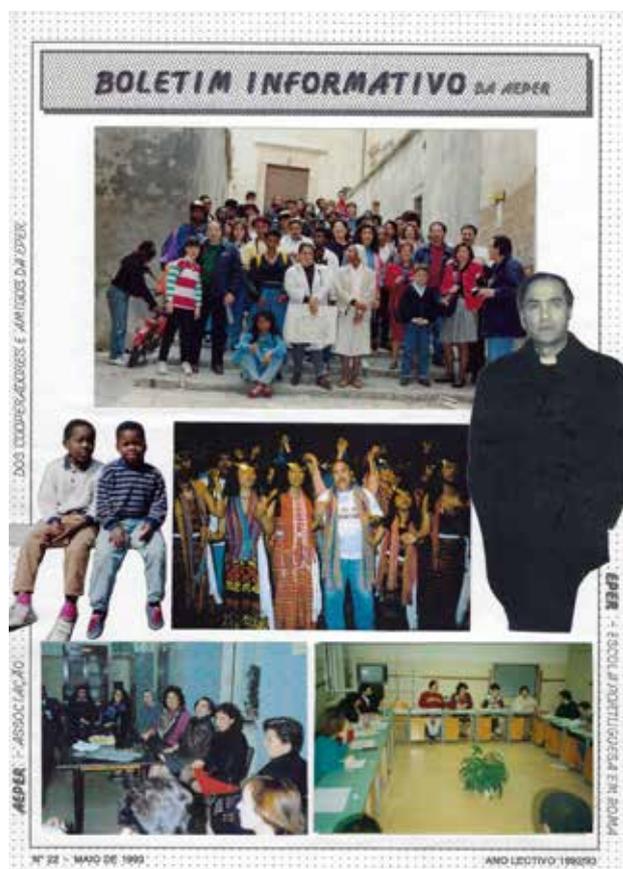
\* Falta de disciplina !!  
 Aulas "em círculo" para favorecer a expressão  
 "Unidades" tomadas lições no sentido tradicional  
 \* Turma "recaltada", marcada pela presença do professor!  
 Não "dramatizar" o conteúdo das dif. Unidades  
 \* Accentuação das referências a Cabo Verde, Angola...  
 → preocupação de forma estes alunos, e não  
 "colonizar" ou "civilizar a portuguesa" ... Projeções!  
 → Disponibilidade para procurar compreender as dificuldades do Aluno: Dar apontamentos, ter paciência,  
 favorecer o estudo,  
 → criar clima de confiança!  
 Unidades: clarificação + animada!

A síntese da reunião dos professores do III ciclo realizada às 15.30 horas de 13 de março, registada nos apontamentos reproduzidos ao lado, é também eloquente sobre as estratégias propostas para remediar os problemas detetados.

Quanto ao programa das aulas de português, cada sessão incluía uma parte gramatical e outra de prática oral, recorrendo a textos lacunares, exercícios orais insistindo nos verbos irregulares, leitura e síntese (ou reprodução oral do conteúdo) de textos sobre temas de atualidade ou de autores/personalidades do mundo da cultura, textos gravados, frases idiomáticas... Os apontamentos conservam o sumário de cada aula de 1993 (reproduzem-se alguns mais adiante). Além disso, havia quem necessitasse de aulas privadas, para uma aprendizagem mais rápida e personalizada – por exemplo, o tenente-coronel Napoli, do Exército Italiano (em abril de 1993).

Para prosseguir e completar o relato do ano de 1992-93 – o último sobre o qual constam no baú de quem escreve dados "oficiais" – torna-se indispensável o boletim da AEPER nº 22, publicado no final desse ano e, mais uma vez, rico em elementos que acrescentam peças fundamentais ao mosaico que tem vindo a ser composto nestas páginas.

A capa deste "último" número do boletim informativo da AEPER – não consta ter havido outros – apresentava, pela segunda vez, uma veste gráfica totalmente colorida, traduzindo em meia dúzia de fotos, duas delas recortadas, uma breve reportagem dos acontecimentos mais marcantes do último período do ano letivo. O fecho da edição tem a data de 10 de maio, logo a seguir à assembleia-geral de professores do dia 8, realizada antes da fase conclusiva das avaliações finais. Nesse ano, tendo a Escola assumido (no ano anterior) a nova fisionomia legal com **paralelismo pedagógico oficialmente** reconhecido – 16.03.1992 –, funcionando em parte, para a avaliação do êxito escolar e transição de ano, por "unidades capitalizáveis", era diferente o clima vivido pela comunidade es-



colar, não havendo, pelo menos para a maioria dos alunos, aquele envolvimento, a expectativa e também a "solenidade" que o método tradicional de conclusão de cada ano letivo com exames elaborados em Lisboa e realizados na Escola, na presença e com a supervisão das autoridades consulares, automaticamente produzia. Essa nova fisionomia, essa novidade, implicava vantagens... e desvantagens.

Com conteúdo mais uma vez rico e preocupado também em "projetar-se" para fora do ambiente, uma vez que se destinava à comunidade mais vasta dos sócios da AEPER, o boletim da AEPER convidava os leitores a alargar os próprios horizontes, conhecendo e ocupando-se de temas que, embora indiretamente, afetavam também a realidade da Escola, desde uma visão mais ampla sobre a emigração, de novo, até Timor, passando pelos problemas da imigração em Itália, ao "rubro" nesse período, tendo o diretor da Caritas que acolhia a Escola num dos seus centros recebido um *avviso di garanzia*, isto é uma acusação formal de alegado "crime" que decorria de uma denúncia em tribunal contra a sua atuação. Por isso, a "efígie" de Mons. Di Liegro aparecia em destaque na capa desse número do boletim, com este sumário e as notícias que seguidamente apresentamos:

- - Palavra final...
- - BALANÇO DO ANO LETIVO
- - Quem coordena os primeiros ciclos?
- - "Avviso di garanzia" alla Caritas Diocesana di Roma
- - Timor-Leste: O grito, a palavra e o silêncio
- - "Europa, para onde vais?"
- - BRASIL: O "empate" dos seringueiros
- - Guiné-Bissau: Breve visão histórica
- - TEXTOS SOBRE A EMIGRAÇÃO: Alexandre Herculano, Joel Serrão
- - NOTÍCIAS EM BREVE: Diáconos jesuítas; 500 anos depois; Carnaval; Novo embaixador e novo cônsul portugueses; Autoridades de Cabo Verde; Prémio Tap-Air Portugal; Domingo de Ramos; Passeio a Pitigliano; Assembleia de professores; Cursos de português para estrangeiros...



Um documento original da TAP (quase certamente desse ano) informava a comunidade emigrante cabo-verdiana dos serviços que garantia para viagens ou envio de "bens pessoais e tudo o que desejem para Cabo Verde [Em anexo, 100%: «TAP-AirPortugalPensaEmVos»].

27jan93

### **Escola em transformação**

No dia 27 de janeiro teve lugar em Roma, na *Sala dello Stenditoio*<sup>27</sup> em San Michele a Ripa, um Encontro subordinado ao tema: *Que livro para a Escola em transformação?* A iniciativa era promovida com o apoio do sindicato italiano SNALS<sup>28</sup> e da Associação *Escola Instrumento de Paz*, abordava o tema da transformação da Escola, alargando os *objetivos dos programas*, para incutir nos jovens, entre outros, o ideal da solidariedade, do respeito pelos direitos humanos e das minorias. A Prof.<sup>a</sup> Manuela Borges participou neste Encontro em representação da EPER.

fev93

### **500 anos depois...**

A EPER esteve presente em duas manifestações culturais promovidas em Roma, no mês de fevereiro de 1993, por importantes instituições universitárias italianas, no âmbito da celebração dos 500 anos da Descoberta da América. As duas conferências, de caráter histórico, em que participaram os professores e alguns alunos do Curso Complementar e do 12º ano, realizaram-se, respetivamente, no dia 2, sobre o tema "Portugal", tendo como oradora a Prof.<sup>a</sup> Luciana

27 – Literalmente, espaço ou lugar destinado a pôr (estender) algo a secar – mas não apenas... roupa. Neste caso, tratava-se do espaço onde «secavam» cereais e outros produtos agrícolas, que ali eram também armazenados.

28 – Sigla do *Sindacato Nazionale Autonomo Lavoratori Scuola*, fundado em 1976 por oito sindicatos autónomos ligados ao mundo da escola – Para saber mais, consulte-se o site desta organização sindical: <https://www.snals.it/Default.aspx> [e, mais especificamente, história e objetivos: [https://www.snals.it/8994\\_Storia++Sindacato+Nazionale+Lavoratori+Scuola.snals](https://www.snals.it/8994_Storia++Sindacato+Nazionale+Lavoratori+Scuola.snals)] (26.8.2018).

Stegagno Picchio e, no dia 23, sobre o tema *A Holanda*, sendo orador o Prof. Jan Hendrik Meter. O conteúdo de ambas as lições enquadrava-se nos programas da matéria de História, lecionada na Escola nesse ano letivo.

21fev93

### **Carnaval**

A festa do Carnaval de 1993 realizou-se na Escola Portuguesa no domingo, dia 21 de fevereiro, com o habitual brilho e animação: música, dança, jogos, serviço de bar e abundantes e vistosas máscaras foram alguns dos ingredientes que tornaram original e convidativa esta efemérida anual. De salientar a participação de uma parte significativa da Comunidade Portuguesa residente em Roma, que não frequenta a Escola, mas que a ela se une nesta circunstância, como também no dia do Magusto. Os principais animadores da festa formam o famoso "*zoccolo [tamanco] duro*", isto é o *núcleo inoxidável* e aguerrido responsável pela dinamização das atividades extracurriculares na Escola, tendo o P. Mário como coordenador!

25fev93

### **Despedida: novo cônsul português em Roma**

O Encarregado da Secção Consular da Embaixada Portuguesa, Arq. Henrique Dinis da Gama, deslocou-se à Escola no dia 25 de fevereiro antes de partir para Moçambique, onde ia exercer o cargo de Secretário da Embaixada Portuguesa, em Maputo. Acompanhado pelo seu sucessor no cargo de Encarregado da Secção Consular, Dr. João Teotónio Pereira, a visita proporcionou a ocasião para uma profícua troca de informações sobre a Escola, o seu funcionamento e os seus problemas.

4mar93

### **Encontro com o Embaixador de Cabo Verde**

A Escola Portuguesa teve a honra de receber, no dia 4 de março, o Embaixador de Cabo Verde em Roma, que manifestou interesse em conhecer de perto esta instituição de ensino, a sua atividade e os seus problemas. Confirmava-se com esta iniciativa o interesse e acompanhamento, atento e solícito, dado pelas autoridades de Cabo Verde à atividade da EPER. O Dr. Aguiinaldo Lisboa anunciou que o Secretário de Estado (cabo-verdiano) da Emigração e Comunidades, Dr. António Pascoal dos Santos, viria a Roma para se encontrar mais especificamente com a comunidade cabo-verdiana não se limitou a convidar a Escola a participar nesse Encontro, mas solicitou um encontro específico com a Escola.

De facto, a visita teve lugar no dia 2 de maio, quando uma Delegação de Cabo Verde constituída pelo referido Secretário de Estado, pelo Diretor dos Serviços Consulares do M.N.E., Manuel da Luz, e pela Sr.<sup>a</sup> D. Eunice da Luz, do Instituto de Apoio aos Emigrantes, acompanhada pelo Embaixador e pelo Cônsul de Cabo Verde em Roma, visitou a Escola para colher informações sobre a atividade por ela desenvolvida, especialmente a favor dos alunos cabo-verdianos que a frequentavam. Após um colóquio com a Direção, os membros da Delegação visitaram algumas turmas e dirigiram breves palavras aos alunos e professores, especialmente cabo-verdianos, encorajando-os a prepararem-se para poderem contribuir da melhor maneira para a construção do seu País. O encontro permitiu uma útil troca de informações sobre a atividade didática e pedagógica da Escola, e os representantes de Cabo Verde manifestaram a intenção de apoiar mais eficazmente do que até agora a sua ação com alguma forma de subsídio e a oferta de material didático.

10mar93

### **Encontro com o novo Embaixador junto da Santa Sé**

No dia 10 de março desse ano, a Direção da Escola deslocou-se à sede da Embaixada Portuguesa junto do Vaticano para saudar o novo Embaixador, Dr. António Augusto Medeiros que, no dia 20 de fevereiro, tinha apresentado as suas cartas credenciais ao Papa. O encontro decorreu em ambiente de cordialidade e permitiu ao Embaixador inteirar-se das questões mais

importantes relativas à vida da Escola. Tratou-se de uma visita de cortesia, certamente útil no plano das relações da EPER com as autoridades portuguesas, mas sem outro conteúdo específico no sentido de concessão de apoios ou qualquer forma de ajuda. Não consta ter havido qualquer manifestação de «arrependimento», pela imposição da saída do IPSAR, nem pelas consequências que dela derivaram: muita água tinha passado debaixo das pontes do Tibre – meia dúzia de anos – mas, estariam as feridas... cicatrizadas?

4abr93

### ***Domingo de Ramos na Escola***



Realizou-se com a mesma solenidade dos últimos anos, na Capela do Instituto "Santa Agnese", a celebração da Festa do Domingo de Ramos, presidida pelo P. Mario Maffioletti. A assembleia participou em toda a cerimónia, que começou com a Bênção dos Ramos de oliveira, no pátio exterior do Instituto, com a mesma solenidade dos anos anteriores, e a cerimónia decorreu conforme o guião propositadamente preparado para a ocasião, em opúsculo, incluindo os textos e a música dos cânticos executados – à semelhança do que se fizera em 1991 (ver Cap. X, pág. 1006).

A leitura da Paixão de Cristo foi feita por uma dúzia de professores e alunos, representando os diferentes "personagens" que entram na narração da, segundo o evangelista São Mateus. . Estas imagens (de 30.03.1991), dão uma ideia dessa primeira parte da celebração que inaugurava a Semana Santa.



## 11 Novos diáconos jesuítas

No dia 13 de abril, na Igreja do "Gesù", em Roma, teve lugar a ordenação diaconal de 11 candidatos ao sacerdócio na Companhia de Jesus, entre os quais os portugueses José Manuel Lopes e Sérgio Diz Nunes, professor de Introdução à Política na Escola Portuguesa, e Somwe N'goy Mukonkole, zaireense, que fala perfeitamente português, e também foi professor na EPER. Os restantes diáconos provinham de Itália, Argentina, Grã-Bretanha, Ecuador, Chile, Bélgica e Eslovénia. Presentes na longa cerimónia, presidida pelo Card. Paul Poupard (presidente de dois importantes dicastérios da Santa Sé), estiveram parte do Conselho Diretivo e alguns professores e alunos da Escola.

25abr93

## 25 de abril: Passeio anual

Realizou-se na data habitual o tradicional passeio anual da Escola, desta vez à cidadezinha medieval de Pittigliano, na fronteira entre o Lácio e a Toscana, perto do Lago de Bolsena e de outras pequenas localidades históricas daquela magnífica região, como Sovana, Sorano, Valentano e Bolsena. O passeio de 1993 foi organizado com a colaboração da Câmara Municipal de Pittigliano, que tinha estabelecido precisamente naquele ano acordos de intercâmbios comerciais, mas também culturais, com a vila portuguesa da Vidigueira, no Alentejo: os alunos e professores que, desde as primeiras horas da manhã, encheram o luxuoso autocarro, na praça Cavour, tiveram em Pitigliano a assistência de dois guias locais, visitaram alguns túmulos etruscos e duas caves típicas, símbolo da economia vinícola local. O almoço foi num restaurante aconselhado pela Câmara local.



Pitigliano, antiga capital de um condado da Família Orsini, é uma cidade muito pitoresca, construída sobre um monte circundado por despenhadeiros, no centro de uma próspera zona vinícola. O Palácio Orsini, do séc. XIV, é o principal dos muitos monumentos que a cidade oferece a um turismo de classe e informado. A visita tinha por objetivo específico o encontro com a civilização etrusca que, há quase 3.000 anos, precedeu e deu origem à romana. A imagem, a única encontrada no meio da documentação conservada, registou para a posteridade esse evento da vida da escola.

Pitigliano, antiga capital de um condado da Família Orsini, é uma cidade muito pitoresca, construída sobre um monte circundado por despenhadeiros, no centro de uma próspera zona vinícola. O Palácio Orsini, do séc. XIV, é o principal dos muitos monumentos que a cidade oferece a um turismo de classe e informado. A visita tinha por objetivo específico o encontro com a civilização etrusca que, há quase 3.000 anos,



precedeu e deu origem à romana. A imagem, a única encontrada no meio da documentação conservada, registou para a posteridade esse evento da vida da escola.

## **Prémio TAP-Air Portugal**

O prémio oferecido pela Tap-Air Portugal ao melhor aluno do ano de 1992, uma viagem de ida-e-volta a Portugal, foi atribuído à Aluna Olinda Rodrigues Pereira, do 12º ano, que efetuou a viagem em fins de março. A Escola juntava a sua gratidão ao agradecimento da Aluna distinguida com este sinal de apreço e apoio, que não é o único dado à Escola pela prestigiosa Companhia Aérea.

8maio93

## **Assembleia-geral de professores**

Sábado, dia 8 de maio, os professores da Escola participaram numa Reunião Geral, durante a qual foram abordados diferentes temas na ordem de trabalhos: informações gerais; perspetivas do trabalho a realizar no último período do ano letivo; avaliação final e exames; informações sobre a organização da Escola; assuntos diversos. Participaram quase todos os professores.

Durante a reunião foram recordadas as datas dos compromissos da Escola até meados de julho, a saber: feriado no dia 10 de junho, Dia de Portugal e festa das Comunidades Portuguesas; de 11 a 18 de junho, fim das aulas para os diferentes ciclos; dia 20 de junho, festa final e publicação dos resultados da avaliação do 1º e 2º anos do ciclo diurno, do 2º ciclo Noturno e do 12º ano; dia 22 início dos exames do 2º ciclo noturno e abertura das inscrições para o próximo ano letivo. No dia 5 de julho começariam os exames para os cursos geral e complementar noturnos, realizando-se os exames orais do Curso Geral Noturno nos dias 15 e 16 do mesmo mês.

Seria interessante dispor de toda a documentação oficial sobre os resultados escolares, a organização e realização dos exames (nos cursos geral e complementar), bem como sobre a *Festa* de final de ano e da outra possível assembleia-final de professores, mas improvável, visto que a partilha das responsabilidades e a organização da EPER, contrariando uma sua consolidada tradição, passou a «acontecer» (como na maior parte das escolas) apenas no âmbito do Conselho Diretivo.

Quanto aos resultados, o estudo dos livros de termos, comparando as datas e classificações obtidas nas diferentes disciplinas, daria obviamente uma resposta parcial à legítima expectativa de uma mais profunda análise e confronto dos dados: poder dispor desses elementos já sistematizados nas folhas de síntese que deram origem aos preciosos relatórios e balanços oficiais que, em parte, se conservam e aqui se reproduzem, seria a vantagem. Infelizmente, o autor destas linhas não teve acesso ao CD que, alegadamente, conteve esse dados.

\*\*\* \*\*

## **Balanços do ano de 1992-93**

Do ano de 1992-93 podemos hoje ler dois balanços provisórios, ou parciais – todos os balanços o são, mesmo os que se dizem definitivos, ou finais – um deles graças à abundante documentação recolhida e elaborada para o boletim número 22. Começamos pela assembleia-geral de 12 de junho de 1993, que tinha os seguintes pontos na ordem de trabalhos:

### **I – Relatório sobre as atividades do ano**

- a) Atividades curriculares: balanço feito pelos coordenadores pedagógicos dos vários níveis; intervenção da Assembleia.
- b) Atividades extracurriculares: balanço feito pelos professores responsáveis.
- c) Balanco económico: intervenção do responsável pelo setor.
- d) Conclusão: intervenção da professora Isabel Minervini, responsável pedagógica; intervenção da Assembleia.

### **II – Planificação do ano de 1993-94**

1. Direção da Escola.
2. Professores.
3. Alunos.
4. Curricula dos vários níveis de ensino.
5. Atividades extracurriculares.

No final desse encontro foi distribuído aos professores um breve questionário com perguntas destinadas a auscultar a sua disponibilidade para o trabalho no ano 1993-94, convidando-os a responder às seguintes perguntas:

- Nome \_\_\_\_\_ Direção \_\_\_\_\_ Tlf. \_\_\_\_\_
1. Que disponibilidade tem para colaborar na Escola no próximo ano letivo? \_\_\_\_\_
  2. Que dias e horários seriam mais convenientes para si, e quais exclui? \_\_\_\_\_
  3. Poderia indicar outras pessoas, com preparação e disponibilidade para colaborar no próximo ano? (Indique todos os elementos úteis para um possível contacto por parte da Escola). \_\_\_\_\_
  4. Tem alguma observação ou sugestão pessoal a fazer? \_\_\_\_\_

### Primeiro ciclo – crianças e adultos

Maria Suzete do Nascimento Vaz Pereira Alves Peres, professora requisitada para lecionar no 1º Ciclo e coordenar o Curso Recorrente de Adultos, elaborou um relatório de seis páginas sobre o trabalho que havia sido realizado no primeiro ciclo (com crianças e adultos), apresentando-o aos colegas e entregando-o para constar em arquivo. A autora esteve impossibilitada de estar presente na reunião, por motivos familiares, pelo que pedia a compreensão dos colegas, e escrevia depois:

*A Escola requisitou-me, aos meus serviços de que dependo em Portugal, para eu coordenar o lecionar o 1º Ciclo e coordenar o curso recorrente de adultos.*

*Vim, pois, para a EPER com uma grande alegria, pois teria a possibilidade de, durante dois anos, fazer o que sempre fiz e gosto.*

*Apenas dois anos, pois era o tempo que o meu marido estava destacado em Itália, em serviço da empresa onde trabalha (IBM).*

*O primeiro ano decorreu bem, com alguns incidentes de reestruturação do Curso Recorrente de Adultos. O segundo ano, penso poder continuar o meu serviço de coordenação.*

*No primeiro ciclo do Ensino Básico, trabalhei em plena coordenação, com a Prof.ª Leonor.*

*No início do ano foram matriculados os alunos:*

- 1 aluno de 6 anos no 1º nível – 1º ano (angolano)
- 2 alunos de 7 anos no 1º nível – 2º ano (angolano)
- 1 aluno de 9 anos no 2º nível – 1º ano (angolano)
- 1 aluno de 8 anos no 2º nível – 2º ano (angolano).

*Aceitámos um aluno angolano de 4-5 anos, pois a turma era pequena e esta criança necessitava fazer a pré-escola.*

*Em janeiro de 1993, vieram transferidos mais três alunos:*

- 1 aluno de 8 anos no 2º nível – 1º ano (português)
- 1 aluno de 11 anos no 2º nível – 2º ano (cabo-verdiano)
- 1 aluno de 11 anos – foi possível dar-lhe o 1º ano (angolano).

*Neste final de ano temos:*

- 1 aluno transita ao 1º nível – 1º ano
- 2 alunos transitam ao 1º nível – 2º ano
- 2 alunos transitam ao 2º nível – 1º ano
- 1 aluno transita ao 2º nível – 2º ano
- 1 + 2? alunos completam o 1º ciclo. [O? consta, como se pode ver, no documento original, manuscrito]

*O aluno cabo-verdiano tem já 11 anos, continuará a viver em Itália e, embora não esteja muito bem preparado, penso que será melhor transitar já para a escola italiana.*

*Ruoma, 12 de Junho de 1993*  
*Relatório ano lectivo 1992-1993*  
 Gostaria, de oralmente, fazer um resumo do que foi o ano lectivo 92/93 para o 1º ciclo (crianças e adultos).  
 Na impossibilidade de estar presente na Reunião, por motivos familiares, e pelo que agradeço a vossa compreensão, faço um relatório, que será apresentado à Direcção da Escola.  
 A Escola requisitou-me, aos meus serviços de que dependo em Portugal, para eu coordenar e leccionar o 1º ciclo e coordenar o curso recorrente de adultos. Vim pois para a EPER com uma grande alegria, pois tinha a possibilidade de durante dois anos, fazer o que sempre fiz e gosto.  
 Apenas dois anos, pois era o tempo que o meu marido estava destacado em Itália, em serviço da empresa onde trabalha (IBM).  
 O primeiro ano decorreu bem, com alguns incidentes de reestruturação do curso Recorrente de adultos.  
 O segundo ano, penso poder continuar o meu serviço de coordenação.

*No 1º ciclo do Ensino Básico, trabalhei em plena coordenação, com a Prof.ª Leonor.*  
 No início do ano foram matriculados os alunos:  
 1 aluno de 6 anos no 1º nível – 1º ano (angolano)  
 2 alunos de 7 anos no 1º nível – 2º ano (angolano)  
 1 aluno de 9 anos no 2º nível – 1º ano (angolano)  
 1 aluno de 8 anos no 2º nível – 2º ano (angolano).  
 Aceitámos um aluno angolano de 4-5 anos, pois a turma era pequena e esta criança necessitava fazer a pré-escola.  
 Em janeiro de 1993 vieram transferidos mais três alunos:  
 1 aluno de 8 anos no 2º nível – 1º ano (português)  
 1 aluno de 11 anos no 2º nível – 2º ano (cabo-verdiano)  
 1 aluno de 11 anos (foi possível dar-lhe o 1º ano) (angolano).  
 Neste final de ano temos:  
 1 aluno transita ao 1º nível – 1º ano  
 2 alunos transitam ao 1º nível – 2º ano  
 2 alunos transitam ao 2º nível – 1º ano  
 1 aluno transita ao 2º nível – 2º ano  
 1 + 2? alunos completam o 1º ciclo.  
 O aluno cabo-verdiano, tem já 11 anos, continuará a viver em Itália, e, embora não esteja muito bem preparado, penso que será melhor transitar já para a Escola Italiana.  
 Um aluno angolano que inicialmente estava matriculado no 3º ano, está muito

*Um aluno angolano que inicialmente estava matriculado no 3º ano, está muito bem preparado e se regressar a Angola e a Direção da Escola concordar, ser-lhe-á passado um certificado de que completou o 1º ciclo.*

*No Ensino Recorrente de Adultos, foram alfabetizadores:*

*Sandra Brígida Fernandes Alves Teixeira, que lecionou o 1º nível;*

*Leonor Dias Nunes, que lecionou Língua Portuguesa aos 2º e 3º níveis;*

*Rufina da Fonseca Marques, que lecionou Matemática aos 2º e 3º níveis.*

*Foram matriculados 30 alunos: 2 portugueses, 1 moçambicana e 27 alunos cabo-verdianos, com as seguintes idades: menos de 25 anos: 3; entre 26 e 35 anos: 12; entre 36 e 45 anos: 12; com mais de 46 anos: 2.*

*Destes alunos, 4 matricularam-se e desistiram sem iniciar;*

*5 frequentaram as aulas algum tempo e desistiram depois;*

*12 deram muitas faltas e quando vinham chegavam com muito atraso;*

*5 com algumas faltas, mas vinham regularmente;*

*4 eram assíduos.*

*Esta falta de assiduidade e pontualidade – acrescentava a responsável – foi o maior problema que enfrentámos. Não sei como resolvê-lo! É difícil fazer um trabalho sério e continuado em turmas como estas!*

*De 30 alunos matriculados e 21 que chegaram ao final do ano letivo, pensamos (teremos reunião de Alfabetizadores no dia 17 de junho para decisão final) apenas 2 ficarão com o seu certificado de 1º ciclo.*

\*\*\* \*\*

O relatório passava seguidamente a referir o trabalho no Ensino Recorrente, sem «separador» (título ou subtítulo). O trabalho de iniciação do método com uma turma de 7 alunas – lê-se na página 4 do relatório – foi gratificante pois obtivemos ótimos resultados de quem partia do zero. A Alfabetização fez sempre os seus planos e em coordenação com os dados e esquemas que lhe dava. O 2º e 3º níveis tornou-se bastante difícil, pois faltavam-lhes bases. Muitos terão que repetir o nível em que iniciaram este ano.

O meu papel de Orientadora e Coordenadora nem sempre foi bem aceite, pois (para) quem trabalha há vários anos como alfabetizadora, com os seus métodos próprios, tem dificuldades de aceitação e modificação.

Penso [espero que no próximo ano haja mais cooperação e compreensão, de parte a parte. O nosso trabalho é sempre no sentido de ajuda aos alunos e, por isso, é só mais um pouco de humildade na aceitação de novos métodos. Temos assim, no final do ano letivo, (dia) 24 (adultos) e 25 (crianças).

Deixo aqui um Muito Obrigado à Direção da Escola e às professoras que comigo trabalharam. Maria Suzete do Nascimento Vaz Pereira Alves Peres.

### Alfabetizadoras

O relatório prossegue com a avaliação das «Alfabetizadoras», a começar por Sandra Brígida Fernandes Alves Teixeira, que escreve: *Com uma coordenação que ajuda a organizar o programa e apoia as professoras aula a aula, e com as reuniões semanais, a alfabetização funciona muito melhor. Penso que é necessário muito mais tempo para que os professores se adaptem a este novo método de ensino e consigam assim ensinar com mais segurança.*



Por sua vez, Leonor Dias Nunes acrescenta: *No final deste ano letivo, o balanço final é positivo. Pena que os adultos não sejam mais assíduos. Deram pouco espaço aos professores, dada a sua natureza «triste» e reservada. Pena foi que não aproveitassem mais, uma vez que tinham tudo à disposição. Um grande, grande obrigado à Coordenadora!*

Finalmente, Rufina da Fonseca Marques conclui as seis páginas do documento com estas palavras: *Como experiência foi positiva, em alguns aspetos. Da minha parte, podia ter-me empenhado mais, uma vez que estava habituada a gerir a aula e o tempo. Da parte das alunas, do 2º e 3º níveis, de início houve alguns conflitos em relação ao novo método.*

\*\*\* \*\*

aceitação e modificação.

Penso no próximo ano, haja mais cooperação e compreensão, da parte a parte.

O nosso trabalho é sempre no sentido de ajuda aos alunos, e por isso, é só mais um pouco de humildade, do na aceitação de novos métodos.

Teremos assim, o final de ano lectivo, dia 24 (adultos) e 25 (crianças).

Deixo aqui um Abaixo Obrigado à Direcção da Escola, e às Professoras que comigo trabalharam!!

Maria Luíza do Nascimento Vaz Pereira Alves Pereira

### Alfabetização:

Com uma metodologia que ajuda a organizar o programa e apoiar as professoras em sala de aula, e com as reuniões semanais, a alfabetização funciona muito melhor.

Penso que é necessário muito mais tempo, para que os professores se adaptem a este novo método de ensino, e possam assim ensinar com mais segurança.

Luíza Brigida Fernandes Alves Teixeira

No final deste ano lectivo, o balanço final é positivo. Bem que os adultos não sejam mais assíduos e frequentes. Deixam pouco espaço aos professores, dada a sua natureza triste e casada. Não foi que não aproveitaram seu mês, uma vez que tinham tudo à disposição. UM GRANDE, GRANDE OBRIGADO À COORDENADORA.

Leonora de Souza

Como experiência foi positiva, em alguns aspectos. Da minha parte, poderei ter me empenhado mais, uma vez que estava habituado a gerir a aula e o tempo. Da parte das Alunas, do 2.º e 3.º níveis, de início houve alguns conflitos em relação ao novo método.

Rufina Marques da Fonseca

Páginas 5 e 6 do Relatório

Também elaborados de forma manuscrita, em bela e clara caligrafia, neste caso, por Isabel Minervini, foram os relatórios finais sobre o 2º ciclo do Ensino Básico, o Curso Complementar e o 12.º Ano: a forma «perfeita» com que se apresentam os originais, que terão sido certamente copiados à máquina para arquivo e/ou apresentação ao ME, dispensam que se repita aqui essa operação, pois mesmo em percentagem muito reduzida, são perfeitamente legíveis:

ESCOLA PORTUGUESA EM ROMA  
ANO LECTIVO 1992/93

### RELATÓRIO FINAL

#### 2º Ciclo do Ensino Básico

Os 3 anos da EPER organizou, para os filhos de alguns funcionários da Embaixada de Portugal, e a seu pedido, este nível de ensino para lhes dar a possibilidade de concluir o 2º ciclo antes do regresso ao seu país.

Neste ano lectivo frequentaram este nível de ensino apenas 3 alunos, angolano, que regressarão a Angola em Agosto.

Devido a exigência dos alunos, este foi o último ano que o mesmo se implementou, tendo sido avisado, desde o início do ano lectivo, todos os interessados. Efectivamente não é possível a Escola continuar a ensinar tantos professores para tão poucos alunos e, além disso, com a Reforma do ensino, todos os currículos foram alterados e só um grande número de alunos justificaria uma necessária actualização dos professores com os respectivos mudanças em relação a textos, livros, uma nova forma de avaliação etc.

Neste ano lectivo funcionaram neste nível os seguintes professores:

Português - N.ª Cândida Alves da Costa

Francês - Rachelle Péru

E. Naturais / História — Juliana da Conceição

E. Sociais

Matemática — Ugo Corvini

Desenho / E. Visual — Cátia Almeida

E. Física / Musical e Religiosa — Manuel Camões

Os alunos pouco estimulados por serem tão poucos, encontraram com dificuldade. Há ensinos pouco apoiados e pouco seguidos com ênfase conteúdos de conhecimentos gerais, poucas leituras e pouco interesse. A televisão e o computador são as únicas distrações! Grande agrumidade muitas vezes mal entendida!

Os professores fizeram o impossível! Saíram com eles, como por ex. a prof. Cándida P. de Almeida, da a visitaram o Museu do Vaticano, a catedral, os monumentos do Roma de estilos diferentes para depois poderem desenhá-los. Jogos para fixar a aprendizagem do Português e também da língua estrangeira etc. Apesar os professores privilegiaram uma série de raízes para o último momento de aulas de 21 a 26 como conclusão do ano e dado que não regressam a Angola. Houve sempre contactos com os encarregados de educação.

Os resultados não serão famosos mas com uma nota negativa aqui e crítica ali (relacionado ao Português e Matemática) deram conselhos para o futuro para depois melhorarem os estudos no seu país.

ROMA, 12/06/93

A Coordenadora, Isabel Minervini

A avaliação descritiva do 2.º Ciclo do Ensino Recorrente de Adultos (antigo Ensino Básico Noturno) foi apresentada pelo coordenador desse nível de ensino, o Prof. Giorgio Olivieri, num «Relatório Anual», de duas folhas, com a marca das impressoras de agulhas de então (podemos apreciar a qualidade dessa maravilhosa novidade informática na folha com o relatório da Contabilidade desse ano). O quadro que emerge da leitura desta documentação elaborada pelos «avaliadores» e responsáveis da Escola denota preocupação e alguma desilusão, tendo sido traçado um balanço no final de ano com mais sombras do que luzes, sem dar azo a grandes esperanças e sem suscitar entusiasmo. Ao lado de um certo desencanto, do rigor avaliativo e das preocupações expressas, emergem igualmente outros aspetos que mereceriam uma análise e uma avaliação específicas, diferentes das que aqui têm cabimento.

Eis esse outro relatório, transcrito integralmente (com correção de algumas gralhas).

## **2.º Ciclo do Ensino Recorrente de Adultos** (antigo Ensino Básico Noturno):

### **Relatório Anual**

*O ano letivo de 1992/93 que iniciou em finais de outubro de 1992 e que terminou a 13 de junho de 1993, caracterizou-se pelos seguintes aspetos:*

*Em relação aos anos passados, os alunos foram em número inferior, somente 15, muito diferentes entre eles, desde as capacidades intelectuais, às capacidades de aprendizagem, aos interesses, ao comportamento, etc., etc.,*

*A maior parte deles eram cabo-verdianos (12), uma portuguesa, uma moçambicana e uma italo-caboverdiana (pois nasceu em Roma-Itália). Infelizmente no fim do primeiro trimestre perdemos três alunos, pois desistiram de estudar e deixaram de frequentar o nosso Instituto Escolar. Esperemos que regressem para o próximo ano letivo.*

*O nível cultural baixo era o elemento que os acomunava. Ao longo do ano conseguiu-se, pelo menos queremos acreditar que se conseguiu, melhorar bastante esse nível e formaram-se de modo natural, dois grupos distintos: os que conseguiram desenvolver interesse e "cresceram" com o desenrolar das aulas (a maior parte) e os outros que acompanharam, mas de forma menos progressiva e muito lentamente.*

*As relações entre os alunos eram relativamente boas, apesar de não existirem muitos interesses em comum. Não havia muita camaradagem, o que é lamentável, tratando-se somente de treze pessoas. Denotou-se algumas incompreensões e problemas entre alunos e professores mas são de se considerar "normais" pois em todas as Escolas existem situações semelhantes a estas. Foram fundamentalmente resolvidos todos os problemas nesse sentido.*

*Houve dificuldades como a de se conseguir fazer compreender aos alunos a utilidade do*

*trabalho de grupo, pois não estando nenhum deles habituado a tal método, preferiam sempre trabalhar individualmente.*

*A maior dificuldade com que os professores se embateram foi o grande problema das ausências dos alunos, Nunca se faltou tanto às aulas como este ano. Algumas das faltas foram devidas aos professores mas a maior parte dependeu dos alunos. Sendo as aulas às terças-feiras, quintas e domingos, os alunos faltaram muito, principalmente às terças-feiras (por motivos de trabalho, afirmaram quase todos), com grande prejuízo para o estudo e claro está, na aprendizagem.*

*Problemas houve também com a falta de livros e material didático, mas os professores resolveram brilhantemente a questão preparando setentas, apontamentos e fotocópias que foram distribuídos aos alunos. Consequentemente, os professores encontraram dificuldades na Avaliação, tendo sido este ano a avaliação efetuada de modo contínuo e qualitativo.*

*A avaliação contínua realizou-se na área de cada disciplina tendo em conta a evolução do participante nos conhecimentos, capacidades e atitudes ao longo do processo de aprendizagem (ano letivo).*

*A avaliação foi efetuada em três momentos diferentes coincidindo, estes, com os finais dos trimestres, tendo sido de natureza qualitativa por disciplina, devendo ser descrita segundo parâmetros de aprendizagem previamente definidos.*

*A avaliação final, caracterizada pela escrita "Apto" ou "Ainda não apto" definiu o nível de conhecimentos adquiridos pelo aluno.*

*Quem não conseguiu uma apreciação totalmente satisfatória, teve que fazer as "contas"*

com os exames. Efetivamente, nem todos os formandos conseguiram alcançar e manter uma certa "média" e, por consequência, viram-se obrigados (por conselho dos próprios professores) a anular a matrícula e a auto proporem-se a exame. Sucedeu com sete alunos em todas as disciplinas.

Os professores creem que se os alunos se aplicarem conseguirão vencer essa tarefa.

Como se sabe, um elemento muito importante para os fins da avaliação é a assiduidade. Vindo esta a faltar, tornou-se difícil efetuar uma análise do rendimento do participante. Felizmente, conseguiu-se dentro da maior imparcialidade, consciência e correção efetuar tal avaliação.

O corpo docente, constituído pelos professores das diferentes disciplinas (Português, Língua estrangeira, Inglês, Matemática, História e Ambiente e Formação Complementar) e pelo respetivo coordenador, foi um grupo capaz, muito paciente e compacto, que conseguiu levar a cabo um trabalho não simples e transmitir aos formandos, através também da distribuição de fotocópias, os elementos essenciais de cada disciplina de modo interessante e cativante para assim despertar o interesse dos mesmos.

A maior parte dos professores eram "veteranos" na Escola, sendo dois deles (Matemática e Homem e Ambiente) novos, tendo eles substituído os primeiros titulares das disciplinas acima referidas que, por motivos pessoais, deixaram de lecionar neste ciclo.

Apesar da falta de experiência, estes dois elementos, muito válidos, conseguiram dar e obter os melhores resultados. Surgiram também inconvenientes entre os docentes, nomeadamente a dificuldade que houve em se reunirem. Por um motivo ou por outro, quase nunca se conseguiram reunir contemporaneamente todos os professores deste Ciclo.

Outro inconveniente encontrou-se nas aulas da disciplina de Formação Complementar, disciplina essa que deveria ser dada com a colaboração de todos os professores, mas tal não aconteceu.

Como se costuma dizer, «a experiência é o melhor mestre»: isto servirá para uma melhor organização no próximo ano letivo.

Coordenador  
*Giorgio Olivieri*

(Giorgio Olivieri)

\*\*\* \*\*

Porque o antigo Curso Geral passou a funcionar segundo o novo modelo de ensino por *Unidades capitalizáveis*, guardam-se os originais da avaliação quantitativa dos alunos desse nível de ensino, nas diversas disciplinas. Conservam-se também exemplares de alguns dos manuais adotados, denominados «Guias de Aprendizagem», com capas «uniformizadas» e um layout original.



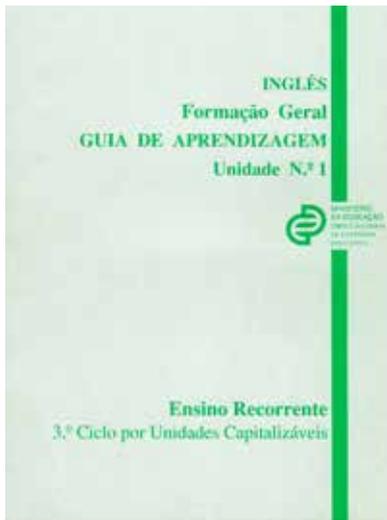
44 páginas. Roteiro das 5 unidades.  
População... Espaço rural... Indústria...  
Cidade... Distribuição/gestão de recursos



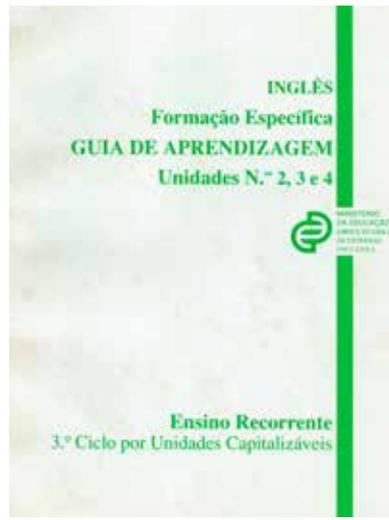
75 páginas. Conteúdo, textos, gráficos,  
materiais para a «leção» das  
unidades 1 e 2



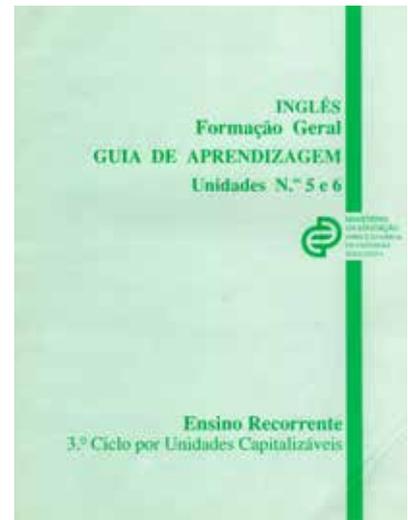
120 páginas. Idem, para a bordagem  
dos conteúdos previstos nas unidades  
3, 4 e 5.



91 páginas. Objetivos. Materiais



192 páginas. Guia de aprendizagem



136 páginas. Orientações e materiais

Eram (apenas) 29 os alunos neste novo regime de estudos, matriculados em 7 disciplinas – Português, Francês, Inglês, Matemática, Ciências do Ambiente, Economia e Ciências Sociais. Algumas classificações nessas disciplinas apresentadas na pauta de avaliação, em 11 de junho de 1993, assinaladas com \*, resultavam de exames feitos no antigo Curso Geral. Aos nomes de 5 alunos nesse documento não corresponde qualquer classificação atribuída, podendo-se deduzir que estivessem matriculados só em algumas, tenham desistido de realizar provas, ou não tenham conseguido completar nenhuma delas.

Retomando a apresentação dos relatórios de final de ano, eis os resultados formalizados para os cursos por unidades capitalizáveis e nos dois últimos ciclos do ensino.

ESCOLA PORTUGUESA EM ROMA  
Via Innocenzo IV, 18  
00167 ROMA (Italia)  
Tel.: 3070620

ANO LECTIVO 1992/93

ESCOLA PORTUGUESA EM ROMA  
Via Innocenzo IV, 18  
00167 ROMA (Italia)  
Tel.: 3070620

ANO LECTIVO 1992/93

3º CICLO POR UNIDADES CAPITALIZÁVEIS  
UNIDADES REALIZADAS ATÉ À DATA 11-6-93

ALUNOS	DISCIPLINAS						
	Por	Fra	Ing	Mat	C&A	Ec	CSoc
1 Andreia M M. Pretinho							
2 Angela Ramos D. Silva	4	3	-	2	3	2	5
3 Benvinda S. Pires	4		1	2	1	1	5
4							
5 Elisa Maria Bruheim	4			2			5
6 Elizabeth E M da Cruz	4			2	3	1	5
7 Elza M&A Gomes Lopes		1					
8							
9 Inocêncio A. Blosse	2			1		1	3
10 Isabel J. Ferreira	5	9*		3		5	5
11							
12 Leila A. D. Cruz	4	1		1		2	3
13 Lurena M. C. Elias	5	1		1		1	3
14 Luz M&A N. Gonçalves	5			4	4	4	4
15 Marcos Arooverde Melo	5	3		5	3	4	5
16 Margareth B Livramento	4	2		1	4	2	5
17 M&A Auxiliadora S Cruz	3			5	4		5
18 José antónio Gomes	2	1		2			1
19		2					
20 M&A de Jesus do Rosário		2				1	
21 M&A Lourdes D Conceição	5			2	1	4	5

\* - exames feitos no C. Geral

3º CICLO POR UNIDADES CAPITALIZÁVEIS  
UNIDADES REALIZADAS ATÉ À DATA 11-6-93

ALUNOS	DISCIPLINAS						
	Por	Fra	Ing	Mat	C&A	Ec	CSoc
22							
23 M&A Lurdes N. da Silva	1				1		
24							
25 Ricardina J B Almeida	5	9*		5	4	6	5
26 Sandra M&A dos S Soares	4			2	4	3	5
27 Senhorinha F. Monteiro	5			1	3	1	2
28 Vangoy I. C. Feliciano	18*				3	1	5
29 Alcídia C. Graça	1			1		2	4

\* - exames feitos no Curso Geral

RELATÓRIO FINAL  
CURSO COMPLEMENTAR NOCTURNO  
INTENSIVO

O Curso Complementar Nocturno Intensivo funcionou pela 1ª vez este ano em todas as disciplinas do currículo e durante 4 dias de semana (29/4 a 6/5 e Domingos).

Matricularam-se neste nível de ensino (30) alunos:

- Portugueses — 15
- Caboverdeanos — 9
- Angolanos — 5
- Mocabicanos — 1

Os professores que leccionaram os vários cursos foram os seguintes:

- Português — Henrique Chaves.
- Francês — Maria Colette Martins
- Inglês — Maria Cândida Alves de Costa
- Italiano — Ester Lavoura
- História — Isabel Minevini
- Filosofia — Luis Pereira da Silva
- I. à Política — Sérgio De Nuno.

A partir de Março de 1991, ou seja, a partir da legislação da Escola, este curso foi reorganizado com base na Circular 117 (e outra legislação anexa) que estabelece uma forma de avaliação específica para os Cursos Intensivos que, embora também funcionado na Escola como tais actividades, até então, segundo a legislação vigente no que respeita à avaliação.

Segundo esta legislação os alunos do curso

Futuros não avaliados 2 vezes por ano (em Fevereiro e em Maio) com Frequências cuja avaliação não pode ou não seria como elemento a juntar à avaliação do exame.

Durante o ano lectivo que acaba termina os alunos do Curso Complementar efectuaram a 1ª e a 2ª Frequências. Toda a documentação relativa à 1ª Frequência foi enviada para o Ministério da Educação em Lisboa e a partir final exposta na Escola. A documentação relativa à 2ª Frequência está e se completa da parte também ser enviada e a partir final será afixada dia 20.

Comentário Pedagógico-Didáctico.

A classe do Curso Complementar era muito heterogénea, não apenas em relação aos países de proveniência mas também em relação aos grupos etários e à respectiva preparação escolar. De facto, ao lado de um grupo muito jovem de 8/10 alunos existia um grupo mais velho com uma preparação e objectivos diferentes. Em termos participativos e apenas o Arco um meio de todos!

No entanto, o grupo era tranquilo e estudioso. Na 1ª Frequência os resultados foram, de uma maneira geral, bons ou 20 um pouco menos!

Agora todos se prepararam para os exames que começarão no próximo dia 5 de Junho.

Apesar de todas as dificuldades inerentes ao funcionamento de uma Escola como esta cujos alunos trabalham e cujos professores têm também outras actividades para além das horas que dedicam às actividades lectivas, posso poder afirmar que este nível de ensino funcionou bem, com o empenho colectivo de todos e espero sómente que os resultados finais dos exames reflectam esta realidade.

A Coordenadora

Isabel Minevini

ROMA - 12/06/93.

RELATÓRIO FINAL  
12º ANO

A EPER pode, pela 1ª vez, neste ano lectivo e como consequência do paralelismo pedagógico concedido à Escola pelo Ministério da Educação, avaliar, de forma contínua os alunos deste nível de ensino. Consequentemente, desde que se mantiverem as condições de assiduidade e de participação no trabalho quotidiano das várias disciplinas e sempre que este fosse positivo, o aluno ficaria dispensado do exame final que, no entanto, continuaria a existir para os alunos auto-propostos.

No ano lectivo de 1992/93 matricularam-se no 12º Ano (14) Alunos.

- Portugueses — 4
- Caboverdeanos — 4
- Angolanos — 5
- Brasileiros — 1

De motivos pessoais de impossibilidade de frequência assídua das aulas (4) alunos inscreveram-se nos exames como auto-propostos. Outros (4) anularam a matrícula em algumas ou algumas disciplinas, no final do 2º período.

de insuficiência de aproveitamento e não fizeram exame dessas disciplinas como auto-propostos (ao abrigo da legislação específica do tra aludido - estudante). Os restantes (10) alunos serão aprovados, com dispensa de exames, nas disciplinas do 12º Ano - 3º Curso - História; Filosofia; Italiano, únicas a serem leccionadas na Escola este ano pelos seguintes professores:

- História — Isabel Minevini.
- Filosofia — Luis Pereira da Silva.
- Italiano — António Galeone.

Comentário Pedagógico-Didáctico:

Foi necessário no início do ano motivar os alunos para a obrigatoriedade de frequência e de participação nas aulas como condição necessária para a avaliação contínua e para a dispensa de exames. Não em ou dos casos todos atenderam e cumpriram o que lhes era exigido.

Mais difícil foi conseguir que o aproveitamento dos alunos se coadunasse com as exigências dos programas!

Este grupo era difícil, lento, com dificuldades em emitir opiniões críticas necessárias à análise de textos e documentos das três disciplinas!

Foi um processo longo mas penso que, seja os alunos que concluíram já o Curso com a avaliação contínua, seja os que vão fazer exames, estão bem preparados e, sobretudo, suficientemente amadurecidos para enfrentar os estudos universitários que muitos deles têm como objectivo.

06/93 A Coordenadora — Isabel Minevini

## Cursos de Português para estrangeiros

Depois da informação sobre o processo organizativo dos Cursos de Português para estrangeiros – dois para principiantes e um de aperfeiçoamento – regista-se a seguir o «balanço» traçado no final do ano e publicado no boletim informativo da Escola. Os cursos funcionaram de tarde, duas vezes por semana, duas horas por dia.

Mas também no caso destes cursos nem tudo funcionou como se esperava: dos doze alunos que solicitaram o curso começado em outubro, apenas 8 pagaram e iniciaram efetivamente as aulas – pelas mais variadas razões, todas legítimas – e só seis foram assíduos até ao fim; o curso de aperfeiçoamento, pelo contrário, foi seguido regularmente, até ao fim, por 4 dos 5 alunos que o quiseram.

Em fins de março, teve início um novo curso, para principiantes, em que se inscreveram cinco alunos. A principal razão que levou muitos alunos a *scuotere la testa* em sinal de contrariedade e a dizer: *purtroppo, non ce la faccio...*, era a localização da Escola, fora de mão para quem, depois de um dia de trabalho, se propunha aprender uma língua.

Nos últimos dois anos, mais de trinta italianos tinham procurado a Escola para aprender a língua de Camões, de Fernando Pessoa e de José Saramago (todos traziam já na própria bagagem cultural estes três nomes). Muitos outros, especialmente militares, tiveram de recorrer a

lições privadas para conseguir os conhecimentos necessários aos seus objetivos profissionais ou culturais, ou optaram pelos cursos de português oferecidos pelo Centro Cultural do Brasil, no centro de Roma (Piazza Navona).

Perante esta situação, que não satisfazia adequadamente as exigências de quem, em Roma (nas outras regiões da Itália, podemos garanti-lo, a situação era muito pior!) precisava ou desejava aprender o Português, o relatório final auspiciava que se desse finalmente uma resposta satisfatória através da criação de um verdadeiro Instituto, ou Centro Cultural, capaz de organizar, entre as suas atividades culturais, também esta. Entretanto, a Escola propunha-se continuar a oferecer e a desenvolver do melhor modo possível esta atividade. Para isso, esperava poder contar com a colaboração do Instituto Português de Santo António, a fim de organizar os cursos em lugar mais central.

\*\*\* \*\*

16/3/93	<p>18<sup>oo</sup> Escola: Italianos   Texto "Diário Belém" – Frases se acintear / qd / pize / No caso de ... Textos Luminares 3 Preposições + Provérbios + Imagens.</p> <p>19</p> <p>20 Ciências Sociais: Unidade 4 – 1ª Parte: Definição de Cidade</p>
23/3/93	<p>18 Português Italiano: Textos Frases Gramaticais Textos Luminares</p> <p>19 Preposições + Prov. + Imagens</p> <p>20 C. Sociais: Cidade: Valor Solo / Metabolismo. Repetição Críticas de frequência. Resolvida / prática.</p>
6/4/93	<p>18 Português   Textos – Análise Imperativos em todas as formas Provérbios // Textos Idiomáticos → Preparar</p> <p>19</p> <p>20 Ciências Sociais: Cidades: Problemas; Integração Cidade/Campo! → Teste N.º 2: Ancheia.</p>
15/3/93	<p>15<sup>oo</sup> Português Com. Napoli (1ª lição) 1536 1750 (24) - Revisão verbal – pres. Perfeito.</p> <p>16 - Preposições I</p> <p>17 - Texto de "O Público" – Envelhecimento População - Exercícios de laboratório</p> <p>18 → FRACOS: Formas reflexivas</p>
18	<p>18 Giovanni Ranzano, 4ª lição Revisão / repetição Verbos Pres. + Pres. Perfeito.</p> <p>19 Comparativos: Preposições I/II: Revisão ... Frases de uso corrente: bom-dia ...</p> <p>20 Laboratório? -</p>

Alguns sumários de aulas de Ciências Sociais e de Português extracurricular, em grupo e particulares

## Um outro balanço

Além do balanço «oficial», com a abundante e diversificada documentação acima transcrita, interessa igualmente referir o balanço feito pelos outros professores, em sondagem realizada através de inquérito, de um novo ano que apresentava as novidades já referidas, não só em termos de organização e estilo de trabalho, mas sobretudo quanto ao perfil oficial e formal desse mesmo trabalho: uma das características mais marcantes era a "divisão" das competências, a separação das responsabilidades, necessária e positiva, sob alguns aspetos, mas com impacto negativo na tradição de trabalho e de assunção de responsabilidades colegialmente, que partilhadas e assumidas por parte de todo o corpo docente, quanto a encontrar soluções para resolver dificuldades e "celebrar" os êxitos obtidos.

Quando todos sentiam e assumiam os problemas a Escola tinha mais força do que no novo modelo de direção – e de coordenação – por "compartimentos estanques", levando a uma "dispersão" das responsabilidades gerais e causando um certo alheamento dos problemas por parte de quem não estava diretamente envolvido em tarefas de direção/coordenação, sendo os professores chamados apenas a dar as suas aulas e a produzir a documentação solicitada, sem um conhecimento global, sistemático e abrangente do que acontecia no interior dos diversos "compartimentos". Direção por um lado; corpo docente, por outro: era esta a sensação vivida por não poucos professores – as respostas dadas ao inquérito aplicado para traçar um breve balanço do ano, e também com a intenção de encontrar pistas e dar sugestões para um relançamento da escola devem ser lidas com atenção e, dada a delicadeza da matéria (tratando-se igualmente de avaliar colegas), interpretadas as entrelinhas.

Transcrevem-se de seguida, integralmente, essas páginas. Embora a responsabilidade pelo boletim fosse também do Prof. José Maria, a introdução era propositadamente longa e assumida pelo primeiro "redator" do boletim, e autor destas páginas, que a assinava, terminando com um "aviso à navegação" que ainda hoje subscreveria, *ipsis verbis* (aparecia em negrito).

*Nada fácil esboçar um balanço final do ano que está prestes a terminar. Sendo porém oportuno fazê-lo, o caminho mais curto e seguro foi interpelar os protagonistas da realidade em questão e reproduzir muito sinteticamente as diferentes opiniões e impressões dos professores expressas em 17 entrevistas realizadas.*

*A Direção da Escola e quase todos os professores entrevistados exprimiram um juízo substancialmente positivo sobre a organização e o funcionamento da Escola no ano de 1992/93, indicando simultaneamente as dificuldades encontradas nalguns aspetos do seu trabalho, especialmente no campo pedagógico. Pela primeira vez, foram introduzidas importantes no-*

*vidades neste campo: foi remodelado o método de ensino e os programas dos primeiros três ciclos do ensino básico, sendo adotado o programa por unidades capitalizáveis no 3º Ciclo. Outra novidade foi a organização em regime de paralelismo pedagógico e de funcionamento dos diferentes níveis de ensino, por setores "independentes", o que implicou maior disponibilidade dos professores na fase de preparação e de coordenação das diferentes atividades.*

*O antigo Curso Geral funcionou pela última vez este ano, mas a Escola está autorizada a repetir alguns exames em setembro, para os alunos que, dessa forma, puderem concluir o curso.*

### NOVOS MÉTODOS, AFINAL MAIS EXIGENTES...

*Nem tudo foi fácil, obviamente. Registou-se uma certa resistência na aceitação dos novos métodos de ensino por parte quer de alguns professores, quer de alguns alunos. Se no 1º ciclo e no Curso complementar/12º Ano as coisas correram muito bem, não se podem esconder algumas lacunas verificadas nos 2º e 3º ciclos, não só por falta de tempo, mas também devido*

*a uma insuficiente motivação da parte de alguns professores, que não se identificaram suficientemente com o método e a filosofia desse ensino, o qual prevê a figura do professor mais como coordenador do que como transmissor de conhecimentos.*

*Todos os professores entrevistados reconheceram que o tempo dedicado à Escola é insu-*

ciente para um funcionamento ótimo, admitindo que – como sempre aconteceu – a maior parte do trabalho acaba por ficar a cargo de um pequeno grupo. A "descentralização" introduzida este ano permitiu um pouco de alívio ao grupo mais diretamente responsável pela Escola.

Igualmente todos evidenciaram as dificuldades manifestadas pelos alunos em "darem conta do recado" com os novos métodos, afinal "mais

exigentes e sérios do que antigamente": ter nota positiva em testes periódicos em que toda a matéria do programa deve estar sabida parece ser mais difícil do que apresentar-se a um exame ao fim do ano, depois de uma revisão geral da matéria. Mas alguns são da opinião que, no fundo, "ambos os métodos vão dar ao mesmo": os alunos que têm condições para estudar, que são assíduos e aplicados obtêm bons resultados, tanto com este como com o método tradicional de avaliação.

## CONHECIMENTO RECÍPROCO E TEMPOS LIVRES

Outra deficiência apontada por alguns foi a dificuldade de conhecimento recíproco e de colaboração entre os professores – consequência em parte da escassez de tempo já referida. Da parte dos alunos, teria podido haver mais envolvimento, quer na vida da Escola, em geral, quer nas manifestações extracurriculares organizadas. Muitos professores deixaram por isso um recado explícito à futura Direção da Escola: inventem-se as formas adequadas para que os professores se conheçam reciprocamente (mais assembleias gerais, mais informação interna, mais ocasiões de contacto), para impedir que a Escola fique dividida em setores incomunicáveis: é necessário que todos conheçam e sintam os problemas dos colegas, para se sentirem mais motivados, solidários e ativos.

Por outro lado, o problema da animação dos tempos livres, sobretudo aos domingos, também este ano deixou muito a desejar: ficou-se pela missa, depois das aulas, pouco frequentada, e pelos tradicionais encontros do Magusto, Natal, Carnaval e passeio anual. É pena, porque o horário escolar deixa uma margem de tempo suficiente, aos domingos, para atividades e iniciativas que permitam abordar temáticas de interesse para todos e que se tornem também ocasiões de encontro, de debate, de crescimento cultural e humano. Se tivesse havido condições para organizar essa animação, talvez houvesse mais envolvimento por parte dos alunos, maior adesão às outras propostas, mais "disciplina" e melhores resultados finais: tudo teria sido mais fácil, embora isso, reconheceram, não seja nem obrigatório nem prioritário!

## VIRAGEM HISTÓRICA, PATRIMÓNIO A PRESERVAR

Como CONCLUSÃO, pode-se dizer que o ano de 1992/93 marca sem dúvida uma viragem na história da Escola: as inovações introduzidas nos programas e nos métodos de ensino, com as inevitáveis dificuldades que comportaram, e na organização interna, através de uma nova gestão com um seu estilo próprio, imprimiram um novo "rosto" à Escola. Neste processo inevitável de renovação, adaptação e atualização, houve notáveis dificuldades, que os professores e os alunos experimentaram e manifestaram ao longo do ano. Quase todos os professores consideram porém que as inovações introduzidas, por necessidade ou porque julgadas oportunas, só no futuro poderão ser devidamente avaliadas, partindo dos resultados, positivos ou negativos, que daí advierem. Entretanto tais inovações são consideradas pela maioria como

necessárias e foram por isso aceites com suficiente convicção, realismo e confiança.

Neste processo de crescimento e consolidação haverá contudo que salvaguardar todo aquele património humano e cultural que a Escola foi construindo ao longo dos seus 21 anos de vida, assente essencialmente nos valores de um voluntariado autêntico e desinteressado, de abnegação e dedicação à causa, de empenhamento pessoal e disponibilidade à colaboração e à solidariedade com os alunos da Escola, respeitando e promovendo a sua cultura, para não perder de vista o objetivo final do trabalho e da existência desta Escola, que é de, e para, emigrantes, portugueses e dos Países africanos de língua portuguesa!

Fernando B. de Pinho

\*\*\* \*\*

As respostas ao inquérito realizado que a seguir se transcrevem, textuais, melhor do que a síntese acima apresentada, dão conta do clima e do andamento desse ano, revelando o estado de espírito dos professores, as suas preocupações, as suas expectativas.

- ✂ *Não posso dizer muito, mas acho que a Escola não está mal.*
- ✂ *O novo "curso" da Escola obrigou a um esforço suplementar.*
- ✂ *Quanto aos programas, eles foram um problema no início, mas depois houve bom aproveitamento.*
- ✂ *Houve resistência inicial. Houve aceitação depois.*
- ✂ *Isto é mais sério do que eu pensava: estamos numa escola oficializada, é preciso dar conta do recado.*
- ✂ *Lacunas? Falta de pessoal para dar o corpo ao manifesto. É necessária mais participação, inter-relacionamento, contacto, convicção.*
- ✂ *Só conheço alguns professores. Mas também só venho dar a minha aula... O difícil é poder participar nas reuniões.*
- ✂ *Alguns alunos não se sentem envolvidos. Alguns parece que são obrigados a vir à escola... Outros manifestam grande entusiasmo inicial, mas depois esse ardor vai esmorecendo.*
- ✂ *Ano difícil. Nunca tive um ano tão mau!*
- ✂ *O problema é arranjar bons professores. Os jesuítas agora só podem dar um dia – não basta!*
- ✂ *Alguns professores, que eram brincalhões e permitiam tudo aos alunos, fizeram com que os professores mais rigorosos sejam mal vistos por esses alunos, que os consideram maus!*
- ✂ *Havia alunos habituados a que os professores fossem "mãezinhas"...*
- ✂ *Acho que é um problema a liberdade que se dá aos alunos, ou melhor, a liberdade que eles tomam: seria por uma disciplina mais rígida, tendo porém em conta a estrutura da Escola.*
- ✂ *Para o ano será necessário adotar critérios mais rigorosos na "seleção" dos professores – mas é difícil, há tão pouco por onde escolher.*
- ✂ *Tenho dificuldade em ajudar os alunos a pensar. Custa-me que eles não raciocinem por si mesmos.*
- ✂ *Cada vez os alunos que entram no ensino recorrente são mais jovens, alguns adolescentes.*
- ✂ *É difícil acompanhar cada um dos alunos, e conseguir "resolver" os problemas que apresentam.*
- ✂ *Algumas reações dos alunos eram escusa-*
- das, se os professores fossem mais responsáveis e competentes.*
- ✂ *Funcionou muito bem. A coordenadora deu muito bem conta do recado, seja no ensino para adultos, seja para crianças, de manhã – só foi pena haver tão poucos alunos.*
- ✂ *Os métodos e programas que servem num País não servem necessariamente do mesmo modo e com a mesma validade noutra: os nossos alunos têm um problema muito específico: a língua é o principal obstáculo a que se possam importar e aplicar programas e métodos de maneira idêntica a Portugal ou à França.*
- ✂ *A alfabetização teria vantagem em funcionar com mais espaço, pelo menos em duas salas diferentes, para se poder seguir melhor cada um deles.*
- ✂ *O 12º ano foi o mais difícil dos últimos anos.*
- ✂ *A descentralização, embora não tenha funcionado perfeitamente, é a solução para aliviar a sobrecarga de trabalho para o... "zoccolo duro".*
- ✂ *O problema é como dinamizar... Falta o tempo.*
- ✂ *Enquanto estiver em Roma, e me quiserem, não deixarei a Escola, porque me sinto muito motivada! A Escola tem raízes no passado que não se podem nem devem perder.*
- ✂ *Leio sempre o boletim... O meu nome apareceu lá errado! Gostei dos testemunhos dos professores... Devia haver mais ilustrações. É bom que saia também em italiano.*
- ✂ *Este ano houve grandes alterações na lista dos professores: teve de ser feita quatro vezes.*
- ✂ *Não há portugueses na minha turma! Não sabia que houvesse tantos cabo-verdianos em Roma. Difícil descobrir-lhes a identidade: cabo-verdianos, imersos na cultura italiana, a estudar numa escola portuguesa... É importante apoiar a cultura desta malta e ajudá-la a não perder a sua cultura.*
- ✂ *Não é verdade que há poucos portugueses em Roma: quando se organizam festas eles aparecem numerosos.*
- ✂ *Tenho 7 alunas, todas estão contentes, nenhuma desistiu! E quando alguma falta, as outras telefonam-lhe. Eu própria me sinto muito gratificada com a simpatia e amizade delas.*
- ✂ *Apareceram pessoas que não sabiam o que*

- era agarrar numa caneta, e já sabem ler e escrever uma carta! Dá gosto!*
- ✂ *Acho que função desta Escola é também inserir os alunos no ambiente italiano. Porque não se ensina italiano em todos os graus do currículo?*
  - ✂ *O que mais falta faz na Escola? Uma fotocopiadora.*
  - ✂ *As pessoas que aceitam qualquer função na Escola deveriam saber de antemão se depois têm tempo suficiente para desempenharem essa função.*

É obviamente desnecessário acrescentar comentários: deste painel de respostas transparecia uma imagem da Escola com mais luzes do que sombras. O seu futuro parecia estar garantido, mas emergiam também, com igual nitidez, nas respostas gravadas e transcritas, alguns sinais e preocupações, de sentido oposto, que aconselhavam a encarar o futuro com prudência.

Talvez um sinal dessa incerteza, bem como de um estilo de "liderança... hierárquica, isolada" da escola, tenha sido a opinião da diretora feita chegar à Redação do boletim, em anotação escrita num papelinho entregue dentro de um envelope, segundo a qual "*seria melhor deixar para mais tarde a publicação do balanço, quando estivesse feito de forma mais refletida*". Já perto do final do terceiro período e estando a publicação do boletim prevista para a data em que saiu, esse "dever" e o de envolver na vida da Escola a comunidade escolar, tornando-a solidária com os seus êxitos e os seus problemas, *falou mais alto*, também porque o retrato da escola que aí aparecia era francamente *encorajador*, preponderando as apreciações positivas dos professores que responderam ao inquérito.

O editorial, aliás, começava por esclarecer que o *balanço do ano quase a findar* tinha por objetivo *contribuir para melhorar a organização* do ano seguinte, e era necessário tomar a sério sobretudo as apreciações, algumas bastante menos encorajadoras, feitas oficialmente pelos coordenadores – que obrigariam a fazer uma reflexão comum. E não se ignorava que, a favor da Direção "jogava" a sua fisionomia jurídica que, à semelhança do que era *normal* nas escolas "normais" em Portugal, cada ciclo de ensino tem as suas regras, os seus procedimentos e as suas dinâmicas. Mas, aqui, longe do país, a realidade era diferente.

E, por isso, nas entrelinhas iam alguns... *recados à navegação* (observações críticas), expressos de boa fé e com a liberdade e autoridade de quem conhecia bem o passado da Escola: depois do desagradável episódio de janeiro, com a desautorização e cancelamento do colóquio sobre Angola, essa *interferência*, embora legítima, mas desnecessária e inoportuna, o modo "burocrático" que caracterizara o governo da EPER não contribuía para um renovado envolvimento e uma maior adesão a esse estilo de condução dos negócios da escola.<sup>29</sup>

\*\*\* \*\*

12jun93

## Contabilidade

Voltando ao balanço de final de ano letivo de 1992/93, falta apresentar a *Síntese da Contabilidade*, elaborada por Ugo Olivieri (à direita, nesta foto da assembleia de professores de 8 de maio), e passado a letra de forma com a já referida impressora de agulhas. Para se tornar legível, seria necessário ampliar notavelmente o tamanho da letra, mas todos os itens da lista são perfeitamente descodificáveis.



O documento começava com a seguinte introdução (que se transcreve, como também o conteúdo do documento, para mais fácil leitura): *Como todos sabem, a Escola para o seu funcionamento suporta muitas despesas. Tem também algumas entradas, mas prevalentemente saídas. Segue uma breve síntese discriminativa da Contabilidade de 1992/93 da gestão da EPER até à data de 12/06/93 para conhecimento geral.*

29 – De facto, por outros motivos (de trabalho), mas também por esse, quem aqui escreve viria a afastar-se dela no ano seguinte.

**BALANÇO PROVISÓRIO**  
Síntese da Contabilidade do ano lectivo 1992/93

Como todos sabem, a Escola para o seu funcionamento suporta muitas despesas. Tem também algumas entradas, mas prevalentemente saídas. Segue uma breve síntese discriminativa da Contabilidade de 1992/93 da gestão da EPER, até a data de 12/06/93 para conhecimento geral.

	ENTRADAS	SAÍDAS
GESTÃO/MANUTENÇÃO		11.262.650
LIMPEZA		5.934.700 **
TELEFONE PÚBLICO		-
CHANCELARIA	123.500	5.934.700
LIVRARIA	5.848.400	6.730.600
FOTOCÓPIAS	75.800	1.116.650 **
SERVIÇO BAR	700.000 *	
INSCRIÇÕES	8.115.000	
PROPINAS TRIMESTRAIS	30.375.000 **	
SUBSÍDIOS E PROVENTOS	55.978.000	
GRATIFICAÇÕES PROFESSORES (nocturno)		28.050.000 *
CURSO DIURNO **	36.000.000	35.310.000
MATERIAL DIDÁCTICO (Curso Diurno)		597.900
SERVIÇO DE SECRETARIA		2.986.000 *
CURSO EXTRACURRICULAR	4.800.000	2.215.000 **
SERVIÇO PORTARIA		2.100.000 *
FESTAS, PASSEIOS ESCOLARES, VÁRIOS	237.000	2.060.550
<b>TOTAL</b>	<b>142.252.000</b>	<b>111.318.000</b>
<b>EM SALDO DA EPER</b>		<b>30.934.000**</b>
<b>SALDO FINAL</b>		

A esta síntese, ainda incompleta, é preciso juntar algumas vezes que fazem parte da contabilidade, como as contas finais de Junho/Julho, serviços de exames, et.

\* contando até fins de Junho

\*\* ainda não completo.

Copiados e verificados os dados da folha (à lupa, para os ampliar e controlar), os totais, calculados na folha *Excel* não coincidem perfeitamente com os que constam no documento apresentado na assembleia: as despesas (saídas), de acordo com os dados do documento, atingem o valor de 112.096.650, com uma diferença de 778.650 liras, e também no montante das entradas terá havido um ou dois cafés pagos (+700 liras). O «saldo da EPER em caixa terá sido, portanto, inferior: 30.156.050, em vez dos 30.934.000 indicados. De facto – observa-se em nota – o cálculo «ainda não estava completo». Trata-se efetivamente de diferenças relativamente modestas e, depois de calculadas as últimas «saídas» de junho/julho, nomeadamente o serviço de exames, os *milhões* no cofre da EPER, embora «consistentes», terão tido um peso bastante inferior.

	ENTRADAS	SAÍDAS
GESTÃO/MANUTENÇÃO		11.262.650
LIMPEZA		5.934.700 **
TELEFONE PÚBLICO		
CHANCELARIA	123.500	5.934.700
LIVRARIA	5.848.400	6.730.600
FOTOCÓPIAS	75.800	1.116.650 **
SERVIÇO BAR	700.000 *	
INSCRIÇÕES	8.115.000	
PROPINAS TRIMESTRAIS	30.375.000 **	
SUBSÍDIOS E PROVENTOS	55.978.000	
GRATIFICAÇÕES PROFESSORES (noturno)		28.050.000 *
CURSO DIURNO**	36.000.000	35.310.000
MATERIAL DIDÁTICO (Curso Diurno)		597.900
SERVIÇO DE SECRETARIA		9.986.000 *
CURSO EXTRA-CURRICULAR	4.800.000	2.215.000 **
SERVIÇO PORTARIA		2.100.000 *
FESTAS, PASSEIOS ESCOLARES, VÁRIOS	237.000	2.260.550

\*\*\* \*\*

28mar93

### **Imigrantes – refugiados...**

#### **"AVVISO DI GARANZIA" A MONS. LUIGI DI LIEGRO! Incontro con la Scuola presso l'Istituto Santa Agnese**

Uma das imagens da capa do boletim nº 22 mostrava o diretor da Caritas Diocesana de Roma, Mons. Luigi di Liegro, com semblante carregado, e havia razões para isso. A acusação absurda e instrumental de que tinha sido alvo revelava a gravidade do problema da imigração em Itália, da que era proveniente sobretudo dos países mais pobres da África, que mantém hoje – não é preciso insistir mais nisso – toda a atualidade. Sobre o episódio, e para esclarecer o que estava em jogo, no dia 28 de março, o diretor da Caritas aceitava o convite a participar num debate organizado na sede da Escola. É no mesmo contexto de reflexão sobre a emigração-imigração que, nesse último boletim da AEPER, para conhecimento e enriquecimento cultural, se publicavam alguns textos sobre o tema, extraídos de ensaios publicados em obras disponíveis na Biblioteca da Escola por Joel Serrão e Alexandre Herculano [ocupando as páginas 15-21], e se solicitava alguns colaboradores outros contributos sobre a mesma realidade nos países africanos de expressão portuguesa (PALOP): Moçambique, Guiné-Bissau, Brasil... [páginas 12-14].

Interessando sobretudo aos leitores italianos, a síntese do encontro com Mons. Di Liegro foi publicada no boletim na sua língua, e começava com uma afirmação que, como já se disse, mantém nos dias de hoje a mesma atualidade de então, agravada pelo facto de o Mediterrâneo, em vez de ser caminho de libertação para uma vida com dignidade, se ter tornado num túmulo para milhares desses emigrantes... O texto da reportagem ocupava as páginas 7 e 8 desse boletim e para elas se remete o Leitor [[«AeperBolet 22-Maio1993»](#)]-

abril93

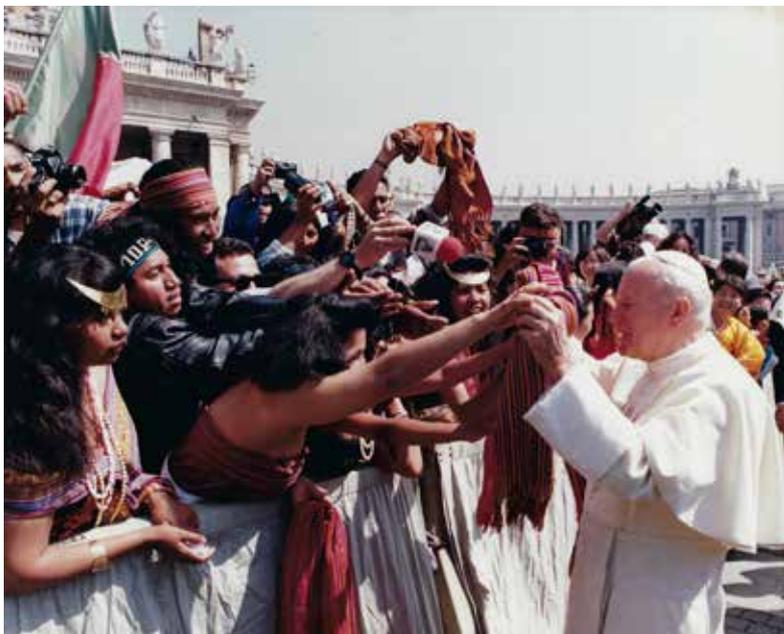
### **Timor-Leste**

Ao convidar os leitores a alargarem o horizonte da sua sensibilidade e das suas preocupações para além das margens do Tibre, o boletim 22 referia-se de novo à dramática realidade da mais distante das parcelas daquele que fora o sonho do império português até à primeira metade do século XX, informando sobre uma outra iniciativa relacionada com o tema, e que tinha mais uma vez Roma como «palco» privilegiado: tratava-se da presença, na Praça de S. Pedro, para participar na audiência pública de João Paulo II de 21 de abril, de um grupo de peregrinos timorenses. Como se recordará, no boletim nº 15, após a visita desse Papa à Indonésia (em

1989), Timor-Leste tinha sido notícia e tema de reflexão na EPER, com uma exposição fotográfica e debates. Em 1991 "reventara a bomba do massacre de Santa Cruz" e, entretanto, *algo se movia* em relação ao futuro daquele território – ao futuro do povo timorense – e o colega de redação, professor e jornalista José Maria Pacheco Gonçalves, sintetizava para os leitores do boletim o "estado da questão".<sup>30</sup> Também o longo texto dessa reportagem ajuda a evocar os factos de então, e tinha este título:

## O GRITO, A PALAVRA E O SILÊNCIO

### *De Portugal a Roma, para recordar Timor*



Foram uns 50, os timorenses que em meados de abril vieram a Roma, de Portugal, por ocasião do encontro entre os ministros dos Negócios Estrangeiros indonésio e português, com a presença do Secretário-geral da ONU, Boutros Boutros Ghali. Predominavam os jovens, mas não faltavam algumas pessoas mais velhas, casais e qualquer criança. De autocarro, em condições mais que precárias, fizeram uma autêntica peregrinação, de sacrifício e penitência, pela causa de Timor-Leste, que aguarda desde há 17 anos uma solução que – como disse o Papa – tenha em conta o *bem-estar da popu-*

*lação, no respeito dos seus direitos e das suas tradições culturais e religiosas.*

Vestidos com os seus belos trajes típicos, viveram intensamente os 3 dias passados em Roma: desde as missas celebradas na Igreja de Santo António dos Portugueses, na cripta da Basílica de São Pedro e nas Catacumbas, até à presença na audiência-geral de João Paulo II e à manifestação diante do Hotel onde se encontravam reunidos os referidos diplomatas para examinarem a questão do território que eles se viram constrangidos a abandonar, e que não aceitam ver definitivamente integrado na Indonésia, estes timorenses rezaram e gritaram por liberdade e por respeito.

### O grito e a palavra

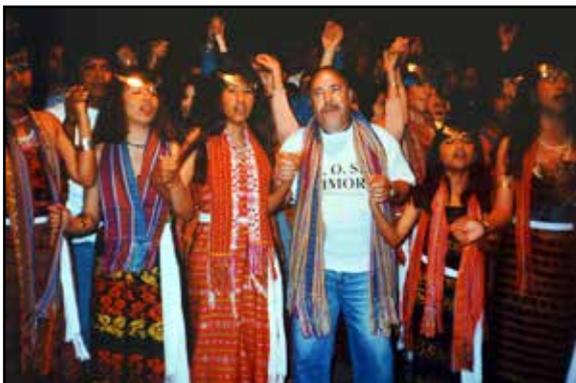
*Santo Padre, reze por Timor!* – gritou um dos jovens da comitiva, na Praça de São Pedro, quando João Paulo II se deteve junto deles, antes do início da audiência. *Sim, rezo todos os dias por Timor. Que Deus vos abençoe!* – foi a resposta. Uma palavra simples, mas clara, que confortou e emocionou profundamente estes timorenses que tinham querido, logo à chegada a Roma, na igreja dos portugueses, dar graças a Deus pelos missionários que levaram à sua Terra, há 450 anos, a fé cristã.

Precisamente no momento em que, do outro lado do Tibre, num hotel de luxo, os representantes de Portugal e da Indonésia conferenciavam sobre o futuro do território, o Papa – falando em português – saldava com especial afeto estes timorenses, afirmando: **"*Volto a assegurar que nunca deixei de acompanhar com profunda solicitude os acontecimentos da vossa***

30 – Não faz parte desta "história" nem caberia ao seu autor sublinhar o facto, mas é de salientar que estes dois responsáveis da Escola, trabalhadores da/na Rádio Vaticano, promoveram diligências e deram vida a iniciativas notáveis no âmbito da diplomacia da Santa Sé, também com a participação direta de D. Manuel Martins (20.01.1917-24.09.2017 – primeiro Bispo da Diocese de Setúbal, que governou de 1975 a 1998) para sensibilizar, denunciar e manter vivo o drama do Povo de Timor-Leste, nomeadamente através de recolha de assinaturas, petições e documentação "alternativa" à retórica e às «inverdades» que jorravam das autoridades indonésias.

**querida terra. Elevemos conjunta e fervorosamente a nossa oração ao Senhor Omnipotente para que todos aqueles que têm responsabilidade pelo futuro de Timor Leste procurem, num diálogo franco e corajoso, o bem-estar da população, no respeito dos seus direitos e das suas tradições culturais e religiosas".** Palavras – estas últimas – que foram textualmente repetidas no comunicado emitido pelo Vaticano a propósito da audiência do ministro indonésio, Ali Alatas, com o Papa, no dia seguinte.

Para além desta palavra de proximidade e encorajamento, os timorenses que vieram a Roma viveram outro momento de apoio numa sessão promovida pelo *Servizio Civico Internazionale*, num centro cultural da cidade,



Queridos peregrinos de língua portuguesa, o Papa saúda-vos a todos e de coração vos abençoa, a vós e às vossas famílias. Aproveito este momento para dirigir uma cordial saudação ao grupo de peregrinos timorenses, vindos de Portugal, e que quiseram manifestar filial adesão ao Sucessor de Pedro, com a sua presença nesta Audiência:

Caríssimos Irmãos e Irmãs, acolho-vos afectuosamente com a recordação inesquecível da minha Visita a Dili; e volto a assegurar que nunca deixei de acompanhar com profunda solicitude os acontecimentos da vossa querida terra. Elevemos conjunta e fervorosamente a nossa oração ao Senhor Omnipotente, para que todos aqueles que têm responsabilidade pelo futuro de Timor Leste procurem, num diálogo franco e corajoso, o bem-estar da população, no respeito dos seus direitos e das suas tradições culturais e religiosas.

em que tiveram a ocasião de apresentar belíssimos cantos e danças da sua terra, e ouvir italianos falar da admiração que o caso de Timor suscita, pela tenaz resistência do seu Povo perante a cumplicidade geral da *política-dos-factos-consumados-e-irremediáveis*.

\*\*\* \*\*

Os apontamentos seguintes, pessoais, registados naqueles dias, serviram então para *emoldurar* diversas fotos que, além da que se deve ao fotógrafo de «L'Osservatore Romano» (audiência),

documentam outros momentos vividos pelo grupo (são aqui mostradas apenas algumas, e com qualidade muito deficiente, como amostra, podendo no entanto ser recuperados os negativos, que se conservam).

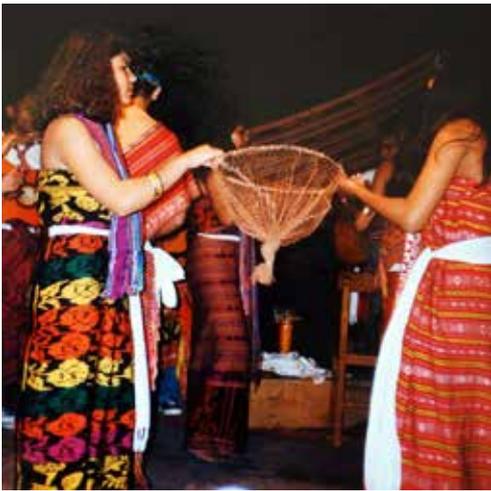
«19-21/4/93 – **Negociações, uma presença incisiva.**

*Chegaram segunda-feira, "estoirados" da viagem: 50! Havia sido difícil encontrar alojamento, de que se ocupou José Maria. Mais difícil ainda parece ter sido predispor as pessoas a aceitarem Timor como um caso ainda em aberto, explicar o que é Timor, mesmo aos amigos. Imagine-se o que não fora perorar a causa junto de burocratas muito senhores das suas ideias, na Secretaria de Estado do Vaticano, e das Autoridades portuguesas. Ao fim, parece ter funcionado tudo bem: quando chegaram, foram logo direitinhos à igreja de Santo António dos Portugueses e houve mesmo alguém que, fingindo ignorar as condições físicas de semelhantes peregrinos, conduziu o grupo em eruditas explicações históricas, por sacristia e pátio de tão excelso património monumental dos portugueses (havia alguma autenticidade em tamanho fingimento).*



*O jantar desse dia, encontrado fortunosamente, foi num bom restaurante chinês, na Via Appia, muito perto das instalações paroquiais onde o grupo pôde dormir (alguns, poucos, foram parar à Domus Mariae), e o envolvimento pessoal acabou por ser inevitável, embora a maior cansaça tenha sido do Zé Maria, amigo do P. Baptista, figura verdadeiramente "venerável" em todo este processo.*





Terça-feira, 20 de abril, 17.00 horas. Lá estavam eles, todos, frescos como alfaces renascidas (porque o alojamento não era de molde a aconselhar dormir a manhã na cama), na Capela da Lituânia, em S. Pedro, para uma nova missa. Vinham em espírito de peregrinação, para rezar..., mas vinham igualmente com tristeza e uma «justa ira» no coração. Esse dia foi de... sensibilização. Depois das andanças "turísticas", o encontro era rente à tarde, na Praça Navona. Só que, às vezes, o Zé tem ideias geniais, e o grupo acabou por ir jantar num dos restaurantes mais caros da zona, espertos como raposas. Capaz de vender por 15.000 liras a pobreza de uma pizza servida com um prato de massa! Enganados até ao fim? Foi pena. A mim não me enganas tu, mas não houve tempo para esclarecimentos.



bino, 43/A (Bairro Trieste), onde teve lugar o anunciado espetáculo do Grupo TATA MAI LAU. À sua exibição, de classe, se refere a maior parte destas imagens. Não estavam presentes os muitos jornalistas italianos esperados, mas não faltou interesse e, sobretudo, o prazer de ver e ouvir do público amigo presente os maiores elogios e aplausos.

Quarta-feira. Finalmente, dia da retomada das NEGOCIAÇÕES (conversas, diálogo?) entre a Indonésia (ministro Ali Alatas) e Portugal (Durão Barroso). E foi também dia da audiência-geral. O lugar destinado ao grupo, ou o que ele conseguiu ocupar, foi ideal. E ainda mais inesperadas foram as palavras que o Papa lhe iria dirigir: palavras que, na realidade, desconfessam a posição até então manifestamente defendida pelos referidos burocratas (Mons. Ricardo) «vendidos» à Indonésia! Timor-Leste continua a ser um problema em aberto, acompanhado



pela Santa Sé e as autoridades políticas devem-no resolver com justiça. Mensagem, recado tornado público no dia seguinte, também ao negociador indonésio pela SSSS [Segreteria di Stato della Santa Sede].

pela Santa Sé e as autoridades políticas devem-no resolver com justiça. Mensagem, recado tornado público no dia seguinte, também ao negociador indonésio pela SSSS [Segreteria di Stato della Santa Sede].



Conserva-se cópia da correspondência enviada à «Prefettura della Casa Pontificia» por José Maria Pacheco Gonçalves, solicitando um bilhete de grupo para participar na audiência – no dia 1º de abril previam-se «cento fedeli cattolici» mas, em carta sucessiva (sem data), corrigia-se esse número (seriam 60 - vieram 50). São documentos que têm aqui todo o seu cabimento.

\*\*\* \*\*\* \*\*\*

Mas retomemos o relato, e as reflexões, que se podia ler no boletim da AEPER.

### A força do direito

A seu favor, os timorenses têm "apenas" a força do direito (mesmo do direito internacional), a justeza da sua causa. Aparentemente bem pouco, diante da potência do ocupante, da especial posição geográfica do território e dos interesses económicos e políticos internacionais em jogo. Dir-se-ia uma formiga, ou uma mosca, na orelha de um elefante. Humanamente falando, não há grandes razões para esperar. Talvez por isso, mais fervorosa foi a oração destes amigos timorenses, e mais forte o seu grito debaixo da janela do ministro indonésio. Uma tentativa de romper – nos céus e na terra – a capa de silêncio que também desta vez cobriu estes acontecimentos de Roma.

\*\*\* \*\*\* \*\*\*

Como não ficar indignado com a ignorância total que os meios de comunicação italianos dedicaram aos colóquios de Roma sobre Timor e às manifestações que os acompanharam, não lhes dedicando praticamente nenhum espaço? Nem sequer o quotidiano católico "Avvenire" foi capaz de publicar as palavras – aliás claras e decididas – do Papa na audiência-geral! A fotografia dos timorenses em diálogo com João Paulo II, na Praça de São Pedro, nessa circunstância, vinha aí acompanhada da irritante legenda: "O Papa com um grupo de índios". E "La Repubblica" dedicava apenas quatro linhas aos colóquios, sem qualquer referência às palavras do Papa e à manifestação que os timorenses tinham realizado!

Como observava um italiano militante da causa timorense que se deslocou expressamente de Ferrara para participar em Roma na referida sessão de sensibilização sobre Timor Leste: "Se morre assassinado um americano ou um francês, todo o mundo fala; se se trata de russos ou canadianos, será preciso que morram uns 4 ou 5 para que a notícia corra o mundo; mas, se o caso se passa na África ou no Sudeste asiático, serão precisas dezenas de mortes para que algo transpareça nos meios de comunicação "ocidentais".

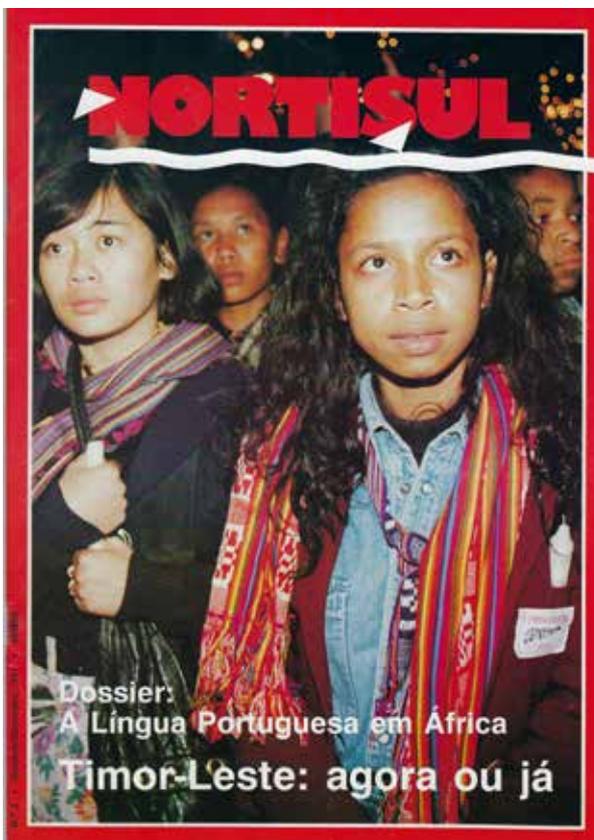
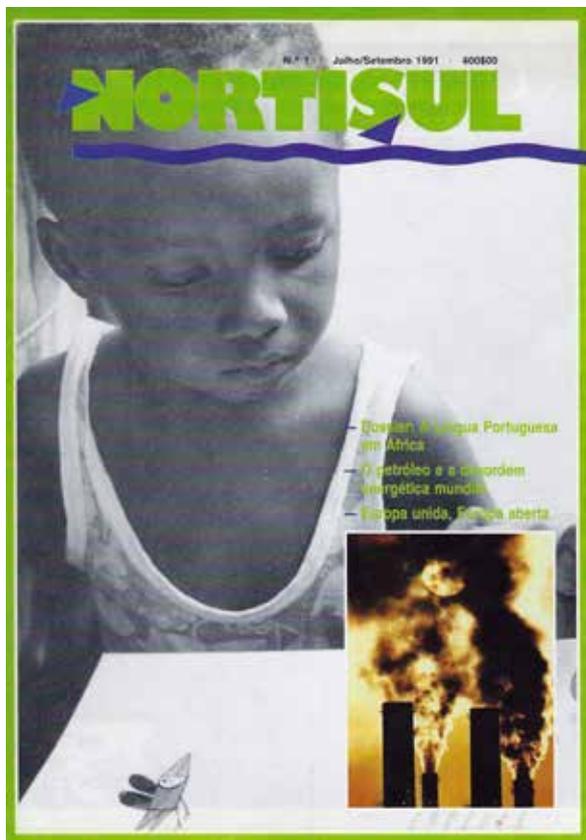
Em Timor Leste, os mortos têm sido às centenas, aos milhares, às dezenas, ou mesmo centenas de milhar. Porquê o silêncio? Até quando?

No dia 19 de abril teve lugar na Igreja de Santo António dos Portugueses um encontro de solidariedade com o povo de Timor, com celebração eucarística.



## Nortisul

Enquanto se mantinha «por resolver» a questão de Timor-Leste, surgiu em Portugal uma publicação trimestral que apresentava e debatia temas relacionados com o desequilíbrio e os conflitos mundiais num confronto que tinha – e tem – a ver com as disparidades e injustiças criadas ao longo dos séculos entre a opulência do hemisfério Norte e a pobreza da parte sul do mundo. No editorial do primeiro número, difundido na Escola, Luísa Teotónio Pereira escrevia:



*Pensamos que hoje o eixo fundamental de conflito e desafio face ao futuro é o do Norte/Sul. ...Estas duas palavras não se reduzem a conceitos geográficos, mas interpenetram-se enquanto realidades sociais. Destas ideias partiu a escolha do título NORTISUL.*

*No Norte, fez-se há bem pouco tempo a prova dos nove quanto à qualidade, liberdade e capacidade de absorção crítica e efetiva da informação. Nesse aspeto, a guerra do Golfo veio demonstrar como o espetáculo afasta da compreensão mais profunda da realidade, como a manipulação pode convencer facilmente, como a quantidade de informação submerge a atenção e a criatividade. [...] Não se ouve o que as imagens contam. Não se acredita se não se vir. Foi preciso filmar os curdos para que estes ganhassem existência aos olhos do Norte. Teremos de esperar que as câmaras vídeo rompam o cerco da colonização indonésia para que sejam reconhecidos os direitos do povo de Timor-Leste?.*

*Vê-se o Sul quase só através do olhar nortista e fica lá tão longe. Quantas vezes se desvia o olhar quando o Sul está demasiado perto. O que nos dão para consumir passa sempre pelas belas praias com coqueiros, mar transparente e sol radioso da propaganda turística e pelas fomes, secas, cheias, guerras, miséria dos noticiários. Das belezas naturais retiram-se as pessoas e a estas não cabem em sorte senão catástrofes.*



*Temos cada vez mais a certeza teórica, mas ainda pouco a noção concreta de que o nosso mundo é só um. Tal como no final do século passado se deu o alarme quanto à vida nas grandes cidades, onde as epidemias devastavam as zonas miseráveis tanto quanto as zonas abastadas, no limiar de um novo século e de um novo milénio o planeta é a nossa casa. [...]*

